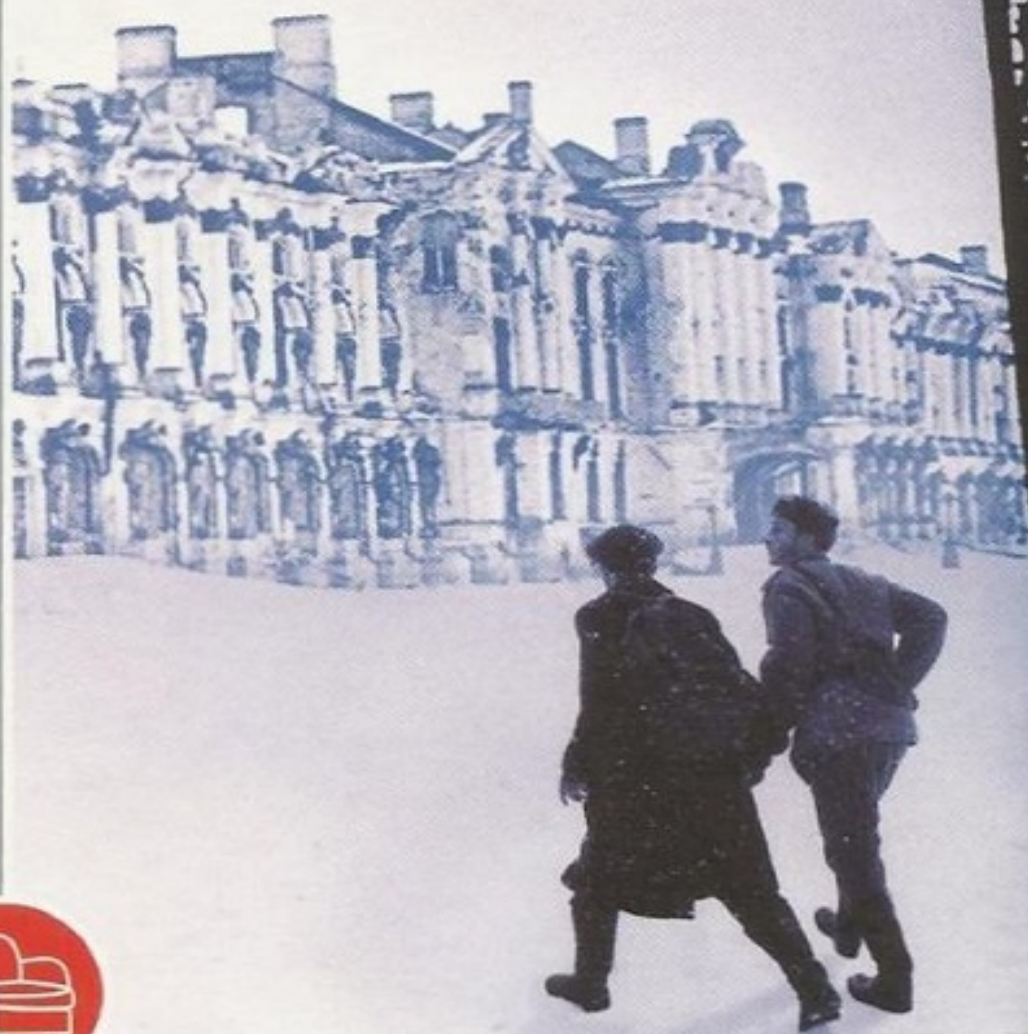


ponto de leitura



David
Benioff



CIDADE DE LADRÕES

“*Cidade de ladrões* é emocionante, iluminador, impactante.”

— Khaled Hosseini, autor de *O caçador de pipas*



David Benioff

CIDADE DE LADRÕES

Tradução
Álvaro Hattner

EDITORA OBJETIVA

Para Amanda & Frankie

*e se a Cidade cair mas um único homem escapar
ele levará a Cidade dentro de si pelas estradas do exílio
ele será a Cidade*

ZBIGNIEW HERBERT

*Por fim, Schenk pensou ter entendido e começou a rir mais alto. Então, de repente, perguntou com voz séria: “Você acha que os russos são homossexuais?”
“Você vai descobrir isso no final da guerra”, respondi.*

CURZIO MALAPARTE

Meu avô, que sabia lutar com facas, matou dois alemães antes de completar dezoito anos. Eu não me lembro de ninguém me contar isso — parecia ser algo que eu sempre soube, do mesmo jeito que sabia que os Yankees usavam uniformes com listras quando jogavam em casa e uniformes cinza quando jogavam em outros lugares. Mas não nasci com o conhecimento. Quem me contou? Não foi meu pai, que nunca dividia segredos, nem minha mãe, que fugia da simples menção de coisas desagradáveis, tudo que fosse sangrento, canceroso ou deformado. Nem minha avó, que sabia todas as histórias folclóricas da velha terra natal — a maioria delas horripilante; crianças devoradas por lobos e decapitadas por bruxas —, mas que nunca ouvi falando da guerra.

E certamente não o meu avô, o observador sorridente das minhas primeiras memórias, o homem quieto, de olhos pretos e franzino que segurava minha mão quando cruzávamos as avenidas, que sentava no banco do parque para ler seu jornal russo enquanto eu corria atrás de pombos e atazanava formigas minúsculas com gravetos.

Eu morava a dois quarteirões de meus avós e os via quase todos os dias. Eles tinham sua própria companhia de seguros, operando em seu apartamento de quartos pequenos e interligados em Bay Ridge, atendendo primordialmente outros imigrantes russos. Minha avó estava sempre ao telefone, vendendo. Ninguém conseguia resistir à sua conversa. Ela os encantava ou aterrorizava e, de qualquer maneira, eles compravam. Meu avô ficava atrás da mesa, preparando toda a papelada. Quando pequeno, eu me sentava em seu colo, olhando fixamente para o coto de seu indicador esquerdo, arredondado e liso, os dois primeiros nós cortados de maneira tão perfeita que parecia que ele havia nascido sem eles. Se era verão e os Yankees estavam jogando, um rádio (e, depois de seu septuagésimo aniversário, uma televisão colorida que meu pai comprou para ele) transmitia o jogo. Ele nunca perdeu o sotaque, nunca votou nem ouvia música americana, mas tornou-se um fã entusiástico dos Yankees.

No final dos anos noventa, um conglomerado de seguros fez uma oferta pela empresa de meus avós. Todos diziam que era uma oferta razoável, portanto minha avó pediu que dobrassem o valor. Deve ter havido muito regateio e pechincha, mas eu poderia ter contado ao conglomerado que

pechincar com a minha avó era perda de tempo. No final, eles pagaram o que ela queria, e meus avós, seguindo a tradição, venderam o apartamento e se mudaram para a Flórida.

Compraram uma casinha na Costa do Golfo, uma obra-prima de telhado plano construída em 1949 por um arquiteto que teria se tornado famoso se não tivesse morrido afogado no mesmo ano. Sólida e majestosa, em aço e concreto, colocada sobre um costão solitário que contemplava o golfo, não é o tipo de casa que se imaginaria para um casal aposentado, mas eles não se mudaram para o sul para definhar ao sol e morrer. Na maior parte dos dias, meu avô senta-se diante de seu computador, jogando xadrez on-line com velhos amigos. Poucas semanas depois da mudança, minha avó, entediada pela inatividade, arranhou um emprego em uma faculdade em Sarasota, dando aulas de literatura russa para alunos bronzeados que parecem (com base na minha única visita a uma das aulas) constantemente assustados com os palavrões que ela fala, seu violento sarcasmo e sua memória perfeita para os versos de Puchkin.

Todas as noites meus avós jantam no deque de sua casa, olhando as águas escuras na direção do México. Dormem com as janelas abertas, as mariposas batendo as asas contra as telas de plástico. Ao contrário de outros aposentados que conheci na Flórida, eles não se preocupam com o crime. A porta da frente geralmente fica destrancada, e não há sistema de alarme. Não usam cintos de segurança no carro; não usam protetor solar quando estão ao sol. Decidiram que nada pode matá-los, além do próprio Deus, e eles sequer acreditam Nele.

Eu moro em Los Angeles e escrevo roteiros sobre super-heróis mutantes. Dois anos atrás me pediram para escrever um ensaio autobiográfico para uma revista de cinema, e a meio caminho percebi que eu havia tido uma vida intensamente maçante. Não que eu esteja reclamando. Ainda que o resumo de minha existência proporcione uma leitura tediosa — escola, faculdade, empregos estranhos, pós-graduação, empregos estranhos, mais pós-graduação, super-heróis mutantes —, eu tive uma boa vida. Mas enquanto tentava arduamente escrever aquele ensaio, decidi que não queria escrever sobre a minha vida, nem mesmo umas quinhentas palavras. Eu queria escrever sobre Leningrado.

Meus avós foram me buscar no aeroporto de Sarasota; eu me abaixei para beijá-los, e eles sorriram para mim olhando para cima, sempre

ligeiramente admirados na presença de seu neto americano gigante (com quase um metro e noventa, sou um gigante perto deles). A caminho de casa, compramos uma anchova no mercado de peixe local; meu avô colocou-a na grelha sem nada além de manteiga, sal e limão. Como todos os pratos que ele preparava, aquele pareceu extremamente fácil de fazer, levou dez minutos para ficar pronto, e o gosto era muito melhor do que qualquer outra coisa que eu tivesse comido em Los Angeles naquele ano. Minha avó não cozinha; ela é famosa em nossa família por sua recusa em preparar qualquer coisa mais complicada do que uma tigela de cereal.

Depois do jantar minha avó acendeu um cigarro e meu avô serviu três copos de vodca de cassis feita em casa. Ficamos ouvindo um coral de cigarras e grilos, olhando para o golfo escuro e espantando um ou outro mosquito.

— Eu trouxe um gravador. Achei que talvez pudéssemos conversar sobre a guerra.

Pensei ter visto minha avó girar os olhos enquanto batia a cinza na grama.

— O quê?

— Você tem quarenta anos. E agora você quer saber?

— Tenho trinta e quatro anos. — Olhei para o meu avô, e ele sorriu para mim. — Qual é o problema? Vocês foram nazistas? Estão escondendo um passado nazista?

— Não — disse ele, ainda sorrindo. — Não fomos nazistas.

— Você achou que eu tinha quarenta anos.

— Trinta e quatro, quarenta... — Ela fez aquele som, *pshh*, sempre acompanhado por um aceno de repúdio com a mão, espantando a estupidez. — E daí? Case. Arranje uma esposa.

— Você fala como todas as outras avós na Flórida.

— Ah — disse ela, levemente ofendida.

— Eu quero saber como foi. O que há de tão horrível a esse respeito?

Ela acenou com a cabeça para o meu avô enquanto balançava a ponta incandescente do cigarro em minha direção.

— Ele quer saber como foi.

— Querida — disse o meu avô. Apenas isso, nenhuma outra palavra, mas minha avó assentiu e apagou o cigarro no tampo de vidro da mesa.

— Você está certo — disse ela. — Você quer escrever sobre a guerra,

então escreva.

Ela se levantou, beijou-me o topo da cabeça, beijou a boca de meu avô e levou os pratos para dentro da casa. Por alguns minutos ficamos sentados em silêncio, ouvindo as ondas quebrando. Ele nos serviu mais vodcas, feliz por ver que eu tinha bebido a minha.

— Você tem namorada?

— Tenho.

— A atriz?

— É.

— Eu gosto dela.

— Eu sei que sim.

— Ela podia ser russa — disse ele. — Ela tem os olhos... Se você quer conversar sobre Leningrado, vamos conversar sobre Leningrado.

— Eu não quero falar. Quero que você fale.

— Então, ok, eu falo. Amanhã?

Ele manteve a palavra. Durante toda a semana seguinte nós nos sentamos juntos todos os dias no deque de concreto e gravei suas histórias. Algumas horas durante a manhã, fazendo um intervalo para o almoço, depois novamente à tarde — meu avô, um homem que odiava falar mais do que duas frases consecutivas com alguém (sendo alguém qualquer outra pessoa que não sua esposa), encheu uma fita de minicassete atrás da outra com suas palavras. Palavras demais para um livro — a verdade podia ser mais estranha do que a ficção, mas precisava de um editor melhor. Pela primeira vez em minha vida ouvi meu avô xingar e falar abertamente sobre sexo. Ele contou sobre sua infância, sobre a guerra, sobre a vinda para os Estados Unidos. Mas na maior parte do tempo falou sobre uma semana em 1942, a primeira semana do ano, a semana em que viu minha avó, conheceu seu melhor amigo e matou dois alemães.

Quando ele terminou de contar suas histórias, eu lhe perguntei sobre diversos detalhes — nomes, lugares, condições do tempo em determinados dias. Ele tolerou isso durante algum tempo, mas acabou se inclinando para a frente e apertando o botão “stop” do gravador.

— Foi há muito tempo — disse ele. — Eu não me lembro de que roupa estava usando. Eu não me lembro se havia sol.

— Só quero ter certeza de pegar todas as informações certas.

— Você nunca vai conseguir fazer isso.

- É a sua história. Não quero avacalhá-la.
- David...
- Algumas coisas ainda não fazem sentido para mim...
- David — disse ele. — Você é escritor. Invente.

1

Nunca tínhamos sentido tanta fome; nunca tínhamos sentido tanto frio. Quando dormíamos, se dormíamos, sonhávamos com as delícias que tínhamos comido de maneira tão descuidada sete meses antes — todo aquele pão com manteiga, os bolinhos de batata, as salsichas — comidos com desatenção, engolindo sem sentir o gosto, deixando grandes sobras em nossos pratos, restos de gordura. Em junho de 1941, antes de os alemães chegarem, achávamos que éramos pobres. Mas junho ficou parecendo o paraíso quando veio o inverno.

À noite o vento soprava com tanto barulho e durante tanto tempo que nos assustávamos quando ele parava. As dobradiças das janelas do café abandonado que ficava na esquina paravam de ranger por alguns segundos agourentos, como se um predador estivesse se aproximando e os animais menores ficassem em silêncio, aterrorizados. As próprias janelas haviam sido arrancadas em novembro para serem usadas como lenha. Não havia mais restos de madeira em Leningrado. Todas as placas de madeira, os sarrafos dos bancos do parque, as tábuas do assoalho das casas despedaçadas — tudo havia desaparecido, queimado no fogão de alguém. Os pombos também tinham desaparecido, pegos e cozidos em gelo derretido do Neva. Ninguém se importava em abater os pombos. Eram os cachorros e gatos que causavam problema. Ouvimos um boato em outubro de que alguém tinha assado o viralata da família e cortado em quatro para servir na ceia; demos risada e balançamos a cabeça, sem acreditar, e também nos perguntando se cachorro não teria um gosto bom com bastante sal — ainda havia muito sal, mesmo quando todo o resto acabou, nós tínhamos sal. Por volta de janeiro, os boatos haviam se tornado fatos comuns. Tirando aqueles que eram bem relacionados, ninguém mais conseguia alimentar um animal de estimação, então os bichinhos nos alimentavam.

Havia duas teorias sobre os gordos *versus* os magros. Alguns diziam que aqueles que eram gordos antes da guerra tinham mais chance de sobrevivência: uma semana sem comida não iria transformar um homem gorducho em um esqueleto. Outros diziam que as pessoas magricelas estavam mais acostumadas a comer pouco e podiam lidar melhor com o choque da

fome. Eu me posicionava no segundo grupo, totalmente por interesse próprio. Fui raquítico desde que nasci. Nariz grande, cabelo preto, a pele rabiscada pela acne — reconheço que eu não era o ideal de bom partido de nenhuma garota. Mas a guerra me tornou mais atraente. Outros definhavam à medida que os cartões de racionamento eram cada vez mais reduzidos, diminuindo pela metade aqueles que pareciam os fortões de circo antes da invasão. Eu não tinha músculos para perder. Como os pequenos roedores que continuaram vivendo de porcarias enquanto os dinossauros tombavam ao redor deles, eu estava preparado para a privação.

Na véspera do ano-novo me sentei no telhado do Kirov, o prédio de apartamentos onde morei desde os cinco anos (embora ele não tivesse nome até 1934, quando Kirov foi assassinado e metade da cidade recebeu seu nome), olhando os dirigíveis antiaéreos cinzentos e rechonchudos como um enxame sob as nuvens, à espera dos bombardeiros. Naquela época do ano o sol ficava no céu por apenas seis horas, apressando-se para atravessar de um horizonte a outro como se estivesse assustado. Todas as noites quatro de nós ficávamos no telhado em turnos de três horas, armados com baldes de água e de areia, tenazes de ferro e pás, vestindo todas as camisas, suéteres e casacos que pudéssemos encontrar, vigiando os céus. Nós éramos os bombeiros. Os alemães tinham decidido que atacar a cidade seria muito custoso, então, em vez disso, eles nos cercaram, pretendendo nos matar de fome, jogando bombas e queimando tudo.

Antes da guerra, mil e cem pessoas moravam no Kirov. Quando o ano-novo chegou, esse número estava perto de quatrocentos. A maioria das crianças pequenas fora evacuada antes que os alemães fechassem o cerco em setembro. Minha mãe e minha irmã menor, Taisya, foram para Vyazma para ficar com o meu tio. Na noite antes de partirem, eu briguei com minha mãe, na única briga que tivemos — ou, mais exatamente, a única vez em que reagi. Ela queria que eu fosse com elas, é claro, longe dos invasores, bem no centro do país, onde os bombardeiros não poderiam nos encontrar. Mas eu não ia abandonar Piter. Eu era um homem, ia defender a minha cidade, seria uma Nevski do século XX. Talvez eu não fosse assim tão ridículo. Eu tinha um bom argumento: se cada pessoa fisicamente capaz fugisse, Leningrado cairia nas mãos dos fascistas. E sem Leningrado, sem a Cidade dos Trabalhadores construindo tanques e fuzis para o Exército Vermelho, que chances a Rússia teria?

Minha mãe achava que era um argumento idiota. Eu mal tinha completado dezessete anos. Não soldava blindagens nas fábricas e não poderia me alistar antes de quase um ano. A defesa de Leningrado nada tinha a ver comigo; eu era apenas mais uma boca para alimentar. Eu ignorava esses insultos.

— Sou bombeiro — disse-lhe, porque aquilo era verdade, o conselho municipal havia ordenado a criação de dez mil unidades de bombeiros, e eu era o orgulhoso comandante da Brigada do Quinto Andar do Kirov.

Minha mãe não tinha quarenta anos, mas seu cabelo já estava grisalho. Ela estava sentada na minha frente à mesa da cozinha, segurando uma de minhas mãos entre as suas. Era uma mulher muito pequena, mal chegava a um metro e meio, e tive medo dela desde o meu nascimento.

— Você é um idiota — disse ela.

Talvez isso possa soar ofensivo, mas minha mãe sempre me chamava de “meu idiota”, e àquela altura eu considerava a palavra um apelido afetuoso.

— A cidade estava aqui antes de você. Ela vai estar aqui depois de você. Taisya e eu precisamos de você.

Ela estava certa. Um filho melhor, um irmão melhor, teria ido com ela. Taisya me adorava, pulava sobre mim quando eu chegava da escola, lia para mim uns poeminhas tolos que ela escrevia como dever de casa, para honrar os mártires da revolução, desenhava caricaturas de meu perfil narigudo em seu caderno. Geralmente eu queria estrangulá-la. Eu não tinha vontade de atravessar o país com minha mãe e minha irmã menor. Eu tinha dezessete anos, inundado em uma crença em meu próprio destino heroico. A declaração de Molotov durante seu discurso pelo rádio no primeiro dia da guerra (NOSSA CAUSA É JUSTA. O INIMIGO SERÁ DERROTADO. NÓS TRIUNFAREMOS.) havia sido impressa em milhares de cartazes que foram colados nos muros da cidade. Eu acreditava na causa; não ia fugir do inimigo; não ia ficar fora do triunfo.

Mamãe e Taisya partiram na manhã seguinte. Elas foram de ônibus uma parte do caminho, conseguiram carona em caminhões do Exército, e andaram por quilômetros intermináveis nas estradas do campo com suas botas de solas abertas. Levaram três semanas para chegar lá, mas conseguiram, finalmente seguras. Ela me mandou uma carta descrevendo a jornada, o terror e o cansaço. Talvez quisesse me fazer sentir culpa por tê-las

abandonado, e eu senti, mas também sabia que era melhor que elas tivessem ido embora. O grande combate estava próximo e a linha de frente não era lugar para elas. No dia 7 de outubro os alemães tomaram Vyazma, e parei de receber cartas dela.

Eu gostaria de dizer que sentia falta das duas depois que foram embora, em algumas noites me sentia solitário, e sempre sentia falta da comida que minha mãe fazia, mas desde pequeno sonhei em viver por conta própria. Minhas histórias favoritas eram protagonizadas por órfãos diligentes que atravessavam a floresta escura, sobrevivendo a todos os perigos com esperteza, levando a melhor sobre seus inimigos, encontrando seu destino no meio de suas perambulações. Eu não diria que estava feliz — nós todos estávamos com fome demais para estarmos felizes —, mas eu acreditava que aqui finalmente estaria o Significado. Se Leningrado caísse, a Rússia cairia; se a Rússia caísse, o fascismo conquistaria o mundo. Todos nós acreditávamos nisso. E ainda acredito.

Eu era jovem demais para o Exército, mas tinha idade suficiente para cavar valas antitanque durante o dia e guardar os telhados à noite. Na minha equipe estavam os meus amigos do quinto andar — Vera Osipovna, uma talentosa violoncelista, os gêmeos ruivos Antokolsky, cujo único talento conhecido era a habilidade de peidar em harmonia. Nos primeiros dias da guerra nós fumávamos no telhado, fazendo poses de soldados fortes, corajosos e de queixo reto, vigiando os céus à procura do inimigo. No final de dezembro não havia mais cigarros em Leningrado, pelo menos nenhum feito com tabaco. Algumas almas desesperadas esmagavam folhas caídas, enrolando-as em papel, que chamavam de Luzes de Outono, afirmando que as folhas certas proporcionavam um cigarro decente, mas no Kirov, longe da mais próxima árvore que ainda estava em pé, aquilo nunca foi uma opção. Passávamos nossos momentos de folga caçando ratos, que devem ter achado que o desaparecimento dos gatos da cidade era a resposta a todas as suas preces mais antigas, até que perceberam que não havia mais nada para comer no lixo.

Depois de meses de bombardeios, sabíamos identificar os diversos aviões alemães pelo som de seus motores. Naquela noite eram os Junkers 88, como vinha sendo há semanas, substituindo os Heinkel e os Dornier que nossos combatentes agora conseguiam acertar com facilidade. Por mais triste que nossa cidade tivesse ficado sob a luz do dia, à noite havia uma estranha

beleza no cerco. Do telhado do Kirov, quando havia lua, podíamos ver toda Leningrado: a torre de ponta de agulha do Almirantado (pintada com tinta cinza para ocultá-la dos bombardeiros); a Fortaleza de Pedro e Paulo (os pináculos envolvidos em malha de camuflagem); as abóbadas de Santo Isaac e o Templo do Salvador sobre o Sangue. Podíamos ver as equipes controlando as armas antiaéreas sobre os telhados dos prédios vizinhos. A Frota do Báltico havia ancorado no rio Neva; ficaram flutuando ali, gigantescas sentinelas cinzentas, disparando seus enormes canhões das plataformas da artilharia nazista.

Os combates aéreos eram muito bonitos. Os Ju-88 e os Sukhoi circulavam sobre a cidade, invisíveis do chão, a menos que fossem pegos pelos facho dos potentes holofotes. Os Sukhoi tinham enormes estrelas vermelhas pintadas na parte de baixo de suas asas, para que nossas armas antiaéreas não atirassem neles. Em intervalos de poucas noites, víamos uma batalha iluminada como se fosse um palco, os bombardeiros alemães, mais pesados e lentos, inclinavam as asas de maneira acentuada, para permitir que seus atiradores mirassem nos velozes caças russos. Quando um Junkers era abatido, a carcaça em chamas do avião caindo como um anjo expulso do paraíso, um enorme grito de desafio erguia-se dos telhados por toda a cidade, todos os atiradores e bombeiros erguendo os punhos fechados para saudar o piloto vitorioso.

Nós tínhamos um pequeno rádio conosco no telhado. Na véspera de ano-novo, ouvimos os carrilhões do relógio Spasskv em Moscou tocando a *Internacional*. Vera havia encontrado meia cebola em algum lugar; ela a cortou em quatro pedaços em um prato com óleo de girassol. Depois que a cebola desapareceu, limpamos a sobra do óleo com nossa ração de pão. O pão que recebíamos não tinha gosto de pão. Não tinha gosto de comida. Depois que os alemães bombardearam os armazéns de grãos de Badayev, as padarias da cidade tornaram-se criativas. Tudo que pudesse ser acrescentado à receita sem envenenar as pessoas era acrescentado. A cidade inteira estava morrendo de fome, ninguém tinha o suficiente para comer, mas mesmo assim todo mundo xingava o pão, o gosto de serragem, o jeito que ele endurecia no frio. Pessoas quebraram dentes tentando mastigá-lo. Mesmo hoje, mesmo tendo esquecido o rosto das pessoas que amei, eu ainda me lembro do gosto daquele pão.

Meia cebola e um pão de 125 gramas divididos por quatro — isso era

uma refeição razoável. Ficávamos deitados de costas, embrulhados em cobertores, observando os dirigíveis presos em seus longos cabos flutuando ao vento, ouvindo o metrônomo no rádio. Quando não havia música ou notícias, a estação de rádio transmitia o som de um metrônomo, o tic-tic-tic interminável informando-nos que a cidade ainda não fora conquistada, que os fascistas ainda estavam fora dos portões. O som do metrônomo no rádio era o coração pulsante de Piter, e os alemães nunca o silenciaram.

Foi Vera quem viu o homem caindo do céu. Ela gritou e apontou, e todos ficamos em pé para ver melhor. Um dos holofotes brilhava sobre um paraquedista que descia em direção à cidade, a seda do paraquedas como uma tulipa branca acima dele.

— Um Fritz — disse Oleg Antokolsky, e ele estava certo; nós conseguíamos ver o uniforme cinza da Luftwaffe.

De onde teria vindo? Nenhum de nós tinha ouvido sons de combate aéreo, nem o estrondo de uma arma antiaérea. Não ouvíamos um bombardeiro passar por lá havia quase uma hora.

— Talvez tenha começado — disse Vera.

Durante semanas estivemos ouvindo rumores de que os alemães estavam preparando um lançamento maciço de soldados paraquedistas, um ataque final para arrancar o miserável espinho de Leningrado do traseiro do exército que avançava. A qualquer minuto esperávamos olhar para cima e ver milhares de nazistas flutuando em direção à cidade, uma nevasca de paraquedas brancos encobrendo o céu, mas dúzias de holofotes rasgaram a escuridão e não encontraram mais inimigos. Havia apenas aquele ali, e a julgar pela moleza do corpo suspenso pelas correias do paraquedas, já estava morto.

Ficamos observando enquanto ele descia, congelado na luz do holofote, baixo o suficiente para podermos ver que havia perdido uma de suas botas pretas.

— Ele está vindo na nossa direção — falei.

O vento levou-o para a rua Voinova. Os gêmeos se entreolharam.

— Luger — disse Oleg.

— A Luftwaffe não usa Lugers — disse Grisha. Ele era cinco minutos mais velho e a autoridade em armamento nazista. — Walther PPK.

Vera sorriu para mim.

— Chocolate alemão.

Corremos para a porta da escadaria, abandonando nossas ferramentas de bombeiro, e descemos correndo no escuro. Nós éramos idiotas, é claro. Um escorregão em um daqueles degraus, sem gordura ou músculos para amortecer a queda, significava um osso quebrado, e um osso quebrado significava a morte. Mas nenhum de nós se importava. Éramos muito jovens, e um alemão morto estava caindo na rua Voinova trazendo presentes da *Vaterland*.

Atravessamos o pátio correndo e escalamos o portão trancado. Todos os postes da rua estavam apagados. A cidade toda estava no escuro — para tornar mais difícil o trabalho dos bombardeiros e porque a maior parte da eletricidade tinha sido desviada para as fábricas de munição —, mas a lua oferecia claridade o bastante para enxergarmos. A Voinova estava desimpedida e deserta, seis horas depois do toque de recolher. Não havia carros à vista. Apenas os militares e o governo tinham acesso a gasolina, e todos os automóveis civis tinham sido requisitados durante os primeiros meses da guerra. Tiras de papel atravessavam as vitrines das lojas, o que, segundo nos dizia o rádio, tornava-as mais resistentes à quebra. Talvez aquilo fosse verdade, embora eu tivesse passado na frente de muitas lojas em Leningrado onde só o que havia sobrado nas vitrines era uma tira de papel pendurada.

Já na rua, olhamos para o céu, mas não conseguimos encontrar nosso homem.

— Para onde ele foi?

— Você acha que ele caiu em um telhado?

Os holofotes estavam vasculhando o céu, mas todos estavam montados no topo dos prédios altos e nenhum deles tinha ângulo para iluminar a rua Voinova. Vera deu um puxão na gola de meu sobretudo, um enorme casaco da Marinha que eu havia herdado de meu pai e que ainda era grande demais para mim, mas mais quente do que qualquer outra roupa que tinha.

Eu me virei e o vi deslizando em direção à rua, o nosso alemão, a bota preta única deslizando sobre a calçada congelada, o enorme paraquedas branco ainda inchado no vento, levando-o na direção dos portões do Kirov, o queixo enterrado no peito, o cabelo preto salpicado de cristais de gelo, o rosto lívido sob o luar. Ficamos imóveis, olhando-o aproximar-se. Tínhamos visto coisas naquele inverno que os olhos de ninguém jamais deveriam ver,

achávamos que nada poderia nos surpreender e, se o alemão tivesse sacado sua Walther e começado a atirar, nenhum de nós teria conseguido fugir a tempo. Mas o morto continuou morto, e por fim o vento cedeu, o paraquedas se esvaziou, e ele caiu bruscamente na calçada, sendo arrastado por mais alguns metros de rosto para baixo em uma humilhação final.

Fizemos um círculo em volta do piloto. Grisha ajoelhou-se e abriu o coldre do alemão.

— Walther PPK. Não falei?

Rolamos o alemão para que ele ficasse de costas. O rosto pálido estava ferido, a pele esfolada sobre o asfalto, as escoriações descoradas como a pele intacta. Os mortos não se ferem. Eu não conseguia dizer se ele havia morrido assustado, desafiador ou sereno. Não havia traço de vida ou de personalidade em seu rosto — ele parecia um cadáver que tinha nascido como cadáver.

Oleg tirou as luvas pretas de couro, enquanto Vera pegou o cachecol e os óculos de proteção. Encontrei uma bainha presa ao tornozelo do piloto e tirei dela uma faca de aço temperado, com um guarda-mão de prata e uma lâmina de corte único de quinze centímetros gravada com palavras que eu não conseguia ler sob a luz do luar. Recoloquei a lâmina na bainha e prendi-a ao meu próprio tornozelo, sentindo pela primeira vez em meses que meu destino de guerreiro estava finalmente se tornando realidade.

Oleg encontrou a carteira do morto e sorriu ao contar os marcos alemães. Vera embolsou um cronômetro, duas vezes maior do que um relógio de pulso, que o alemão usava preso à manga de sua jaqueta de voo. Grisha encontrou um par de binóculos dobrados em um estojo de couro, dois carregadores extras para a Walther e um pequeno cantil. Ele tirou a tampa, cheirou e me passou o cantil.

— Conhaque?

Tomei um gole e confirmei com a cabeça.

— Conhaque.

— Quando é que você tomou conhaque para saber o gosto? — perguntou Vera.

— Já tomei antes.

— Quando?

— Deixa eu ver — disse Oleg, e o cantil passou pelo círculo, nós quatro de cócoras ao redor do piloto caído, tomando aquela bebida que

poderia ser conhaque, brandy ou Armagnac. Nenhum de nós sabia a diferença. Seja lá o que fosse, aquele líquido esquentava a barriga.

Vera olhou fixamente o rosto do alemão. A expressão dela não demonstrava pena, nem medo, apenas curiosidade e desprezo — o invasor tinha vindo jogar suas bombas sobre nossa cidade e em vez disso jogou a si mesmo. Não o tínhamos derrubado, mas nos sentíamos triunfantes mesmo assim. Mais ninguém no Kirov tinha encontrado o cadáver de um inimigo. Pela manhã seríamos o assunto do prédio de apartamentos.

— Como você acha que ele morreu? — perguntou ela. Nenhum ferimento de bala manchava o corpo, não havia nenhuma parte chamuscada, nenhum sinal de qualquer violência. A pele estava pálida demais em comparação à dos vivos, mas nada a havia perfurado.

— Ele morreu congelado — eu lhes disse. Falei com autoridade porque eu sabia que era a verdade e não tinha como provar. O piloto tinha saltado a milhares de metros acima de Leningrado à noite. O ar no nível do solo era frio demais para as roupas que ele estava usando; lá em cima, nas nuvens, fora de sua cabine quente, não teve chance.

Grisha ergueu o cantil, fazendo um brinde.

— Viva o frio.

O cantil começou a circular novamente. Ele nunca chegou em mim. Nós deveríamos ter ouvido o motor do carro a dois quarteirões de distância, a cidade depois do toque de recolher era silenciosa como a lua, mas estávamos ocupados tomando nossa bebida alemã, fazendo nossos brindes. Apenas quando o GAZ entrou na rua Voinova, os pneus pesados fazendo barulho sobre o asfalto, os faróis vindo na nossa direção, é que percebemos o perigo. A punição por violar o toque de recolher sem uma autorização era a execução sumária. A punição por abandonar uma posição dos bombeiros era a execução sumária. A punição por pilhagem era a execução sumária. Os tribunais não funcionavam mais; os policiais estavam no front, as prisões com apenas meia capacidade e diminuindo rapidamente. Quem tinha comida para um inimigo do Estado? Se infringisse a lei e fosse pego, você seria morto. Não havia tempo para quaisquer sutilezas legais.

Então saímos correndo. Nós conhecíamos o Kirov melhor do que qualquer um. Se conseguíssemos ultrapassar os portões do pátio e entrar na escuridão gélida do espaçoso prédio, ninguém poderia nos encontrar, mesmo que tivesse três meses para procurar. Podíamos ouvir os soldados gritando

para que parássemos, mas aquilo não importava; vozes não nos assustavam, apenas balas faziam diferença, e ninguém havia puxado um gatilho ainda. Grisha conseguiu chegar ao portão primeiro — ele era o mais próximo de um atleta entre nós —, pulou sobre as barras de ferro e içou-se sobre elas. Oleg seguia logo atrás, e eu estava bem atrás de Oleg. Nossos corpos eram fracos, os músculos retraídos pela falta de proteína, mas o medo nos ajudou a escalar o portão com mais rapidez do que nunca.

Perto do topo do portão eu olhei para trás e vi que Vera havia escorregado em uma camada de gelo. Ela olhou para mim, os olhos arregalados e cheios de medo, apoiada sobre as mãos e joelhos enquanto o GAZ freava ao lado do corpo do piloto alemão e quatro soldados desciam. Eles estavam a uns seis metros de distância, empunhando fuzis, mas eu ainda tive tempo de pular sobre o portão e desaparecer dentro do Kirov.

Gostaria de poder lhe dizer que a ideia de abandonar Vera nunca passou pela minha cabeça, que minha amiga estava em perigo e que fui resgatá-la sem hesitar. Mas a verdade é que, naquele momento, eu a odiei. Eu a odiei por ter sido desajeitada na pior hora possível, por olhar para mim com seus olhos castanhos cheios de pânico, elegendo-me para ser seu salvador, muito embora Grisha tivesse sido o único que ela alguma vez beijou. Eu sabia que não poderia viver com a lembrança daqueles olhos implorando para mim, e ela sabia, também, e eu a odiei mesmo quando desci do portão com um pulo, levantei-a do chão e a puxei até as barras de ferro. Eu era fraco, mas Vera não chegava a pesar quarenta quilos. Eu a levantei sobre o portão enquanto os soldados gritavam e os saltos de suas botas estalavam sobre a calçada e seus fuzis eram engatilhados.

Vera conseguiu passar por cima do portão e eu subi com dificuldade atrás dela, ignorando os soldados. Se eu parasse, eles se reuniriam ao meu redor, diriam que eu era um inimigo do Estado, me forçariam a ajoelhar e me dariam um tiro na nuca. Eu era um alvo fácil, mas talvez eles estivessem bêbados, talvez fossem rapazes da cidade como eu, que nunca tinham dado um tiro antes em suas vidas, talvez errassem de propósito porque sabiam que eu era um patriota e defensor da cidade e que eu tinha saído furtivamente do Kirov apenas porque um alemão tinha caído de uma altura de seis mil metros na minha rua, e qual garoto russo de dezessete anos não sairia de fininho para dar uma espiada em um fascista morto?

Meu queixo estava nivelado com o topo do portão quando senti mãos

enluvadas envolverem os meus tornozelos. Mãos fortes, as mãos de soldados do Exército que faziam duas refeições por dia. Eu vi Vera correndo para dentro do Kirov, sem sequer olhar uma vez para trás. Tentei subir pelas barras de ferro, mas os soldados me arrastaram para baixo, me jogaram na calçada e ficaram sobre mim, os canos de seus fuzis Tokarev espetando o meu rosto. Nenhum dos soldados parecia ter mais do que dezenove anos e nenhum deles parecia relutante em espalhar os meus miolos pela rua.

— Esse aqui parece que vai cagar nas calças.

— Estava dando uma festa aqui, filho? Encontrou um pouco de aguardente?

— Ele vai ser bom para o coronel. Podemos colocá-lo junto com o Fritz.

Dois deles se curvaram, agarraram-me pelas axilas, sacudiram-me para que eu ficasse em pé, guiaram-me até o GAZ e me empurraram para dentro, no banco de trás. Os outros dois soldados ergueram o alemão pelas mãos e pelos pés, jogando-o no carro ao meu lado.

— Para te esquentar — disse um deles, e todos riram como se fosse a piada mais engraçada do mundo. Eles se apertaram dentro do carro e bateram as portas.

Decidi que eu ainda estava vivo porque queriam me executar em público, como um aviso para outros saqueadores. Alguns minutos antes eu tinha me sentido mais poderoso do que o piloto morto. Agora, enquanto passávamos correndo pela rua escura, ziguezagueando para desviar das crateras de bombas e dos amontoados de entulho, ele parecia estar zombando de mim, os lábios pálidos como uma cicatriz dividindo seu rosto congelado. Estávamos indo na mesma direção.

2

Quem crescia em Piter, crescia com medo das Cruzes, aquela mancha lúgubre de tijolos vermelhos perto do rio Neva, um bestial depósito dos perdidos. Seis mil condenados viveram ali em tempo de paz. Eu duvido que tivessem sobrado mil em janeiro. Centenas de prisioneiros acusados de pequenos crimes eram libertados para integrar unidades do Exército Vermelho, liberados para passar pelo moedor de carne da *Blitzkrieg* alemã. Outras centenas deles morreram de fome em suas celas. Todos os dias os guardas arrastavam para fora dos prédios das Cruzes esqueletos cobertos com pele, colocados sobre trenós onde os mortos eram empilhados de oito em oito.

Quando eu era pequeno, era o silêncio da prisão o que mais assustava. A gente andava por ali esperando ouvir os gritos de homens rudes, ou o clamor de uma briga, mas nenhum ruído escapava das grossas paredes, como se os prisioneiros do lado de dentro — a maioria aguardando julgamento, ou uma viagem ao *gulag* ou uma bala na cabeça — tivessem cortado suas próprias línguas para protestar contra seu destino. O lugar era uma antifortaleza, projetada para manter os inimigos em seu interior, e todos os garotos em Leningrado já tinham ouvido a famosa frase mais de mil vezes: “Se você continuar fazendo isso, vai acabar lá nas Cruzes.”

Eu vi minha cela apenas por um segundo quando os guardas me atiraram lá dentro, suas lamparinas brilhando sobre as paredes ásperas de pedra, uma cela de dois metros de largura por quatro de comprimento, com beliches para quatro pessoas, todos vazios. Fiquei aliviado com isso, não queria compartilhar a escuridão com um estranho com os nós dos dedos tatuados, mas depois de um tempo — minutos? horas? — o silêncio negro começou a parecer tangível, algo que podia penetrar nos pulmões de uma pessoa e sufocá-la.

O escuro e a solidão geralmente não me assustavam. Naqueles dias, eletricidade era tão rara em Piter quanto bacon, e meu apartamento no Kirov estava vazio, agora que mamãe e Taisya tinham fugido. As longas noites eram escuras e silenciosas, mas sempre havia algum barulho em algum lugar. Morteiros disparados das linhas alemãs; um caminhão do exército passando

pela rua; a velha agonizante do andar de cima gemendo em sua cama. Eram sons terríveis, era verdade, mas eram sons — algo que fazia com que você soubesse que ainda estava neste mundo. Aquele lugar nas Cruzes foi o único lugar verdadeiramente silencioso em que entrei em toda a minha vida. Eu não conseguia ouvir nada; eu não conseguia ver nada. Eles haviam me trancado na sala de espera da morte.

Por mais endurecido pelo cerco que eu acreditava ser antes de minha prisão, a verdade é que eu não tinha mais coragem em janeiro do que tinha em junho — contrariando a crença popular, a experiência do terror não torna a pessoa mais corajosa. Mas talvez seja mais fácil esconder o medo quando se tem medo o tempo todo.

Tentei pensar em uma canção para cantar, um poema para recitar, mas todas as palavras estavam presas em minha cabeça como sal em um saleiro entupido. Fiquei deitado em uma das camas de cima, esperando que qualquer calor que existisse no interior das Cruzes subisse e viesse me encontrar. A manhã não prometia nada além de uma bala nos miolos, e mesmo assim eu ansiava pela luz do dia para enxergar o interior da cela. Quando me jogaram ali, pensei ter visto um pedaço de janela com barras perto do teto, mas agora não conseguia me lembrar. Tentei contar até mil para passar um pouco o tempo, mas sempre me perdia por volta de quatrocentos, ouvindo ratos fantasmas que eram, na verdade, meus próprios dedos arranhando o colchão rasgado.

A noite nunca ia terminar. Os alemães tinham apagado a porra do sol, eles podiam fazer isso, por que não? Os cientistas deles eram os melhores do mundo, podiam descobrir como fazer isso. Tinham descoberto como parar o tempo. Eu estava cego e surdo. Apenas o frio e a minha fome me lembravam de que eu estava vivo. A solidão é tanta que a gente começa a querer que as sentinelas apareçam, apenas para ouvir seus passos, sentir o cheiro de vodca de seu hálito.

Muitos russos notáveis suportaram longos períodos de tempo na prisão. Naquela noite descobri que eu nunca seria um russo notável. Algumas horas sozinho em uma cela, torturado por nada além da escuridão, do silêncio e do frio absoluto, algumas horas disso e eu já estava semiprostrado. As almas bravias que sobreviviam inverno após inverno na Sibéria possuíam algo que eu não tinha, uma grande fé em algum destino esplêndido, fosse o reino de Deus ou sua justiça, ou a promessa distante de vingança. Ou talvez

estivessem tão alquebrados que se tornavam nada além de animais apoiados nas patas traseiras, fazendo o que seu dono mandasse, comendo quaisquer restos que ele lhes jogasse, dormindo quando assim lhes era ordenado e sonhando apenas com o fim.

Por fim, um ruído, passos, várias botas pesadas pisando com força no corredor. Uma chave virou na fechadura. Sentei-me na cama e bati a cabeça na cama de cima, com tanta força que mordi o lábio.

Dois guardas — um deles segurando um lampião, a luz mais linda que já vira, melhor do que qualquer nascer do sol — acompanhavam um novo prisioneiro, um soldado jovem e uniformizado que olhou ao redor pela cela, como um homem vendo um apartamento que estivesse pensando em alugar. O soldado era alto e muito apumado; se elevava sobre os guardas e, embora estes tivessem armas nos coldres e ele estivesse desarmado, parecia pronto para lhes dar ordens. Segurava o chapéu de pele de astracã em uma das mãos e suas luvas de couro na outra.

Ele olhou para mim assim que os guardas saíram, fechando a porta da cela e trancando-a pelo lado de fora, levando consigo o lampião. O rosto dele foi a última coisa que vi quando a escuridão voltou, e assim ficou na minha mente: os malares altos de cossaco, os lábios entreabertos em um quase sorriso de diversão, o cabelo loiro, os olhos azuis o bastante para agradar a qualquer noiva ariana.

Fiquei sentado na cama e ele em pé, e pelo silêncio absoluto eu sabia que nenhum de nós tinha mudado de posição — ainda estávamos nos encarando na escuridão.

— Você é judeu? — perguntou ele.

— O quê?

— Judeu. Você parece judeu.

— Você parece um nazista.

— Eu sei. *Ich spreche ein bisschen Deutsch*, também. Eu também falo um pouco de alemão. Fui voluntário para ser espião, mas ninguém me deu ouvidos. Então, você é judeu?

— O que você tem com isso?

— Não precisa se envergonhar. Não tenho problemas com judeus. Emanuel Lasker é o meu segundo jogador de xadrez favorito. Só um degrau abaixo de Capablanca... Capablanca é como Mozart, puro gênio; não dá para gostar de xadrez e não gostar de Capablanca. Mas ninguém é melhor do que

Lasker na finalização. Você tem comida?

— Não.

— Estenda a mão.

Aquilo parecia ser algum tipo de armadilha, uma brincadeira que crianças faziam para enganar os trouxas. Ele ia bater na palma da minha mão ou não ia colocar nada sobre ela até eu perceber minha burrice. Mas nenhuma oferta de comida podia ser recusada, nem mesmo a menos provável, então estendi a minha mão dentro do escuro e esperei. Um instante depois um pedaço de algo frio e gorduroso estava na minha palma. Não sei como ele a encontrou, mas conseguiu, sem nem mesmo tatear.

— Salsicha — disse ele. E então, depois de uma pausa: — Não se preocupe. Não é carne de porco.

— Eu como carne de porco.

Cheirei a salsicha e mordisquei um pedacinho. Estava tão distante de carne verdadeira quanto o pão de ração estava de pão verdadeiro, mas havia gordura nela, e gordura era vida. Mastiguei o pedaço o mais devagar que pude, tentando fazê-lo durar.

— Você faz barulho enquanto come — ele falou, uma reprimenda vinda da escuridão. Ouvi as molas rangerem quando ele se sentou em uma das camas de baixo. — E você deveria dizer obrigado.

— Obrigado.

— De nada. Qual é o seu nome?

— Lev.

— Lev de quê?

— O que você tem com isso?

— É só por educação — disse ele. — Por exemplo, quando eu me apresento, digo “Boa noite, meu nome é Nikolai Alexandrovich Vlasov, meus amigos me chamam de Kolya”.

— Você só quer saber se eu tenho um nome judeu.

— Você tem?

— Tenho.

— Ah. — Ele suspirou satisfeito, contente por saber que seus instintos haviam se confirmado. — Obrigado. Não sei por que você tem receio de contar isso às pessoas.

Eu não respondi. Se ele não sabia o porquê, não havia razão para explicar.

— E por que você está aqui? — perguntou ele.

— Eles me pegaram saqueando o corpo de um alemão morto na rua Voinova.

Aquilo o alarmou.

— Os alemães já estão em Voinova? Então começou?

— Nada começou. Era piloto de um bombardeiro. Ele se ejetou.

— Os rapazes das antiaéreas o pegaram?

— O frio acabou com ele. Por que *você* está aqui?

— Pura idiotice. Eles acham que sou um desertor.

— Então por que não o mataram?

— Por que não mataram *você*?

— Não sei — reconheci. — Disseram que eu era bom para o coronel.

— Eu não sou um desertor. Sou um estudante. Eu estava preparando a minha tese.

— É mesmo? Sua tese? — Parecia a desculpa mais idiota da história das deserções.

— Uma interpretação de *O sabujo no pátio*, de Ushakovo, através das lentes da análise sociológica contemporânea. — Ele esperou que eu dissesse alguma coisa, mas eu não tinha nada a dizer sobre aquilo. — Você conhece o livro?

— Não. Ushakovo?

— É triste ver como as escolas ficaram ruins. Eles deveriam fazer vocês decorarem trechos. — Ele soava como um velho professor excêntrico, embora pelo que pude ver dele, achei que deveria ter uns vinte anos. — *No matadouro onde nos beijamos pela primeira vez, o ar ainda exalava o fedor do sangue dos carneiros.* É a primeira linha. Alguns dizem que é o mais importante romance russo. E você nunca ouviu falar nele.

Ele suspirou de maneira exagerada. Um momento depois ouvi um estranho ruído de algo sendo arranhado, como se um rato estivesse afiando suas garras no tecido grosso do colchão.

— O que é isso? — perguntei.

— Hum?

— Não está ouvindo esse barulho?

— Estou escrevendo no meu diário.

Com os olhos abertos, eu conseguia ver a mesma coisa que via com eles fechados, e aquele sujeito estava escrevendo em seu diário. Agora eu

sabia que o ruído era o de um lápis sobre o papel. Depois de alguns minutos o diário foi fechado e eu ouvi quando ele o colocou no bolso.

— Sei escrever no escuro — disse ele, pontuando a frase com um leve arrote. — É um dos meus talentos.

— Anotações sobre *O sabujo no pátio*?

— Exatamente. Isso não é estranho? Capítulo seis: Radchenko passa um mês nas Cruzes por causa de seu antigo melhor amigo... Bom, eu não vou revelar nada. Mas tenho que dizer que parecia o destino em ação quando me trouxeram para cá. Eu estive em todos os lugares que Radchenko visitou. Todos os restaurantes, teatros e cemitérios, pelo menos os que ainda existem. Mas nunca tinha estado aqui dentro. Um crítico poderia argumentar que só poderia entender Radchenko aquele que passou uma noite nas Cruzes.

— Que sorte a sua.

— Mm.

— Você acha que vão nos matar de manhã?

— Duvido. Eles não estão nos mantendo presos esta noite só para nos matar amanhã. — Ele parecia bastante animado, como se estivéssemos discutindo um evento esportivo, como se o resultado não fosse especialmente grave, seja lá o que acontecesse.

— Faz oito dias que eu não cago — disse ele. — Não estou falando de uma boa cagada... Faz meses que não dou uma boa cagada. Estou falando de oito dias sem cagar de jeito nenhum.

Ficamos em silêncio por um momento, pensando naquelas palavras.

— Quanto tempo você acha que um homem pode viver sem cagar?

Era uma pergunta interessante, e eu estava curioso para saber a resposta, mas não tinha nenhuma para dar. Ouvi quando ele se deitou, ouvi seu bocejo feliz, relaxado e satisfeito, o colchão de palha manchado de urina tão confortável quanto uma cama de plumas. O silêncio se prolongou por um minuto, e pensei que meu companheiro de cela tinha adormecido.

— Estas paredes devem ter mais de um metro de espessura — disse ele por fim. — Este provavelmente é o lugar mais seguro de Piter para passar a noite. — E então adormeceu, mudando da fala para o ronco com tanta rapidez que, a princípio, pensei que estivesse fingindo.

Sempre invejei pessoas que dormem com facilidade. Seus cérebros devem ser mais limpos, os assoalhos do crânio bem varridos, todos os monstrinhos trancados em um baú aos pés da cama. Nasci com insônia e é

assim que vou morrer, desperdiçando milhares de horas ansiando pela inconsciência, desejando que uma marreta de borracha me acertasse a cabeça, não com muita força, não com força suficiente para causar qualquer dano, apenas uma boa pancada para me fazer apagar durante a noite. Mas naquela noite eu não tive a menor chance. Fiquei olhando fixamente para o negror, até que ele se tornou uma mancha cinzenta, até que o teto sobre mim começou a ter forma e a luz do leste pingou através da estreita janela com barras que realmente havia ali. Só então percebi que eu ainda tinha a faca do alemão presa ao meu tornozelo.

3

Uma hora depois do amanhecer dois novos guardas abriram a porta da cela, arrancaram-nos da cama e colocaram algemas em nossos pulsos. Eles ignoraram minhas perguntas, mas pareceram se divertir quando Kolya pediu uma xícara de chá e uma omelete. Piadas deviam ser raras nas Cruzes, porque aquela não foi tão boa assim, mas os guardas sorriram enquanto nos empurravam pelo corredor. Em algum lugar alguém estava gemendo, um gemido grave e interminável, como o apito de um navio ouvido ao longe.

Eu não sabia se estávamos indo para o cadafalso ou para uma sala de interrogatório. A noite fora passada em claro; exceto pelo trago do cantil do alemão, eu não tinha bebido mais nada desde o telhado do Kirov; um galo do tamanho do dedo de um bebê havia inchado no lugar onde minha testa havia acertado o teto — a manhã estava realmente ruim, uma das minhas piores — mas eu queria viver. Eu queria viver e sabia que não iria enfrentar minha execução com dignidade. Iria ajoelhar diante do carrasco ou do pelotão de fuzilamento e alegar a minha juventude, detalhar as muitas horas que fiquei no telhado esperando as bombas, todas as barricadas que havia ajudado a construir, as trincheiras que tinha cavado. Todos tínhamos feito isso, todos nós estávamos servindo à causa, mas eu era um dos verdadeiros filhos de Piter e não merecia morrer. Que mal tinha sido feito? Bebemos o conhaque de um alemão morto — por isso vocês querem acabar comigo? Vocês querem colocar uma corda ao redor do meu pescoço magricelo e apagar para sempre o meu cérebro porque eu roubei uma faca? Não faça isso, camarada. Não creio que haja grandeza em mim, mas há algo melhor do que isto.

Os guardas nos fizeram descer uma escadaria de pedra, os degraus alisados pelas centenas de milhares de saltos de botas. Um velho com um cachecol grosso cinzento enrolado duas vezes ao redor da garganta estava sentado do outro lado das barras de ferro que bloqueavam a parte de baixo da escada. Ele nos deu um sorriso banguela e destrancou o portão. Um momento depois, atravessamos uma pesada porta de madeira e saímos na luz do sol, emergindo das Cruzes ilesos e vivos.

Kolya, indiferente à nossa aparente suspensão de sentença, encheu as mãos algemadas com neve limpa, lambendo-a. A ousadia do gesto me deu

inveja, assim como o pensamento de água fria em minha língua. Mas eu não queria fazer nada que pudesse irritar os guardas. Nossa saída das Cruzes parecia ser um estranho erro, e eu achava que seria jogado lá dentro de novo se fizesse alguma coisa errada.

Os guardas nos acompanharam até um GAZ que estava esperando, o enorme motor rosnando, canos de escapamento vomitando um vapor sujo, dois soldados sentados no banco da frente observando-nos sem a menor curiosidade, os chapéus forrados de pele puxados sobre as testas. Kolya entrou rapidamente no banco de trás, sem esperar uma ordem.

— Cavalheiros, para a ópera!

Os guardas, cujos padrões tinham amolecido depois de anos trabalhando nas Cruzes, deram uma boa risada do que Kolya disse. Os soldados não riram. Um deles virou-se e examinou Kolya.

— Se você disser mais uma palavra, vou quebrar a porra do seu braço. Se dependesse de mim, eu já tinha enfiado uma bala na sua cabeça. Desertor do caralho. Você — e aí ele se dirigiu a mim —, entra.

A boca de Kolya já estava aberta, e eu sabia que haveria violência; o soldado não parecia ser um blefador, e estava claro que Kolya era incapaz de prestar atenção a uma ameaça.

— Eu não sou um desertor — disse ele.

Com as mãos algemadas, consegui subir a manga esquerda de seu sobretudo, a manga esquerda de seu suéter do exército, as mangas esquerdas de duas camisas que estava usando, e ofereceu o antebraço ao soldado que estava no banco da frente.

— Você quer quebrar o meu braço, pode quebrar, mas eu não sou um desertor.

Durante um bom tempo ninguém falou — Kolya encarou o soldado, o soldado o encarou também, e o resto de nós ficamos olhando e esperando, impressionados com aquele embate de atitudes e curiosos para saber quem iria ganhar. Por fim, o soldado entregou os pontos desviando o olhar de Kolya e falando rispidamente comigo.

— Entra no carro, seu bostinha.

Os guardas esboçaram um sorriso. Aquela estava sendo sua manhã de entretenimento. Não tinham nenhuma tortura marcada, nem dentes para tirar, nem unhas para arrancar dos dedos de um homem que grita, então se divertiram me olhando, o bostinha, entrar correndo no banco de trás ao lado

de Kolya.

O soldado dirigia muito depressa, sem dar a mínima para as áreas congeladas da rua. Passamos em alta velocidade ao lado das margens do congelado Neva. A gola do meu casaco estava levantada e eu podia proteger o rosto do vento que entrava em rajadas por baixo da capota de lona. Kolya não parecia incomodado pelo frio. Olhava em silêncio para o pináculo da Igreja de João Batista, do outro lado do rio.

Entramos na ponte Kamennostrovsky, o aço antigo de seus arcos cheio com uma cobertura de gelo, os postes de iluminação barbados com pingentes de gelo. Entramos na ilha Kamenny, diminuindo um pouco a velocidade apenas para rodear uma cratera de bomba que havia despedaçado o centro da rua, entrando em um comprido acesso de veículos ladeado por tocos de limeiras, e paramos na frente de uma magnífica mansão de madeira comum pórtico de colunas brancas. Kolya examinou a casa.

— Os Dolgorukov moravam aqui — disse ele quando saímos do carro. — Suponho que nenhum de vocês tenha ouvido falar nos Dolgorukov.

— Um bando de aristocratas que foram enforcados — disse um dos soldados, indicando com o cano do fuzil que devíamos ir para a porta da frente.

— Alguns foram — reconheceu Kolya. — E alguns dormiram com imperadores.

Sob a luz do dia, Kolya parecia ter saído de um dos cartazes de propaganda grudados nas paredes de toda a cidade; os ângulos de seu rosto eram heroicos — o queixo forte, o nariz reto, o cabelo loiro sujo que caía sobre a testa. Ele era um desertor de bela aparência.

Os soldados nos acompanharam até a varanda, onde sacos de areia tinham sido empilhados a uma altura de um metro e meio para formar um ninho de metralhadoras. Dois soldados estavam sentados perto da arma, passando um cigarro entre si. Kolya respirou fundo e olhou cheio de desejo para a bagana do cigarro enrolado à mão.

— Fumo de verdade — disse ele, antes que nossos guias armados abrissem a porta da frente e nos fizessem entrar.

Eu nunca havia estado em uma mansão antes, apenas tinha lido sobre elas em romances: os bailes nos assoalhos de madeira, os criados servindo com conchas sopa saída de terrinas de prata, o austero patriarca em sua biblioteca avisando à filha chorosa para que se mantivesse afastada do rapaz

humilde. Mas embora a mansão dos Dolgorukov ainda parecesse magnífica por fora, a revolução tinha chegado a seu interior. O piso de mármore, marcado por milhares de pegadas de botas enlameadas, não era lavado há meses. O papel de parede manchado estava se soltando junto ao rodapé. Nenhuma das peças originais da mobília havia sobrevivido, nenhum dos quadros a óleo ou vasos chineses que devem ter enfeitado as paredes e decorado prateleiras de teca.

Dezenas de homens uniformizados entravam e saíam apressados das salas, subiam correndo a escada larga sem corrimão, que provavelmente se tornou lenha semanas atrás. Os uniformes não eram do Exército Vermelho. Kolya notou que eu estava olhando.

— NKVD. Talvez achem que somos espões.

Eu não precisava que Kolya me dissesse que aqueles homens eram da NKVD. Desde pequeno eu sabia como eram seus uniformes, com os chapéus azuis e castanhos e as Tokarevs em coldres. Eu aprendera a temer a visão de seus Packards parados na frente do Kirov, os Corvos Negros, esperando para tirar algum cidadão infeliz de seu lar. A NKVD prendeu pelo menos quinze homens no prédio enquanto eu morava lá. Às vezes, os que eram levados retornavam algumas semanas depois, as cabeças raspadas e os rostos pálidos e sem vida, evitando os meus olhos na escada enquanto mancavam na subida para seus apartamentos. Os homens alquebrados que voltavam para casa deviam saber o quanto tinham sorte, mas aparentemente não se alegravam com sua sobrevivência. Eles sabiam o que tinha acontecido com meu pai e não conseguiam me olhar nos olhos.

Os soldados continuaram nos cutucando para que andássemos até entrarmos em um solário na parte de trás da casa, as janelas francesas altas oferecendo uma bela visão do Neva e dos austeros e imperturbáveis prédios de apartamentos da área de Viborg no lado mais afastado do rio. Um homem mais velho estava sentado atrás de uma mesa simples de madeira bem no meio do solário. Ele tinha um monofone acomodado entre o rosto e o ombro para que pudesse escrever rapidamente em um bloco de papel enquanto escutava.

Olhou de relance para nós enquanto aguardávamos na entrada. Parecia um ex-boxeador, com o pescoço grosso e o nariz achatado e torto. As sombras abaixo de seus olhos eram profundas, assim como as rugas que sulcavam sua testa. O cabelo grisalho fora cortado muito rente, quase

raspado. Aparentava ter uns cinquenta anos, mas dava a impressão de que poderia se levantar daquela cadeira e bater em todos nós sem amassar o uniforme. Três estrelas de metal brilhavam dos dois lados da gola de sua jaqueta. Eu não sabia exatamente o que as três estrelas significavam, mas ninguém mais por ali tinha três estrelas.

Ele jogou o bloco de papel sobre a mesa, e consegui ver que não estava fazendo anotações, como eu pensara, mas apenas desenhando letras X repetidas vezes, até que toda a folha de papel ficou coberta por elas. Por algum motivo isso me assustou mais do que o uniforme ou seu rosto de lutador. Eu conseguia entender um homem que fazia desenhos de tetas ou de cachorros. Mas um homem que desenhava apenas a letra X?

Ele estava nos observando, Kolya e eu, e eu sabia que estava nos julgando, nos condenando por nossos crimes e nos sentenciando à morte, tudo isso enquanto ouvia uma voz que viajava por fios.

— Ótimo — disse ele, por fim —, quero tudo feito até o meio-dia. Sem exceções.

Desligou o telefone e sorriu para nós, e o sorriso era tão incongruente em seu rosto quanto aquele homem e sua simples mesa de madeira eram naquele maravilhoso solário da antiga casa aristocrática. O coronel (pois eu supus que aquele fosse o coronel de quem os soldados tinham falado na noite anterior) tinha um sorriso bonito, os dentes surpreendentemente brancos, o rosto brutal mudando instantaneamente da ameaça para as boas-vindas.

— O desertor e o saqueador! Venham, aproximem-se, não precisamos das algemas. Não acho que esses rapazes vão causar algum problema. — Fez um gesto para os soldados que, com relutância, tiraram as chaves dos bolsos e removeram nossas algemas.

— Não sou um desertor — disse Kolya.

— Não? Podem ir — ele ordenou aos soldados, sem se dar ao trabalho de fitá-los. Os soldados obedeceram, deixando-nos sozinhos com o coronel. Ele se levantou e andou até nós, a arma em seu coldre batendo contra o quadril. Kolya mantinha-se ereto, em posição de sentido para a inspeção de um oficial, e eu, sem saber o que fazer, imitei-lhe a postura. O coronel continuou se aproximando até que seu rosto marcado quase tocou o de Kolya.

— Você não é um desertor e no entanto a sua unidade relatou o seu desaparecimento e você foi pego a quarenta quilômetros do lugar onde

deveria estar.

— Bem, há uma explicação simples...

— E você — continuou ele, virando-se para mim. — Um paraquedista alemão cai no seu quarteirão e você não informa as autoridades. Você decide se enriquecer às custas da cidade. Há uma explicação simples para isso também?

Eu precisava de água. Minha boca estava tão seca que parecia escamosa, como a pele de um lagarto, e eu já estava vendo pequenas fagulhas de luz nadando na periferia de meu campo de visão.

— E então?

— Desculpe — eu disse.

— Você está se desculpando? — Ele olhou para mim por mais um momento e riu. — Ah, bom, se você está se desculpando, então tudo certo, está tudo bem. Contanto que você se desculpe, isso é que é importante. Escute, rapaz, você sabe quantas pessoas eu executei? Não me refiro às minhas ordens, estou falando de quantos eu matei com esta Tokarev. — Deu um tapinha na arma enfiada no coldre. — Quer adivinhar? Não? Ótimo, porque eu não sei. Perdi a conta. E sou o tipo de homem que gosta de saber. Mantenho controle das coisas. Sei exatamente com quantas mulheres já trepei, e foram muitas, pode acreditar. Você é um rapaz bonitão — disse ele para Kolya —, mas acredite, não conseguiria me igualar nem se vivesse cem anos, e isso parece duvidoso.

Olhei de relance para Kolya, esperando que ele dissesse alguma coisa idiota que iria nos levar ambos à morte, mas pela primeira vez Kolya não tinha nada a dizer.

— Desculpe é o que você diz para o professor quando quebra um pedaço de giz — continuou o coronel. — Pedir desculpas não funciona para saqueadores e desertores.

— Pensamos que ele pudesse ter alguma comida.

O coronel me encarou por um longo tempo.

— E ele tinha?

— Só um pouco de conhaque. Ou brandy... algum tipo de bebida destilada.

— Nós matamos dúzias de pessoas todos os dias por forjarem cartões de racionamento. Sabe o que elas nos dizem, antes que enfiemos uma bala em seus miolos? Que estavam com fome. É claro que estavam com fome! Todo

mundo está com fome. Isso não vai nos impedir de atirar nos ladrões.

— Eu não estava roubando de outros russos...

— Você roubou propriedade do Estado. Você tirou alguma coisa do cadáver?

Eu hesitei o máximo que pude.

— Uma faca.

— Ah. O ladrão honesto.

Eu ajoelhei, tirei a bainha que estava presa ao meu tornozelo e passei-a ao coronel. Ele olhou para o couro alemão.

— Você ficou com ela a noite toda? Ninguém te revistou? — Soltou um xingamento leve, aborrecido pela incompetência. — Não admira que estejamos perdendo a guerra. Ele puxou a lâmina e leu a inscrição. — SANGUE E HONRA. Ah! Tomara que Deus foda esses filhos da puta no rabo. Você sabe como usá-la?

— O quê?

— A faca. Cortar — disse ele, golpeando o ar com a lâmina de aço — é melhor do que perfurar. Mais difícil de bloquear. Tente atingir a garganta e, se isso não funcionar, tente os olhos ou a barriga. Na coxa também funciona, tem umas veias grandes na coxa. — Todas essas instruções foram acompanhadas por uma enérgica demonstração. — E nunca pare — disse ele, aproximando-se ainda mais, como se estivesse dançando, o aço brilhando no ar —, nunca afrouxe; mantenha a faca se movendo, mantenha o adversário na defensiva.

Ele embainhou a lâmina e a jogou para mim.

— Fique com ela. Vai precisar.

Encarei Kolya, que deu de ombros. Tudo isso era muito estranho de se entender, portanto não havia sentido em esforçar a mente, tentando descobrir qual era a nossa situação. Ajoelhei e preendi a faca ao meu tornozelo novamente.

O coronel havia se aproximado das janelas francesas, de onde olhou para a neve de ontem sobrando sobre o Neva congelado.

— O seu pai era o poeta.

— Era — reconheci, endireitando o corpo e olhando para a nuca do coronel. Há quatro anos ninguém fora de minha família mencionava meu pai. E isso é a pura verdade. Nem uma só palavra.

— Ele sabia escrever. O que aconteceu foi... uma lástima.

O que eu podia dizer diante daquele comentário? Olhei para minhas botas e sabia que Kolya estava olhando de lado para mim, tentando descobrir qual pai infeliz havia me gerado.

— Nenhum de vocês comeu hoje — disse o coronel, e não era uma pergunta. — Chá preto e torrada, que tal? Talvez possamos encontrar um pouco de sopa de peixe em algum lugar. Borya!

Um auxiliar entrou no solário, um lápis preso na orelha.

— Arranje um desjejum para esses rapazes.

Borya assentiu e desapareceu tão rapidamente quanto tinha aparecido.

Sopa de peixe. Eu não tomava sopa de peixe desde o verão. A ideia era excitante e exótica, como uma garota nua em uma ilha do Pacífico.

— Venham até aqui — disse o coronel.

Ele abriu uma das janelas francesas e saiu no frio. Kolya e eu fomos atrás dele por um caminho de cascalho que atravessava um jardim congelado, perto das margens do rio.

Uma garota com um casaco de pele de raposa patinava sobre o Neva. Em um inverno normal, a gente podia ver centenas de garotas patinando em uma tarde de fim de semana, mas aquele não era um inverno normal. O gelo estava sólido e estivera assim por semanas, mas quem tinha forças para traçar oitos? Em pé sobre a lama congelada na margem do rio, Kolya e eu olhamos para ela do jeito que se olharia para um macaco andando em um monociclo pela rua. Era singularmente encantadora, o cabelo escuro partido ao meio e preso em um rabo de cavalo, as maçãs do rosto vermelhas pelo vento batendo nelas, cheias de saúde. Precisei de alguns segundos para perceber por que ela parecia tão estranha, e então ficou óbvio — mesmo a distância, podia-se dizer que a garota estava bem alimentada. Não havia nada de aflito ou desesperado em seu rosto. Ela possuía a graça casual de uma atleta; suas piruetas eram precisas e rápidas; parecia nunca se cansar. As coxas deviam ser magníficas — compridas, pálidas e fortes —, e pude sentir meu pau ficar duro pela primeira vez em muitos dias.

— Ela vai se casar na sexta-feira que vem — disse o coronel. — O sujeito é só um pedaço de carne, mas tudo bem. É um homem do Partido, pode sustentá-la.

— É sua filha? — perguntou Kolya.

O coronel sorriu, os dentes brancos dividindo seu rosto de homem brigão.

— Você acha que ela não se parece comigo? Não, não, ela teve sorte nisso. Tem o rosto da mãe e o temperamento do pai... Essa aí vai conquistar o mundo.

Só então percebi que os dentes do coronel eram falsos, uma ponte que parecia abranger toda a fileira superior. E percebi, de repente mas com certeza, que o homem tinha sido torturado. Eles o tinham prendido durante algum dos expurgos, chamando-o de trotskista ou de russo branco, ou de simpatizante fascista, arrancaram-lhe os dentes e bateram nele até seus olhos sangrarem, até que ele mijasse sangue e cagasse sangue, até que viesse a ordem de algum escritório em Moscou: nós reabilitamos o homem, deixem-no em paz agora, é novamente um dos nossos.

Eu conseguia imaginar isso porque com frequência tinha imaginado uma cena semelhante a essa, sempre que me perguntava como teriam sido os últimos dias de meu pai. Ele teve o azar de ser judeu e poeta, e moderadamente famoso, tinha sido amigo de Maiakovski e Mandelstam, inimigo figadal de Obranovich e dos outros que ele considerava expressões da burocracia, os instrumentos do verso revolucionário que rotularam meu pai de agitador e parasita porque ele escreveu sobre o submundo de Leningrado, embora — oficialmente — não houvesse um submundo em Leningrado. Mais do que isso, ele teve a temeridade de dar ao seu livro o título de *Piter*, o apelido da cidade, o nome que todos os nativos usavam, mas banido de todos os textos soviéticos porque “São Petersburgo” era uma arrogância do tsar, derivado do nome do santo patrono do velho tirano.

Em uma tarde de verão de 1937 eles tiraram meu pai do escritório da revista literária onde trabalhava. Nunca mais o devolveram. Ele não recebeu o telefonema do escritório de Moscou; reabilitação não foi uma opção. Um oficial da inteligência poderia ter valor para o Estado, mas um poeta decadente não. Ele pode ter morrido nas Cruzes ou na Sibéria, ou em algum lugar entre esses dois, nós nunca soubemos. Se foi enterrado, não existe indicação; se foi cremado, não existe urna.

Durante muito tempo fiquei bravo com o meu pai por ele escrever palavras tão perigosas; parecia idiota que um livro fosse mais importante do que ficar por perto e me dar um peteleco na cabeça toda vez que eu cutucasse o nariz. Porém mais tarde percebi que ele não tinha optado por insultar o Partido, não conscientemente, não da maneira que Mandelstam tinha feito (Mandelstam com sua valentia maluca, escrevendo que Stalin tinha dedos

gordos como lesmas, um bigode que parecia duas baratas). Meu pai não sabia que *Piter* era perigoso até que as resenhas oficiais foram publicadas. Ele achou que estava escrevendo um livro que quinhentas pessoas iriam ler, e talvez estivesse certo, mas pelo menos uma delas denunciou-o e deu no que deu.

Mas o coronel tinha sobrevivido, e olhando para ele eu me perguntei se ele achava estranho ter estado tão perto das mandíbulas do tubarão e de alguma maneira ter conseguido lutar e voltar para a praia, se não achava estranho que ele, que havia esperado a clemência de outros, pudesse agora decidir por si mesmo se deveria concedê-la. Ele não parecia preocupado naquele momento; olhava sua filha patinando e batia palmas com as mãos com nós dos dedos desgastados, enquanto ela girava.

— Então o casamento é na sexta-feira. Mesmo agora, mesmo no meio de tudo o que está acontecendo — disse o coronel, gesticulando para indicar Leningrado, a fome, a guerra —, ela quer um casamento de verdade, um casamento *adequado*. Isso é bom, a vida precisa continuar, estamos combatendo os bárbaros, mas precisamos continuar sendo humanos, *russos*. Então teremos música, dança... um bolo.

Olhou para cada um de nós como se houvesse algo significativo na palavra bolo e ele quisesse que ambos entendêssemos.

— Essa é a tradição, é o que diz a minha mulher, precisamos ter um bolo. Dá azar, um casamento sem bolo. Bem, durante toda a minha vida eu tenho lutado contra essas superstições de camponeses, os padres as usaram para manter o povo burro e com medo, mas minha mulher... Ela quer um bolo. Está bem, está bem, faça o bolo. Durante meses ela tem juntado açúcar, mel, farinha e todo o resto.

Pensei sobre isso, nos sacos de açúcar, nos potes de mel, a farinha tem que ser farinha de verdade, e não o resgate mofado de alguma barca torpedeada. Metade do Kirov provavelmente poderia sobreviver duas semanas só com a massa batida que ela ia fazer.

— Ela tem tudo de que precisa, menos os ovos. — Mais uma vez, o olhar solene. — Ovos — disse o coronel — são difíceis de achar.

Durante muitos segundos todos ficamos em silêncio, olhando a filha do coronel rodopiar.

— Talvez a frota tenha alguns — disse Kolya.

— Não. Eles não têm.

— Eles têm carne enlatada. Eu troquei um baralho por um pouco de carne enlatada com um dos marinheiros...

— Eles não têm ovos.

Não me acho burro, mas levei muito tempo para entender o que o coronel estava pedindo, e um tempo maior ainda para incitar minha coragem e perguntar.

— O senhor quer que a gente encontre ovos?

— Uma dúzia — disse ele. — Ela só precisa de dez, mas eu fiquei pensando, um poderia quebrar, ou poderia estar podre. — Ele percebeu a nossa confusão e deu aquele sorriso magnífico, apertando os nossos ombros com força suficiente para me fazer ficar com o corpo mais reto ainda. — Meus homens dizem que não há ovos em Leningrado, mas eu acredito que haja tudo em Leningrado, mesmo agora, e preciso dos sujeitos certos para encontrá-los. Uma dupla de ladrões.

— Não somos ladrões — disse Kolya, muito apertado, olhando nos olhos do coronel. Eu quis esmurrá-lo. Se a lei fosse cumprida, estaríamos mortos e congelados, empilhados sobre um trenó com o resto dos cadáveres do dia. Tivemos a nossa suspensão de sentença. Nossas vidas nos tinham sido devolvidas em troca de uma tarefa simples. Uma tarefa estranha, talvez, mas bastante simples. E agora ele ia arruiná-la; ele estava pedindo uma bala na cabeça, o que era ruim, mas também estava pedindo uma bala na minha, o que era pior.

— Vocês não são ladrões? Você abandonou a sua unidade... Não, não, cale a boca, não diga nada. Você abandonou sua unidade e no momento em que fez isso perdeu os seus direitos de soldado no Exército Vermelho; seu direito de portar seu fuzil, de usar esse casaco, essas botas. Você é um ladrão. E você, Narigão, você saqueou um corpo. Era o cadáver de um alemão, então isso não me ofende em termos pessoais, mas saque é roubo. Não vamos ficar de brincadeiras. Vocês dois são ladrões. Ladrões ruins, é verdade, ladrões incompetentes, sem dúvida, mas estão com sorte. Os bons ladrões não foram pegos.

Ele se virou e voltou para a casa. Kolya e eu continuamos ali, olhando a filha do coronel, a pele de raposa brilhando sob o sol. Aquela altura ela devia ter nos visto, mas não demonstrou isso, sequer olhou muito tempo em nossa direção. Éramos dois lacaios de seu pai e, portanto, totalmente enfadonhos. Ficamos olhando para ela o máximo que pudemos, tentando

gravar a imagem em nossos cérebros para uso no futuro, até que o coronel grunhiu para nós e fomos correndo até ele.

— Vocês estão com seus cartões de racionamento? — perguntou ele, dando passos compridos, sua folga terminada, pronto novamente para um longo dia de trabalho. — Entreguem para mim.

Eu guardava o meu preso ao bolso de dentro do casaco. Eu o soltei e vi Kolya tirando o dele de dentro da meia. O coronel os pegou.

— Se vocês me trouxerem os ovos até o amanhecer de quinta-feira, terão os cartões de volta. Se não conseguirem, bem, terão todo o mês de janeiro para comer neve, e também não vai haver cartões esperando por vocês em fevereiro. Isso supondo que um de meus homens não os encontre e os mate antes, e meus homens são muito bons nisso.

— Pena que não conseguem encontrar ovos — disse Kolya.

O coronel sorriu.

— Eu gosto de você, rapaz. Você não vai viver muito, mas eu gosto de você.

Entramos novamente no solário. O coronel sentou-se atrás da mesa e olhou fixamente para o telefone preto. Ergueu as sobrancelhas, lembrando-se de algo, abriu uma das gavetas da mesa e tirou uma carta dobrada. Ele a estendeu para Kolya.

— Isso é um salvo-conduto para vocês dois. Qualquer um que os incomodar, podem mostrar esse documento e estarão liberados. E tomem isto aqui também...

Tirou quatro notas de cem rublos da carteira e as deu para Kolya, que olhou para o salvo-conduto e para os rublos e os colocou no bolso.

— Isso teria me comprado mil ovos em junho — disse o coronel.

— E vai comprar novamente no próximo junho — disse Kolya. — Fritz não vai aguentar o inverno.

— Com soldados como você — disse o coronel —, logo vamos estar pagando por ovos com marcos alemães.

Kolya abriu a boca para se defender, mas o coronel balançou a cabeça.

— Vocês entendem que isso é um presente? Se me trouxerem os ovos até quinta-feira, terão suas vidas de volta. Percebem a singularidade desse presente?

— Que dia é hoje?

— Hoje é sábado. Você desertou de sua unidade em uma sexta-feira. Quando o sol aparecer amanhã será domingo. Vocês podem contar os dias desse ponto em diante? Podem? Ótimo.

Borya voltou com quatro fatias de torrada em um prato azul. Alguma coisa oleosa tinha sido generosamente espalhada sobre as torradas, talvez banha, o que as tornara brilhantes, gordurosas e deliciosas. Um outro auxiliar entrou no solário atrás dele, trazendo duas xícaras de chá fumegante. Esperei um terceiro auxiliar trazendo tigelas com sopa de peixe, mas ele não apareceu.

— Comam rápido, rapazes — disse o coronel. — Vocês têm muito o que andar.

4

— Narigão. Gostei dessa. Quem foi seu pai, Narigão?

— Você não ia saber.

— Se ele foi publicado, eu o conheço.

— Esquece isso.

— Você é mal-humorado, hein?

Estávamos atravessando a ponte Kamunnoostrofsky de novo, desta vez a pé. Kolya parou no meio da ponte, as mãos enluvadas sobre o parapeito, olhando para o rio lá embaixo, na direção da mansão Dolgorukov. A filha do coronel não estava mais patinando, mas Kolya ficou olhando mesmo assim, à espera de um bis.

— Ela sorriu para mim — disse ele.

— Ela não sorriu para você. Sobre o que você está falando? Ela sequer olhou para nós.

— Talvez você esteja com ciúmes, meu amigo, ela definitivamente me deu um sorriso. Acho que já a vi antes, na universidade. Eu tenho uma certa reputação.

— De desertor?

Kolya virou-se do parapeito e olhou furioso para mim.

— Vou arrebentar os seus dentes se você me chamar de desertor de novo.

— Eu enfio a minha faca no seu olho se você tentar.

Kolya pensou naquilo e virou-se para o rio novamente.

— Eu te acertaria antes que pudesse sacar a faca. Sou bem rápido quando preciso ser.

Pensei em sacar a faca imediatamente, para provar que ele estava errado, mas ele não parecia estar mais bravo e eu queria continuar andando.

Atravessamos a ponte, de volta ao continente, e rumamos para o sul no Psochnaia, o rio à nossa direita, os trilhos enferrujados da linha para a Finlândia à esquerda. Não havia trens rodando desde setembro, quando os alemães cercaram a cidade e cortaram os trilhos de todas as linhas — Finlândia, Moscou, Vitebsk, Varsóvia, Báltica —, todas cortadas e inutilizadas. Agora a única conexão da cidade com o resto da Rússia era

através do ar, e poucos aviões conseguiam passar pelas patrulhas da Luftwaffe.

— Poderíamos fugir, é claro. Mas seria difícil sem os cartões de racionamento. — Ele analisou o problema. — Não temos muita chance de atravessar as linhas alemãs, então estamos presos a Piter. Os rapazes da NKVD não me preocupam muito. No exército eles dizem que a polícia não consegue encontrar boceta em um puteiro. Mas sem os cartões de racionamento... fica difícil.

— Temos que encontrar os ovos — eu lhe disse. Estávamos andando sob o sol e respirando o ar em virtude da ordem do coronel; se o pagamento pela suspensão da pena eram doze ovos, então íamos encontrar a porra dos doze ovos. Não havia espaço para negociação ou manobra.

— Encontrar os ovos é a melhor solução, eu concordo. Isso não significa que eu não possa avaliar minhas opções. Talvez não haja ovos nesta cidade. Mas e depois? Você ainda tem família em Piter?

— Não.

— Nem eu. Isso é bom. Só temos que nos preocupar com as nossas próprias peles.

Havia cartazes nas paredes de armazéns consumidos pelo fogo. VOCÊ JÁ SE JUNTOU AOS VOLUNTÁRIOS DO POVO? Não havia prédios residenciais naquela área e a rua estava vazia, mais ninguém andando sob o céu incolor. Nós podíamos ser os dois últimos sobreviventes da guerra, os dois últimos defensores da cidade, com apenas a minha faca roubada e os punhos supostamente rápidos de Kolya para rechaçar os fascistas.

— O Mercado é nossa melhor chance — disse Kolya. — Estive lá uns meses atrás. Eles ainda tinham manteiga e queijo, talvez um pouco de caviar.

— Então como é que os homens do coronel não conseguiram encontrar ovos?

— É o mercado negro. Metade das coisas é roubada. Há pessoas negociando seus cartões de racionamento, todo tipo de delitos. Eles não vendem nada para alguém de uniforme. Especialmente não para um uniforme da NKVD.

Parecia um argumento razoável. Kolya assobiou alguma canção sem melodia que tinha inventado e fomos para o sul, na direção do Mercado. As coisas estavam melhorando. A execução não era iminente. Eu tinha mais comida em meu estômago do que tive durante semanas, e o chá preto forte

forneceu uma energia adicional. Eu sentia minhas pernas fortes o bastante para me levarem a qualquer lugar aonde eu precisasse ir. Alguém, em algum lugar, teria uma dúzia de ovos, e no fim nós os encontraríamos. Enquanto isso, desfrutei de uma fantasia vívida da filha do coronel patinando nua sobre o Neva, o traseiro pálido brilhando ao sol.

Kolya bateu nas minhas costas e me deu um sorriso malicioso, como se meu crânio fosse de vidro e ele tivesse enxergado o lado de dentro.

— Uma garota admirável, não era? Você gostaria de dar uma provada?

Não disse nada, mas Kolya parecia ter muita experiência em manter conversas unilaterais.

— O segredo para conquistar uma mulher é a negligência calculada.

— O quê?

— Ushakovo. — É uma passagem de *O sabujo no pátio*. Ah, espere, você nunca leu *O sabujo no pátio*. — Kolya suspirou, aborrecido por minha ignorância. — Seu pai era um membro dos homens letrados e deixou você iletrado. Que triste.

— Por que você não para de falar no meu pai?

— Radchenko, o protagonista, é um grande amante. As pessoas de toda Moscou vão procurá-lo para aconselhamento sobre como cortejar. Ele nunca sai da cama, fica lá deitado, bebendo chá...

— Como Oblomov.

— Não é nada como Oblomov. Por que todo mundo sempre diz “Como Oblomov”?

— Porque parece exatamente como Oblomov.

Kolya parou de andar e olhou para mim. Era uma cabeça mais alto e duas vezes mais largo nos ombros, e assomava sobre mim agora, com olhos ameaçadores.

— Todo idiota da universidade sabe que Goncharov não chegou a ser a metade do escritor que Ushakovo foi. Oblomov não é nada. Oblomov é uma aula de moralidade para a burguesia, uma historinha que fazemos as crianças ler para que não fiquem preguiçosas. Agora, Radchenko... Radchenko é um dos grandes heróis da linguagem. Ele, Raskolnikov, Bezukhov e, não sei, talvez Chichikov.

— Você está cuspiendo em mim.

— Bom, você merece isso.

Continuei andando para o sul e Kolya, irritado, logo começou a andar a passos largos. O destino tinha nos colocado juntos, isso não se discutia. Até a quinta-feira, estávamos unidos.

Do outro lado do rio Neva, congelado e salpicado de neve, o anjo dourado ainda estava sentado sobre o pináculo dourado da Catedral de Pedro e Paulo, embora as pessoas dissessem que a Wehrmacht tinha prometido uma Cruz de Ferro para o artilheiro que o derrubasse. Kolya apontou para o Lado Petrogrado com o queixo.

— Eu estava servindo na fortaleza quando o zoológico foi bombardeado.

— Ouvi dizer que houve babuínos correndo soltos pela cidade, e um tigre siberiano...

— Isso é um conto de fadas — disse ele. — Nenhum deles fugiu.

— Talvez alguns tenham. Como você sabe?

— Nenhum deles fugiu. Se você quer uma versão adocicada para ajudar a dormir, vá em frente, mas é mentira. — Ele cuspiu no chão. — Os alemães queimaram tudo até o chão. Betty, a elefanta... Eu adorava aquela elefanta. Sempre ia vê-la quando era criança. O jeito que ela se lavava, chupando a água com a tromba e jogando sobre si mesma como se fosse um chuveiro... Era graciosa. Não é o que se pensaria, ela era tão enorme, mas era muito graciosa.

— Ela morreu?

— O que eu acabei de dizer? Todos eles morreram. Mas Betty levou muitas horas para morrer. O jeito que ela gemia... Eu estava de guarda e tudo o que queria era correr até lá e dar um tiro no coração dela. Para acabar com aquilo. Ninguém quer ouvir um elefante morrendo.

Era uma longa caminhada até o Mercado, talvez seis quilômetros, atravessando a ponte Liteini, passando pelos Jardins de Verão onde os olmos e carvalhos tinham sido cortados com machados, passando pelo Templo do Salvador sobre o Sangue, com sua fachada de ladrilhos esmaltados, erguido no local onde Hriniewiecki explodiu a si mesmo e ao imperador. Quanto mais para o sul nós andávamos, mais movimentadas ficavam as ruas; todo mundo com três camadas de roupas, inclinados para a frente contra o vento, os rostos contraídos, debilitados e pálidos pela falta de ferro. Na avenida Nevski todas as lojas tinham fechado há meses. Vimos duas mulheres de uns sessenta anos caminhando muito juntas, os ombros encostados, olhos sobre a calçada

procurando o trecho coberto de gelo que poderia matá-las. Um homem com um magnífico bigode de pontas caídas carregava um balde branco cheio de pregos escuros. Um garoto, de não mais de doze anos, puxava um trenó com um pedaço de corda. Um pequeno corpo embrulhado em cobertores estava deitado no trenó, um pé nu e lívido arrastando-se sobre a neve acumulada. Obstáculos em forma de dentes espalhavam-se pela rua, blocos de concreto reforçado dispostos em fileiras para atraparalhar o movimento dos tanques inimigos. Um aviso impresso em uma das paredes dizia ATENÇÃO! ESTE LADO DA RUA É O MAIS PERIGOSO DURANTE O BOMBARDEIO.

Antes da guerra, a Nevski era o coração da cidade, construída para rivalizar com os grandes passeios públicos de Londres e Paris, com quiosques nas calçadas vendendo cerejas e chocolates, os velhos de avental atrás do balcão em Eliseiev fatiando esturjão defumado e zibelina, o relógio da torre da prefeitura erguendo-se acima de todo o clamor, avisando a todos como estavam atrasados para os próximos compromissos. Packards negros passavam rapidamente, as buzinas tocando, levando membros do Partido de uma reunião para outra. Mesmo que você não tivesse dinheiro para comprar qualquer coisa e nenhum lugar importante para ir, a Nevski era sempre um bom lugar para caminhar. Em junho o sol não se punha antes da meia-noite e ninguém queria desperdiçar a iluminação. A gente podia ver as garotas mais lindas de Piter olhando as vitrines das lojas caras, os olhos avaliando os últimos modelos de vestido à venda, estudando o corte para poder fazê-los em casa se conseguissem surrupiar material suficiente do trabalho. Mesmo se você nunca dissesse nada a essas garotas, mesmo que só as olhasse de longe...

— Você é virgem, não é? — disse Kolya, interrompendo os meus pensamentos com um misterioso senso de tempo que me assustou.

— Eu? — perguntei estupidamente. — Sobre o que você está falando?

— Estou falando sobre o fato de você nunca ter tido sexo com uma garota.

Sabe, às vezes não faz sentido mentir; o jogo está perdido antes de começar.

— O que você tem com isso?

— Escute, Lev, que tal tentarmos ser amigos? O que você acha? Se vamos ficar juntos até acharmos esses ovos, poderíamos começar a nos entender, certo? Ora, você parece ser um rapaz interessante, um pouco

genioso, um pouco mal-humorado à maneira judia, mas eu gosto de você. E se você não for tão resistente o tempo todo, eu provavelmente posso lhe ensinar uma ou duas coisas.

— Sobre garotas?

— Sobre garotas, sim. Sobre literatura. Sobre xadrez.

— Quantos anos você tem, dezenove? Como é que você sempre fala como se fosse um grande especialista em tudo?

— Tenho vinte. E não sou especialista em tudo. Apenas em garotas, literatura e xadrez.

— Só isso.

— Mm. E dança. Sou um excelente dançarino.

— O que você quer apostar em um jogo de xadrez?

Kolya olhou para mim e sorriu. Soltou o ar dos pulmões, o hálito em uma pequena nuvem de vapor subindo acima da cabeça.

— Fico com aquela sua faca alemã.

— E o que eu ganho?

— Você não ganha nada. Você não vai ganhar.

— Mas digamos que eu ganhe.

— Eu talvez tenha mais uns cem gramas daquela salsicha...

— Cem gramas de salsicha pela faca de um piloto alemão? De jeito nenhum.

— Tenho algumas fotografias...

— Que tipo de fotografias?

— Fotografias de garotas. Garotas francesas. Você aprenderia as coisas que precisa aprender.

Fotografias de garotas francesas eram o tipo de prêmio pelo qual valia a pena jogar. Eu não estava preocupado em perder a faca. Havia muitas pessoas em Piter que me derrotariam no xadrez, mas eu conhecia todas elas. Meu pai fora o campeão da cidade quando ainda estava na universidade; ele costumava me levar com ele às quintas-feiras e aos domingos ao Clube de Xadrez Spartak no Palácio dos Pioneiros. Quando eu tinha seis anos, o treinador do clube declarou que eu tinha talento. Durante muitos anos fui um dos jovens jogadores mais bem classificados, ganhando pequenas fitas e medalhas em torneios por toda a província de Leningrado. Isso fazia com que meu pai se orgulhasse, embora fosse boêmio demais para reconhecer que se importava com competições, e nunca me deixasse exhibir meus prêmios em

nosso apartamento.

Quando fiz catorze anos, abandonei o clube. Eu descobrira que era um bom jogador, mas nunca seria um dos melhores. Amigos meus do Spartak, que eu havia constantemente derrotado quando éramos mais jovens, tinham me deixado muito para trás, avançando a um nível que eu não podia chegar, não importando de quantos jogos participasse, quantos livros lesse, em quantas estratégias de finalização pensasse à noite. Eu era como um pianista bem treinado que sabe quais notas tocar, mas não consegue criar sua própria música. Um jogador brilhante entende o jogo de uma forma que não consegue realmente enunciar; ele analisa o tabuleiro e sabe como melhorar sua posição antes que possa planejar uma explicação para o movimento. Eu não tinha o instinto. Sair do clube desapontou meu pai, mas eu não fiquei triste. O xadrez tornou-se muito mais divertido a partir do momento em que não precisei mais me preocupar com a minha classificação na cidade.

Kolya parou no Kvissisana Café e olhou através de uma vitrine coberta por cruces de fita adesiva. O restaurante estava vazio, todas as mesas tinham sido retiradas, nada além do piso de linóleo e uma lousa na parede que ainda listava os pratos especiais do mês de agosto.

— Certa vez eu trouxe uma garota aqui. As melhores costeletas de carneiro da cidade.

— E então você a levou para casa e fez amor com ela? — disse eu, com profundo sarcasmo mas no mesmo instante temendo que ele tivesse feito exatamente aquilo.

— Não — disse Kolya, olhando seu reflexo na vitrine e penteando um tufo de cabelo loiro de volta para dentro do chapéu. — Nós fizemos amor antes do jantar. Depois do jantar tomamos um drinque no Europa. Ela era louca por mim, mas eu gostava mais de uma amiga dela.

— Então por que não levou a amiga para jantar?

Kolya sorriu, o sorriso bondoso de um superior para o seu simples subordinado.

— Negligência calculada. Você tem muito o que aprender.

Continuamos seguindo pela Nevski. Era uma da tarde, mas o sol de inverno já estava baixo no céu oriental, nossas sombras ficando cada vez mais compridas na nossa frente.

— Então vamos começar devagar — disse ele. — Vamos começar com o básico. Existe alguma garota de quem você goste?

— Ninguém em especial.

— Quem disse que ela tem que ser especial? Você é virgem, precisa de coxas quentes e um coração pulsando, e não de Tamara Karsavina.

— Tem uma garota chamada Vera que mora no meu prédio. Mas ela gosta de outra pessoa.

— Ótimo. Primeiro passo: não vamos nos preocupar com a outra pessoa. Vamos nos preocupar com Vera. O que há de especial sobre ela? Por que você gosta dela?

— Não sei. Ela mora no meu prédio.

— Isso já é alguma coisa. Algo mais?

— Ela toca violoncelo.

— Um lindo instrumento. Qual é a cor dos olhos dela?

— Não sei.

— Você não gosta dessa garota. Se não sabe a cor dos olhos dela, você não gosta dela.

— Eu gosto dela, mas ela só se importa com Grisha Antokolsky, então de que adianta?

— Muito bem — disse Kolya, muito paciente com seu melancólico protegido —, você acha que gosta dela porque ela não gosta de você. É bastante compreensível, mas vou lhe dizer uma coisa: você não gosta dela. Vamos esquecer essa Vera.

Esquecer Vera parecia ser algo não muito difícil. Eu havia passado os últimos três anos tentando imaginá-la nua, mas apenas porque ela morava dois andares abaixo de mim, e, uma vez, na piscina do centro comunitário da juventude, eu havia visto seus mamilos quando as alças do maiô caíram. Se não fosse pela queda apavorada de Vera perto do portão do Kirov, eu não estaria perambulando pelas ruas de Piter procurando ovos com um desertor lunático. Ela não olhou para trás quando os soldados me agarraram. Ela provavelmente estava se agarrando com Grisha em um dos corredores escuros do Kirov enquanto eu estava trancado na cela das Cruzes.

— A filha do coronel é bonita. Eu gosto dela.

Kolya olhou para mim, divertindo-se.

— É, a filha do coronel é bonita. Eu gosto do seu otimismo. Mas aquela não é para você.

— Também não é para você.

— Talvez você se engane a esse respeito. Se tivesse visto o olhar que

ela me deu.

Passamos por um grupo de garotos com escadinhas e baldes que estavam ocupados cobrindo com cal as placas de rua e os números dos prédios. Kolya parou e olhou fixamente para eles.

— Ei! — gritou ele para o garoto que estava mais próximo, que usava tantas camadas de lã que se poderia pensar que ele era gordo, a menos que se visse a pele retorcida em seu rosto, os olhos brilhantes e negros sobre olheiras tão profundas quanto as de um homem velho. Poucas crianças tão novas tinham sobrado na cidade; a maioria delas tinha sido evacuada em setembro. Aquelas que haviam ficado tendiam a ser muito pobres, muitas delas órfãs de guerra sem família no leste.

— O que diabos você está fazendo? — perguntou Kolya. Ele se virou para mim, perplexo com aquele desrespeito. — Esses bastardinhos estão vandalizando a avenida. Ei! Garoto!

— Vem chupar a minha rola — disse o garoto de olhos negros, passando cal sobre o número na porta de uma relojoaria.

Até mesmo Kolya pareceu surpreso por aquela resposta. Ele se aproximou do garoto, pegou-o pelos ombros e o virou de frente para si.

— Você está falando com um soldado do Exército Vermelho, garoto.

— Kolya — eu quis intervir.

— Vocês acham que é o momento certo para vocês fazerem esse tipo de brincadeira? Você e seus amiguinhos ciganos querem sair por aí...

— É melhor tirar as mãos de mim — disse o garoto.

— Agora você está me ameaçando? Eu estive atirando nos alemães nos últimos quatro meses e agora você quer me ameaçar?

— Kolya — repeti, desta vez mais alto. — Eles receberam ordens para fazer isso. Se os alemães entrarem na cidade, eles não vão saber para onde estão indo.

Kolya olhou do garoto de olhos negros para as placas de rua caiadas, e em seguida para mim.

— Como você sabe disso?

— Porque eu estava fazendo isso dois dias atrás.

Kolya soltou o garoto, que olhou furioso para ele por um momento antes de retomar o que estava fazendo.

— Ora, é uma boa ideia — disse Kolya, e continuamos andando na direção do Mercado.

5

Se você quisesse vender, comprar ou trocar alguma coisa, ia até o Mercado. Antes da guerra, as barracas de rua eram consideradas a avenida Nevski dos pobres. Depois que o bloqueio começou, quando as lojas elegantes foram fechando uma a uma, quando os restaurantes colocaram correntes em suas portas e os açougueiros não tinham mais carne em suas geladeiras, o Mercado prosperou. As mulheres dos generais trocavam seus colares de âmbar por sacas de farinha de trigo. Membros do Partido regateavam com camponeses que tinham saído furtivamente do campo, discutindo sobre quantas batatas poderiam ser compradas com um faqueiro de prata antigo. Se as negociações se estendessem por muito tempo, os camponeses abanavam as mãos em um gesto de desprezo e davam as costas ao pessoal da cidade. “Então come o seu faqueiro”, diziam, dando de ombros. Eles quase sempre conseguiam o preço que estavam pedindo.

Nós andamos de barraca em barraca, olhando as pilhas de botas de couro, algumas ainda ensanguentadas dos pés de seus antigos donos. Fuzis e pistolas Tokarev eram baratos, facilmente comprados por uns poucos rublos ou duzentos gramas de pão. Lugers e granadas eram mais caras, mas disponíveis se você pedisse para a pessoa certa. Uma das barracas vendia copos de lama por cem rublos cada — Lama de Badayev, como era chamada, tirada do solo embaixo do armazém de alimentos bombardeado e cheia de açúcar queimado.

Kolya parou em uma barraca onde um homem magro e curvado, com um tapa-olho e um cachimbo apagado na boca, vendia garrafas sem rótulo de uma bebida transparente.

— O que é isso? — perguntou Kolya.

— Vodca.

— Vodca? Feita do quê?

— Madeira.

— Isso não é vodca, amigo. Isso é álcool metílico.

— Você quer ou não quer?

— Não é para isso que estamos aqui — eu disse a Kolya, que me ignorou.

— Esse troço pode deixar um homem cego — disse ele ao dono da barraca.

O homem caolho balançou a cabeça, aborrecido com a ignorância, mas decidido a fazer um mínimo de esforço para fazer uma venda.

— A gente filtra em linho — disse ele. — Sete camadas. Depois disso, está seguro.

— Parece ser um elixir dos deuses — disse Kolya. — Você deveria chamar a bebida de Pecado das Sete Camadas. É um bom nome para uma bebida.

— Você quer?

— Levo uma garrafa se você beber um pouco comigo.

— Ainda é muito cedo para mim.

Kolya deu de ombros.

— Quando você tomar um trago, eu compro a garrafa. Caso contrário, o que posso dizer? A guerra me transformou em um cético.

— Duzentos rublos a garrafa.

— Cem. Vamos beber.

— O que você está fazendo? — perguntei-lhe, mas ele sequer olhou para mim.

O caolho colocou seu cachimbo frio sobre a mesa, achou uma xícara de chá e procurou um pedaço de pano pela barraca.

— Tome — disse Kolya, estendendo-lhe um lenço branco. — Está limpo. Razoavelmente.

Observamos o homem dobrar o lenço três vezes e ajeitá-lo sobre o copo de chá. Ele derramou o líquido lentamente. Mesmo ali fora, com o vento soprando forte, aquela coisa cheirava a veneno, como um produto de limpeza usado para limpar o chão de uma fábrica. O caolho colocou o lenço de lado, que agora estava salpicado por um resíduo pastoso. Ele ergueu o copo, deu um gole e colocou-o de volta sobre a mesa, a expressão do rosto inalterada.

Kolya verificou o nível de líquido no copo, certificando-se de que o vendedor tinha realmente tomado um gole. Satisfeito, ele pegou o copo e bateu continência para nós.

— Para a Mãe Rússia! — Tomou o álcool de madeira de um só trago, colocou o copo sobre a mesa ruidosamente, enxugou a boca com as costas da mão e teve uma ânsia de vômito. Agarrou o meu ombro, tentando se segurar,

os olhos arregalados e lacrimejantes. — Você quer me matar — disse ele, mal conseguindo fazer as palavras saírem da boca, apontando um dedo acusador para o homem caolho.

— Eu não mandei beber depressa — replicou ele, indiferente, colocando o cachimbo de volta na boca. — Cem rublos.

— Lev... Lev, você está aqui? — O rosto de Kolya tinha se virado para mim, mas seus olhos não estavam focados, olhando praticamente atrás de mim.

— Muito engraçado.

Kolya sorriu e endireitou o corpo.

— Não dá para enganar um judeu, eu deveria saber. Muito bem, dê o dinheiro ao homem.

— O quê?

— Vamos — disse ele, indicando o vendedor com um gesto. — Dê o dinheiro ao homem.

— Eu não tenho dinheiro.

— Não tente me enganar, rapaz! — berrou Kolya, agarrando a gola de meu casaco e me sacudindo até eu sentir meus ossos chacoalharem. — Eu sou um soldado do Exército Vermelho e não vou tolerar roubos!

Ele me soltou abruptamente, enfiando as mãos nos bolsos de meu casaco, tirando pedaços de papel, um pedaço de barbante e pano, nada que se assemelhasse a dinheiro. Kolya suspirou e voltou-se para o vendedor.

— Ao que parece, nós não temos dinheiro. Receio que teremos que cancelar a transação.

— Você acha que por ser soldado — disse o caolho, abrindo o casaco para nos mostrar o cabo de uma adaga finlandesa — eu não vou retalhar você?

— Eu já tenho veneno na minha barriga. Então por que você não tenta?

Kolya sorriu para o homem e esperou uma resposta. Não havia nada por trás dos olhos azuis de Kolya, nem medo, nem raiva, nem empolgação sobre a possibilidade de uma luta — nada. Aquilo, segundo vim a aprender, era o dom dele: o perigo o acalmava. Ao seu redor as pessoas lidavam com o terror das maneiras de sempre: estoicismo, histeria, falsa jovialidade, ou alguma combinação dessas três coisas. Mas acho que Kolya nunca acreditou completamente nisso. Tudo que fosse relacionado à guerra era ridículo: a

crueldade dos alemães, a propaganda do Partido, o fogo cruzado das balas incendiárias que iluminavam o céu noturno. Tudo lhe parecia a história de uma outra pessoa, uma história surpreendentemente detalhada na qual ele havia tropeçado e da qual não podia mais escapar.

— Saiam daqui ou eu corto fora os lábios de vocês — disse o caolho, mascando o talo de seu cachimbo apagado, a mão no punho da adaga. Kolya bateu continência e marchou para a barraca seguinte, descontraído e despreocupado como se toda a transação tivesse sido honesta e simples. Eu o seguia de perto, o coração batendo forte dentro do meu tórax.

— Vamos achar os ovos — eu disse. — Por que você tem que andar por aí provocando as pessoas?

— Eu precisava de um trago, tomei um trago, agora me sinto vivo novamente. — Respirou fundo e exalou através dos lábios fechados em bico, olhando o vapor subir pelo ar. — Nós dois íamos morrer ontem à noite. Você entende isso? Você entende a sorte que temos? Então aproveite.

Parei em uma barraca onde uma velha camponesa usando um cachecol cobrindo-lhe a cabeça vendia torrinhas feitas com uma carne pardacenta. Kolya e eu olhamos para a carne. Parecia razoavelmente fresca, brilhando de gordura, mas nenhum de nós queria saber de que tipo de animal fora tirada.

— A senhora tem ovos? — perguntei à mulher.

— Ovos? — perguntou ela, inclinando-se para a frente para ouvir melhor. — Não, desde setembro.

— Precisamos de uma dúzia — disse Kolya. — Podemos pagar um bom dinheiro.

— Vocês podem pagar até um milhão de rublos — disse ela. — Não tem ovos. Não em Piter.

— Onde?

Ela deu de ombros, linhas vincando seu rosto de maneira tão profunda que pareciam entalhadas.

— Eu tenho carne. Se querem carne, duas tortinhas por trezentos. Não tenho ovos.

Fomos de barraca em barraca, perguntando a todos se tinham ovos, mas ninguém via nenhum ovo desde setembro. Umas poucas pessoas tinham teorias sobre onde eles poderiam ser encontrados. Oficiais de alta patente do exército tinham mandado vir de Moscou; fazendeiros fora da cidade

entregaram ovos aos alemães, junto com manteiga e leite fresco, em troca de suas vidas; um velho que morava perto do Arco de Narva criava galinhas em um viveiro no telhado. Este último boato parecia obviamente absurdo, mas o garoto que nos contou insistiu que era verdade.

— Você mata uma galinha, talvez ela dure uma semana. Mas se você fica com ela viva, bom, um ovo por dia, junto com a ração, isso vai fazer você durar até o verão.

— Você tem que alimentar a galinha — disse Kolya. — Quem é que tem comida para dar para galinha?

O garoto, o cabelo preto encaracolado escapando de dentro de um velho boné da Marinha Imperial, balançou a cabeça como se aquela fosse uma pergunta muito tola.

— Galinhas comem qualquer coisa. Uma colherada de serragem é tudo de que elas precisam.

O garoto vendia o que as pessoas chamavam de “doce de biblioteca”, que era feito arrancando-se as capas dos livros, raspando a cola usada para a encadernação, que era fervida e reconstituída na forma de barras que podiam ser embrulhadas. Aquela coisa tinha gosto de cera, mas havia proteína na cola, proteína que mantinha as pessoas vivas, e os livros da cidade estavam desaparecendo da mesma forma que os pombos.

— Meu irmão viu. A noite, o velho dorme no galinheiro com uma espingarda. Todo mundo no prédio quer aquelas galinhas.

Kolya olhou para mim de relance e balancei a cabeça. Todos nós ouvíamos, por dia, pelo menos dez histórias fantásticas e diferentes sobre o cerco, histórias de câmaras frigoríficas secretas, cheias de filés congelados, ou de despensas abarrotadas de latas de caviar e salsichas de vitela. Era sempre o irmão ou o primo de alguém que tinha visto o tesouro. As pessoas acreditavam nas histórias porque isso combinava com a sua convicção de que alguém, em algum lugar, estava se banquetecendo enquanto o resto da cidade passava fome. E elas estavam certas, é claro — a filha do coronel talvez não estivesse comendo ganso assado no jantar, mas estava jantando.

— O velho não pode ficar no galinheiro o tempo todo — eu disse ao garoto. — Ele tem que pegar sua ração. Ele tem que pegar água e usar o banheiro. Alguém já teria pego as galinhas meses atrás.

— Ele mija de cima do telhado. Quando está saindo pelo outro lado, aí eu não sei, talvez seja isso que ele esteja dando para as galinhas comerem.

Kolya assentiu, impressionado pela esperteza do velho para manter as aves vivas, embora eu estivesse convencido de que o garoto estava inventando aquilo no momento em que falava.

— Quando foi a última vez que você cagou? — Kolya me perguntou abruptamente.

— Não sei. Uma semana atrás?

— Para mim faz nove dias. Estive contando. Nove dias! Quando finalmente acontecer, vou dar uma grande festa e vou convidar as garotas mais bonitas da universidade.

— Convide a filha do coronel.

— Eu vou convidar, sem dúvida. A minha festa da cagada será muito melhor do que esse casamento que ela está planejando.

— O novo tipo de pão que eles estão dando na ração machuca quando sai — disse o garoto de cabelo encaracolado. — O meu pai diz que é a celulose que eles estão colocando na receita.

— Onde mora o velho com as galinhas?

— Eu não sei o endereço. Se andarem na direção da avenida Stachek saindo do Arco de Narva, vocês passam pelo prédio dele. Tem um pôster enorme do Zdanov na parede.

— Tem um pôster do Zdanov em metade dos prédios de Piter — disse eu, um pouco irritado. — Vamos andar mais três quilômetros para procurar um bando de galinhas que não existem?

— O garoto não está mentindo — disse Kolya, dando um tapinha no ombro do menino. — Se estiver, a gente volta aqui e quebra os dedos dele. Ele sabe que somos da NKVD.

— Vocês não são da NKVD — disse o garoto.

Kolya tirou a carta do coronel do bolso de seu casaco e bateu na bochecha do menino com ela.

— Esta é uma carta de um coronel da NKVD autorizando-nos a encontrar ovos. O que acha disso?

— E vocês têm uma do Stalin dando autorização para limparem a bunda?

— Primeiro ele vai ter que me dar autorização para cagar.

Não fiquei por perto tempo suficiente para descobrir como terminou a conversa. Se Kolya queria andar pela cidade inteira procurando as fabulosas galinhas, isso era problema dele, mas a noite estava se aproximando e eu

queria ir para casa. Fazia trinta e poucas horas que eu não dormia. Eu me virei e comecei a andar na direção da minha casa, na direção do Kirov, tentando me lembrar de quanto pão eu havia escondido embaixo daquele azulejo solto na cozinha. Talvez Vera tivesse alguma coisa para mim. Ela estava em dívida comigo depois de ter fugido daquele jeito, sem nem olhar para trás, apesar de eu tê-la salvado. Ocorreu-me que Vera e os outros devem ter pensado que eu estava morto. Fiquei me perguntando como ela reagira, se tinha chorado, escondendo o rosto no peito de Grisha enquanto ele a consolava, ou talvez repudiando-o, com raiva, porque Grisha tinha fugido, abandonando-a, enquanto eu ficava para trás e a salvava da execução certa. E Grisha diria, “Eu sei, eu sei, sou um covarde, me perdoa”, e ela iria perdoá-lo, porque Vera perdoava qualquer coisa de Grisha, e ele enxugaria as lágrimas dela, e eles diriam que nunca me esqueceriam, nunca esqueceriam meu sacrifício. Mas é claro que esqueceriam — dentro de um ano eles nem se lembrariam mais do meu rosto.

— Você aí. É você que está procurando ovos?

Obcecado por minha lamentável fantasia, precisei de um momento para perceber que a pergunta era dirigida a mim. Virei-me e vi um gigante barbudo me olhando, braços cruzados sobre o peito, balançando para a frente e para trás sobre os saltos das botas. Ele era o maior homem que eu já tinha visto, muito mais alto do que Kolya e com o peitoral duas vezes maior. Suas mãos nuas pareciam grandes o bastante para esmagar o meu crânio como se fosse uma casca de noz. A barba era espessa e negra, e brilhava como se tivesse sido untada com óleo. Fiquei pensando em quanta comida um homem daquele tamanho precisava comer por dia, como era possível ele manter a carne naquele esqueleto enorme.

— Você tem ovos? — perguntei, piscando para ele.

— O que você tem para mim?

— Dinheiro. Temos dinheiro. Espere, vou buscar o meu amigo.

Atravessei o Mercado correndo. Pela primeira vez desde que o conhecera, fiquei feliz por ver a cabeça loira de Kolya. Ele ainda estava fazendo brincadeiras com o garoto do cabelo cacheado, provavelmente descrevendo seu sonho de uma cagada gloriosa.

— Ah, aí está ele! — gritou ao me ver. — Pensei que tivesse fugido sem mim.

— Achei um homem que diz que tem ovos.

— Excelente! — Kolya voltou-se para o garoto. — Filho, foi um enorme prazer.

Atravessamos de volta o caminho que eu tinha percorrido, passando pelas barracas que agora fechavam para a noite. Kolya me passou um doce de biblioteca embrulhado.

— Tome, meu amigo. Esta noite vamos festejar.

— O garoto deu para você?

— Deu para mim? Ele vendeu para mim.

— Por quanto?

— Cem rublos pelos dois doces.

— Cem! — Olhei zangado para Kolya enquanto ele desembulhava sua barra e dava uma mordida, fazendo uma careta diante do sabor. — Então sobraram trezentos?

— Correto. Aritmética impressionante.

— Esse dinheiro é para os ovos.

— Bom, não podemos sair por aí caçando ovos sem ter alguma coisa para nos manter em pé.

O homem barbudo estava nos esperando na entrada do Mercado, os braços ainda cruzados. Ele avaliou Kolya quando nos aproximamos, medindo-o da maneira que um boxeador faz com seu oponente.

— São só vocês?

— De quantos você precisa? — perguntou Kolya, sorrindo para o gigante. — Fiquei sabendo que você vende ovos.

— Eu vendo de tudo. O que você tem para mim?

— Temos dinheiro — disse eu, com uma razoável certeza de que aquilo já fora dito.

— Por quanto?

— O bastante — disse Kolya. — Precisamos de uma dúzia.

O barbudo assobiou.

— Vocês têm sorte. Eu só tenho doze.

— Está vendo — disse Kolya, segurando o meu ombro. — Não foi tão difícil.

— Venham comigo — disse o gigante, atravessando a rua.

— Aonde estamos indo? — perguntei enquanto o seguíamos.

— Eu guardo tudo lá dentro. Não é seguro aqui fora. Os soldados passam de vez em quando, roubam tudo o que querem, e se alguém diz

alguma coisa, eles atiram.

— Bom, os soldados estão lá fora defendendo a cidade — disse Kolya. — Eles não podem lutar se estiverem morrendo de fome.

O gigante olhou para o casaco do exército de Kolya, e para suas botas.

— Por que você não está defendendo a cidade?

— Estou em uma missão para um certo coronel. Nada com que você precise se preocupar.

— Esse coronel mandou você e o garoto em uma missão atrás de uns ovos, é isso? — O gigante sorriu, olhando-nos de cima. Seus dentes brilharam como dados sem marcas cercados pela barba escura. Ele não acreditava em Kolya, é claro. Quem acreditaria?

Andamos ao lado do canal Fontanka, que estava congelado, o gelo coberto de cadáveres abandonados, alguns cobertos com mortalhas presas com pedras, outros tiveram suas roupas quentes arrancadas, os rostos lívidos olhando para o céu que escurecia. O vento estava começando a despertar para a noite, e eu fiquei olhando o longo cabelo loiro de uma mulher morta cobri-lhe o rosto. Ela deve ter tido orgulho daquele cabelo, devia lavá-lo duas vezes por semana, escovava-o durante vinte minutos antes de ir dormir. Agora o cabelo estava tentando protegê-la, cobrindo a decomposição dela dos olhos de estranhos.

O gigante nos levou a um prédio de tijolos de cinco andares, com todas as janelas cobertas com madeira compensada. Um enorme cartaz, de dois andares de altura, retratava uma jovem mãe carregando seu filho morto para fora de um prédio em chamas, MORTE AOS ASSASSINOS DE CRIANÇAS! era o que dizia o texto. Depois de pescar a chave no bolso do casaco, o gigante destrancou a porta da frente e segurou-a aberta para nós. Eu agarrei a manga de Kolya antes que ele pudesse entrar.

— Por que você não traz os ovos aqui embaixo? — perguntei ao gigante.

— Eu ainda estou vivo porque sei como administrar meus negócios. E não faço negócios na rua.

Eu podia sentir o meu escroto encolhendo, minhas tímidas bolas aproximando-se do meu corpo. Mas eu era nascido e criado em Piter, não era bobo, e tentei manter minha voz firme enquanto falei.

— E eu não faço negócios em apartamentos de estranhos.

— Cavalheiros, cavalheiros — disse Kolya, com um sorriso largo. —

Não há necessidade de desconfiança. Uma dúzia de ovos. Faça o seu preço.

— Mil.

— Mil rublos? Por uma dúzia de ovos? — Eu ri. — São ovos Fabergé?

O gigante de barba negra, ainda segurando a porta aberta, fuzilou-me com os olhos. Parei de rir.

— Estão vendendo copos com lama lá atrás por cem rublos — ele me disse. — O que é melhor, um ovo ou um copo de lama?

— Escute — disse Kolya —, você pode ficar aqui o dia inteiro pechinchando com o meu amiguinho judeu ou podemos conversar como homens honestos. Nós temos trezentos. É tudo o que temos. Negócio fechado?

O gigante continuava a olhar para mim. Ele não tinha gostado de mim desde o início; agora que sabia que eu era judeu, eu tinha certeza de que ele queria arrancar a pele do meu rosto. Estendeu a mão enorme para Kolya, pedindo o dinheiro.

— Ah, não, agora eu tenho que concordar com o meu companheiro — disse Kolya, balançando a cabeça. — Primeiro os ovos, depois o dinheiro.

— Eu não vou trazê-los aqui para fora. Todo mundo está morto de fome e todo mundo tem uma arma.

— Você é um homem grande demais para estar com medo — provocou Kolya.

O gigante olhou para Kolya com certa curiosidade, como se realmente não acreditasse que estava ouvindo um insulto. Por fim sorriu, exibindo aqueles dentes brancos parecidos com dados.

— Tem um homem caído de cara no chão ali — disse ele, indicando o canal Fontanka com o queixo. — Não foi a fome que pegou ele, não foi o frio. A cabeça dele foi esmagada com um tijolo. Quer me perguntar como eu sei isso?

— Já entendi — disse Kolya, bastante afável. Espiou a escuridão do vestíbulo do prédio. — Bem, pelo menos um tijolo faz um serviço rápido.

Kolya deu um tapinha no meu ombro e entrou.

Tudo o que eu sabia sobre o mundo me dizia para sair correndo. Aquele homem estava nos levando para uma armadilha. Ele havia praticamente acabado de confessar que era um assassino. Kolya havia estupidamente dito a exata quantia de dinheiro que levávamos conosco. Não

era muito, mas trezentos rublos e dois cartões de racionamento — que o gigante deve ter suposto que ainda tínhamos — eram o suficiente para nos tornar alvos naqueles dias.

Mas qual era a alternativa? Voltar para o Arco de Narva e encontrar um velho fictício e seu galinheiro? Estávamos arriscando nossas vidas ao entrar naquele prédio, mas se não achássemos ovos logo, seríamos mortos de qualquer forma.

Segui Kolya. A porta da frente fechou-se atrás de nós. Estava escuro lá dentro, sem eletricidade para as lâmpadas e com apenas as últimas luzes do dia entrando pelas frestas nas madeiras que cobriam as janelas. Ouvi o gigante movendo-se atrás de mim e ajoelhei, pronto a desembainhar minha faca. Ele passou por mim e subiu os degraus, dois por vez. Kolya e eu nos entreolhamos. Quando o Barbanegra estava fora de nosso campo de visão, eu tirei a faca alemã e coloquei-a no bolso do casaco. Kolya ergueu as sobrancelhas, possivelmente impressionado pelo gesto, possivelmente zombando de mim. Subimos os degraus, um degrau por vez, mas ainda assim estávamos ofegantes quando chegamos ao segundo andar.

— Onde você arranja os ovos? — perguntou Kolya, gritando para o gigante, que já estava um andar na nossa frente. A subida não o incomodara. Ele e a filha do coronel eram as pessoas mais saudáveis que eu vira em Piter durante meses. Fiquei me perguntando novamente como ele arrumava tanta energia.

— De um camponês que eu conheço, que trabalha em uma fazenda perto de Mga.

— Pensei que os alemães tivessem tomado Mga.

— E tomaram. Os alemães gostam de ovos também. Eles aparecem todo dia e pegam tudo o que podem, mas meu amigo esconde alguns. Não pode esconder muitos, ou eles percebem.

O gigante parou no quarto andar e bateu na porta de um apartamento.

— Quem é?

— Sou eu — disse ele. — Com uns fregueses.

Ouvimos um ferrolho deslizar e a porta se abriu. Uma mulher usando um chapéu de pele masculino e um avental ensanguentado de açougueiro piscou para Kolya e para mim, limpando o nariz com as costas de uma das mãos enluvadas.

— O que eu estava me perguntando — disse Kolya — é como você

evita que os ovos congelem. Porque receio que ovos congelados não nos sirvam para nada.

A mulher olhou para Kolya como se ele estivesse falando japonês.

— A gente coloca eles perto do samovar — disse o gigante. — Vamos, vamos acabar logo com isso.

Fez um gesto para entrarmos no apartamento. A mulher silenciosa chegou para o lado para que passássemos, e Kolya entrou, despreocupado, olhando ao seu redor com um sorriso, como se tivesse sido convidado para entrar na casa de uma nova namorada. Esperei na porta até que o gigante colocou a mão em meu ombro. Ele não me empurrou exatamente, mas com a mão daquele tamanho o efeito foi o mesmo.

Lampiões iluminavam o apartamento pequeno, e nossas sombras compridas arrastavam-se pelas paredes, sobre os tapetes puídos no chão, o samovar de metal em um canto, e um lençol branco pendurado no lado mais afastado da sala — servindo de divisória para uma área de dormir, foi a minha suposição. Quando o gigante fechou a porta, o lençol movimentou-se como o vestido de uma mulher ao vento. No instante antes que ele se acomodasse novamente eu vi o que estava por trás dele — não era uma cama, nem móveis de espécie alguma, apenas pedaços grossos de carne branca pendurados em ganchos, suspensos em um cano de aquecimento por correntes grossas, com um pedaço grande de plástico no chão para recolher o sangue que pingava deles. Talvez por meio segundo eu tenha pensado que era um porco, talvez meu cérebro tivesse tentado convencer os meus olhos de que não estavam vendo aquilo que estavam vendo: uma coxa esfolada que só podia ser uma coxa de mulher, a caixa torácica de uma criança, um braço cortado com a mão sem o dedo anular.

A faca apareceu na minha mão antes que eu percebesse que a queria — alguma coisa moveu-se atrás de mim e virei o corpo e golpeei, gritando, incapaz de formar qualquer palavra, a garganta apertada. O gigante tinha tirado um enorme pedaço de cano de aço de seu casaco; ele se esquivou de mim, muito mais rápido do que um homem daquele tamanho conseguiria, evitando o aço alemão.

A mulher do gigante tirou um cutelo do bolso do avental. Ela também foi rápida, mas Kolya foi o mais rápido dos dois, girando em um dos pés e acertando a mulher com um soco de direita bem no meio do queixo. Ela caiu pesadamente no chão.

— Fuja — disse Kolya.

Eu fugi. Pensei que a porta estaria trancada, mas não estava; pensei que o cano do gigante ia arrebentar o meu crânio, mas não arrebentou; e saí no corredor, descendo a escadaria, praticamente pulando os degraus até chegar ao andar seguinte. Ouvi um grito enorme de pura fúria e o som seco das botas do gigante sobre o assoalho, enquanto ele andava rápido pela sala. Parei segurando o corrimão, sem conseguir recuperar o fôlego, sem vontade de correr ainda mais, incapaz de subir os degraus escuros de volta ao apartamento dos canibais. Ouvi o som terrível de metal arrebentando um crânio ou um pedaço de madeira.

Eu estava traindo Kolya, abandonando-o quando ele estava sem uma arma e eu tinha uma boa faca. Tentei ordenar que meus pés se movessem, que me levassem de volta à batalha, mas eu estava tremendo tanto que não conseguia manter firme a mão que segurava a faca. Mais gritos, e mais sons de cano batendo... Em quê? Pedacos de gesso caíram do teto acima de mim. Eu me agachei nos degraus, certo de que Kolya tinha sido pego, certo de que eu não conseguiria correr rápido o bastante para escapar do gigante — a mulher dele iria me cortar com alguns golpes precisos daquele cutelo pesado, e logo pedacos de mim iam estar pendurados em correntes de aço enquanto as últimas gotas de meu sangue pingavam no plástico.

A gritaria continuou, as paredes tremeram, Kolya ainda não estava morto. Segurei a faca com as duas mãos e coloquei um pé no degrau acima de onde eu estava. Eu poderia entrar escondido no apartamento enquanto o canibal estivesse distraído, podia enfiar a faca nas costas dele — mas a lâmina me pareceu frágil agora, pequena demais para matar gigantes. Seria como uma agulha espetando-o, tiraria um pouquinho de sangue, e ele se viraria, seguraria a minha cabeça e a espremeria até que meus olhos saltassem das órbitas.

Subi mais um degrau, e Kolya saiu do apartamento como uma bala, as botas escorregando no assoalho quase fazendo-o passar do início da escada. Ele desceu correndo os degraus, agarrando o meu colarinho e me carregando com ele.

— Corra, seu tonto! Corra!

Corremos, e todas as vezes em que tropecei ou quase caí em um degrau escorregadio a mão de Kolya estava ali para me segurar. Ouvi a gritaria acima de nós, ouvi aquele corpo monstruosamente pesado descendo

os degraus atrás de nós, mas não olhei para trás e nunca corri tão rápido na vida. No meio de todo aquele terror, os gritos, os passos pesados do gigante e o ranger de nossos próprios passos sobre os degraus, havia uma outra coisa, algo que era estranho. Kolya estava rindo.

Chegamos até a porta da frente do prédio e saímos na rua escura, o céu noturno já riscado pela errante luz dos holofotes. As calçadas estavam vazias; ninguém por perto para nos ajudar. Fomos para o meio da rua, corremos a toda por três quarteirões, olhando sobre os ombros para ver se o gigante ainda estava nos perseguindo, sem conseguir vê-lo, sem nunca diminuir a velocidade. Por fim, avistamos um carro do exército que estava passando e entramos na frente dele, os braços erguidos, forçando o motorista a pisar no freio, os pneus deslizando sobre o calçamento congelado.

— Saiam da rua, seus filhos da puta! — gritou o motorista.

— Camaradas — disse Kolya, as palmas das mãos erguidas, falando calmamente e com sua infinita e singular confiança —, há canibais naquele prédio logo ali. Acabamos de escapar deles.

— Tem canibais em todos os prédios — disse o motorista. — Bem-vindos a Leningrado. Agora saiam da frente.

Uma outra voz dentro do carro disse:

— Espere um momento.

Um oficial desceu. Parecia mais um professor de matemática do que um militar, com o bigode bem aparado e o pescoço frágil.

Ele estudou o uniforme de Kolya e olhou-o nos olhos.

— Por que você não está com o seu regimento? — perguntou ele.

Kolya tirou a carta do coronel do bolso e mostrou-a ao oficial. Eu pude ver a expressão no rosto do homem mudar. Ele assentiu com um movimento da cabeça e fez um gesto para entrarmos no carro.

— Mostrem onde é.

Cinco minutos depois Kolya e eu estávamos de volta ao apartamento dos canibais, desta vez acompanhados por quatro soldados que apontavam seus fuzis para os cantos da sala. Mesmo cercado por homens armados, meu medo quase acabou comigo. Quando vi aquelas costelas de criança penduradas pela corrente, a coxa e o braço, quis fechar os olhos e nunca mais abri-los. Os soldados, que eram durões, acostumados a carregar os cadáveres mutilados de seus camaradas, mesmo eles deram as costas para as correntes que balançavam.

O gigante e a mulher tinham desaparecido. Tinham ido embora deixando tudo para trás, os lampiões acesos, o chá ainda quente no samovar, mas tinham fugido noite adentro. O oficial balançou a cabeça, olhando ao seu redor. Buracos enormes como bocas escancaradas nas paredes mostravam os locais onde o cano de aço havia acertado.

— Vamos colocar os nomes deles na lista, cancelar os cartões de racionamento, tudo isso, mas será muita sorte se conseguirmos pegá-los. Não sobrou muita coisa da polícia.

— Onde ele vai se esconder? — perguntou Kolya. — Ele é o maior desgraçado de Piter.

— Então é melhor que você o veja antes — disse um dos soldados, passando o indicador sobre a borda desgastada de um dos buracos na parede.

6

— Você realmente a derrubou — eu disse a Kolya enquanto andávamos para o norte, passando pela torre do relógio da Estação Vitebsk, a maior de todas as estações ferroviárias de Leningrado, mesmo agora, fazendo quatro meses que não passava nenhum trem e as janelas com vitrais estavam cobertas com placas de madeira.

— Foi um bom murro, não foi? Nunca bati em uma mulher antes, mas me pareceu a coisa certa a fazer.

Foi dessa maneira que resolvemos conversar, bem à vontade, dois jovens discutindo uma luta de boxe. Essa era a única maneira de conversar. Não se podia deixar muita verdade vazar naquilo que se falava, não se podia admitir com a boca aquilo que os olhos tinham visto. Se você abrisse a porta um centímetro, podia sentir o cheiro de podridão lá fora e ouvir os gritos. E não se abria a porta. Era preciso manter a mente focada nas tarefas do dia, a busca por comida, água e alguma coisa para servir de lenha, e guardar o resto para o fim da guerra.

O toque de recolher ainda não havia soado, mas não tínhamos muito tempo. Tínhamos decidido passar a noite no Kirov, onde eu sabia que tinha lenha suficiente para fazer uma fogueira razoável, e uma panela cheia de água do rio para fazer chá. A caminhada não era muito longa, mas agora que meu pânico tinha desaparecido, eu me sentia como um velho, os músculos das pernas doendo pela corrida. O desjejum com o coronel tinha sido ótimo naquele momento, mas também serviu para esticar meu estômago, e a fome tinha voltado. Agora ela estava misturada à náusea, porque eu não conseguia tirar da cabeça a imagem das costelas da criança. Quando mordisquei o doce de biblioteca congelado, pensei que tinha gosto de pele seca, e tive que me forçar a engolir aquela coisa.

Kolya andava com dificuldade ao meu lado, suas pernas tão cansadas quanto as minhas, mas sob o luar ele parecia mais despreocupado do que nunca, livre de quaisquer pensamentos desagradáveis. Talvez sua mente estivesse mais tranquila porque tinha reagido com coragem, com força e determinação, enquanto eu me encolhi na escadaria escura, esperando ser salvo.

— Escuta, acho que eu... eu queria dizer que sinto muito. Eu fugi e sinto muito. Você salvou a minha vida.

— Eu mandei você fugir.

— É, mas... eu devia ter voltado. Eu tinha a faca.

— Você tinha a faca, é verdade. — Kolya riu. — Teria sido realmente muito útil para você. Você devia ter se visto, indo para cima dele. Davi e Golias, rá. Ele estava pronto para comer você cru.

— Eu deixei você sozinho lá. Pensei que eles iam te matar.

— Bom, eles pensaram que iam me matar também. Mas eu te disse que tenho punhos rápidos.

Esmurrou o ar algumas vezes, grunhindo como um boxeador: *huuunnh! huuunnh!*

— Eu não sou um covarde. Sei que pareci um lá atrás, mas não sou.

— Escute aqui, Lev — disse ele, passando o braço ao redor dos meus ombros, forçando-me a acompanhar suas passadas largas. — Você não queria entrar naquele apartamento. Eu é que fui o tonto que insistiu para entrarmos. Então você não me deve desculpas. E não acho que você seja covarde. Qualquer um com um mínimo de sanidade teria fugido.

— Você não fugiu.

— *Quod erat demonstrandum* — disse ele, satisfeito com seu modesto latim.

Eu me senti um pouco melhor em relação a tudo. Kolya *tinha* me mandado fugir. O gigante poderia ter feito um buraco na minha cabeça com a mesma facilidade que uma criança fura uma torta de cerejas com o dedo. Talvez eu não tivesse agido heroicamente, mas também não tinha traído a nação.

— Foi realmente um murro incrível.

— Acho que ela não vai mais mastigar crianças por algum tempo.

Kolya riu daquilo, mas o riso não durou muito tempo. As palavras levaram nossas mentes de volta para aquela carne pálida, o plástico no chão recebendo as gotas... Estávamos vivendo em uma cidade onde as bruxas perambulavam pelas ruas, Baba Yaga e suas irmãs, agarrando crianças e picando-as em pedaços.

Uma sirene soou, aquele lamento comprido e solitário, e em pouco tempo todas as sirenes na cidade faziam eco a seu choro.

— Lá vem o Fritz — disse Kolya, e apressamos o passo, forçando

nossos corpos cansados a andar mais rápido. Podíamos ouvir as bombas caindo ao sul, um ritmo distante de tímpanos, à medida que os alemães começavam o ataque de todas as noites ao Complexo Industrial Kirov, onde metade dos motores de tanques e aviões e armas pesadas da Rússia era construída. A maioria dos homens que trabalhavam lá estava nas linhas de frente agora, mas as mulheres haviam assumido os tornos mecânicos e as prensas, e as fábricas não perderam o ritmo, o carvão sempre queimando nas fornalhas, a fumaça sempre saindo das chaminés de tijolos vermelhos, nunca interrompendo suas atividades, mesmo quando as bombas atravessavam o telhado, mesmo quando garotas mortas tinham que ser retiradas das linhas de montagem, as mãos frias ainda segurando firmemente suas ferramentas.

Passamos rapidamente pelos antigos e elegantes prédios da avenida Vitebsk, com suas fachadas de pedras brancas, cabeças de sátiro com chifres de carneiro, esculpidos no tempo dos imperadores, sorrindo lá de cima dos frontões para nós. Cada um desses prédios tinha um abrigo antibombas no porão; os cidadãos iriam se amontoar ali, dezenas deles aglomerados em torno de uma única lâmpada tremeluzente, esperando o sinal de liberação. Agora os projéteis estavam caindo perto o suficiente para podermos ouvi-los ganindo pelo ar. O som do vento estava mais alto, guinchando através das janelas quebradas dos apartamentos abandonados, como se Deus e os alemães estivessem conspirando para derrubar a nossa cidade.

— Nas linhas de frente, a gente aprende a ter uma boa noção de onde os projéteis vão cair — disse Kolya, as mãos enterradas nos bolsos do casaco, enquanto andava contra o vento que um instante antes estivera atrás de nós. — Você fica escutando e sabe: aquele vai cair a cem metros para a esquerda, aquele outro vai cair no rio.

— Eu sei a diferença entre um Junkers e um Heinkel no segundo em que os escuto.

— E devia mesmo. O som de um Junkers é como o de um leão, e o do Heinkel, como o de um mosquito.

— Bom, um Heinkel e um Dornier, então. Eu fui líder da brigada de incêndio no...

Kolya ergueu a mão para mim, num gesto que ordenava silêncio. Ele parou de andar e estanquei ao seu lado.

— Ouviu isso?

Fiquei ouvindo. Não conseguia escutar nada além do vento de inverno

que parecia vir de todas as direções, ganhando sua força no golfo da Finlândia e uivando por todas as ruas secundárias. Pensei que Kolya tivesse ouvido um projétil vindo na nossa direção e olhei para o céu, como se eu conseguisse localizar a nossa morte voando em nossa direção, como se eu conseguisse me esquivar se tivesse que fazer isso. O vento finalmente acalmou, arfando mais baixo agora, uma criança no final de seu acesso de raiva. Houve explosões ao sul, a muitos quilômetros de distância, mas perto o bastante para fazer a pavimentação da rua tremer debaixo dos pés. Mas Kolya não estava ouvindo o vento ou os morteiros. Alguém dentro do velho prédio estava tocando piano. Eu não conseguia ver luzes através das janelas, nem velas nem lampiões acesos. Os outros moradores devem ter ido para o abrigo no porão (a menos que estivessem fracos demais ou velhos demais para se importar), deixando para trás esse gênio desgarrado para tocar na escuridão, descarado e preciso, ostentando fortíssimos duplos imediatamente seguidos por frágeis e curtos pianíssimos, como se ele estivesse tendo uma discussão consigo mesmo, como se fosse o marido brigão e a esposa meiga ao mesmo tempo.

Música clássica foi uma importante parte de minha infância, no rádio e nas salas de concerto. Meus pais eram fanáticos em sua paixão; éramos uma família sem talento para tocar, mas muito nos orgulhávamos de nossa audição. Eu sabia identificar qualquer um dos vinte e sete estudos de Chopin depois de ouvir alguns compassos; conhecia tudo de Mahler, das *Lieder eines fahrenden Gesellen* até a Sinfonia nº 10, inacabada. Mas a música que ouvimos naquela noite eu nunca tinha ouvido antes e nunca mais ouvi. As notas eram abafadas pelo vidro da janela, pela distância e pelo vento interminável, mas a energia atravessava tudo isso. Era música para o tempo de guerra.

Ficamos parados na calçada, sob um poste de iluminação apagado, coberto por uma teia de geada, os grandes canhões disparando ao sul, a lua coberta por nuvens de gaze, ouvindo até a última nota. Quando terminou, alguma coisa parecia errada: a execução era boa demais para passar despercebida, o executante habilidoso demais para não receber aplausos. Por um longo momento ficamos em silêncio, olhando para as janelas escuras. Por fim, quando parecia respeitoso nos movermos novamente, retomamos nossa caminhada.

— É uma sorte que não tenham quebrado o piano todo para usar como

lenha — disse Kolya.

— Seja lá quem for, ninguém vai quebrar o piano dele. Poderia ser o próprio Shostakovich. Ele provavelmente mora aqui perto.

Kolya fuzilou-me com o olhar e cuspiu na calçada.

— Eles evacuaram Shostakovich três meses atrás.

— Isso não é verdade. Ele está em todos os cartazes, usando um capacete de bombeiro.

— É, o grande herói, a não ser pelo fato de ele estar em Kuibishev, assobiando aquelas melodias que plagiou de Mahler.

— Shostakovich não plagiou de Mahler.

— Pensei que você ia ficar do lado de Mahler — disse Kolya, olhando para mim com aquela maneira divertida de torcer os lábios, que, agora eu sabia, significava que estava prestes a dizer algo irritante. — Você não prefere o judeu em vez do gentio?

— Eles não estão em lados diferentes. Mahler escreveu músicas excelentes. Shostakovich escreve músicas excelentes.

— Excelentes? Ah! O sujeito é um incompetente e um ladrão.

— Você é um idiota. Não sabe nada sobre música.

— Sei que Shostakovich esteve no rádio em setembro falando sobre nosso grande dever patriótico de combater o fascismo, e três semanas depois ele está em Kuibishev, comendo mingau.

— Não é culpa dele. Eles não o querem morto, então fizeram-no ir embora. Pense em como isso seria ruim para o moral.

— Ah, é claro, pensa na tragédia que seria — disse Kolya, adotando o tom professoral que usava para expressar o máximo de sarcasmo. — Não podemos deixar os grandiosos morrerem. Se eu estivesse no comando, faria de outro jeito. Colocaria os famosos nas linhas de frente. Shostakovich leva um tiro na cabeça? Pense em como isso seria uma enorme afronta a toda a nação! A todo o mundo! RENOMADO COMPOSITOR ASSASSINADO PELOS NAZISTAS. Anna Akhmatova, ela foi ao rádio também. Lembra? Dizendo a todas as mulheres de Leningrado que fossem corajosas, que aprendessem a usar um fuzil. Onde ela está agora? Atirando nos alemães? Hm, não, não creio. Nas fábricas, fazendo cartuchos? Não, ela está na porra da cidade de Tashkent, vomitando mais daquela poesia narcisista que a tornou famosa.

— Minha mãe e minha irmã também foram embora. Isso não faz delas traidoras.

— A sua mãe e a sua irmã não foram ao rádio dizer a todos nós para sermos corajosos. Escute, eu não espero que compositores e poetas sejam heróis. Eu só não gosto de hipócritas.

Ele esfregou o nariz com as costas da mão enluvada e olhou para o sul, para as explosões de artilharia que iluminavam o céu.

— Afinal, onde é que fica esse seu maldito prédio?

Tínhamos acabado de virar a esquina e entrar na Voinova, e eu ergui a mão para apontar para o Kirov. Eu estava apontando para nada, mas durante um bom tempo sequer pensei em abaixar a mão. No lugar onde antes estava o Kirov agora havia entulho, uma colina íngreme de pedaços grossos de concreto quebrado, um amontoado de alvenaria e barras de aço retorcidas, tudo salpicado por pó de vidro que brilhava sob o luar.

Se eu estivesse sozinho, teria ficado olhando para aquelas ruínas durante horas, sem compreender. O Kirov era a minha vida. Vera, e Oleg, e Grisha. Liuba Nikolaevna, a solteirona do quarto andar que lia as mãos e remendava vestidos para todas as mulheres no prédio, que, em uma noite de verão, me viu lendo um romance de H. G. Wells na escadaria e no dia seguinte me deu uma caixa cheia de livros de Robert Louis Stevenson, Rudyard Kipling e Charles Dickens. Anton Danilovich, o zelador, que morava no porão e gritava conosco sempre que atirávamos pedras no pátio, ou cuspiamos de cima do telhado, ou construíamos bonecos e bonecas de neve sacanas, com cenouras no lugar dos pintos e borrachas de apagar no lugar dos mamilos. Zavodilov, que as pessoas diziam ser um gângster, sem dois dedos da mão esquerda e sempre assobiando para as garotas, mesmo que elas não tivessem qualquer atrativo especial, talvez assobiando mais alto para estas para deixá-las felizes — Zavodilov, que dava festas que duravam até o amanhecer, tocando os discos de jazz mais recentes, Varlamov and his Hot Seven ou Eddie Rozner, homens e mulheres com camisas parcialmente desabotoadas rindo e dançando no corredor, enfurecendo todos os mais velhos, empolgando os garotos que decidiam que, se tinham que crescer, pelo menos que crescessem para ser como Zavodilov.

Era um prédio velho e feio que cheirava a desinfetante, mas era o meu lar e nunca pensei que fosse desabar. Andei com dificuldade pelo amontoado de escombros, abaixando-me de vez em quando para tirar pedaços de concreto do caminho. Kolya segurou o meu braço.

— Lev... vem comigo. Conheço um outro lugar onde podemos passar

a noite.

Eu me soltei e continuei a cavar com as mãos. Ele me agarrou de novo e desta vez segurou meu braço com força, para eu não poder me soltar.

— Não tem ninguém vivo aí embaixo.

— Você não sabe nada.

— Escuta — disse ele em voz baixa, apontando para algumas estacas vermelhas pequenas que tinham sido enfiadas em diversos lugares dos escombros. — Eles já estiveram aqui cavando. O prédio deve ter sido derrubado ontem à noite.

— Eu estava aqui ontem à noite.

— Você estava nas Cruzes ontem à noite. Vem. Vem comigo.

— As pessoas podem sobreviver. Eu já li sobre isso. Às vezes elas sobrevivem durante dias.

Os olhos de Kolya examinaram os destroços. O vento levantava pequenas tempestades de pó de concreto.

— Se tem alguém vivo aí dentro, você não vai conseguir tirá-lo usando apenas as mãos. E se você ficar aqui a noite toda, não vai viver até amanhã. Vamos. Eu tenho amigos aqui perto. Precisamos nos abrigar.

Balancei a cabeça em negativa. Como eu poderia abandonar a minha casa?

— Lev... não preciso que você pense agora. Só preciso que você me siga. Entende? Vem comigo.

Ele me puxou com dificuldade para descer a colina de escombros, e eu estava fraco demais para resistir, cansado demais para demonstrar tristeza, raiva ou rebeldia. Eu queria me aquecer. Queria comer. Nós nos afastamos dos restos do Kirov e eu não conseguia ouvir os meus próprios passos. Eu tinha me transformado em um fantasma. Não tinha sobrado ninguém na cidade que soubesse o meu nome completo. Eu não sentia pena de mim, apenas uma espécie de curiosidade boba sobre o fato de ainda estar vivo, o vapor formado pelo ar que saía de minha boca ainda visível sob o luar, aquele filho de cossacos ainda marchando ao meu lado, olhando para mim de vez em quando para se certificar de que eu continuava andando, observando o céu noturno à procura de bombardeiros.

— Entrem — disse ela —, entrem. Vocês estão congelados.

Podia-se ver que a amiga de Kolya tinha sido bonita antes do cerco. O cabelo loiro sujo descendo até a metade das costas; os lábios ainda eram cheios; e ela tinha uma covinha em forma de lua crescente que fazia o rosto vincar sempre que ela sorria. Não havia uma covinha igual no lado direito do rosto, o que parecia estranho, e reparei que eu ficava esperando que ela sorrisse para poder ver de novo a covinha solitária.

Kolya a beijara nos dois lados do rosto antes de entrar, e o sangue havia inundado o rosto dela, fazendo com que parecesse saudável por um segundo.

— Disseram que você estava morto!

— Ainda não — disse Kolya. — Este é o meu amigo, Lev. Ele não me diz seu patronímico nem seu nome de família, mas talvez diga para você. Tenho a impressão de que você é o tipo dele. Lev, esta é Sonya Ivanovna. Uma das minhas primeiras conquistas e ainda uma amiga querida.

— Ah! Uma conquista meio curta, não foi? Como Napoleão em Moscou?

Kolya sorriu para mim. Ele ainda estava com o braço ao redor de Sonya, puxando-a contra seu corpo. Ela havia se embrulhado em um casacão masculino e três ou quatro suéteres, mas mesmo debaixo de todo aquele volume eu podia ver que não havia sobrado muita coisa dela.

— Foi o exemplo clássico de sedução. Eu a conheci na aula de história. Expliquei a ela todas as perversões dos mestres, dos garotos de Miguelângelo até os pés de Malevich... Você sabia disso? Ele costumava fazer esboços dos pés de sua empregada de manhã e tocava uma bronha diante dos desenhos à noite.

— Que mentira. Ninguém mais no mundo conhece essa história — ela confidenciou para mim.

— Ela aprendeu tudo sobre esses pintores sensuais, ficou molhadinha, algumas doses de vodka, e pronto! Vim, vi e venci.

Ela se aproximou de mim, tocando a manga do meu casaco, e me contou com um cochicho fingido:

— Ele se melou mesmo. Isso eu reconheço.

Eu não estava acostumado a ouvir mulheres falando sobre sexo. Os garotos que eu conhecia nunca paravam de falar nisso, embora nenhum deles parecesse ser uma grande autoridade no assunto, mas as garotas guardavam essas conversas para suas próprias reuniões secretas. Perguntei-me se Grisha já tinha trepado com Vera, antes de me lembrar que os dois, Grisha e Vera, estavam mortos, enterrados sob lápides de concreto quebrado.

Sonya viu a expressão de tristeza em meu rosto e supôs que eu estivesse constrangido pela conversa desavergonhada deles. Ela me deu um sorriso caloroso, fazendo aparecer a covinha em formato de crescente.

— Não se preocupe, querido. Nenhum de nós é tão libertino quanto pensamos ser. — Ela se virou para Kolya. — Ele é um doce. Onde você o encontrou?

— Ele morava no Kirov. Ali na Voinova.

— O Kirov? Aquele que caiu na noite passada? Eu sinto muito, meu querido.

Ela me abraçou. Era como ser abraçado por um espantalho. Eu não conseguia sentir qualquer parte de um corpo embaixo daquelas roupas, apenas camada sobre camada de lã escurecida. Ainda assim, era boa a sensação de uma mulher que se preocupava. Mesmo se ela estivesse sendo apenas educada, a sensação era boa.

— Vem — disse ela, pegando a minha mão, luva de couro sobre luva de couro. — Esta é a sua casa agora. Se você precisar dormir aqui por uma noite, uma semana, é aqui que você vai dormir. Amanhã você pode me ajudar a ir buscar água no Neva.

— Amanhã temos um trabalho para fazer — disse Kolya, mas ela o ignorou, levando-nos para a sala de visitas. Um grupo de seis pessoas estava sentado em um semicírculo ao redor de um fogão a lenha. Pareciam universitários, os homens ainda ostentando bigodes e costeletas bem cortadas, as mulheres de cabelos curtos e brincos de argola. Eles compartilhavam cobertores pesados, bebericavam xícaras de chá, e olharam para nós, recém-chegados, sem dizer uma palavra de boas-vindas. Entendi o desagrado deles. Na melhor das hipóteses, estranhos eram um aborrecimento, e na pior, eram fatais — mesmo se não tivessem a intenção de fazer nenhum mal, eles sempre queriam comida.

Sonya apresentou-nos a todos, dando o nome dos que estavam no

círculo, mas ninguém falou até que Kolya fez amizade desembrulhando seu doce de biblioteca e fazendo-o passar pela roda. Era impossível ter muito prazer comendo aquela coisa, mas era alguma coisa para comer, alguma coisa para fazer o sangue continuar em movimento, e logo a conversa reiniciou.

Acontece que os amigos dela eram médicos e enfermeiras, e não universitários. Tinham acabado de largar um turno de vinte e quatro horas, amputando braços e pernas, tirando balas de ossos despedaçados, tentando remendar soldados mutilados sem a ajuda de anestesia, plasma ou eletricidade. Eles sequer tinham água quente o bastante para esterilizar adequadamente seus bisturis.

— O Lev aqui morava no Kirov — disse Sonya, indicando-me com um movimento solidário da cabeça. — Aquele prédio na Voinova que foi atingido ontem à noite.

Houve murmúrios de lamentação, cabeças balançaram para indicar pêsames.

— Você estava lá dentro quando a bomba caiu?

Balancei a cabeça em negativa. Olhei de relance para Kolya, que estava rabiscando anotações em seu diário com um pedacinho de lápis, sem prestar atenção em nós. Olhei de volta para os médicos e enfermeiras, que esperavam uma resposta. Aquelas pessoas eram estranhos. Por que sobrecarregá-las com a verdade?

— Eu estava na casa de uns amigos.

— Alguns deles conseguiram sair — disse um dos médicos, Timofei, um sujeito com aparência de pintor, usando óculos sem aros. — Ouvi alguém falando sobre isso no hospital.

— É mesmo? Quantos?

— Não sei. Eu não estava muito perto da pessoa que falou. Desculpe, é que... prédios caem todas as noites.

O rumor de sobreviventes me animou. O abrigo antibombas no porão parecia resistente — se as pessoas chegassem lá a tempo, poderiam ter conseguido sobreviver. Vera e os gêmeos sempre corriam para o abrigo com suas famílias quando as sirenes começavam a tocar. Mas Zavodilov, o gângster, eu não me lembro de tê-lo visto alguma vez no abrigo. Ele dormia enquanto as sirenes tocavam do mesmo jeito que dormia sempre, com um pano molhado sobre a testa e uma garota nua ao seu lado. Ou pelo menos era assim que eu imaginava que fosse. Não, ele não teria conseguido chegar ao

abrigo, mas, por outro lado, Zavodilov passava muitas noites longe do Kirov, cuidando de seus negócios misteriosos ou bebendo no apartamento de algum outro criminoso.

Sonya serviu mais dois copos de chá fraco e passou um deles para mim e o outro para Kolya. Tirei as luvas pela primeira vez desde a refeição no escritório do coronel. O copo quente parecia uma coisa viva entre as palmas de minhas mãos, um pequeno animal com alma e um coração batendo. Deixei o vapor subir até o meu rosto e não percebi, por um momento, que Sonya tinha me feito uma pergunta.

— Desculpe, o que disse?

— Eu perguntei se a sua família estava no prédio?

— Não, eles saíram da cidade em setembro.

— Isso é ótimo. A minha família também. Meus irmãozinhos foram para Moscou.

— E agora os alemães estão nos portões de Moscou também — disse Pavel, um jovem com cara de fuinha que olhava fixamente para o fogão e nunca fazia contato visual com ninguém. — Eles vão tomar a cidade em poucas semanas.

— Que tomem — disse Timofei. — Vamos dar uma de Rostopchin para cima deles, vamos queimar tudo e bater em retirada. Onde eles vão encontrar abrigo? O que eles vão comer? Deixa o inverno tomar conta deles.

— Dar uma de Rostopchin... *Eca!* — Sonya fez uma careta como se tivesse sentido algum cheiro muito ruim. — Você faz com que ele pareça um herói.

— Ele *foi* um herói. Você não devia estudar história por meio de Tolstoi.

— É, é, o bom conde Rostopchin, amigo do povo.

— Não coloque política nisso. Estamos falando de guerra, não de luta de classes.

— Não colocar política nisso? Quem precisa colocar política nisso? Você acha que a política não entra na guerra?

Kolya silenciou a discussão quando falou em voz alta. Ele estava olhando para o chá, segurando o copo com as duas mãos.

— Os alemães não vão tomar Moscou.

— E quem é o especialista que afirma isso? — perguntou Pavel.

— Eu afirmo isso. O Fritz estava a trinta quilômetros da cidade no

começo de dezembro. Agora ele está a cem quilômetros de distância. A Wehrmacht nunca bateu em retirada antes. Eles não sabem como fazer isso. Tudo que eles treinaram para fazer, tudo que estudaram em seus livros, é o ataque. Ataque, ataque, ataque. Agora vão recuar e não vão parar até que estejam estendidos no chão em Berlim.

Ninguém disse uma palavra durante muito tempo. As mulheres do grupo olharam fixamente para Kolya, os olhos um pouco brilhantes em seus rostos magros. Todas elas estavam um pouco apaixonadas por ele.

— Perdoe-me a pergunta, camarada — disse Pavel, colocando uma entonação irônica na palavra *camarada*. — Mas se você é uma figura importante no exército, e está inteirado de assuntos tão críticos, por que está sentado aqui conosco?

— Não posso discutir as minhas ordens — disse Kolya, sem se perturbar com o tom de insulto do médico. Ele tomou um gole de chá e deixou o líquido quente na boca durante um momento. Percebeu que Sonya ainda estava olhando para ele e sorriu para ela. O grupo estava em silêncio. Ninguém se mexia, mas a dinâmica havia mudado, com Kolya e Sonya como protagonistas e o resto de nós como espectadores silenciosos, na expectativa de ver se alguma coisa iria acontecer. As preliminares já haviam começado, embora eles estivessem sentados longe um do outro, embora ambos estivessem cobertos por camadas e camadas de lã. Desejei que algum dia alguma garota olhasse daquele jeito para mim, mas sabia que aquilo nunca iria acontecer. Os meus ombros estreitos, os olhos atentos e ariscos como os de um roedor — eu não era o tipo que inspirava lascívia. O pior de tudo era o meu nariz, o meu odiado nariz, aquele bico que recebia milhares de insultos. Já era bem ruim ser judeu na Rússia, mas ser um judeu com um nariz saído de uma caricatura antissemita, bom, aquilo inspirava uma boa quantidade de autoaversão. Na maior parte do tempo eu tinha orgulho de ser judeu, mas não queria parecer um judeu. Eu queria parecer ariano, de cabelo loiro e olhos azuis, peito largo e mandíbula forte. Eu queria me parecer com Kolya.

Kolya piscou para Sonya e terminou de beber seu chá. Ele suspirou, olhando para os sedimentos no fundo do copo.

— Vocês sabiam que faz nove dias que eu não cago?

Naquela noite todos dormimos na sala de visitas, exceto Kolya e Sonya, que se levantaram juntos depois de algum sinal imperceptível e desapareceram no quarto. O restante de nós dividiu os cobertores. Ficamos

bem juntos para manter o calor, então, mesmo depois que o fogão ficou sem lenha em algum momento da noite, eu não tremi muito. Na verdade, o frio me incomodou menos do que os gritinhos abafados de Sonya. Aqueles gritos eram absurdamente felizes, como se a trepada de Kolya estivesse espantando para longe toda a tristeza dos últimos seis meses, espantando a fome, o frio, as bombas e os alemães. Sonya era encantadora e gentil, mas era terrível ficar ouvindo seu prazer — era eu quem queria transportar uma linda garota para longe do cerco com o meu pau. Em vez disso eu estava deitado no chão do apartamento de uma estranha, ao lado de um homem que eu não conhecia, que se contorcia durante o sono e cheirava a repolho cozido.

Não posso imaginar que o sexo tenha durado muito tempo — quem tinha energia para isso? —, mas pareceu tomar metade da noite, Sonya gemendo, Kolya falando em um tom de voz baixo que eu não conseguia escutar através das paredes finas. Ele soava muito calmo, como se estivesse lendo um artigo de jornal para ela. Fiquei me perguntando que diabos estaria lhe dizendo. O que se diz para uma garota com quem se está trepando? Parecia algo importante para saber. Talvez ele estivesse citando aquele escritor sobre quem sempre estava falando com tanto entusiasmo. Talvez estivesse contando a ela sobre o confronto com o canibal e a mulher do canibal, mas aquilo parecia improvável. Fiquei deitado no escuro ouvindo-os, enquanto o vento balançava as janelas em seus caixilhos e as últimas brasas estalavam no fogão. O som mais solitário do mundo é o de outras pessoas fazendo amor.

8

Na manhã seguinte estávamos parados do lado de um prédio a dois quarteirões do Arco de Narva, olhando para cima, para um enorme cartaz de Zdanov.

— Deve ser este — disse Kolya, batendo os pés no chão para mantê-los aquecidos, embora não parecesse estar mais frio do que no dia anterior. Apenas uma nuvem parecida com um esqueleto de peixe interrompia o interminável azul do céu. Fomos para a porta da frente do prédio. Estava trancada, é claro. Kolya bateu, mas não apareceu ninguém. Ficamos em pé ali como idiotas, batendo as mãos enluvadas, os queixos abaixo das dobras de nossos cachecóis.

— Então, o que fazemos agora?

— Alguém vai acabar entrando ou saindo. O que há de errado com você hoje? Parece que está um pouco irritado.

— Não tem nada errado comigo — respondi, mas até eu podia ouvir a irritação no meu tom de voz. — Nós levamos uma hora para chegar aqui, vamos ter que esperar mais uma hora para conseguir entrar, e não vai ter nenhum velho com um galinheiro cheio de galinhas.

— Não, não, alguma coisa está aborrecendo você. Está pensando no Kirov?

— É claro que estou pensando no Kirov — respondi, ríspido, zangado com ele por ter perguntado aquilo, porque eu não estava pensando no Kirov.

— Tivemos um tenente chamado Belak no outono. Homem do exército da cabeça aos pés, usou uniforme a vida toda, lutou contra os russos brancos, tudo isso. Então numa noite ele viu um rapaz, Levin, chorando por uma carta que acabara de receber. Isso aconteceu em uma trincheira fora de Zelenogorsk, pouco antes de os finlandeses retomarem a cidade. Levin não conseguia falar, ele estava chorando muito alto. Alguém tinha morrido, assassinado pelos alemães. Eu não me lembro se foi a mãe dele, o pai, talvez a família inteira, não sei. De qualquer forma, Belak pegou a carta, dobrou-a cuidadosamente, colocou-a no bolso do casaco de Levin, e disse: “Tudo bem, ponha para fora. Mas depois disso, eu não quero ver você chorar até que Hitler esteja pendurado na ponta de uma corda.”

Kolya fixou o olhar na distância, refletindo sobre as palavras do tenente. Ele deve ter achado que havia profundidade naquelas palavras. Para mim elas soavam artificiais, o tipo de frase que meu pai sempre odiou, um diálogo falso inventado por algum jornalista que tinha a aprovação do Partido para um daqueles artigos esperançosos da série “Heróis no Front” que eram sempre publicados no *Verdade*.

— E então ele parou de chorar?

— Bom ele parou naquele momento. Só ficou fungando um pouco. Mas naquela noite voltou a chorar. Essa não é realmente a questão.

— E qual é a questão?

— Não há tempo para lamentações. Os nazistas nos querem mortos. Podemos chorar por isso o quanto quisermos, mas isso não vai nos ajudar a combatê-los.

— Quem está chorando? Eu não estou chorando.

Kolya não estava me escutando. Alguma coisa estava presa entre seus dois dentes da frente e ele estava tentando removê-la com a unha.

— Belak pisou em uma mina terrestre alguns dias depois. Minas terrestres são um negócio desagradável. O que fazem no corpo de um homem...

A voz dele foi morrendo, pensando no corpo destruído de seu antigo oficial, e me senti mal por ter insultado o tenente em pensamento. Talvez suas palavras fossem um clichê, mas ele estava tentando ajudar o jovem soldado, tentando distraí-lo de sua tragédia familiar, e isso era mais importante do que as palavras que usou para fazê-lo.

Kolya bateu com força na porta do prédio novamente. Esperou por um momento, suspirou, olhou para a nuvem solitária que se deslocava no céu.

— Eu gostaria de morar na Argentina por um ou dois anos. Eu nunca vi o oceano. Você já?

— Não.

— Você está irritado, meu israelita. Diga qual é o motivo.

— Vá se foder.

— Ah! Aí está! — Ele me deu um empurrão de leve, afastou-se dançando, movendo as mãos como um boxeador, fingindo estar lutando comigo.

Sentei nos degraus da entrada. Mesmo aquele pequeno movimento fez com que um enxame de fagulhas voassem diante de meus olhos. Tínhamos

tomado mais chá na casa de Sonya quando acordamos, mas não havia comida, e eu estava guardando o resto do meu doce de biblioteca. Ergui os olhos para Kolya, que agora estava me observando com preocupação.

— O que você estava dizendo ontem à noite? — perguntei. — Quando você estava, sabe, quando você estava com ela.

Kolya apertou os olhos, confuso diante da pergunta.

— Com quem? Com Sonya? O que eu disse?

— Você estava falando com ela o tempo todo.

— Quando fizemos amor?

A frase em si era constrangedora. Confirmei com a cabeça. Kolya franziu a testa.

— Eu não sabia que tinha dito qualquer coisa.

— Você ficou falando o tempo todo!

— As coisas de sempre, acho eu. — Um sorriso repentino iluminou-lhe o rosto. Ele se sentou ao meu lado no degrau. — Mas claro, se você nunca visitou um país, provavelmente não conhece os costumes. Você quer saber o que dizer.

— Eu só fiz uma pergunta.

— É, mas você está curioso. Por que está curioso? Porque você está um pouco nervoso. Quer fazer as coisas direito quando tiver uma oportunidade. Muito inteligente da sua parte. Estou falando sério! Pare de fazer cara feia. Nunca vi ninguém levar elogios tão a mal quanto você. Agora escute: as mulheres não gostam de amantes silenciosos. Elas estão te dando algo precioso e querem saber se você está gostando. Balance a cabeça para mostrar que está ouvindo.

— Estou ouvindo.

— Toda mulher tem um amante de sonhos e um amante de pesadelo. O amante de pesadelo é aquele que apenas deita sobre ela, esmagando-a com a barriga, enfiando sua ferramentinha dentro e fora até ter terminado. Ele fica com os olhos bem fechados, não diz uma palavra; ele está, basicamente, se punheteando na boceta da pobre garota. Agora, o amante dos sonhos...

Ouvimos o barulho de passos sobre a neve alta e nos viramos para ver duas garotas arrastando um trenó carregado com baldes de gelo tirado do rio. Elas estavam vindo bem na nossa direção, e me levantei, limpando meu casaco, aliviado pela interrupção na preleção de Kolya. Kolya levantou-se ao meu lado.

— Senhoritas! Precisam de ajuda para carregar o gelo?

As garotas entreolharam-se. As duas deviam ter a minha idade, irmãs ou primas, com os mesmos rostos largos e leves buços.

Eram garotas de Piter, desconfiadas de estranhos, mas, ao mesmo tempo, tendo que subir as escadas até seu apartamento com quatro baldes de gelo...

— Quem vocês vieram ver? — perguntou uma delas, com a postura empertigada de uma bibliotecária.

— Gostaríamos de falar com um certo cavalheiro sobre suas galinhas — disse Kolya, optando, sabe-se lá o motivo, pela honestidade. Achei que as garotas iam rir de nós, mas isso não aconteceu.

— Ele atira em vocês se subirem lá — disse a segunda garota. — Ele não deixa ninguém chegar perto daquelas galinhas.

Kolya e eu nos entreolhamos. Ele umedeceu os lábios e voltou-se para as garotas novamente, com seu sorriso mais sedutor.

— Por que vocês não nos deixam carregar os baldes? Deixem o velho conosco.

Quando chegamos ao quinto andar, o suor atravessando todas as minhas camadas de lã, minhas pernas de gaivota tremendo pelo esforço, comecei a me arrepender daquela decisão. Deveria haver uma maneira mais fácil para entrar no prédio. Fizemos longas pausas entre um andar e outro, quando eu ofegava e dobrava as mãos, tirando as luvas para inspecionar os sulcos fundos que os cabos dos baldes estavam escavando nas palmas das minhas mãos. Kolya fez um verdadeiro interrogatório com as garotas, a respeito de seus hábitos de leitura e de sua capacidade de recitar as primeiras estrofes de *Eugene Onegin*. Para mim as garotas pareciam insossas, tapadas, sem maldade nos olhos e sem nenhum brilho em suas palavras, mas ninguém entediava Kolya. Ele conversou com elas como se fossem as criaturas mais deliciosas a andar pela cidade, olhando uma e outra nos olhos, sem nunca deixar que houvesse silêncio. No quinto andar estava claro que as duas garotas estavam encantadas com ele, e tive a impressão de que tentavam determinar qual delas levava vantagem.

Uma onda de inveja tomou conta de mim novamente, aquela sensação de injustiça misturada com raiva e autodepreciação — por que elas gostavam dele? Aquele arrogante tagarela. E por que eu o invejava pela atenção delas? Afinal de contas, eu não me importava com aquelas garotas. Nenhuma delas

era remotamente atraente para mim. Esse homem salvara a minha vida ontem, e hoje eu o amaldiçoava porque garotas ficavam desajeitadas em sua presença, o sangue lhes subindo ao rosto, olhando fixamente para o assoalho e brincando com os botões de seus casacos?

Mas de Sonya eu gostei. Sonya, com sua covinha em formato de lua crescente e sua ternura, acolhendo-me em sua casa, oferecendo-me um lugar para ficar sempre que eu precisasse, muito embora mais uma semana sem comida fosse matá-la — podia-se ver facilmente o formato de seu crânio sob a pele quase translúcida. Talvez eu gostasse tanto dela assim porque a conheci trinta minutos depois de ver as lápides do Kirov. Talvez a visão dela tenha me afastado de ficar pensando demais sobre todos os meus vizinhos, presos sob as placas grossas de concreto caídas.

Mesmo quando aquelas imagens passavam pela minha mente, elas não incomodavam tanto, passando sem obstáculos, e eu me pegava pensando novamente na filha do coronel, ou no próprio coronel, ou no gigante nos perseguindo escada abaixo com seu cano de aço, ou na mulher no Mercado vendendo copos de lama de Badayev. Quando eu pensava no Kirov, era do próprio prédio que eu me lembrava, o parque de diversões de minha infância, seus corredores compridos tão bem projetados para corridas a pé, o poço das escadas com janelas de vidro à base de chumbo tão cobertas de poeira que era possível desenhar seu autorretrato com a ponta do dedo, o pátio onde todos os garotos se reuniam depois da primeira nevada de cada ano para a batalha anual de bolas de neve, os do primeiro ao terceiro andar contra os do quarto ao sexto.

Meus amigos e vizinhos — Vera, Oleg, Grisha, Liuba Nikolaevna e Zavodilov — já pareciam irreais, como se suas mortes tivessem apagado suas vidas. Talvez eu sempre soubesse que um dia eles iriam desaparecer, então eu os mantive a distância, ri das piadas deles e escutei seus planos, mas nunca acreditei realmente neles. Eu tinha aprendido como me proteger. Quando a polícia levou o meu pai, eu era um garoto bobão, incapaz de entender como um homem — aquele homem brilhante e obstinado — podia deixar de existir com o estalar de dedos de um burocrata invisível, como se ele nada mais fosse que a fumaça do cigarro exalada por uma sentinela entediada em uma torre de vigia na Sibéria, uma sentinela que se perguntava se sua namorada o estava traindo na sua cidade de origem, que olhava fixamente para as florestas inverniais, inconsciente do grande estômago azul do céu em cima de

sua cabeça que esperava para engolir o pequeno rodaminho de fumaça, a sentinela e tudo o que crescia no chão abaixo.

Kolya estava se despedindo das garotas, colocando seus baldes dentro do apartamento delas e acenando para que eu fizesse o mesmo.

— Tomem cuidado lá em cima — disse uma das garotas, a mais corajosa, eu supus. — Ele tem oitenta anos, mas atira em vocês num piscar de olhos.

— Eu estive no front combatendo os alemães — disse Kolya, tranquilizando-a com um sorriso e uma piscadela. — Acho que posso cuidar de um vovô mal-humorado.

— Se quiserem alguma coisa para comer quando descerem, estamos fazendo sopa — disse a segunda garota.

A corajosa olhou para ela zangada, e eu me perguntei, com pouca curiosidade real, se ela estava irritada diante da oferta de comida grátis ou pelo gesto de flerte.

Kolya e eu subimos o lance final de escadas até a porta do telhado.

— Eis o plano — ele me disse. — Deixe que eu falo. Eu sou bom com idosos.

Abri a porta e o vento nos atingiu, soprando pedaços de gelo e ciscos em nossos rostos, as partículas da cidade. Abaixamos a cabeça e fomos para a frente, dois beduínos em uma tempestade de areia. A nossa frente havia uma miragem, algo que só podia ser uma miragem — um barracão formado de pranchas de madeira pregadas e papelão alcatroado, as brechas preenchidas com pedaços de lã e jornais velhos. Eu era um garoto de cidade, da cabeça aos pés; nunca tinha estado em uma fazenda, nem nunca tinha visto uma vaca, mas eu sabia que aquilo era um galinheiro. Kolya olhou para mim. Nossos olhos estavam lacrimejando pelo vento, mas estávamos sorrindo como loucos.

Havia uma porta desconjuntada em um dos lados do galinheiro com uma tranca de gancho do lado de fora, solta. Kolya bateu de leve na porta. Ninguém respondeu.

— Olá? Não atire em nós! Ha, ha! Ah, nós só queríamos fazer uma visita... Olá? Tudo bem, vou abrir a porta. Se isso não for uma boa ideia, se estiver pensando em atirar, diga alguma coisa agora.

Kolya afastou-se para ficar ao lado da porta, fez um sinal para que eu fizesse o mesmo, e abriu a porta com a ponta da bota. Esperamos que viesse

um xingamento gritado ou o tiro de uma espingarda, mas nenhum dos dois veio. Quando pareceu seguro, espiamos no interior do galinheiro. Estava escuro lá dentro, iluminado por um único lampião pendurado em um gancho na parede. O chão estava coberto com palha velha que cheirava a bosta de ave. Uma das paredes tinha uma fileira de caixas de ninho, cada uma delas grande o bastante para abrigar uma única galinha. Um menino estava sentado no fundo do galinheiro, as costas contra a parede, os joelhos encolhidos sobre o peito. Usava um casaco feminino de pele de coelho. Parecia ridículo, mas quente.

Um homem morto estava sentado embaixo das caixas de ninho, as costas contra a parede, braços e pernas rígidos e tortos como se fosse uma marionete abandonada. Ele tinha uma barba branca comprida, a barba de um anarquista do século XIX, e a pele como cera de vela derretida. No colo havia uma espingarda bastante antiga. Por sua aparência, ele devia estar morto havia dias.

Kolya e eu olhamos para aquele horrível quadro. Tínhamos entrado na miséria particular de uma pessoa e sentíamos a culpa dos intrusos. Pelo menos, eu senti. O sentimento de vergonha não afligia Kolya da mesma maneira que me afligia. Ele entrou no galinheiro, colocou-se ao lado do garoto e apertou seu joelho.

— Você está bem, soldadinho? Quer um pouco de água?

O menino não olhou para ele. Seus olhos azuis pareciam enormes em seu rosto faminto. Eu quebrei um pedaço do doce de biblioteca, entrei no galinheiro e estendi a mão. Os olhos do menino mudaram levemente para a minha direção. Ele pareceu registrar a minha presença e a comida em minha mão antes de desviar o olhar de novo. Parecia muito distante.

— Este é o seu avô? — perguntou Kolya. — Devíamos levá-lo lá para fora. Não é bom para você ficar sentado aqui sozinho com ele.

O menino abriu a boca e mesmo esse esforço pareceu ser custoso para ele. Os lábios dele estavam encrostados, como se tivessem sido colados um ao outro.

— Ele não quer abandonar as aves.

Kolya olhou para as caixas de ninho vazias.

— Acho que está tudo bem agora. Vamos, tem umas garotas simpáticas lá embaixo, elas vão te dar um pouco de sopa, um pouco de água para beber.

— Não estou com fome — disse o garoto, e percebi que ele estava condenado.

— Venha com a gente mesmo assim — eu disse. — Está muito frio aqui. A gente te esquenta, você toma um pouco de água.

— Tenho que vigiar as aves.

— As aves morreram — disse Kolya.

— Nem todas.

Duvidei que o menino durasse até amanhã, mas eu não queria que ele morresse ali, sozinho com o cadáver barbado e as caixas de ninho vazias. Os mortos estavam por toda parte em Piter: amontoados em grandes pilhas atrás do necrotério da cidade; queimados em fossas do lado de fora do Cemitério Piskarevski; espalhados pelo gelo do lago Ladoga, algo para as gaivotas bicarem, se ainda houvesse gaivotas. Mas aquele era o lugar mais solitário para desistir que eu já tinha visto.

— Escute — disse Kolya, balançando uma das caixas de ninho vazias. — Ninguém em casa. Você foi um bom vigia, protegeu as aves, mas elas não estão mais aqui. Venha conosco.

Ele estendeu a mão enluvada, mas o menino ignorou-a.

— Ruslan teria atirado em você.

— Ruslan? — Kolya olhou para o corpo do velho. — Ruslan era bastante violento, hein? Dá para ver isso. Estou contente por você ser pacífico.

— Ele me disse que todo mundo no prédio quer as nossas galinhas.

— Ele estava certo.

— Ele disse que eles subiriam aqui e cortariam nossas gargantas se deixássemos. Roubariam nossas galinhas e fariam sopa com elas. Então um de nós tinha que ficar sempre acordado, segurando a espingarda.

O menino falava sem variação de tonalidade na voz, sem nunca olhar para nós, os olhos vagos e desconcentrados. Eu podia ver agora que ele estava tremendo, os dentes estalando quando não estava falando. Manchas marrom-claras espalhavam-se por suas bochechas e pescoço, o último esforço de seu corpo para isolar o frio.

— Ele me disse que elas nos manteriam vivos até que o cerco acabasse. Alguns ovos por dia, isso e mais as rações seriam o bastante para nós. Mas não conseguimos mantê-las aquecidas o suficiente.

— Você precisa esquecer essas malditas galinhas. Vem, me dá a sua

mão.

O menino continuou a ignorar a mão estendida de Kolya, e por fim Kolya fez um sinal para que eu o ajudasse. Mas eu tinha visto algo, um movimento onde não deveria haver movimento, uma agitação embaixo do casaco de pele do menino, como se seu coração gigante estivesse batendo tão alto que os batimentos fossem visíveis.

— O que você tem aí? — perguntei.

O menino acariciou a frente do casaco de pele, acalmando seja lá o que estivesse embaixo. Pela primeira vez os olhos do menino encontraram os meus. Fraco como estava, a milímetros da linha final, eu podia ver a obstinação nele, a vontade teimosa que ele herdara do velho.

— Ruslan teria atirado em você.

— Sim, sim, você fica dizendo isso. Você salvou uma das aves, não é? Essa é a última. — Kolya olhou para mim. — Quantos ovos uma galinha põe em um dia?

— Sei lá, porra.

— Escute, menino, eu lhe dou trezentos rublos por essa galinha.

— As pessoas costumavam nos oferecer mil. Ele sempre disse não. As aves podem nos manter vivos no inverno, ele dizia. O que vamos fazer com rublos?

— Comprar comida para você! Essa ave vai morrer como todas as outras se você ficar com ela aqui.

O menino balançou a cabeça. Toda aquela conversa o deixara esgotado e suas pálpebras estavam mais baixas.

— Tudo bem, que tal isto? Me dá isso — Kolya me disse, arrancando o doce de biblioteca da minha mão. Ele juntou a sua última fatia de salsicha e os trezentos rublos e colocou tudo junto no colo do menino.

— Isso é tudo o que temos. Agora me escute. Você vai morrer aqui esta noite se não sair. Precisa comer e precisa sair do telhado. Nós vamos te levar para aquelas garotas do quinto andar...

— Eu não gosto delas.

— Você não precisa se casar com elas. Vamos dar a elas este dinheiro e elas te darão um pouco de sopa e deixarão você ficar por lá algumas noites, recuperando sua força.

O menino não tinha energia para mais do que o mais leve movimento da cabeça, mas estava claro o que ele queria dizer. Ele não ia embora.

— Você vai ficar aqui para proteger a galinha? O que você vai dar para ela comer, porra?

— Vou ficar pelo Ruslan.

— Deixe que os mortos sepultem seus mortos. Você vem conosco.

O menino começou a desabotoar o casaco. Ele segurava a ave de penas marrons contra o peito como se estivesse amamentando um recém-nascido. Era a galinha mais lamentável que eu já tinha visto, suja e entorpecida. Um pardal saudável teria acabado com ela em uma briga de rua.

Ele estendeu a galinha para Kolya, que olhou para ela, sem ter certeza do que fazer ou dizer.

— Pega ela — disse o menino.

Kolya olhou para mim e em seguida de volta para o menino. Eu nunca o tinha visto tão confuso.

— Eu não consegui manter elas vivas — disse o menino. — Tínhamos dezesseis em outubro. E só sobrou essa.

Nós queríamos tanto aquela galinha, mas agora que o garoto a oferecia para nós de graça alguma coisa parecia errada.

— Pega ela — disse o menino. — Estou cansado delas.

Kolya pegou a galinha das mãos do menino, segurando a ave longe do rosto, preocupado que ela pudesse enfiar os pés de unhas grandes em seus olhos. Mas a galinha não era violenta. Ela se sentou vacilante nas mãos de Kolya, tremendo de frio, olhando entorpecida para absolutamente nada.

— Deixa ela quente — disse o menino.

Kolya abriu o casaco e colocou a ave dentro, onde ela pôde se acomodar entre as camadas de lã e ainda conseguiu encontrar espaço para respirar.

— Agora vão embora — disse o menino.

— Vem com a gente — eu disse, em uma última tentativa, embora soubesse que era inútil. — Você não devia ficar sozinho agora.

— Eu não estou sozinho. Vão embora.

Olhei para Kolya e ele assentiu. Fomos para a porta desconjuntada. Ao sair, eu me virei e olhei para o menino, sentado lá em silêncio, com seu casaco de mulher.

— Qual é o seu nome?

— Vadim.

— Obrigado, Vadim.

O garoto fez que sim com a cabeça, os olhos muito azuis, grandes demais para seu rosto pálido e descarnado.

Nós o deixamos sozinho no galinheiro com o velho morto e as caixas de ninho vazias, o lampião com a chama fraca, trezentos rublos e a comida recusada sobre seu colo de pele de coelho.

Sonya tinha juntado uma cesta cheia de lascas de madeira tiradas das vigas quebradas de uma escola de enfermagem que fora bombardeada na ilha Vasilevski; o fogão estava quente quando nos sentamos em frente, bebendo chá fraco e olhando para a frágil galinha. Tínhamos feito uma caixa de ninho improvisada com uma velha lata de biscoitos forrada com jornal rasgado. A galinha se aconchegou ali, a cabeça contra o peito, ignorando a colherada de painço que espalhamos sobre os restos de um editorial, os moscovitas implorando que nos mantivéssemos fortes. Moscou do caralho. O sentimento geral em Piter era o de que, se o cerco tinha que acontecer, melhor que acontecesse conosco, porque podíamos sobreviver a qualquer coisa, enquanto os burocratas porcos na capital provavelmente se renderiam ao primeiro tenente do exército alemão, caso não conseguissem sua ração semanal de esturjão.

— Eles são tão ruins quanto os franceses — Oleg costumava dizer, embora mesmo Oleg soubesse que aquela comparação era exagerada.

Kolya tinha apelidado a galinha de “Querida”, mas não havia afeição nos olhos dela quando ela olhava para nós, estúpida e desconfiada.

— Ela não tem que ter sexo antes de botar ovos? — perguntei.

— Acho que não — disse Sonya, arrancando uma crosta de pele seca do lábio. — Acho que o macho fertiliza os ovos, mas ela os bota sozinha. Meu tio administra uma fazenda coletiva de aves em Mga.

— Então você conhece galinhas?

Ela balançou a cabeça.

— Eu nunca estive em Mga.

Éramos todos filhos da cidade. Eu nunca tinha ordenhado uma vaca, nem recolhido esterco, nem colocado feno em um fardo. Nos tempos do Kirov nós sempre caçoávamos dos camponeses das fazendas coletivas, de seus cabelos mal cortados e pescoços sardentos. Agora o pessoal do campo estava rindo da gente, banquetecendo-se com coelhos e javalis recém-abatidos, enquanto nós tentávamos sobreviver com uma ração de pão embolorado.

— Ela não vai pôr doze ovos até quinta-feira — eu disse. — Ela sequer vai viver até quinta-feira.

Kolya estava sentado em um banquinho de aço, as pernas compridas estendidas à sua frente, rabiscando anotações em seu caderno com seu toco de lápis, que ficava cada vez menor.

— Não desista dela ainda — disse ele, sem levantar os olhos do que estava escrevendo. — Ela é uma galinha de Leningrado... É mais durona do que parece. Os alemães achavam que iam comemorar o Natal no Astoria, não é?

Os nazistas tinham impresso milhares de convites para uma grande festa da vitória que Hitler pretendia fazer no Astoria Hotel depois de conquistar o que ele havia chamado, em um discurso para os soldados de suas tropas de assalto, “o berço do bolchevismo, essa cidade de ladrões e vermes”. Nossos soldados haviam encontrado alguns desses convites nos corpos de oficiais da Wehrmacht que tinham sido abatidos. Eles tinham sido reproduzidos nos jornais, copiados aos milhares, e pregados em paredes por toda a cidade. Os picaretas do Politburo não podiam ter criado uma propaganda melhor. Nós odiávamos os nazistas por sua imbecilidade tanto quanto por qualquer outra coisa — se a cidade caísse, nós não deixaríamos para trás nenhum hotel onde os alemães pudessem ficar bebendo no piano-bar, nem se deitar em suítes luxuosas. Se a cidade caísse, nós a levaríamos conosco.

— Talvez ela esteja com vergonha — disse Sonya. — Talvez ela não queira botar ovos com tanta gente olhando.

— Talvez ela precise beber alguma coisa.

— Hum, isso foi inteligente. Vamos arranjar um pouco de água.

Ninguém se mexeu. Todos nós estávamos famintos e cansados, esperando que o outro levantasse e colocasse água em uma xícara. Do lado de fora a luz já estava desaparecendo do céu. Podíamos ouvir o zumbido dos holofotes aquecendo, seus filamentos enormes iluminando-se lentamente. Um Sukhoi solitário sobrevoava a cidade, o ronco de sua hélice firme e tranquilizador.

— Ela é feinha que dói, não?

— Eu acho uma graça — disse Sonya. — Ela me lembra a minha avó.

— Talvez a gente devesse chacoalhar ela, para ver se eles caem.

— Ela precisa de água.

— É, pega um pouco de água para ela.

Mais uma hora se passou. Por fim, Sonya acendeu os lampiões, ligou o rádio, pegou uma jarra com água do rio e derramou um pouco em um pires que ela colocou dentro da caixa de Querida. Querida olhou para ela mas não fez qualquer esforço para tomar a água.

Sonya voltou para sua cadeira e suspirou. Depois de um momento para recuperar sua energia, ela se virou para uma mesinha ao lado da cadeira, pegou uma meia furada, uma agulha com linha e um ovo de costura de porcelana que ela enfiou no calcanhar da meia para manter o tecido esticado. Observei seus dedos esqueléticos trabalhando. Era uma garota linda, mas suas mãos eram como as da Morte, pálidas e descarnadas. Mas ela sabia costurar meias. A agulha brilhava sob a luz do lampião, entrando e saindo do pano, entrando e saindo, quase me fazendo dormir.

— Sabe quem é uma putinha desgraçada? — perguntou Kolya, de repente. — Natasha Rostov.

O nome era familiar, mas não consegui identificar imediatamente.

Sonya franziu a testa, mas não levantou os olhos de sua costura.

— A garota de *Guerra e paz*?

— Eu não suporto aquela vaca. Todo mundo se apaixona por ela. Todos eles, até mesmo seus irmãos... E ela não passa de uma pateta sem graça.

— Talvez essa seja a razão — disse Sonya.

Eu estava quase dormindo, mas sorri. Apesar de todas as suas características irritantes, eu não podia evitar de gostar de um homem que desprezava uma personagem de ficção com tal paixão.

Sonya costurou os buracos da meia com suas mãos hábeis e esqueléticas. Kolya batucou nas pernas com os dedos, com uma carranca para Natasha Rostov e o quanto tudo aquilo era injusto. Querida estremeceu na caixa, tentando retrair a cabeça e o bico para o interior de seu corpo, como se estivesse sonhando que era uma tartaruga.

O dramaturgo Gerasimov falava no rádio: “Morte aos covardes! Morte àqueles que alimentam o pânico! Morte aos boateiros! Para o tribunal com eles. Disciplina. Coragem. Firmeza. E lembrem-se de uma coisa: Leningrado não tem medo da morte. A morte tem medo de Leningrado.”

Eu bufei, e Kolya olhou para mim.

— Qual é o problema? Você não gosta do velho Gerasimov?

— O que tem para gostar?

— Ele é um patriota. Ele está bem aqui, em Piter, e não a salvo em algum lugar com Akhmatova e seu bando.

— Concordo com o Lev — disse Sonya, jogando outro punhado de lascas de madeira no fogão. As brasas brilharam sobre seu cabelo loiro e por um segundo suas pequenas orelhas ficaram avermelhadas e translúcidas. — Ele é um representante do Partido, só isso.

— Ele é pior do que isso — eu disse, e pude ouvir a raiva entrando em minha voz. — Ele chama a si mesmo de escritor, mas odeia os escritores. Ele apenas os lê para ver se eles escreveram alguma coisa perigosa, alguma coisa insultante. E se ele decide que sim, bom, aí acabou; ele os denuncia ao Politburo, ele os ataca nos jornais, no rádio. Alguém em algum comitê em algum lugar diz, “Bom, se Gerasimov diz que o homem é uma ameaça, e Gerasimov é um de nós, então o homem deve ser mesmo uma ameaça...”.

Parei de falar no meio da frase. Minha voz amargurada parecia ecoar no pequeno apartamento, embora eu ache que era a minha imaginação, meu constrangimento por revelar tanto, tão cedo. Sonya e Kolya olharam para mim — ela parecia preocupada comigo, enquanto ele parecia impressionado, como se todo esse tempo tivesse pensado que eu era um surdo-mudo e só agora percebesse que eu conseguia formar palavras.

— O seu pai foi Abraham Beniov.

Eu não disse nada, mas Kolya não tinha feito uma pergunta. Ele balançou a cabeça como se de repente tudo tivesse ficado claro para ele.

— Eu devia ter imaginado logo. Não sei por que você iria querer esconder algo assim. O homem era um poeta, um verdadeiro poeta, não há muitos deles por aí. Você devia se orgulhar.

— Você não precisa me dizer para me orgulhar dele — respondi com rispidez. — Se você me faz um monte de perguntas estúpidas e eu não quero respondê-las, isso é problema meu. Não falo sobre a minha família com estranhos. Mas nunca me diga para ter orgulho do meu pai.

— Tudo bem — disse Kolya, erguendo as mãos —, tudo bem, desculpe. Eu não falei por mal. Eu só quis dizer que não somos mais estranhos.

— Estou me sentindo uma idiota — disse Sonya. — Desculpe-me, Lev, eu não ouvi falar sobre o seu pai. Ele era poeta?

— Um grande poeta — disse Kolya.

— De razoável a mediano, é o que ele sempre dizia. Ele me dizia que

em sua geração havia Maiakovski e todos os outros, e ele estava bem ali no meio, junto com todos os outros.

— Não, não, não acredite nisso. Ele era um excelente escritor. É verdade, Lev, não estou dizendo isso para ser gentil. “Um velho poeta, antes famoso, visto em um café.” Que poema maravilhoso.

Aquele era o poema que aparecia em todas as antologias, pelo menos todas as antologias publicadas antes de 1937. Eu o lera dezenas de vezes desde que levaram meu pai, mas fazia anos que não ouvia uma outra voz pronunciar o título.

— E ele foi... ele foi... — Nesse momento Sonya fez um movimento com o queixo, um movimento que significava *para lá*. Podia significar qualquer coisa: mandado para a Sibéria, assassinado com um tiro na nuca, silenciado por ordem do Comitê Central. Nunca se soube o que realmente aconteceu. *Ele foi removido?* Era isso que ela estava perguntando, e eu assenti.

— Eu sei esse poema de cor — disse Kolya, mas ele me fez o favor de não recitá-lo.

A porta do apartamento se abriu e Timofei, um dos médicos que eu conhecera na noite anterior, aproximou-se para esquentar as mãos perto do fogão.

Quando percebeu Querida sentada em sua caixa de ninho, ele se agachou e deu uma boa olhada nela, as mãos sobre os joelhos.

— De onde veio isso?

— Kolya e Lev conseguiram com um garoto perto do Arco de Narva.

Timofei ergueu-se e sorriu maliciosamente para nós. Tirou duas cebolas grandes dos bolsos de seu casaco.

— Consegui estas duas lá no hospital. Não estava planejando dividir, mas me parece que temos a possibilidade de uma bela sopa para esta noite.

— A Querida não vai para a panela — disse Kolya. — Precisamos dela para arranjar ovos.

— Ovos? — Timofei olhou para nós, para a Querida, de volta para nós. Pareceu pensar que estávamos fazendo uma piada.

— Ninguém bota fé na Querida — continuou Kolya —, mas eu acho que ela está cheia deles. Você sabe alguma coisa sobre galinhas? Acha que ela consegue botar uma dúzia até quinta-feira?

— Sobre que porra você está falando?

O médico parecia cada vez mais irritado. Kolya fuzilou-o com o olhar, insultado pelo tom de voz daquele homem.

— Você não fala a minha língua? Estamos esperando os ovos!

Por um momento pensei que a conversa ia se tornar violenta, o que teria sido uma péssima coisa para o Exército Vermelho; nós precisávamos de médicos, e Kolya teria arreventado o homem com um único soco. Mas Timofei finalmente caiu na risada, balançando a cabeça, esperando que ríssemos junto com ele.

— Pode rir o quanto quiser — eu lhe disse. — Você não vai encostar na galinha.

— Isso não é uma galinha, seu idiota. É um galo.

Kolya hesitou, sem ter certeza se aquilo era uma brincadeira que o médico estava fazendo, ou um truque para nos fazer transformar a Querida em ingrediente da sopa. Inclinei-me para a frente em minha cadeira e olhei para a ave. Não sei por que achei que isso ajudaria alguma coisa. O que eu estava procurando, pequenos testículos?

— Você está dizendo que ela não bota ovos?

O médico falou lentamente, como se estivesse fazendo uma conferência para retardados.

— É um macho. As chances de botar ovos não são boas.

10

Naquela noite, a sopa teve gosto de junho, como os jantares de que nos lembrávamos antes do cerco. Um admirador de Sonya, um piloto da VVS, havia lhe dado uma batata que não estava estragada. Kolya protestou, dizendo que não queria comer o presente de um outro amante, mas suas queixas foram ignoradas, como ele esperava, e a sopa feita com Querida foi engrossada com batata, cebola e bastante sal. Para nossa alegria, os outros médicos estavam passando a noite em algum outro lugar. Sonya trocou uma asa e uma xícara de caldo com seu vizinho por uma garrafa de vodka tolerável. Os alemães arremessaram alguns projéteis fracos contra a cidade, como a nos lembrar de que ainda estavam lá, mas tinham coisas melhores a fazer naquela noite em especial. Perto da meia-noite estávamos bêbados, todos de barriga cheia, Kolya e Sonya trepando no quarto enquanto eu jogava xadrez com Timofei à luz do fogão.

Na metade do segundo jogo, movi o meu cavalo. Timofei olhou fixamente para o tabuleiro, arrotou e disse:

— Ah. Você é bom.

— Só agora você percebeu. Eu dei xeque-mate em você em dezesseis movimentos no último jogo.

— Pensei que fosse a bebida... Eu estou fodido, não é?

— Você ainda está vivo. Mas não por muito tempo.

Ele derrubou o rei e arrotou de novo, satisfeito com seus arroto, satisfeito por haver comida em seu estômago.

— Não adianta muita coisa mesmo. Ah, tudo bem. Você não sabe a diferença entre um galo e uma galinha, mas sabe jogar xadrez.

— Eu costumava ser melhor.

Endireitei o rei dele e fiz a jogada que ele deveria ter feito, tentando ver quanto tempo eu conseguiria estender os lances finais.

— Você costumava ser melhor? Quando era um feto? Quantos anos você tem, catorze?

— Dezessete!

— Já está fazendo a barba?

— Sim.

Timofei pareceu duvidar.

— Eu raspei o bigode... Ele cresce mais devagar no inverno.

Sonya gemeu no outro aposento e começou a rir, forçando-me a imaginá-la, a cabeça jogada para trás, a garganta exposta, os mamilos duros em seus seios pequenos.

— Eu não sei de onde eles tiram tanta energia — disse Timofei, deitando-se de costas sobre os cobertores estendidos e esticando os braços. — É só me dar sopa de galinha toda noite e eu nunca mais vou precisar de outra mulher enquanto viver.

Fechou os olhos e logo estava dormindo, mais um daqueles que dormiam rápido, deixando-me sozinho para escutar os amantes.

Kolya me acordou antes do amanhecer, passando-me uma xícara de chá enquanto estudava o tabuleiro de xadrez abandonado. Timofei ainda dormia de costas, a boca aberta, os braços estendidos sobre a cabeça como se estivesse se rendendo ao inimigo.

— Quem estava com as pretas?

— Eu.

— Você acabou com ele em seis lances.

— Acabei com ele em cinco. A não ser quando ele cometia um erro, e então eu acabava o jogo em três.

Kolya franziu a testa, olhando as peças até descobrir o que tinha acontecido.

— Você sabe jogar.

— Você ainda quer fazer aquela aposta? O que era mesmo, fotos de garotas francesas nuas?

Ele sorriu, esfregando o sono dos olhos.

— Eu deveria dá-las a você como um favor. Mostrar a você onde ficam todas as coisas. Vamos, coloque as botas.

— Aonde estamos indo?

— Mga.

Kolya podia ser um desertor, mas ele possuía um tom tão natural de autoridade na voz que eu tinha quase amarrado os cadarços das botas quando pensei em questionar aquela ordem. Ele já tinha vestido o casaco e as luvas de couro; deu duas voltas com o cachecol ao redor do pescoço e verificou os

dentes em um pequeno espelho que havia sobre o samovar.

— Mga fica a cinquenta quilômetros de distância.

— É um dia de caminhada. Tivemos um ótimo jantar ontem à noite, vamos aguentar.

Lentamente fui despertando diante da insanidade daquela proposta.

— Mga fica atrás das linhas alemãs. Por que temos que ir até lá?

— Hoje é segunda-feira, Lev. Precisamos dos ovos até quinta-feira e não vamos encontrar nenhum em Piter. O tio da Sonya administra uma fazenda coletiva de aves lá, certo? Aposto que os alemães a mantiveram funcionando. Eles também gostam de ovos.

— Esse é o nosso plano? Vamos andar cinquenta quilômetros, passando pelos alemães, até uma fazenda coletiva que talvez não tenha sido queimada, pegamos uma dúzia de ovos e voltamos para casa?

— Bom, qualquer coisa soaria ridícula se você a dissesse com esse tom de voz.

— Tom de... Eu estou fazendo uma pergunta! Esse é o nosso plano? A Sonya nunca foi lá! Como você acha que vamos encontrar a fazenda?

— Fica em Mga! Que dificuldade pode haver em encontrar qualquer coisa em Mga?

— Eu nem sei como encontrar a porra da cidade de Mga!

— Ah — disse Kolya, sorrindo com malícia enquanto colocava o chapéu de astracã. — Essa é fácil. Ela fica na mesma linha de Moscou. É só seguir os trilhos.

Timofei resmungou em seus sonhos e rolou para o lado. Descobri que médicos e soldados podem dormir no meio de qualquer tumulto que não lhes represente uma ameaça de morte; minha discussão com Kolya teria sido uma canção de ninar, a julgar pela expressão de tranquilo contentamento que havia no rosto de Timofei. Olhei para ele e o odiei, odiei por ele dormir em sua cama com cobertores de lã, aquecido, confortável e bem alimentado, sem nenhum neto de cossacos para atormentá-lo, sem nenhum coronel da NKVD para mandá-lo a uma região erma para buscar ingredientes para um bolo de casamento.

Voltei-me para Kolya, que, com a ajuda do espelho, estava ajustando o chapéu para colocá-lo em um ângulo apropriadamente heroico. Eu o odiei ainda mais, aquele bruto fanfarrão e animado, feliz e bem disposto às seis da manhã como se tivesse acabado de voltar de duas semanas de férias no mar

Negro. Imaginei que ele ainda fedesse a sexo, embora a verdade fosse que eu mal podia sentir o cheiro de qualquer coisa àquela hora, tão cedo e com o apartamento tão frio. Meu poderoso nariz era só de fachada, um bom alvo para os insultos de colegas chatos, mas estranhamente ruim para captar odores.

— Você acha que é loucura — disse ele —, mas todos esses camponeses trapaceiros vendendo batatas por duzentos rublos no Mercado trouxeram suas mercadorias de fora da cidade. As pessoas atravessam as linhas alemãs todos os dias. Por que nós não podemos?

— Você está bêbado?

— Com um quarto de garrafa de vodca? De jeito nenhum.

— Deve haver algum lugar que seja mais perto do que Mga.

— Então me diga onde.

Ele já estava embrulhado para sair no frio, o queixo com uma barba loira de quatro dias. Esperou que eu apresentasse minha alternativa ao plano estúpido dele, mas à medida que os segundos passavam eu percebia que não tinha nada a dizer.

Ele sorriu para mim, um sorriso bom o bastante para aparecer em um cartaz de recrutamento da Frota Vermelha.

— Tudo isso é uma porra de uma piada, eu concordo. Mas é uma piada muito boa.

— É, é uma piada maravilhosa. E a parte mais engraçada é que nós vamos morrer por lá, e a filha do coronel vai ficar sem o bolo e ninguém jamais saberá o que estávamos fazendo em Mga.

— Acalme-se, meu pequeno e mórbido israelita. Eu não vou deixar os homens maus pegarem você.

— Vá à merda.

— Mas temos que ir andando agora. Se quisermos chegar lá ainda com um pouco de luz do dia.

Eu poderia tê-lo ignorado e voltado a dormir. O fogão tinha apagado à noite, a última lasca de madeira havia queimado, mas ainda estava bem quente embaixo de todos aqueles cobertores empilhados. Dormir fazia mais sentido do que sair marchando em direção a Viga — onde os alemães esperavam aos milhares — para procurar galinhas. Qualquer coisa fazia mais sentido do que isso. Ainda assim, não importando o quanto eu protestasse contra a ideia, eu sabia desde o primeiro minuto que iria com ele. Ele estava

certo: não havia ovos em Leningrado. Mas aquela não era a única razão para segui-lo. Kolya era um fanfarrão, metido a sabichão, um cossaco que atormentava judeus, mas sua confiança era tão pura e completa que não parecia mais arrogância, apenas a marca de um homem que tinha aceitado seu próprio destino heroico. Aquela não era a maneira que eu tinha imaginado as minhas aventuras — eu queria ser o protagonista, não o ajudante engraçado —, mas a realidade ignorou meus desejos desde o princípio, dando-me um corpo que era mais adequado para empilhar livros na biblioteca, injetando tanto medo em minhas veias que eu só consegui me encolher nas escadas quando a violência se aproximou. Talvez algum dia meus braços e pernas engrossassem com músculos, e o medo iria desaparecer como a água suja do banho desaparece no ralo. Eu desejava acreditar que essas coisas iriam acontecer, mas não acreditava. Eu fora amaldiçoado com o pessimismo dos russos e dos judeus, duas das mais melancólicas tribos do mundo. Ainda assim, se não havia qualquer traço de grandeza em mim, talvez eu tivesse o talento para descobrir isso nos outros, até mesmo nos mais irritantes.

Levantei-me, peguei e vesti meu casaco que estava no chão e segui Kolya em direção à porta de entrada, que ele segurou aberta para mim em um gesto sério de cortesia.

— Espere — disse ele antes de eu passar. — Vamos sair em viagem. Temos que nos sentar.

— Eu não sabia que você era supersticioso.

— Eu gosto das tradições.

Não havia cadeiras, então nos sentamos no chão ao lado da porta aberta. O apartamento estava em silêncio. Timofei roncava de seu lugar ao lado do fogão; as janelas tremiam em seus quadros; o rádio transmitia o som interminável do metrônomo, sinalizando que Leningrado ainda não havia sido conquistada. Do lado de fora alguém, com batidas rápidas e eficientes de martelo, pregava cartazes nas janelas tapadas com madeira. No entanto, em vez de visualizar mentalmente um homem pregando cartazes, eu imaginei um fabricante de caixões trabalhando, preparando um esquife com tábuas de pinho. A visão foi intensa e detalhada. Eu podia ver os calos nas palmas das mãos do fabricante de caixões, os cabelos pretos brotando entre suas sobrancelhas espessas, a serragem espalhada em seus braços suados.

Respirei fundo e olhei para Kolya. Ele estava olhando para mim.

— Não se preocupe, meu amigo. Não vou deixar você morrer.

Eu tinha dezessete anos, era estúpido e acreditei nele.

11

A linha de Moscou tinha sido traçada apenas quatro meses antes, mas os trilhos já começavam a enferrujar. Quase todos os dormentes tinham sido arrancados do chão e rachados para servir de lenha, embora estivessem impregnados de creosoto e isso os tornasse perigosos para serem queimados. Kolya andava em cima de um dos trilhos, um ginasta sobre a trave de equilíbrio, as mãos estendidas ao lado do corpo. Eu caminhava com dificuldade atrás dele, no meio dos trilhos, sem a menor vontade de participar daquele jogo, em parte porque estava zangado com ele, e também porque eu sabia que ia perder.

Os trilhos seguiam para o leste passando por blocos de apartamentos e lojas de departamentos de três andares, pelas garagens de bondes Kotliarov e pelas fábricas abandonadas que produziam coisas que ninguém podia usar durante os tempos de guerra. Uma equipe de mulheres jovens usando macacões embaixo dos casacos de inverno, sob a supervisão de um engenheiro do exército, trabalhava para converter uma agência do correio em posição defensiva. Um dos cantos do robusto e antigo prédio fora demolido para a instalação de um ninho de metralhadoras.

— Aquela ali tem um belo corpo — disse Kolya, apontando para uma mulher usando um lenço azul na cabeça que tirava sacos de areia de um caminhão.

— Como você sabe?

A afirmação dele era ridícula. A mulher estava a pelo menos cinquenta metros de distância; o casaco que ela usava era muito acolchoado, sem contar que usava várias camadas de roupa embaixo dele.

— Eu sei. Ela tem a postura de uma bailarina.

— Ah.

— Não me venha com o seu *ah*. Eu conheço bailarinas. Pode acreditar em mim. Qualquer noite dessas vamos juntos ao Teatro Mariinski, vou te levar aos bastidores. Digamos que eu tenho certa fama.

— Você não se cansa de falar sobre essa fama.

— Há pouca coisa neste mundo que me faça mais feliz do que as coxas de uma bailarina. Galina Ulanova...

— Ah, para com isso.

— O quê? Ela é um tesouro nacional. As pernas dela mereceriam uma estátua de bronze.

— Você nunca dormiu com Galina Ulanova.

Ele me deu um sorrisinho discreto, um sorriso que dizia que sabia muitas coisas mas não podia partilhá-las todas de uma vez.

— Eu nunca disse que dormi com ela.

— Você está sugerindo isso.

— Estou sendo cruel — ele reconheceu. — Falando a você sobre coisas dessa natureza... É sadismo. Como falar sobre Velázquez para um cego. Vamos mudar de assunto.

— Você não vai querer falar sobre as bailarinas com quem dormiu pelos próximos trinta e nove quilômetros?

— Três meninos vão a uma fazenda para roubar galinhas — começou ele com sua voz de contar piadas. Ele usava um sotaque diferente para as piadas, embora eu não conseguisse dizer que tipo de sotaque era ou por que ele tornava as coisas mais engraçadas. — O fazendeiro ouviu-os e correu para o celeiro. Então os meninos pularam dentro de três sacos de batatas para se esconder.

— Essa piada vai ser muito comprida?

— O fazendeiro dá um chute no primeiro saco, e o menino lá dentro diz “Miau”, fingindo ser um gato.

— Ah, ele estava fingindo que era um gato?

— Foi o que eu acabei de dizer — disse Kolya, olhando para mim para ver se eu estava começando a encrencar com ele.

— Eu sei que ele está fingindo que é gato. Se ele diz “Miau”, é óbvio que está fingindo que é gato.

— Você está de mau humor de novo porque eu dormi com Sonya? Está apaixonado por ela? Você não se divertiu com o... Como é mesmo o nome dele? O médico? Vocês pareciam tão bonitinhos encolhidos juntos ao lado do fogão.

— E que sotaque é esse que você está fazendo? Era para ser ucraniano?

— Que sotaque?

— Toda vez que conta uma piada, você usa um sotaque idiota!

— Escuta aqui, Lev, meu pequeno leão, desculpe. Eu sei que não é

fácil para você, deitado lá a noite toda, com a pica na mão, ouvindo a felicidade dela...

— Acaba de contar a piada idiota.

— ... mas eu prometo a você que, antes de fazer dezoito anos... Quando é o seu aniversário?

— Ah, cala a boca.

— Vou encontrar uma garota para você. Negligência calculada! Não se esqueça.

Todo esse tempo ele continuou andando em cima do trilho de aço, um pé na frente do outro, sem nunca perder o equilíbrio, sem nunca olhar para baixo, indo mais rápido do que eu conseguia andar no chão.

— Onde eu estava? Ah, o fazendeiro, ele chuta o primeiro saco, “Miau”, e assim por diante. Ele chuta o segundo saco, e o menino lá dentro diz “Au-Au!” Fingindo que era...

Kolya apontou para mim, para que eu terminasse a sentença.

— Uma vaca.

— Um cachorro. Quando ele chuta o terceiro saco, o menino lá dentro diz “Batatas!”.

Continuamos andando em silêncio.

— Bom — disse Kolya por fim —, outras pessoas acharam graça.

Nos arredores da cidade, os blocos de apartamentos não estavam mais amontoados uns em cima dos outros. A combinação de concreto e tijolos agora era interrompida por faixas de pântano congelado e terrenos cobertos por neve onde novos prédios seriam construídos até que a guerra pôs um fim a todas as construções. Quanto mais nos afastávamos do centro da cidade, menor era o número de civis que víamos. Caminhões do exército com correntes nos pneus passavam barulhentos, os soldados na parte de trás, esgotados, olhavam para nós sem o menor interesse enquanto eram levados na direção da linha de frente.

— Você sabe por que se chama Mga? — perguntou Kolya.

— As iniciais de alguém?

— Maria Gregorevna Apraksin. Uma das personagens em *O sabujo no pátio* baseia-se nela. Herdeira de uma longa linha de marechais de campo, corruptos e lambedores de botas reais. Ela está convencida de que seu marido está tentando matá-la para que possa se casar com a irmã dela.

— E ele está?

— Não, a princípio, não. Ela é completamente paranoica. Mas ela não para de falar nisso e então ele acabá realmente se apaixonando pela irmã. E ele percebe que a vida seria melhor sem sua esposa por perto. Então ele vai até Radchenko pedir um conselho, mas não sabe que Radchenko trepa com a irmãzinha dela há anos.

— O que mais ele escreveu?

— Hein?

— Ushakovo — eu disse. — Que outros livros ele escreveu?

— Apenas *O sabujo no pátio*. É uma história famosa. Quando foi lançado, o livro foi um fracasso. Houve apenas uma resenha, que arrasou totalmente com ele. Chamou o texto de vulgar e desprezível. Ninguém o leu. Ushakovo trabalhou nesse livro durante onze anos. Onze anos, pode imaginar isso? E o livro desaparece como se tivesse sido jogado no oceano. Mas ele começa tudo novamente, um novo romance; seus amigos que viram partes do texto dizem que é sua obra-prima. A não ser pelo fato de Ushakovo estar ficando cada vez mais religioso, passando seu tempo com um ancião da igreja que o convence de que ficção é obra de Satã. E certa noite Ushakovo se convence de que vai para o inferno; ele entra em pânico absoluto; e joga o manuscrito no fogo. Puf! Desapareceu.

Aquilo pareceu estranhamente familiar.

— Mas isso foi exatamente o que aconteceu a Gogol.

— Bem, não, não exatamente. Muito diferente nos detalhes. Mas concordo que a comparação é interessante.

Os trilhos desviaram da estrada, passando por brotos de bétula finos demais para servirem de lenha. Cinco corpos brancos estavam estirados sobre a neve branca. Uma família de mortos do inverno, o pai morto ainda segurando a mão de sua esposa morta, seus filhos mortos espalhados a curta distância. Duas malas de couro velhas estavam abertas ao lado dos cadáveres, totalmente vazias a não ser por algumas molduras rachadas.

As roupas e botas da família haviam sido arrancadas. As nádegas deles tinham sido cortadas, a carne mais macia, mais fácil para fazer tortas e salsichas. Eu não sabia dizer se a família tinha sido assassinada por armas de fogo, facas ou por algum projétil explosivo, por artilheiros alemães ou por canibais russos. Eu não queria saber. Eles estavam mortos há muito tempo, pelo menos há uma semana, e seus corpos haviam começado a fazer parte da paisagem.

Kolya e eu continuamos seguindo para leste pela linha Vologda. Ele não contou mais nenhuma piada naquela manhã.

Um pouco antes do meio-dia chegamos à margem das defesas de Leningrado: montes de arame farpado, trincheiras de três metros de profundidade, obstáculos, ninhos de metralhadoras, baterias antiaéreas e tanques KV-1 cobertos com camuflagem branca. Os soldados que tínhamos visto antes nos ignoraram, mas agora estávamos muito a leste para sermos civis, e uma dupla muito estranha para ser do exército. A medida que caminhávamos entre os trilhos, um bando de jovens soldados, erguendo a lona de um caminhão 6x6, virou-se para nos olhar.

O sargento deles caminhou na nossa direção, não exatamente apontando sua carabina para nós, mas também não a apontando para outro lugar. Ele tinha a postura de um homem que vivera toda sua vida no exército, e os malares altos e os olhos estreitos de um tártaro.

— Vocês dois têm documentos?

— Temos — respondeu Kolya, enfiando a mão no interior do casaco.
— Temos documentos excelentes.

Ele entregou a carta do coronel e fez um gesto na direção do caminhão.

— Esse é o novo modelo Katiusha?

A lona tinha sido jogada no chão, revelando suportes de trilhos paralelos apontando para o céu, esperando serem carregados com foguetes. Segundo o que tínhamos ouvido no rádio, os alemães temiam os Katiusha mais do que qualquer outra arma soviética — eles o chamavam de órgão de Stalin, devido aos uivos graves e lúgubres dos foguetes.

O sargento olhou para o lançador de foguetes e de volta para Kolya.

— Esqueça isso. Com qual exército você está?

— O Quinquagésimo-Quarto.

— O Quinquagésimo-Quarto? Você deveria estar em Kirishi.

— Sim — disse Kolya, dando ao sargento um sorriso enigmático e apontando para a carta na mão do homem. — Mas ordens são ordens.

O sargento desdobrou a carta e leu. Kolya e eu observamos os soldados posicionarem os foguetes de caudas semelhantes a barbatanas sobre os lançadores Katiusha.

— Acabem com eles, pessoal! — gritou Kolya. Os soldados no caminhão olharam para nós, sem dizer nada. Tinham a aparência de quem

não dormia há dias; precisavam de toda sua concentração para carregar os foguetes sem derrubá-los, não tinham energia para desperdiçar com malucos.

Resistindo à ideia de ser ignorado, Kolya começou a cantar. Ele era um barítono com voz forte e segura.

“Na margem do rio Katiusha cantou, sobre a altiva águia da estepe, sobre aquele que Katiusha ama demais, sobre aquele cujas cartas ela guardou.”

O sargento terminou de ler a carta e dobrou-a novamente. A mensagem do coronel o impressionara de maneira evidente; agora ele olhava para Kolya com verdadeiro respeito, balançando a cabeça no ritmo da antiga canção.

— Isso, sim! Eu ouvi a própria Ruslanova cantando-a durante a guerra de inverno. Dei-lhe a mão quando ela estava descendo do palco, acho que ela tinha tomado uns copos a mais. Sabe o que ela me disse? “Obrigada, sargento”, ela disse. “Você parece ser um homem que sabe usar as mãos.” O que você me diz disso, hein? Sempre provocadora, essa Ruslanova. Mas é uma bela canção.

Ele bateu no peito de Kolya com a carta, devolvendo-a, sorrindo para nós dois.

— Desculpe por ter de pará-los, rapazes. Vocês sabem como é... Dizem que há uns trezentos sabotadores dentro de Leningrado e estão aparecendo mais todos os dias. Mas agora eu sei o que vocês estão fazendo, trabalhando para o coronel...

Ele piscou para Kolya.

— Eu sei tudo a respeito, organizando os guerrilheiros, isso sim. Se nós, os regulares, continuarmos pegando os alemães na linha de frente, e vocês acertarem eles por trás, no próximo verão vamos estar cagando no Reichstag.

Kolya tinha lido a carta do coronel em voz alta no dia em que a recebemos e ela não mencionava guerrilheiros — dizia apenas que não deveríamos ser detidos ou molestados, visto que estávamos operando sob as ordens do próprio coronel —, mas os jornais estavam cheios de histórias sobre sujeitos simplórios do campo que tinham sido treinados por especialistas da NKVD para lutar como guerrilheiros mortais.

— Mantenham-nos dançando com a música desse órgão — disse Kolya; eu não sabia se ele estava imitando o discurso do sargento de

propósito ou não —, e nós vamos garantir que eles não recebam mais *strudel* da Alemanha.

— Muito bem, muito bem! Cortem as linhas de suprimentos, deixem que eles morram de fome nas florestas, vai ser de novo como em 1812.

— Mas nada de Elba para Hitler.

— Não, não, para ele não, nada de Elba para Hitler!

Eu não estava inteiramente certo de que o sargento soubesse o que era Elba, mas ele estava totalmente decidido quanto a Hitler tê-la.

— Vamos lhe dar uma baioneta no meio das bolas, mas nada de Elba.

— Precisamos continuar nosso caminho — disse Kolya. — Temos que chegar a Mga ao cair da noite.

O sargento assobiou.

— É um longo trajeto. Fiquem nas florestas, estão ouvindo? Fritz tomou as estradas, mas um russo não precisa de uma estrada para continuar seu caminho, não é? Ah! Vocês têm pão suficiente? Não? Podemos lhes dar um pouco. Ivan!

O sargento gritou para um jovem e amarrotado soldado que estava em pé ao lado do caminhão.

— Arranje um pouco de pão para estes rapazes. Eles vão atravessar as linhas.

12

Fora de Leningrado, as árvores ainda cresciam, corvos resmungavam nos galhos das bétulas, esquilos corriam entre os pinheiros. Os esquilos pareciam gordos e inocentes, alvos fáceis para um homem com uma pistola. Tinham sorte de viver em uma Rússia ocupada.

Marchamos através das florestas, através dos campos abertos sob um sol frio, mantendo os trilhos de trem visíveis à nossa esquerda. A neve estava bastante compacta e dura, coberta por agulhas de pinheiros, razoável para se andar. Estávamos em território controlado pelos alemães, mas não havia qualquer indicação de presença alemã, absolutamente nenhum sinal de guerra. Eu estava estranhamente contente. Piter era o meu lar, mas Piter agora era um cemitério, uma cidade de fantasmas e canibais. Caminhando pelo campo eu senti uma mudança física, como se estivesse respirando oxigênio puro depois de meses no fundo de uma mina de carvão. Os nós no meu estômago se desfizeram, meus ouvidos desentupiram, eu tinha uma força nas pernas que não sentia há meses.

Kolya parecia afetado da mesma maneira. Ele apertava os olhos diante do brilho da neve, espichando os lábios para fazer grandes rajadas de vapor, divertindo-se com essa brincadeira como um garoto de cinco anos. Em algum lugar ali perto dois pássaros estavam cantando um para o outro, e Kolya bateu nas minhas costas, apontando na direção do som.

— Pássaros cantando! Eh! Quando foi a última vez que você ouviu isso?

— Já faz um tempo.

— Um dueto. Bonito, não?

— “Ah, é tão lindo escutar os pássaros!” O que tem de especial nisso? *Piu piu piu*. E daí? Eles são chatos!

Kolya ouviu atentamente os pássaros. Sorriu.

— É um pouco chato.

Localizando um pedaço de papel verde perto do tronco de uma enorme e antiga bétula, ele se abaixou para pegá-lo. Parecia razoavelmente normal, uma nota de dez rublos, os olhos de Lenin encarando-nos debaixo da enorme careca — a não ser pelo fato de que as notas de dez rublos eram

cinza, e não verdes.

— Falsificada? — perguntei.

Kolya assentiu, colocando a nota contra a luz enquanto a examinava.

— Os alemães jogam quilos delas sobre nós. Quanto mais notas falsas estiverem circulando por aí, menos valem as notas reais.

— Mas nem é da cor certa.

Kolya virou a nota e leu em voz alta o texto impresso do outro lado.

— *Os preços da comida e das necessidades do dia a dia aumentaram enormemente e o mercado negro na União Soviética está se desenvolvendo...* “Desenvolvendo” escrito errado, a propósito. *Funcionários do partido e judeus estão tramando transações tenebrosas em suas casas enquanto vocês na linha de frente têm que sacrificar sua vida para esses criminoso.* “Esses criminoso”, que ótimo. Eles ocupam metade do país e não conseguem encontrar alguém que fale a língua direito? *Em breve você verá a verdade, então guarde esta nota de dez rublos. Ela vai garantir o seu retorno seguro a uma Rússia livre depois da guerra.*

Kolya sorriu e olhou para mim.

— Você está tramando alguma transação tenebrosa, Lev Abramovich?

— Quem me dera.

— Eles acham que essas coisas vão nos converter? Será que não entendem? Nós inventamos a propaganda! Tudo isso é uma péssima estratégia; eles estão irritando as pessoas que tentam converter. O jovem pensa que achou uma nota de dez rublos, fica contente, talvez consiga comprar uma fatia a mais de salsicha. Mas não, isso não é dinheiro, é um cupom mal redigido de rendição.

Ele pregou a nota no galho de uma árvore e colocou fogo nela com o isqueiro.

— Você está queimando sua oportunidade de voltar para uma Rússia livre depois da guerra — eu lhe disse.

Kolya sorriu enquanto olhava a nota escurecer e encolher.

— Vamos. Temos muito que andar.

Depois de uma hora caminhando com dificuldade através da neve, Kolya me cutucou o ombro com os dedos enluvados.

— Os judeus acreditam em vida após a morte?

No dia anterior a pergunta teria me aborrecido, mas naquele momento

pareceu engraçada, tão típica de Kolya, perguntada com autêntica curiosidade e a propósito de nada.

— Depende do judeu. O meu pai era ateu.

— E a sua mãe?

— Minha mãe não é judia.

— Ah, então você é um mestiço. Não há vergonha nisso. Eu sempre pensei que tinha sangue cigano em mim, vindo de alguém lá atrás.

Eu olhei para ele, os olhos azuis como os de um husky siberiano, um pedaço de cabelo loiro aparecendo debaixo do chapéu preto de pele.

— Você não tem sangue de cigano.

— O quê, os olhos? Tem muitos ciganos de olhos azuis no mundo, meu amigo. De qualquer forma, o Novo Testamento é muito claro a esse respeito. Se você segue Jesus, vai para o céu; se não segue, vai para o inferno. Mas o Velho Testamento... Eu sequer me lembro se tem um inferno no Velho Testamento.

— Sheol.

— O quê?

— O mundo inferior é chamado de Sheol. Um dos poemas do meu pai chama-se “Os muros de Sheol”.

Era estranho falar abertamente sobre meu pai e sua obra. As próprias palavras pareciam perigosas, como se eu estivesse confessando um crime e as autoridades pudessem ouvir. Mesmo aqui, onde o Politburo não tinha influência, eu me preocupava em não ser pego, me preocupava com espiões à espreita atrás das árvores. Se minha mãe estivesse por perto, ela teria me silenciado com um olhar. Ainda assim, era bom falar sobre ele. Eu ficava feliz de me referir aos poemas no presente mesmo quando o poeta já estava no passado.

— O que acontece em Sheol? Eles punem você por seus pecados?

— Acho que não. Todo mundo vai para lá, não importa se você foi bom ou ruim. É só escuro e frio, e não sobrou nada da gente, a não ser as sombras.

— Parece adequado. — Ele recolheu um punhado de neve limpa e mordeu, deixando-a derreter na boca. — Algumas semanas atrás, eu vi um soldado sem pálpebras. Ele era comandante de um tanque, e o tanque dele quebrou em algum lugar muito ruim, e quando o encontraram, os outros rapazes do tanque tinham morrido de frio e ele teve enregelamento em

metade do corpo. Perdeu dedos das mãos e dos pés, uma parte do nariz, as pálpebras. Eu o vi dormindo na enfermaria, pensei que estava morto, os olhos estavam arregalados... Não sei se dá para chamar de “abertos” se não há como fechá-los. Como se consegue manter a sanidade sem pálpebras? Você tem que passar o resto da vida sem nunca fechar os olhos? Eu preferia ficar cego.

Eu nunca o tinha visto taciturno antes; a mudança repentina de humor me deixou ansioso. Nós dois ouvimos o uivo ao mesmo tempo; nos viramos e olhamos através das alamedas tortuosas de bétulas.

— Isso é um cachorro?

Ele assentiu.

— Parece.

Alguns segundos depois ouvimos o uivo novamente. Havia algo terrivelmente humano em sua solidão. Precisávamos continuar andando para o leste, precisávamos chegar a Mga ao anoitecer, mas Kolya foi na direção do cão que chorava, e eu o segui sem discutir.

A neve era mais profunda ali e logo estávamos passando com dificuldade por montes que nos chegavam até acima dos joelhos. A energia que eu senti dez minutos antes começou a se esvair. Estava cansado de novo, batalhando para dar cada passo para a frente. Kolya diminuiu o ritmo para que eu pudesse alcançá-lo. Se estava impaciente comigo, não demonstrou.

Eu mantinha a cabeça baixa para poder ver cada um dos meus passos — um tornozelo torcido seria morte certa agora — e vi as marcas de lagartas antes de Kolya. Agarrei a manga do casaco dele para pará-lo. Estávamos na margem de uma vasta clareira nas florestas. O brilho da luz do sol sobre uma vasta extensão de neve era tão forte que tive que proteger os olhos com a mão. A neve fora ondulada por dezenas de lagartas de tanques, como se uma brigada inteira de Panzers tivesse passado por ali. Eu não conhecia marcas de lagartas da mesma maneira que conhecia motores de aviões, não sabia a diferença entre um Sturmtiger alemão e um T-34 russo, mas sabia que aqueles não eram os nossos tanques. Nós já teríamos furado o bloqueio se tivéssemos tantos blindados na floresta.

Havia amontoados cinzentos e marrons espalhados pela neve. A princípio pensei que fossem casacos jogados fora, mas vi uma cauda em um deles, uma pata estendida em outro, e percebi que eram cachorros mortos, pelo menos uma dúzia deles. Ouvimos um outro som e finalmente vimos o

animal que uivava, um cão pastor preto e branco, que se arrastava para fora do campo, as patas da frente fazendo o trabalho que as de trás não conseguiam. Atrás do animal ferido havia uma trilha de sangue de mais de cem metros de comprimento, uma pincelada vermelha cortando a tela branca.

— Vamos — disse Kolya, entrando no campo antes que eu pudesse impedi-lo. Os tanques tinham desaparecido, mas haviam passado por ali recentemente; as marcas ainda estavam bem definidas na neve, sem terem sido apagadas pelo vento. Os alemães estavam perto, em grande número, mas Kolya não se importava. Ele já estava no meio da clareira, marchando na direção do cão pastor, e como de costume eu corri para alcançá-lo.

— Não chegue perto demais de nenhum deles — ele me disse. Eu não sabia por que havia me dito isso. Será que estava preocupado com alguma doença? Será que pensou que um cão moribundo poderia me morder?

Quando chegamos mais perto do cão pastor, eu pude ver que uma caixa de madeira estava presa às costas dele, mantida no lugar por uma correia de couro. Uma estaca de madeira erguia-se reta da caixa. Olhei ao redor pelo campo e vi que todos os outros cachorros usavam a mesma geringonça.

O cão pastor não olhou para nós. Ele estava decidido a chegar às árvores que estavam na área mais afastada do campo, onde achava que encontraria segurança, ou conforto, ou um lugar tranquilo para morrer. Sangue pingava de dois buracos de bala perto do quarto traseiro do animal e uma outra deve ter lhe perfurado a barriga, porque alguma coisa molhada e enrolada em uma espécie de espiral era arrastada sob ele, vísceras que nunca deveriam ser expostas à luz do sol. Ele ofegava, a língua cor-de-rosa comprida balançando na lateral da boca, os lábios negros retorcendo-se e expondo os dentes amarelados.

— Eles são minas — disse Kolya. — Eles os ensinam a buscar comida embaixo de um tanque, e então deixam que passem fome, e quando os Panzers aparecem eles soltam os cachorros. Bum!

Bum! Era evidente que os alemães sabiam daquilo; avisaram seus artilheiros, e os artilheiros eram bons de mira. Havia cachorros mortos espalhados pelo campo, mas nenhuma carcaça de tanque, nenhum carro blindado derrubado, nenhuma explosão. Era outra engenhosa manobra russa que havia falhado completamente, da mesma forma que todas as manobras russas tinham falhado, e imaginei os cães famintos pulando na direção dos

Panzers, suas patas levantando leques de neve, os olhos brilhantes e alegres enquanto corriam para conseguir sua primeira refeição em semanas.

— Me dá a sua faca — disse Kolya.

— Tenha cuidado.

— Passe para cá.

Tirei a adaga alemã da bainha e a entreguei a ele. O cão pastor continuava tentando arrastar seu corpo eviscerado na direção da floresta, mas estava perdendo a força nas patas dianteiras. Ele finalmente parou quando viu Kolya se aproximando, como se tivesse decidido que ali era longe o bastante. Ele se deitou sobre a neve encharcada de sangue, olhando para cima, fitando Kolya com olhos castanhos esgotados. A estaca de madeira saía da caixa em suas costas como se fosse o mastro de um barco a vela. Parecia algo frágil, não mais grossa do que uma baqueta.

— Bom menino — disse Kolya, ajoelhando-se ao lado do cão pastor, segurando a cabeça do cachorro para trás com a mão esquerda. — Bom menino.

Kolya cortou a garganta do cachorro com um movimento rápido. O animal estremeceu, o sangue brotando de seu corpo, enchendo de vapor o ar frio. Kolya abaixou-lhe a cabeça gentilmente sobre o chão, onde ele continuou a ter rápidas contrações, batendo as patas em nada, como se fosse um filhote sonhando, e pouco depois estava morto.

Ficamos em silêncio por um momento, em respeito ao cão morto. Kolya limpou os dois lados da lâmina ensanguentada na neve, secou-a na manga de seu casaco e a devolveu para mim.

— Acabamos de perder quarenta minutos. Anda depressa.

13

Marchamos a passo dobrado através da floresta de bétulas, os trilhos de trem à nossa esquerda, o sol caindo rapidamente no céu. Kolya não tinha dito nada desde o campo de cachorros mortos. Eu sabia que estava preocupado com o tempo; havia calculado errado a nossa velocidade, o quão rápido podíamos atravessar um terreno coberto por neve, e nosso desvio havia arruinado quaisquer chances de chegar a Mga perto do anoitecer. O frio agora era um perigo maior do que os alemães, e a temperatura já estava caindo rapidamente. Sem abrigo, iríamos morrer.

Não víamos um ser humano desde que tínhamos nos despedido do sargento tártaro e mantivemos distância das estações ferroviárias abandonadas em Koloniya Yanino e Dubrovka. Mesmo a duzentos metros de distância podíamos ver a estátua de Lenin derrubada do lado de fora da estação Dubrovka, a inscrição em letras pretas pichadas no muro de concreto: STALIN IST TOT! RUSLAND IST TOT! SIE SIND TOT!

Às três da tarde o sol mergulhou atrás das colinas ocidentais e as melancólicas nuvens cinzentas acima de nós incendiaram-se em tons alaranjados. Eu ouvi o ruído de motores de avião, olhei para cima e vi quatro Messerschmitts voando rápido na direção de Leningrado, tão alto acima de nós que pareciam inofensivos como mosquitos. Fiquei me perguntando quais prédios eles iriam arrasar, ou se seriam derrubados por nossos rapazes em solo, ou por nossos pilotos no ar. Aquilo parecia maravilhosamente abstrato para mim, era a guerra de outras pessoas. Seja lá onde eles jogassem suas bombas, não seria sobre mim. Quando percebi que aquele pensamento era inteiramente meu, senti uma onda de culpa. Que bostinha egoísta eu havia me tornado!

Estávamos passando por Berezovka, um nome que eu tinha ouvido pela primeira vez em setembro quando o Exército Vermelho e a Wehrmacht enfrentaram-se nos arredores do vilarejo. Segundo os jornais, nossos rapazes combateram com grande coragem e brilhantismo tático, excedendo em esperteza os comandantes alemães e frustrando o próprio Hitler, que acompanhava cada desenvolvimento em sua sala de guerra em Berlim. Mas todo mundo em Leningrado sabia como ler um artigo no jornal. As forças

russas eram sempre “calmas e determinadas”, os alemães ficavam sempre “surpresos com a fúria de nossa resistência” — essas expressões eram obrigatórias. A principal informação aparecia perto do final de cada artigo, enfiada no meio de um parágrafo de encerramento. Se os nossos homens tinham “se retirado para poupar nossa força de combate”, tínhamos perdido a batalha; se as tropas “sacrificaram-se com prazer para repelir os invasores inimigos”, tínhamos sido massacrados.

Berezovka foi um massacre. Segundo os jornais, o vilarejo era famoso por sua igreja, construída por ordem direta do próprio Pedro, e por uma ponte onde Puchkin desafiou um rival para um duelo. Esses pontos de referência tinham desaparecido. Berezovka tinha desaparecido. Algumas paredes escurecidas pelo fogo ainda se erguiam acima da neve; se não fosse por isso, não haveria sinal de que um vilarejo havia existido ali.

— Eles são uns idiotas — disse Kolya, enquanto margeávamos os restos da vila incendiada. Olhei para ele, sem ter certeza do que estava querendo dizer. — Os alemães. Eles acham que são tão eficientes, a maior máquina de guerra já construída. Mas você olha para a história, lê livros, e os maiores conquistadores sempre deram uma via de escape para seus inimigos. Você podia lutar contra Gêngis Khan e ter sua cabeça arrancada, ou podia se submeter e pagar-lhe tributos. Essa é uma escolha fácil. Com os alemães, você pode lutar contra eles e ser morto, ou pode se render e ser morto. Eles podiam ter jogado metade deste país contra a outra metade, mas não têm sutileza; eles não entendem o espírito russo; eles simplesmente queimam tudo.

O que Kolya disse era uma verdade, em termos gerais, mas a mim não me parecia que os nazistas tivessem qualquer interesse em realizar uma invasão sutil. Eles não queriam mudar a maneira de pensar de ninguém, pelo menos ninguém entre as raças inferiores. Os russos eram um povo híbrido, gerado por hordas de vikings e hunos, estuprado por gerações de avaros e khazars, kiptchaks e pechenegues, mongóis e suecos, infestado por ciganos, judeus e turcos distantes. Éramos filhos de mil batalhas perdidas e a derrota era um enorme peso dentro de nós. Nós não merecíamos existir mais. Os alemães acreditavam na lição dos pássaros de Darwin — a vida precisa se adaptar ou morre. Eles tinham se adaptado à realidade brutal; nós, bêbados mestiços das estepes russas, não. Estávamos condenados, e os alemães estavam apenas fazendo seu papel imperativo na evolução humana.

Mas não falei nada disso. Tudo o que disse foi:

— Eles deram uma alternativa para os franceses.

— Todos os franceses que tinham coragem morreram a caminho de casa vindos de Moscou em 1812. Você acha que estou brincando? Escute, cento e trinta anos atrás eles tinham o melhor exército do mundo. Agora são as prostitutas da Europa, apenas esperando para serem comidos por qualquer um que apareça com um pau duro. Estou errado? Então o que aconteceu a eles? Borodino, Leipzig, Waterloo. Pense nisso. A coragem foi arrancada à força do código genético deles. O geniozinho deles, Napoleão, castrou todo o país.

— Estamos perdendo a luz.

Ele olhou para o céu e fez que sim com a cabeça.

— Se precisarmos, podemos construir um abrigo e aguentar até amanhã.

Andou mais depressa, acelerando nosso passo que já era rápido, e percebi que não conseguiria aguentar por muito mais tempo. A sopa da noite passada era uma lembrança deliciosa; o presente de uma ração de pão dada pelo sargento tinha sido devorada antes do meio-dia. Cada passo era um esforço agora, como se minhas botas tivessem sido costuradas com chumbo.

Já estava tão frio que eu podia sentir nos dentes; as obturações baratas cobrindo as minhas cavidades encolhiam quando a temperatura caía demais. Mas eu não conseguia sentir a ponta dos meus dedos mesmo usando luvas grossas de lã e tendo enfiado as mãos nos bolsos de meu casaco. Eu também não conseguia sentir a ponta do nariz. Que ótima piada seria aquela — passei a maior parte da adolescência desejando um nariz menor; se ficasse mais algumas horas na floresta, ia ficar sem nariz.

— Vamos construir um abrigo? Com o quê? Você trouxe uma pá?

— Você ainda tem mãos, não tem? E a faca.

— Precisamos ficar dentro de algum lugar.

Kolya olhou de maneira espalhafatosa ao seu redor, para as florestas que escureciam, como se uma porta pudesse estar escondida em um dos altos pinheiros.

— Não tem nenhum dentro — disse ele. — Você agora é um soldado, eu o recrutei, e os soldados dormem em qualquer lugar em que fechem os olhos.

— Isso é muito bonito. Mas precisamos entrar em algum lugar.

Ele colocou a mão enluvada sobre o meu peito e por um segundo pensei que estava bravo comigo, insultado por minha falta de disposição para enfrentar uma noite de inverno ao ar livre. Mas não estava me repreendendo: estava fazendo com que eu ficasse imóvel. Ele apontou com o queixo para uma estrada lateral que corria em paralelo com os trilhos de trem. Estava a algumas centenas de metros de distância, e as sombras ficavam mais profundas, mas ainda havia luz suficiente para ver um soldado russo em pé com as costas para nós, o fuzil pendurado no ombro.

— Guerrilheiro? — sussurrei.

— Não, é do exército.

— Talvez tenhamos retomado Berezovka. Um contra-ataque?

— Talvez — sussurrou Kolya. Nos aproximamos da sentinela, pisando com cuidado. Não sabíamos quaisquer senhas e ninguém com um fuzil iria esperar para ver se éramos russos de verdade.

— Camarada! — gritou Kolya quando estávamos a cinquenta metros de distância, as mãos erguidas acima da cabeça. Ergui as minhas também. — Não atire! Estamos aqui com ordens especiais.

A sentinela não se virou. Muitos soldados haviam perdido a audição nos últimos meses; os projéteis explosivos haviam rompido milhares de tímpanos. Kolya e eu nos entreolhamos e nos aproximamos. O soldado estava em pé com neve até os joelhos. Ele estava imóvel demais. Nenhum homem vivo poderia posar de estátua em um frio tão rigoroso. Dei uma volta completa com o corpo, olhando atentamente para as florestas, convencido de que aquilo era uma armadilha. Nenhum movimento, a não ser os galhos das bétulas ao vento.

Continuamos andando até o soldado. Ele deve ter sido um brutalhão em seu tempo, com a testa protuberante e os punhos grossos como cabos de machado. Mas estava morto havia dias, a pele branca como papel envolvendo rigidamente o crânio, pronta para rachar. Um nítido furinho de bala, coberto com sangue congelado, marcava seu rosto pouco abaixo do olho esquerdo. Havia uma placa de madeira pendurada em seu pescoço com um fio metálico, a frase *PROLETARIER ALLER LÄNDER, VEREINIGT EUCH!* escrita em letras grossas com caneta marcadora preta. Eu não falava alemão, mas conhecia a frase, como qualquer menino ou menina na Rússia que havia aguentado as intermináveis palestras sobre materialismo dialético: Proletários de todos os países, uni-vos!

Tirei a placa do pescoço do soldado morto, tomando cuidado para que o fio congelado não lhe raspasse no rosto, e joguei-a longe. Kolya soltou a correia do fuzil e examinou a arma. Um Mosin-Nagant com o ferrolho torto. Ele tentou algumas vezes, balançou a cabeça e jogou-o no chão. O soldado usava um coldre na cintura com uma pistola Tokarev; um fiador de couro atravessava uma argola no cabo da arma, prendendo-a ao coldre. O morto era um oficial, que exibia a arma sempre que necessário — a Tokarev não era para ser usada contra os alemães, era para os russos que se recusavam a avançar.

Kolya tirou a automática do coldre, soltou o fiador, verificou a coronha da pistola e viu que o carregador havia sido retirado. As presilhas de munição no cinto do oficial também estavam vazias. Kolya desabotoou o casaco do homem e encontrou o que estava procurando: uma bolsa de lona com uma correia de couro e fecho de aço.

— Às vezes nós a guardamos dentro dos casacos à noite — disse ele, abrindo a bolsa e tirando de lá três carregadores para a pistola. — A fivela é muito brilhante, reflete a luz da lua. — Colocou um dos carregadores na arma e testou o mecanismo de ação. Satisfeito pelo fato de a arma estar intacta, ele a colocou, junto com a munição extra, dentro do bolso de seu casaco.

Tentamos tirar o morto da neve, mas estava congelado até o chão, preso como se tivesse as raízes de uma árvore. O crepúsculo estava sugando todas as cores da floresta. A noite estava quase sobre nós. Não havia mais tempo a perder com cadáveres.

Continuamos em passo rápido para leste, agora caminhando perto dos trilhos, na esperança de que quaisquer alemães se movendo pelas florestas congeladas estivessem em veículos e que pudéssemos ouvi-los a distância. Os corvos tinham parado de crocitar e o vento parara de soprar. Os únicos sons eram os de nossas botas afundando através da neve, e os rufos distantes e arrítmicos dos projéteis de morteiro caindo nos arredores de Piter. Tentei esconder o rosto atrás da lã de meu cachecol e da gola de meu casaco, tentei usar o calor de minha respiração para aquecer o rosto. Kolya batia as mãos enluvadas uma na outra e colocou o chapéu preto de pele tão para baixo que quase lhe cobria os olhos.

Alguns quilômetros a leste de Berezovka caminhamos pelo perímetro de uma enorme fazenda, os campos ondulantes de neve demarcados com paredes baixas de pedra. Fardos de feno grandes como iglus estavam

abandonados nos campos, a colheita interrompida, os fazendeiros tinham fugido para o leste ou estavam mortos. Um antigo casarão de pedra erguia-se em um dos extremos da fazenda, protegido do vento norte por um bosque de coníferas de cinquenta metros de altura. Luz de fogo brilhava através das janelas com grades, calorosa e atraente, derramando-se sobre a neve na frente da casa. Uma fumaça preta adornava a chaminé, que mal era visível, como uma mancha ondulada contra o céu azul-escuro. Parecia a casa mais convidativa já construída, a residência de campo do general favorito do imperador, aquecida e bem guarnecida para o Natal com todas as carnes defumadas e pastéis favoritos de todos.

Olhei para Kolya enquanto nos arrastávamos através da neve. Ele balançou a cabeça mas não tirou os olhos do casarão, e pude ver a saudade em sua expressão.

— É uma péssima ideia — disse ele.

— É uma ideia melhor do que morrer congelado a caminho de Mga.

— Quem você acha que está ali? Um cavalheiro da zona rural, sentado ao lado da lareira, acariciando seu cachorro? Você acha que estamos na porra de uma história de Turguenév? Todas as casas da cidade foram incendiadas, essa aí ainda está em pé. O que aconteceu, eles tiveram sorte? São os alemães ali, provavelmente os oficiais. Nós vamos atacar a casa com uma pistola e uma faca?

— Se continuarmos andando, vamos morrer. Se formos até a casa e os alemães estiverem lá, vamos morrer. Mas se não forem os alemães...

— Então vamos pensar que sejam russos — disse ele. — Isso significa que os alemães os deixaram ficar ali, o que significa que estão trabalhando com os alemães, o que significa que são o inimigo.

— Então podemos pegar comida do inimigo, não podemos? E uma cama?

— Escuta, Lev, eu sei que você está cansado. Sei que você está com frio. Mas confie em mim, confie em um soldado, isso não vai dar certo.

— Não vou dar mais nenhum passo. Prefiro me arriscar no casarão.

— Talvez haja um lugar na próxima cidade...

— Como você sabe que *existe* uma próxima cidade? A última está em cinzas. Quanto falta para chegar a Mga, mais quinze quilômetros? Talvez você consiga continuar. Eu não.

Kolya suspirou, esfregando o rosto com as costas da luva de couro,

tentando ativar a circulação.

— Reconheço que não vamos conseguir chegar a Mga. Isso não é mais um ponto de discussão. Sei disso há horas.

— Você não queria me contar isso? A que distância estamos?

— Longe. A má notícia é a seguinte: acho que não estamos indo na direção certa.

— Como assim?

Kolya ainda estava olhando para o casarão e eu tive que chacoalhá-lo para conseguir sua atenção.

— Como assim, não estamos indo na direção certa?

— Devíamos ter atravessado o Neva horas atrás. E não acho que Berezovka fique na linha de Mga.

— Você não acha... Por que não disse alguma coisa?

— Eu não queria que você entrasse em pânico.

Estava escuro demais para ver a expressão naquele rosto estúpido de cossaco.

— Você me disse que Mga fica na linha de Moscou.

— E fica.

— Você me disse que tudo o que tínhamos a fazer era seguir os trilhos de Moscou e eles nos levariam a Mga.

— É, é verdade.

— Então onde é que estamos, porra?

— Berezovka.

Respirei fundo. Desejei ter punhos fortes para poder esmagar o crânio dele.

— Qual é a boa notícia?

— Como?

— Você disse que a má notícia é que estamos indo na direção errada.

— Não tem nenhuma boa notícia. Só porque tem uma notícia má não significa que tenha uma boa também.

Não havia mais nada para dizer, então comecei a andar no rumo do casarão. A lua se ergueu acima dos topos das árvores, a neve fofa estalava sob as minhas botas, e se um francoatirador alemão estivesse apontando para a minha cabeça, eu lhe desejaria boa pontaria. Eu estava faminto, mas sabia como lidar com a minha fome; todos nós éramos especialistas em lidar com a fome. O frio era brutal, e eu também estava acostumado com o frio. Mas

minhas pernas estavam me abandonando. Antes da guerra elas eram fracas, muito pouco adequadas para correr, pular e quaisquer outras coisas para as quais servissem as pernas. O cerco as havia aparado e transformado em cabos de vassoura. Mesmo se estivéssemos no caminho certo para Mga, eu nunca teria conseguido chegar lá. Eu não conseguiria ter andado por mais cinco minutos.

Na metade do caminho até o casarão Kolya me alcançou. Segurava a Tokarev na mão enluvada.

— Se vamos fazer isso — disse ele —, não precisamos ser idiotas.

Ele me levou para trás da casa e fez com que eu esperasse na varanda dos fundos embaixo do beiral, onde a lenha para a lareira estava empilhada, segura e seca.

Uma lata de três quilos de caviar de beluga não teria parecido mais suntuosa naquele momento do que a lenha cuidadosamente empilhada, subindo em um arranjo entrecruzado que era mais alto do que eu.

Kolya moveu-se vagorosamente até uma janela coberta de gelo e olhou lá dentro, a pele negra macia de seu chapéu de astracã brilhando na luz da lareira. Dentro da casa tocava-se música em um fonógrafo — jazz ao piano, alguma coisa norte-americana.

— Quem está lá dentro? — sussurrei.

Ele levantou a palma da mão para me silenciar. Parecia paralisado pelo que havia visto, seja lá o que fosse, e me perguntei se havíamos topado com mais canibais ali nas profundezas cobertas de neve da região rural, ou, mais provavelmente, os restos mutilados da família que havia morado ali.

Mas Kolya já havia lidado com canibais antes e havia visto muitos cadáveres. Aquilo era algo novo, algo inesperado, e depois de mais trinta segundos eu desobedeci à ordem que havia recebido e juntei-me a ele na janela, tendo o cuidado de não arrancar nenhum dos espetos de gelo pendurados no lintel. Eu me agachei ao lado dele e olhei pela parte inferior do vidro.

Duas garotas de camisola dançavam ao som do disco de jazz. Eram encantadoras e jovens, mais ou menos da minha idade, a loira conduzindo a morena. Ela era muito clara, o pescoço e as bochechas cheios de sardas, as sobrancelhas e os cílios tão claros que desapareciam quando vistos lateralmente. A garota de cabelos escuros era menor, desajeitada, incapaz de perceber o ritmo no sincopado. Seus dentes eram grandes demais para sua

boca e seus braços eram gorduchos, com dobras nos pulsos como os de um bebê. Em tempos de paz, ela não teria sido notada passeando pela Nevski, mas agora havia algo loucamente exótico na imagem de uma garota gorducha. Alguém com poder a amava e a mantinha alimentada.

Fiquei tão deslumbrado pela visão das garotas dançando que não percebi que elas não estavam sozinhas. Mais duas garotas estavam deitadas de barriga para baixo sobre um tapete negro de pele de urso na frente da lareira. As duas tinham os queixos apoiados nas mãos, os cotovelos sobre o tapete, observando a dança com expressões sérias no rosto. Uma delas parecia tchetchena, as sobancelhas pretas quase se unindo acima do nariz, os lábios pintados de vermelho brilhante, o cabelo enrolado em uma toalha molhada sobre a cabeça, como se tivesse acabado de sair do banho. A outra garota tinha o pescoço comprido e elegante de uma bailarina, o nariz formando um ângulo reto perfeito de perfil, o cabelo castanho amarrado em tranças bem firmes.

O interior do casarão parecia-se mais com uma cabana de caça. Cabeças de animais mortos enfeitavam as paredes da grande sala: urso-pardo, javali, um íbex com enormes chifres retorcidos e um cavanhaque sujo. Um lobo e um lince empalhados flanqueavam a lareira, imobilizados como se estivessem caçando, as bocas abertas e as presas brancas brilhando. Velas queimavam em candeeiros nas paredes.

Kolya e eu ficamos agachados junto à janela observando a cena até que a canção terminou e a garota que parecia tchetchena levantou-se para mudar o disco.

— Toca essa de novo — disse a loira. Sua voz chegava até eles abafada pelo vidro, mas ainda assim era fácil ouvi-la.

— De novo, não! Por favor — disse sua parceira —, vamos ouvir uma que eu conheça. Coloque o Eddie Rozner.

Virei-me para fitar Kolya. Eu esperava que ele estivesse sorrindo, pasmado diante daquela visão surreal na qual nós tropeçamos no meio da terra devastada e cheia de neve. Mas a expressão em seu rosto era austera, os lábios apertados, alguma coisa raivosa nos olhos.

— Vamos — disse ele, erguendo-se e dando a volta até a frente da casa. Um novo disco tinha começado a tocar, mais jazz, um trompetista conduzindo sua orquestra em uma melodia alegre.

— Vamos entrar? Acho que elas têm comida lá dentro. Pensei ter

visto uns...

— Tenho certeza de que elas têm muita comida.

Ele bateu na porta da frente do casarão. A música parou de tocar. Alguns segundos depois a garota loira apareceu atrás da janela com barras ao lado da entrada. Ela olhou para nós por um bom tempo sem dizer nada, ou fazer qualquer tipo de movimento na direção da porta.

— Somos russos — disse Kolya. — Abram a porta.

Ela balançou a cabeça.

— Vocês não deviam estar aqui.

— Eu sei — disse ele erguendo a pistola para que a garota pudesse vê-la. — Mas estamos, então abra a porta, filha de uma vaca.

A loira olhou para trás, para o grande salão onde estavam as outras. Ela sussurrou alguma coisa para alguém que estava em pé fora do campo de visão e escutou a resposta. Fazendo que sim com a cabeça, ela se virou para olhar novamente para nós, respirou fundo e abriu a porta.

Entrar no casarão foi como entrar na barriga da baleia, o lugar mais quente em que eu estivera há meses. Seguimos a loira até o grande salão, no qual as três amigas dela estavam em pé em uma fileira constrangida, os dedos remexendo os bordados de suas camisolas. A pequena morena de braços gorduchos parecia à beira das lágrimas; seu lábio inferior tremia enquanto ela olhava fixamente para a arma de Kolya.

— Tem mais alguém aqui? — perguntou ele.

A loira balançou a cabeça.

— Quando eles vão voltar?

As garotas entreolharam-se.

— Quem? — perguntou a que parecia tchetchena.

— Não brinquem comigo, senhoritas. Eu sou um oficial do Exército Vermelho, estou cumprindo ordens especiais...

— Ele também é oficial? — perguntou a loira, olhando para mim. Ela não estava exatamente sorrindo, mas pude ver em seus olhos que se divertia.

— Não, ele não é oficial, ele se alistou...

— Alistou? É mesmo? Quantos anos você tem, doçura?

Todas as garotas estavam olhando para mim agora. No calor do ambiente, sob o peso dos olhares delas, pude sentir o sangue correndo para o meu rosto.

— Dezenove — respondi, endireitando o corpo ao máximo. — Faço

vinte em abril.

— Tsc, você é baixo para dezenove anos — disse a garota tchetchena.

— Quinze, no máximo — disse a loira.

Kolya puxou o ferrolho da pistola, deixando-a pronta para atirar — um som muito impressionante no silencioso salão. O gesto me pareceu excessivamente teatral, mas Kolya sabia muito bem como fazer gestos teatrais. Ele manteve a arma apontada para o chão e olhou para o rosto das garotas, demorando-se em cada uma delas.

— Nós viemos de muito longe — disse ele. — O meu amigo aqui está cansado. Eu estou cansado. Então vou perguntar novamente, pela última vez, quando eles vão voltar?

— Eles geralmente voltam lá pela meia-noite — disse a morena gorducha. As outras garotas olharam para ela, mas não disseram nada. — Depois que terminam os bombardeios.

— É isso mesmo? Então depois que os alemães se cansam de disparar contra nós em Piter, eles vêm para cá passar a noite e vocês tomam conta deles?

Para algumas coisas eu sou muito burro. Não digo isso por modéstia. Acredito que sou mais inteligente do que o ser humano médio, embora talvez inteligência não possa ser aferida por meio de um único instrumento, como um velocímetro, mas por um conjunto completo de tacômetros, odômetros, altímetros, e tudo o mais. Meu pai me ensinou a ler quando eu tinha quatro anos, algo de que ele sempre se vangloriou para seus amigos, mas minha inaptidão para aprender francês ou para lembrar as datas das vitórias de Suvorov deve tê-lo aborrecido. Ele era um verdadeiro polímata, capaz de recitar qualquer estrofe de *Eugene Onegin* a qualquer momento, fluente em francês e inglês, tão bom em física teórica que seus professores na universidade consideraram sua opção pela poesia uma pequena tragédia. Eu queria que os professores dele tivessem sido mais carismáticos. Queria que tivessem lhe ensinado o prazer da física, que tivessem ensinado a seu melhor aluno por que o formato do universo e o peso da luz eram mais importantes do que versos brancos sobre os trapaceiros e as abortadeiras de Leningrado.

Meu pai teria sabido o que estava acontecendo naquele casarão no momento em que olhasse pela janela, mesmo quando tinha dezessete anos.

Por isso me senti como um idiota quando finalmente percebi por que aquelas garotas estavam ali, quem as estava alimentando e garantindo que

tivessem lenha suficiente empilhada atrás dos beirais.

A garota loira olhou furiosa para Kolya, as narinas abertas, a pele enrubescendo embaixo das sardas.

— Você... — disse ela, e por um momento não conseguiu dizer mais nada, a raiva era intensa demais para ser articulada de alguma forma. — Você entra aqui e vem nos condenar? O herói do Exército Vermelho? Por onde você andou, você e seu exército? Os alemães vieram e queimaram tudo, e onde estava o seu exército? Eles mataram os meus irmãozinhos, o meu pai, o meu avô, todos os homens da minha cidade, enquanto você e seus amigos escondiam-se de medo em algum lugar... Você vem aqui e me aponta uma arma?

— Não estou apontando minha arma para ninguém — disse Kolya. Aquela foi uma explicação estranhamente mansa, vinda dele, e eu sabia que ele já tinha perdido a briga.

— Eu faria qualquer coisa para proteger a minha irmã — continuou ela, indicando a morena gorducha com a cabeça. — Qualquer coisa mesmo. Vocês deveriam proteger a gente. O glorioso Exército Vermelho, os Defensores do Povo! Onde vocês estavam?

— Estávamos combatendo os...

— Vocês não conseguem proteger ninguém. Vocês nos abandonaram. Se não moramos na cidade, então não somos importantes, é isso? Deixe que peguem os camponeses! É isso?

— A metade dos homens em minha unidade morreu lutando por...

— A metade? Se eu fosse o general, todos os meus soldados teriam morrido antes que deixássemos um só nazista entrar em nosso país!

— Bom — disse Kolya, e durante muitos segundos não falou mais nada. Por fim, guardou a automática. — Fico feliz por você não ser o general.

Apesar do começo ríspido, não precisamos de muito tempo para fazer as pazes com as garotas. Precisávamos uns dos outros. Elas não falavam com outro russo havia dois meses, não tinham rádio, e estavam desesperadas para ouvir as notícias da guerra. Quando souberam das vitórias nos arredores de Moscou, Galina, a jovem morena, sorriu para sua irmã, Nina, e balançou a cabeça afirmativamente, como se tivesse previsto que aquilo iria acontecer. As garotas perguntaram sobre Leningrado, mas não estavam interessadas em quantas pessoas morreram em dezembro ou qual a quantidade de pão que fazia parte da ração mensal agora. Os pequenos vilarejos do interior de onde elas vinham haviam sofrido ainda mais que Piter, e histórias sobre as misérias da cidade invicta apenas as deixavam entediadas. Em vez disso, elas queriam saber se o Palácio de Inverno ainda estava de pé (estava), se o Cavaleiro de Bronze mudara de lugar (não mudara) e se uma determinada loja na avenida Nevski, aparentemente famosa por vender os melhores sapatos da Rússia, tinha sobrevivido aos ataques (nem Kolya nem eu sabíamos ou nos importávamos com isso).

Fizemos muitas perguntas às garotas. Sabíamos muito bem a história sem os detalhes. Os homens de suas cidades tinham sido massacrados. Muitas das mulheres jovens tinham sido mandadas para o oeste, para trabalhar como escravas nas fábricas alemãs. Outras fugiram para o leste, andando centenas de quilômetros com seus bebês e ícones familiares, na esperança de se moverem mais rápido do que a Wehrmacht. Não permitiram que as garotas mais bonitas seguissem suas irmãs para leste ou para oeste. Elas foram reservadas para os prazeres do invasor.

Estávamos todos sentados no chão perto da lareira. Nossas meias e luvas estavam sobre a cornija da lareira, secando. Em troca pelas informações, as garotas nos deram xícaras de chá escaldante, fatias de pão preto e duas batatas assadas. As batatas já tinham sido abertas para nós. Kolya comeu um bocado e olhou para mim. Eu comi um pouco e olhei para Galina, de rosto doce e rechonchuda. Ela estava sentada com as costas contra a saliência de pedra da lareira, as mãos enfiadas sob as pernas nuas.

— Isso é manteiga? — perguntei-lhe.

Ela balançou a cabeça. As batatas tinham gosto de batatas de verdade, não aquelas massas disformes, amargas e cheias de brotos que comíamos em Piter. Uma boa batata com manteiga e sal podia comprar três granadas de mão ou um par de botas de feltro e couro no Mercado.

— Alguma vez eles trouxeram ovos? — perguntou Kolya.

— Uma vez — disse Galina. — Fizemos uma omelete.

Kolya tentou fazer contato visual comigo, mas tudo que me importava naquele momento era minha batata com manteiga.

— Eles têm uma base aqui perto?

— Os oficiais estão em uma casa perto do lago — disse Lara, a garota que parecia tchetchena, mas na verdade era um pouco espanhola. — Em Novoye Koshkino.

— Isso é uma cidade?

— É. É a minha cidade.

— E os oficiais definitivamente têm ovos?

Agora eu olhei para ele. Tinha decidido mastigar a batata bem devagar, para fazer durar aquela experiência. Tivemos sorte por ter jantar duas noites seguidas, a sopa da Querida e agora aquelas batatas. Eu não esperava que nossa sorte durasse três noites. Eu mastigava com precisão e observava o rosto de Kolya, buscando qualquer sinal de idiotice.

— Não sei se eles têm algum agora — disse Lara, rindo um pouco. — Você realmente está querendo comer ovos?

— Sim — disse ele, sorrindo para ela, as covinhas se abrindo dos dois lados de seu rosto. Kolya sabia qual tipo de sorriso exibia melhor suas covinhas. — Estou louco para comer ovos desde junho. Por que vocês acham que estamos aqui? Estamos procurando ovos!

As garotas riram daquela estranha brincadeira.

— Vocês estão organizando os guerrilheiros? — perguntou Lara.

— Não podemos discutir nossas ordens — disse Kolya. — Mas vamos apenas dizer que vai ser um longo inverno para o Fritz.

As garotas entreolharam-se, sem se impressionar pela fala cheia de convencimento. Elas já tinham visto a Wehrmacht mais perto do que Kolya; tinham formado suas próprias opiniões sobre quem ia ganhar a guerra.

— A que distância fica Novoye Koshkino? — ele perguntou.

Lara deu de ombros.

— Não muito longe. Seis, sete quilômetros.

— Poderia ser um bom alvo — ele disse para mim, mastigando uma fatia de pão preto, consciente de seu ar de indiferença. — Damos cabo de alguns oficiais da Wehrmacht, deixamos a brigada deles acéfala.

— Eles não são da Wehrmacht — disse Nina. Alguma coisa no jeito de ela falar fez com que eu a fitasse. Ela não era uma garota medrosa, mas o que estava dizendo a assustava. Sua irmã, Galina, olhou para o fogo, mordendo o lábio inferior.

— Eles são Einsatzgruppen.

Os russos tinham recebido um curso intensivo de alemão desde junho. Dezenas de palavras haviam entrado em nosso vocabulário cotidiano da noite para o dia: *Panzers* e *Junkers*, *Wehrmacht* e *Luftwaffe*, *Blitzkrieg* e *Gestapo*, e todos os outros substantivos com letras maiúsculas. A primeira vez em que ouvi *Einsatzgruppen*, a palavra não teve o mesmo som sinistro de algumas das outras. Parecia o nome de algum contador enjoado de alguma comédia teatral ruim do século XIX. Mas o nome deixou de ser engraçado depois de todos os artigos que li, as notícias pelo rádio, e as conversas ouvidas nas ruas. Os Einsatzgruppen eram os esquadrões da morte nazistas, assassinos escolhidos a dedo nas fileiras regulares do exército, na Waffen-SS e na Gestapo, escolhidos por sua eficiência brutal e seu puro sangue ariano. Quando os alemães invadiam um país, os Einsatzgruppen seguiam atrás das divisões de combate, esperando até que o território estivesse seguro antes de iniciarem a caçada a seus alvos: comunistas, ciganos, intelectuais e, é claro, judeus. Todas as semanas o *Verdade* e o *Estrela Vermelha* imprimiam novas fotografias de fossos cheios de russos assassinados, todos homens mortos com um tiro na nuca depois de terem cavado suas valas comuns. Deve ter havido debates calorosos nos escritórios dos editores dos jornais sobre publicar ou não imagens tão desmoralizantes. Mas, por mais mórbidas que as imagens fossem, elas deixavam as coisas muito claras: aquele seria o nosso destino se perdêssemos a guerra. Era isso que estava em jogo.

— São os oficiais do Einsatzgruppen que vêm aqui à noite? — perguntou Kolya.

— Sim — respondeu Nina.

— Não sabia que eles se importavam com a artilharia — comentei.

— Eles não se importam. É um jogo. Eles fazem apostas. Eles miram em diferentes prédios na cidade e os pilotos de bombardeiro lhes dizem o que acertaram. Foi por isso que perguntamos sobre o Palácio de Inverno. Todos

querem atingi-lo.

Pensei no Kirov desmoronado, em Vera Osipovna e nos gêmeos Antokolsky, se haviam sido esmagados pelos destroços que caíram ou se haviam sobrevivido ao colapso do prédio, presos sob grandes pedaços de concreto reforçado, apenas para morrer lentamente, implorando ajuda enquanto fumaça e gás os sufocavam em meio aos escombros. Talvez estivessem mortos porque um alemão na floresta, tomando goles de um cantil que passava de mão em mão com alguma bebida alcoólica forte e brincando com seus colegas oficiais, deu a algum jovem artilheiro as coordenadas erradas, e os projéteis de dezessete centímetros que seriam atirados contra o Palácio de Inverno caíram sobre meu prédio de apartamentos, cinzento e feio.

— Quantos vêm?

Nina olhou para as outras garotas, mas nenhuma delas retornou-lhe o olhar. Galina cutucava algum ferimento invisível nas costas da mão. Um pedaço de madeira que estava queimando caiu do trasfogueiro, e Lara recolocou-o na lareira com um atizador. Olesia, a garota com tranças, não dissera uma só palavra desde que entramos no casarão. Nunca soube se era tímida, ou tinha nascido muda, ou se os Einsatzgruppen tinham arrancado sua língua. Ela recolheu nossos pratos vazios e levou-os para fora do salão.

— Depende da noite — disse Nina finalmente. Falou de maneira casual, como se estivessem conversando sobre um jogo de cartas. — Às vezes ninguém vem. Às vezes dois ou quatro. Às vezes mais.

— Eles vêm em algum veículo?

— Sim, sim, é claro.

— E passam a noite?

— Às vezes. Geralmente não.

— E nunca vêm durante o dia?

— De vez em quando.

— Então, e me perdoe por perguntar, o que impede vocês de fugir?

— Você acha que isso é algo fácil de fazer? — perguntou Nina, aborrecida com a pergunta, com o que ela insinuava.

— Fácil, não — disse Kolya. — Mas Lev e eu saímos de Piter ao amanhecer e aqui estamos.

— Esses alemães que vocês estão combatendo, esses que tomaram metade de nosso país, você acha que são burros? Você acha que iam nos deixar aqui sozinhas se simplesmente pudéssemos abrir a porta e ir andando

para Piter?

— Mas por que não? Por que não podem?

Eu podia perceber o efeito que as perguntas dele estavam tendo sobre as garotas, a raiva nos olhos de Nina, a vergonha nos de Galina enquanto olhava fixamente para suas mãos brancas e delicadas. Mesmo conhecendo Kolya há poucos dias, eu acreditava que ele estava verdadeiramente curioso e que não estava tentando importunar as garotas com seu interrogatório — mas mesmo assim, desejei que calasse a boca.

— Conta para eles sobre Zoya — disse Lara.

Nina pareceu aborrecida com o conselho. Ela deu de ombros e não disse nada.

— Eles acham que somos covardes — acrescentou Lara.

— Não me importo com o que eles pensam — disse Nina.

— Muito bem, eu conto para eles. Havia uma outra garota, Zoya.

Galina levantou-se, alisou a camisola e saiu do salão. Lara ignorou-a.

— Os alemães a adoravam. Para cada homem que vinha aqui atrás de mim, vinham seis atrás dela.

A narrativa direta e sem rodeios de Lara nos deixou pouco à vontade. Nina obviamente queria sair do salão atrás das outras garotas, mas ficou onde estava, olhando de um lado para o outro, para tudo que havia ali, menos para mim e Kolya.

— Ela devia ter uns catorze anos. A mãe e o pai eram do Partido. Não sei o que eles faziam, mas acho que era alguma coisa importante. Os Einsatzgruppen os acharam e mataram no meio da rua. Penduraram os corpos em um poste de iluminação para que todos na cidade pudessem ver o que acontecia com comunistas. Trouxeram Zoya para cá na mesma época em que nos trouxeram, no fim de novembro. Antes disso houve outras garotas. Depois de alguns meses eles se cansam de nós, sabe? Mas Zoya era a favorita. Ela era tão pequena e tinha tanto medo deles. Acho que gostavam disso. Eles diziam para ela, “Não se preocupe, não vou machucar você, não vou deixar eles machucarem você”, coisas assim. Mas ela tinha visto seus pais pendurados em um poste. Qualquer um deles que a tocasse poderia ser o homem que atirou em seu pai e em sua mãe, ou que ordenou os tiros.

— Nós todas temos histórias — disse Nina. — Ela entrou em pânico.

— É, ela entrou em pânico. Tinha catorze anos, entrou em pânico. É diferente para você; você tem a sua irmã. Não está sozinha.

— Ela tinha a gente.

— Não — disse Lara —, é diferente. Toda noite, depois que eles iam embora, ela chorava. Durante horas, quero dizer, até ela dormir, e às vezes ela não dormia. Na primeira semana nós tentamos ajudá-la. Sentávamos com ela e segurávamos sua mão, contávamos histórias para ela, qualquer coisa para fazer ela parar de chorar. Mas era impossível. Você já tentou consolar um bebê com febre? Você tenta de tudo: abraça, embala, canta, dá alguma coisa gelada para beber; não importa, nada adianta. Ela nunca parava de chorar. E depois de uma semana disso, paramos de sentir pena dela. Ficamos com raiva. O que a Nina disse é verdade: nós todas temos histórias. Nós todas perdemos nossas famílias. Nenhuma de nós conseguia dormir com a choradeira de Zoya. Na segunda semana em que ela estava aqui, nós a ignoramos. Se ela estava em um quarto, a gente ia para outro. Ela sabia que a gente estava brava... Não dizia nada, mas sabia. E a choradeira parou. De uma hora para a outra, como se ela tivesse decidido que era o bastante. Durante três dias ela ficou muito quieta, sem chorar mais, sem falar com ninguém. E na manhã do quarto dia ela sumiu. Só ficamos sabendo mais tarde, quando os oficiais chegaram. Eles entraram aqui bêbados, cantando o nome dela. Acho que costumavam fazer apostas, e o vencedor ficava com Zoya primeiro. Eles traziam amigos de outras unidades para vê-la, tiravam fotos dela. Mas ela tinha sumido e, é claro, eles não acreditaram em nós. Nós dissemos que não tínhamos a menor ideia sobre onde ela estava, mas eu também teria me chamado de mentirosa. Quisera eu ter mentido, se soubesse. Como eu queria ter feito isso por ela. Não sei se teríamos feito isso.

— É claro que sim — disse Nina.

— Não sei. Não importa. Eles saíram procurando por ela, Abendroth e os outros. Ele é o... Bom, eu não sei as patentes. Major? — Ela olhou para Nina, que deu de ombros. — Ele é o major, acho. Não é o mais velho, mas é ele quem dá as ordens. Deve ser muito bom no que faz. E sempre ficava com ela primeiro, todas as vezes em que aparecia, não importava se traziam um coronel de algum lugar, ele a pegava para si. Quando terminava com ela, vinha se sentar ao lado do fogo e bebia licor de ameixa. Só tomava isso. Fala russo perfeitamente. E francês; ele morou em Paris durante dois anos.

— Caçando os líderes da Resistência — disse Nina. — Um dos outros me contou. Ele era tão bom que fizeram dele o major mais jovem dos Einsatzgruppen.

— Ele gosta de jogar xadrez comigo — disse Lara. — O meu jogo é bem razoável. Abendroth me dá a rainha, às vezes a rainha e um peão, e eu nunca duro mais que vinte jogadas, mesmo quando ele está bêbado, e quase sempre ele está bêbado. Se estou... se estou ocupada, ele arma o tabuleiro e joga sozinho.

— Ele é o pior deles — disse Nina.

— É. Eu não achava isso a princípio. Mas depois de Zoya, sim, ele é o pior deles. Então pegaram os cachorros e seguiram os rastros dela, entraram na floresta atrás dela. Só precisaram de algumas horas. Ela não tinha ido longe. Era tão fraca... Para começar, era pequena, e mal tinha comido qualquer coisa desde que chegara aqui. Eles a trouxeram de volta para cá. Rasgaram todas as suas roupas. Ela parecia um animal selvagem, imunda, com folhas mortas no cabelo, cheia de machucados nos lugares onde eles tinham batido nela. Tinham amarrado seus pulsos e tornozelos. Abendroth me fez ir pegar a serra que ficava ao lado da pilha de madeira. Quando Zoya fugiu, levou o meu casaco e as minhas botas, então eles acharam que era eu quem tinha ajudado ela. Ele me mandou ir buscar a serra. Eu não sei o que pensei, mas não estava pensando que... pensei que talvez eles fossem usá-la para cortar a corda. Talvez não a machucassem porque gostavam muito dela.

Ouvi um choro abafado e vi Nina coçando a testa, a palma da mão cobrindo os olhos, os lábios apertados silenciando-a.

— Quatro deles a seguraram pelas mãos e pelos pés. Ela não estava resistindo, não naquele momento. Como iria brigar contra eles? Com seus quarenta quilos... Ela achou que iam matá-la e não se importou; ela queria isso, esperava por isso. Mas eles não a mataram. Abendroth fez com que eu entregasse a serra para ele. Ele não a tomou de mim, me obrigou a colocá-la em suas mãos. Ele queria que eu soubesse que... que eu a dera para ele. Estávamos todos neste salão: Nina, Galina, Olesia e eu. Eles nos obrigaram a ficar. Queriam que assistíssemos, aquele era nosso castigo. Ajudamos aquela garota a tentar escapar e agora tínhamos que olhar. Todos os alemães estavam fumando. Tinham ficado lá fora, no frio, procurando por ela e agora estavam fumando seus cigarros. O salão estava cheio de fumaça. Zoya parecia tranquila, como se fosse até sorrir. Ela estava muito além deles agora, eles não conseguiriam tocar nela. Mas estava errada a esse respeito. Abendroth abaixou-se perto dela e sussurrou-lhe alguma coisa no ouvido. Eu não sei o que ele disse. Ele pegou a serra, encostou os dentes no tornozelo dela e

começou a serrar. Zoya... Talvez eu viva muito tempo, o que eu duvido, mas talvez eu viva, e nunca vou tirar aquele grito da minha mente. Eram quatro homens bem fortes segurando-a, e ela não passava de um monte de ossos, mas ela lutou com eles, agora estava lutando contra eles, e dava para ver que tinham dificuldade para mantê-la presa. Ele serrou um dos pés dela até arrancá-lo e depois passou para o outro. Um dos alemães saiu do salão. Lembra disso, Nina? Esqueci o nome dele. Nunca mais voltou aqui. Abendroth serrou o outro pé dela, e Zoya não parou de gritar. Eu pensei que aquilo era o fim, que eu não podia voltar a ser mentalmente sã, era demais, era demais. E quando ele se levantou, seu uniforme estava coberto com o sangue dela... O sangue estava nas suas mãos, em seu rosto... E ele fez uma pequena medida para nós. Você lembra disso? Como se tivesse apresentado um show para nós. Ele disse, “Isto é o que acontece com garotinhas fujonas”. Todos foram embora, tinha acabado, foram embora e nos deixaram com sua fumaça de cigarros e Zoya gemendo no chão. Tentamos embrulhar as pernas dela, parar o sangramento, mas era demais.

Quando Lara parou de falar, a casa ficou em absoluto silêncio. Nina chorava baixinho, limpando o nariz com as costas da mão. Um nó de madeira estalou na lareira e uma revoada de fagulhas subiu pela chaminé. Galhos de lariço raspavam contra o telhado de madeira. Bombas caíam no oeste distante, sentidas mais como vibração do que ouvidas como som, um tremor nas janelas, um estremecimento em um copo com água.

— Eles vêm à meia-noite? — perguntou Kolya.

— Na maioria das noites.

Segundo o relógio de porcelana que estava sobre a lareira, tínhamos seis horas. Meu corpo estava esgotado por marchar através da neve durante o dia todo, mas eu sabia que não conseguiria dormir, não depois de ouvir a história de Zoya, não ao saber que os oficiais do Einsatzgruppe em breve iriam aparecer.

— Amanhã de manhã — disse Kolya para Lara e Nina —, eu quero que todas vocês vão para a cidade. Vou lhes dar o endereço de um lugar para ficar.

— Estamos mais seguras aqui do que na cidade — disse Nina.

— Não depois desta noite.

Lara nos levou a um pequeno quarto nos fundos da casa, onde imaginei que os valetes teriam dormido no tempo dos imperadores. Ela levava um candelabro de metal com duas velas acesas, que colocou sobre uma escrivaninha. As paredes forradas de pinho não tinham enfeites, o beliche não tinha lençóis nos colchões e quase tropecei nas tábuas empenadas do assoalho, mas o lugar era razoavelmente quente. As janelas estreitas ofereciam a vista de um barracão de ferramentas iluminado pela lua e um carrinho de mão caído de lado sobre a neve.

Sentei-me sobre o colchão de baixo e passei os dedos sobre um nome entalhado na parede, ARKADIY. Eu me perguntei durante quanto tempo Arkadiy ficou naquele quarto, e onde ele estaria agora, um velho tremendo em algum lugar na noite fria ou apenas ossos no cemitério. Ele era bom com uma faca, o entalhe com o nome ARKADIY foi feito com capricho na madeira escura, inclinações e arabescos, um risco forte sublinhando o nome.

Lara e Kolya inventaram um código — bater panelas com colheres de metal — que as permitiria sinalizar para nós quantos alemães tinham aparecido para sua diversão tarde da noite. Depois que ela saiu, Kolya tirou a pistola do bolso e começou a desmontá-la, arrumando cuidadosamente as diversas partes sobre a escrivaninha, verificando se estavam danificadas e limpando-as com a manga de sua camisa antes de remontar a arma.

— Você já atirou em alguém? — perguntei.

— Não que eu saiba.

— Como assim?

— Eu disparei o meu rifle uma centena de vezes, talvez uma das balas tenha atingido alguém, não sei. — Ele recolocou o carregador no cabo da automática. — Quando eu atirar em Abendroth, eu saberei.

— Talvez a gente devesse ir embora agora.

— Foi você quem quis vir para cá.

— Precisávamos descansar. Precisávamos de comida. Eu me sinto muito melhor agora.

Ele se virou e olhou para mim. Eu estava sentado na cama com as mãos sob as pernas, meu casaco espalhado atrás de mim.

— Pode ser que venham oito deles — falei. — Nós só temos uma arma.

— E uma faca.

— Não consigo parar de pensar em Zoya.

— Ótimo — disse ele. — Continue pensando nela quando enfiar a faca na barriga dele.

Ele jogou seu casaco sobre o colchão da cama de cima e subiu nela, sentando-se de pernas cruzadas com a arma ao lado. Tirou seu diário do bolso do casaco. Seu toco de lápis havia encolhido até o tamanho de uma unha de polegar, mas ele fazia anotações com sua velocidade habitual.

— Acho que não consigo fazer isso — disse eu depois de um longo silêncio. — Acho que não consigo enfiar uma faca em ninguém.

— Então vou ter que matar todos a tiros. Quanto tempo está fazendo agora, onze dias desde a última vez em que caguei? Quantos dias você acha que é o recorde?

— Provavelmente muito mais do que isso.

— Fico imaginando de que jeito vai ser quando finalmente sair.

— Kolya... por que a gente não vai embora já? Pegamos as garotas e voltamos para a cidade. Nós conseguiríamos. Elas têm um monte de comida que poderíamos levar. O nosso sangue está fluindo de novo. Pegamos uns cobertores extras...

— Escute. Sei que você está com medo. Você está certo em ter medo. Só um idiota ficaria calmo sentado em uma casa para a qual os Einsatzgruppen estão vindo. Mas isto é o que você estava esperando. Esta é a noite. Eles estão tentando queimar a nossa cidade; estão tentando nos matar de fome. Mas somos como dois tijolos de Piter. Não se pode queimar um tijolo. Não se pode matar um tijolo de fome.

Olhei as velas derretendo no candelabro, olhei as sombras dançando pelo teto.

— Onde você ouviu isso? — finalmente perguntei.

— Qual parte, a dos tijolos? O meu tenente. Por quê? Não ficou inspirado?

— Estava indo tudo bem até esse ponto.

— Eu gosto dos tijolos. Não se pode queimar um tijolo. Não se pode matar um tijolo de fome. É legal. Tem um ritmo legal.

— É o mesmo tenente que pisou em uma mina terrestre?

— É. Pobre homem. Bom, esqueça os tijolos. Eu te prometo, leãozinho, que não vamos morrer aqui. Vamos matar alguns nazistas e achar aqueles ovos. Eu tenho um pouco de sangue cigano em mim, consigo ver o futuro.

— Você não tem sangue de cigano.

— E vou insistir com o coronel para que nos convide para o casamento de sua filha.

— Ah! Você ama aquela garota.

— Amo. Acredito que esteja verdadeiramente apaixonado por ela. Ela possivelmente é uma vaca idiota, mas eu a amo. Quero me casar com ela e ela nunca terá que dizer uma única palavra. Não precisa cozinhar para mim; não precisa ter filhos meus. Só precisa patinar nua sobre o Neva, é tudo o que quero. Fazer um pequeno rodopio diante de minha boca aberta.

Durante uns poucos segundos ele me ajudou a esquecer o medo, mas isso não durou muito. Não conseguia me lembrar de um momento em que não senti medo, mas naquela noite ele veio mais forte do que jamais tinha acontecido. Havia tantas possibilidades que me aterrorizavam. Havia a possibilidade de vergonha, de me acovardar durante a ação enquanto Kolya lutava contra os alemães — só que desta vez eu sabia que ele ia morrer. Havia a possibilidade de dor, de passar pelo tipo de tortura que Zoya tinha passado, os dentes da serra rasgando minha pele, músculos e ossos. E havia a excelente possibilidade da morte. Nunca entendi as pessoas que diziam que seu maior medo era falar em público, ou aranhas, ou qualquer um dos outros terrores menos importantes. Como se podia temer algo mais do que a morte? Todas as outras coisas ofereciam oportunidades de evasão: um homem paralisado ainda podia ler Dickens; um homem nas garras da demência podia ter lampejos da mais absurda beleza.

Ouvi as molas da cama rangendo e olhei para cima para ver Kolya inclinando-se sobre a lateral do colchão, seu rosto de cabeça para baixo me espiando, o cabelo loiro e sujo pendurado. Ele parecia estar preocupado comigo, e de repente senti vontade de chorar. A única pessoa que restara que sabia o quanto eu estava assustado, a única que sabia que eu ainda estava vivo e que eu poderia morrer naquela noite, era um desertor pretensioso que eu conhecera três noites atrás, um estranho, um filho de cossacos, meu último amigo.

— Isto vai te animar — disse ele, jogando um baralho sobre o meu

colo.

Parecia um baralho normal, até que virei as cartas ao contrário. Cada uma delas apresentava uma fotografia de mulher diferente, algumas nuas, algumas usando cintas-ligas e espartilhos, os seios enormes caindo das mãos em concha, os lábios ligeiramente abertos para a câmera.

— Pensei que tivesse que ganhar de você no xadrez para conseguir isto.

— Cuidado com elas, cuidado. Não dobre os cantos. Essas vieram lá de Marselha.

Ele me observou enquanto eu olhava as mulheres nuas, sorrindo quando me via examinar mais de perto algumas das fotos.

— E as garotas daqui, hein? Quatro belezuras. Nós vamos ser heróis depois desta noite, você percebe isso, não é? Elas vão cair em cima de nós. Então, qual delas você quer?

— Vamos estar mortos depois desta noite.

— Ora, meu amigo, você tem que parar de falar desse jeito.

— Acho que gosto da baixinha de braços rechonchudos.

— Galina? Tudo bem. Ela parece uma vitela, mas tudo bem, eu entendo.

Ficou em silêncio por um momento enquanto eu estudava uma fotografia de uma mulher sem camisa usando culotes e com um chicote na mão.

— Escute, Lev, depois que tudo acabar esta noite, eu prometo que vou falar com a sua vitelinha. Não fuja como o rapaz tímido que você é. Estou falando sério. Ela gosta de você. Eu a vi olhando para você.

Eu sabia com certeza que Galina não estivera olhando para mim. Ela esteve olhando para Kolya, como fizeram todas as outras, como ele muito bem sabia.

— O que aconteceu com a negligência calculada? Você disse que, segundo o *Sabujo no pátio*, o segredo para conquistar uma mulher...

— Há uma diferença entre ignorar uma mulher e seduzida. Você a seduz com mistério. Ela quer que você venha atrás dela, mas você continua fazendo rodeios. É a mesma coisa com sexo. Os amadores abaixam as calças e enfiam como se estivessem tentando pegar um peixe com uma lança. Mas o homem talentoso sabe que tudo se resume a provocação, a rodeios, a chegar pertinho e se afastar.

— Esta é boa — eu disse, erguendo uma carta que mostrava uma mulher posando de toureira, segurando uma capa vermelha e vestindo apenas um chapéu de toureiro.

— Essa é a minha favorita. Quando eu tinha a sua idade, devo ter enchido umas vinte meias olhando para ela.

— O *Verdade para jovens pioneiros* diz que a masturbação derrota o espírito revolucionário.

— Sem dúvida. Mas como disse Proudhon...

Nunca descobri o que Proudhon disse. A dupla batida de uma colher de cobre contra uma panela interrompeu Kolya. Nós dois nos erguemos em nossas camas.

— Chegaram cedo — ele sussurrou.

— Só tem dois deles.

— Escolheram a noite errada para virem só em dupla. — No momento em que aquelas palavras estavam no ar, a colher acertou a panela novamente. Uma, duas, três, quatro vezes.

— Seis — sussurrei.

Kolya colocou as pernas para fora da cama e desceu silenciosamente até o chão, segurando a arma. Assoprou as velas e espiou através das janelas, mas estávamos do lado errado da casa e não havia nada para ver. Ouvimos portas de carro sendo fechadas.

— Eis o que faremos — ele me disse, a voz baixa e calma. — Vamos esperar. Vamos deixar que relaxem, que se aqueçam e tomem alguns drinques. Eles vão tirar as roupas, e com um pouco de sorte não vão ficar perto das armas. Lembre-se, não estão aqui para lutar. Estão aqui para se divertir, para aproveitar as garotas. Entendeu? A vantagem é nossa.

Fiz que sim com a cabeça. Apesar do que ele disse, eu achava que a aritmética parecia bastante ruim. Seis alemães e nós dois. Será que as garotas iam tentar nos ajudar? Elas não tinham erguido a mão para ajudar Zoya, mas o que poderiam ter feito por ela? Seis alemães e oito balas na Tokarev. Eu esperava que Kolya fosse bom atirador. O medo me percorreu o corpo, elétrico, forçando os meus músculos a se retorcerem e minha boca a ficar seca. Eu me senti mais desperto do que nunca, como se aquele momento, no casarão nos arredores de Berezovka, fosse o primeiro momento verdadeiro de minha vida e tudo que tivesse vindo antes fosse um sonho vacilante. Meus sentidos pareciam amplificados, extraordinários, reagindo à crise ao me dar

todas as informações de que eu precisava. Eu podia ouvir o ruído de botas de cano alto sobre a neve compacta. Eu conseguia sentir o cheiro de agulhas de pinheiro queimando na lareira, um velho truque para perfumar a casa.

O disparo de um fuzil nos assustou. Ficamos em pé em silêncio na escuridão, tentando entender o que estava acontecendo. Depois de alguns segundos, vários tiros de fuzil ecoaram o primeiro. Ouvimos os alemães gritando uns para os outros, em pânico, as vozes se sobrepondo. Kolya correu para a porta. Eu quis lhe dizer para esperar, porque tínhamos um plano e o plano era para esperarmos, mas eu não queria ficar sozinho ali enquanto os fuzis disparavam lá fora e os alemães gritavam suas palavras horríveis.

Corremos para o salão e nos atiramos no chão quando uma bala atravessou uma das janelas com barras. As quatro garotas estavam deitadas de barriga para baixo sobre o assoalho, os braços sobre os rostos para se protegerem dos estilhaços de vidro que voavam.

Eu já vivia em uma guerra há meio ano, mas nunca estivera tão perto de um tiroteio e não tinha a menor ideia de quem estava lutando. Eu podia ouvir o resfolegar de metralhadoras sendo disparadas lá fora. Os disparos de fuzil pareciam vir de mais longe, possivelmente de algum lugar na floresta. As balas martelavam as paredes de pedra do casarão.

Kolya arrastou-se até Lara e a cutucou.

— Quem está atirando neles?

— Não sei.

Ouvimos o motor de um carro sendo ligado lá fora. Portas bateram com força e o carro acelerou, os pneus patinando na neve. Os fuzis dispararam mais ainda agora, uma bala atrás da outra, as balas rasgando o metal, um som muito diferente de uma bala sobre pedra.

Kolya ergueu-se o suficiente para ficar agachado e aproximou-se vagarosamente da porta, mantendo a cabeça abaixo da linha da janela. Eu o segui. Nós nos ajoelhamos com as costas contra a porta. Kolya verificou a automática pela última vez. Eu tirei a faca alemã da bainha no meu tornozelo. Eu sabia que parecia um bobo segurando-a, como um moleque segurando a navalha do pai. Kolya sorriu para mim como se fosse começar a dar risada. Tudo isso é muito estranho, pensei. Estou no meio de uma batalha e tenho consciência de meus pensamentos, estou preocupado com o fato de parecer um idiota com uma faca na mão enquanto todos os outros estão lutando com fuzis e metralhadoras. Eu tenho consciência de que tenho consciência.

Mesmo agora, com as balas zumbindo pelo ar como vespas raivosas, não consigo escapar dos murmúrios do meu cérebro.

Kolya colocou a mão na maçaneta, girando-a lentamente.

— Espere — eu disse. Ficamos totalmente imóveis por alguns segundos. — Ficou quieto.

O tiroteio havia acabado abruptamente. O motor do carro ainda estava ligado, mas eu não conseguia ouvir as rodas girando. As vozes alemãs haviam silenciado tão repentinamente quanto as balas. Kolya olhou para mim e vagarosamente abriu a porta, apenas o suficiente para poder espiar. A lua estava alta e clara, iluminando a paisagem brutal: Einsatzkommandos com anoraques brancos espalhados com o rosto sobre a neve e um Kübelwagen descendo vagarosamente pela trilha irregular, as janelas perfuradas pelas balas, fumaça saindo do motor. O homem morto no banco do passageiro estava caído com metade do corpo sobre a janela, os dedos ainda presos à pistola-metralhadora. Um segundo Kübel, estacionado em ângulo ao lado do casarão, não chegou a se mover. Dois alemães estavam caídos entre ele e a casa, os crânios derramando pedaços escuros sobre a neve. Eu só tive tempo de registrar a precisão dos tiros, a excelente pontaria do francoatirador, quando uma bala voou através do espaço que havia entre mim e Kolya, vibrando no ar como a corda de um instrumento.

Nós dois caímos para trás, e Kolya fechou a porta com um chute. Ele colocou as mãos em concha ao redor da boca e gritou na direção da janela estilhaçada ao lado da porta da frente.

— Nós somos russos! Ei! Ei! Nós somos russos!

Por alguns segundos houve silêncio antes de uma voz distante responder.

— Para mim você parece uma porra de um nazista!

Kolya riu, esmurrando-me no ombro em sua alegria.

— O meu nome é Nikolai Alexandrovich Vlasov! — gritou ele para a janela. — Da avenida Engels!

— Mas que nome original! Qualquer nazista com poucos anos de russo poderia dizer isso!

— Avenida Engels! — gritou uma outra voz. — Tem uma avenida Engels em toda cidade deste país, porra!

Ainda rindo, Kolya agarrou meu casaco e me sacudiu, por nenhum outro motivo a não ser o fato de seu sangue estar cheio de adrenalina, por ele

estar vivo e feliz, e por isso precisava sacudir alguma coisa. Ele rastejou para mais perto da janela quebrada, tentando evitar os cacos de vidro espalhados pelo chão.

— A boceta da sua mãe tem um formato bastante peculiar! — gritou ele. — Mesmo assim eu tolerarei o cheiro e lambi com entusiasmo cada dobra dela sempre que ela pediu!

Um longo silêncio se seguiu a essa fala, mas Kolya não pareceu preocupado. Ele estava rindo de sua própria piada, piscando para mim como se fosse um velho veterano da guerra turca trocando insultos com seus camaradas no balneário.

— O que vocês acham disso? — ele acrescentou gritando a plenos pulmões. — Você acha que alguém com poucos anos de russo conseguiria dizer isso?

— De qual das nossas mães você está falando? — A voz parecia mais próxima agora.

— Não daquele que atira bem. Um de vocês é um gênio com um fuzil.

— Você está armado? — perguntou uma voz do lado de fora.

— Uma pistola Tokarev.

— E o seu amiguinho?

— Só uma faca.

— Saiam, os dois. Fiquem com as mãos levantadas ou meu amigo vai arrancar o seu pintinho com um tiro.

Lara e Nina tinham rastejado até o corredor da frente durante essa conversa, suas camisolas enfeitadas com pedacinhos de vidro das janelas arrebentadas pelos tiros.

— Eles os mataram? — sussurrou Nina.

— Todos os seis — eu disse a ela. Pensei que as garotas fossem ficar contentes, mas quando ouviram a notícia trocaram olhares preocupados. A vida que tinham levado nos últimos meses agora havia acabado. Teriam que fugir sem saber de onde viria sua próxima refeição nem onde iriam dormir. Milhões de russos podiam dizer o mesmo, mas as coisas eram piores para as garotas. Se os alemães as pegassem novamente, elas teriam punições piores do que as de Zoya.

Quando Kolya estendeu o braço na direção da maçaneta, Lara colocou a mão sobre a perna dele, fazendo-o esperar por um momento.

— Não — disse ela. — Eles não vão acreditar em você.

— Por que não acreditariam em mim? Eu sou um soldado do Exército Vermelho.

— É, e eles não. Não tem uma única unidade do Exército Vermelho num raio de trinta quilômetros daqui. Vão pensar que você é um desertor.

Ele sorriu e cobriu a mão dela com a sua.

— Eu pareço um desertor para você? Não se preocupe. Eu tenho documentos.

Os documentos não impressionaram Lara. Quando Kolya estendeu a mão novamente para a maçaneta, ela rastejou para mais perto da janela.

— Obrigada por nos salvarem, camaradas! — ela gritou. — Estes dois aqui são nossos amigos. Por favor, não atirem neles!

— Você acha que eu teria errado esse cabeção loiro se eu quisesse acertá-lo? Diz para o comediante vir aqui para fora.

Kolya abriu a porta e saiu, as mãos erguidas no ar. Ele olhou pela neve, mas os combatentes estavam escondidos.

— Diz para o menorzinho sair também.

Lara e Nina olharam assustadas para mim, mas Lara concordou com um movimento da cabeça, em um gesto encorajador que me dizia que tudo ficaria bem. Senti uma breve onda de raiva pela garota: por que ela não ia lá fora? Por que elas tinham que estar ali, afinal? Se o casarão estivesse vazio, Kolya e eu poderíamos ter dormido a noite toda e saído pela manhã, descansados e secos. O pensamento atravessou minha cabeça, imediatamente seguido por um sentimento de culpa por seu absurdo.

Nina apertou a minha mão e sorriu para mim. Ela era certamente a garota mais bonita que já havia sorrido para mim. Imaginei-me descrevendo a cena para Oleg Antokolsky: a mãozinha branca de Nina segurando forte a minha, seus cílios pálidos vibrando enquanto ela olhava para mim, preocupada com a minha segurança. Mesmo depois que aquele momento passou, eu o estava narrando para o meu amigo, esquecendo-me de que Oleg provavelmente nunca ouviria a história, que era grande a probabilidade de que ele estivesse soterrado nos entulhos da rua Voinova.

Tentei retribuir o sorriso de Nina, não consegui e passei pela porta com as mãos para cima. Desde o começo da guerra eu li centenas de relatos sobre os heróis do país em ação. Todos eles se recusavam a reconhecer que eram heróis. Eram cidadãos honestos da pátria, protegendo-a dos

estupradores fascistas. Quando perguntados em entrevistas por que haviam atacado um ninho de metralhadoras ou subido em um tanque para jogar uma granada para dentro da escotilha, tudo o que respondiam era que sequer tinham pensado a respeito, estavam fazendo apenas o que qualquer outro bom russo faria.

Assim, os heróis e as pessoas que dormem com facilidade conseguem desligar seus pensamentos quando necessário. Os covardes e os insones, o meu povo, são incomodados por murmúrios no cérebro. Quando passei pela porta, pensei, *Estou no pátio da frente de um casarão perto de Berezovka e guerrilheiros estão apontando seus fuzis para a minha cabeça.*

A julgar pelo enorme sorriso no rosto de Kolya, ele não estava pensando em absolutamente nada. Ficamos em pé lado a lado enquanto nossos interrogadores invisíveis nos examinavam. Nossos casacos tinham ficado no casarão e tremíamos no ar da noite, o frio penetrando-nos os ossos.

— Prove que é um de nós. — A voz parecia vir do lado de um dos fardos de feno cobertos de neve, e quando meus olhos se ajustaram à luz consegui ver um homem ajoelhado nas sombras, um fuzil erguido e apoiado no ombro. — Atire na cabeça de cada um dos alemães.

— Isso não é lá um grande teste — disse Kolya. — Eles já estão mortos.

A capacidade que aquele sujeito tinha de piorar uma situação que já estava ruim não me surpreendia mais. Talvez um herói seja alguém que não tem muita consciência de sua própria vulnerabilidade. Então é coragem ser insensato demais para reconhecer a própria mortalidade?

— Nós ainda estamos vivos — disse o guerrilheiro nas sombras — porque atiramos neles mesmo quando achamos que estão mortos.

Kolya assentiu. Ele andou até o Kübel desgovernado, que finalmente havia parado, os pneus enterrados em um metro de neve.

— Estamos de olho em você — advertiu o guerrilheiro. — Uma bala em cada cabeça.

Kolya atirou no motorista e no passageiro mortos, o cano brilhando na noite como a câmera de um fotógrafo. Ele se virou e caminhou pela neve, parando para atirar nos alemães que estavam deitados em suas poses estranhas.

No sexto homem, quando se abaixou para encostar a arma no crânio do Einsatzkommando caído, ele ouviu algo. Ele se ajoelhou e escutou por um

momento antes de se levantar e gritar.

— Este aqui está vivo.

— É por isso que você vai atirar nele.

— Talvez ele tenha alguma coisa útil para nos dizer.

— Ele parece alguém que consegue falar?

Kolya rolou o alemão para que ficasse de costas. O homem gemeu baixinho. Uma espuma cor-de-rosa borbulhava em sua boca.

— Não — respondeu Kolya.

— Isso é porque nós atiramos nos pulmões dele. Agora faça-lhe um favor e acabe com ele.

Kolya levantou-se, fez pontaria e atirou na testa do moribundo.

— Guarde sua arma.

Kolya obedeceu, e os guerrilheiros emergiram de seus esconderijos, saindo de trás dos fardos de feno, saltando sobre as muretas de pedra que separavam os campos da fazenda, marchando com dificuldade através da neve na margem da floresta. Uma dúzia de homens com casacos compridos, fuzis nas mãos, os vapores que lhes saíam das bocas subindo acima de suas cabeças enquanto se aproximavam do casarão.

Pareciam ser fazendeiros, chapéus forrados de pele quase lhes cobrindo as sobrancelhas, rostos largos, banais e de expressão hostil. Não havia um uniforme comum. Alguns usavam botas de couro do Exército Vermelho, outros estavam com botas de feltro; alguns usavam casacos marrom-claros, outros cinza. Um dos homens estava vestido com o que parecia ser o uniforme branco dos esquiadores finlandeses. Caminhando na frente estava o homem que julguei ser o líder, com barba de uma semana escurecendo-lhe o rosto, um velho rifle de caça preso ao ombro por uma correia. Mais tarde naquela noite ficamos sabendo que o nome daquele homem era Korsakov. Se tinha um primeiro nome ou patronímico, nunca ficamos sabendo. De qualquer forma, Korsakov provavelmente não era seu nome verdadeiro — os guerrilheiros eram famosos por sua paranoia em relação a suas identidades, por um bom motivo. Os Einsatzkommandos reagiam à resistência local por meio de execuções públicas das famílias dos combatentes conhecidos.

Korsakov e dois de seus camaradas aproximaram-se de nós enquanto os outros guerrilheiros revistavam os alemães, tirando-lhes as submetralhadoras e munição, suas cartas, cantis e relógios de pulso. O

homem com roupa de esqui ajoelhou-se ao lado de um dos corpos e tentou arrancar uma aliança de casamento dourada do dedo anular do cadáver. Ao ver que ela não saía, o guerrilheiro enfiou o dedo na boca. Ele me viu olhando para ele e piscou, arrancando o dedo molhado dos lábios e soltando o anel.

— Não se preocupe com eles — disse Korsakov, quando percebeu que eu estava olhando. — Preocupe-se comigo. Por que vocês dois estão aqui?

— Eles estão aqui para organizar os guerrilheiros — disse Nina. Ela e Lara haviam saído do casarão descalças, abraçando os próprios corpos, o vento soprando-lhes o cabelo.

— É isso mesmo? E nós parecemos desorganizados?

— Eles são amigos. Iam matar os alemães se vocês não aparecessem.

— Iam mesmo? Quanta gentileza. — Ele desviou os olhos do rosto dela e gritou para os guerrilheiros que estavam revistando os mortos no carro. — O que pegamos?

— Peixes pequenos — gritou um guerrilheiro barbado, erguendo a insígnia que havia arrancado da gola do oficial. — Só primeiros-tenentes e assistentes.

Korsakov deu de ombros e voltou a olhar para Nina, avaliando-lhe as panturrilhas pálidas e as formas de seus quadris sob a camisola.

— Volta para dentro — ele ordenou. — Vista-se. Os alemães estão mortos; você pode parar de ser prostituta.

— Não me chame assim.

— Eu te chamo do jeito que quiser. Volta lá para dentro.

Lara pegou a mão de Nina e arrastou-a de volta para o casarão. Kolya ficou olhando as duas voltarem e se virou para o líder dos guerrilheiros.

— Você foi rude, camarada.

— Não sou seu camarada. E, se não fosse por mim, elas teriam pintos alemães enfiados nelas neste exato momento.

— Mesmo assim...

— Cala a boca. Você está usando um uniforme do Exército, mas não está com o Exército. Você é um desertor?

— Recebemos ordens. Tenho os documentos no meu casaco, lá dentro.

— Todo colaboracionista que conheci tinha documentos.

— Eu tenho carta do coronel Grechko da NKVD nos autorizando a vir aqui.

Korsakov sorriu e virou-se para seus homens.

— E o coronel Grechko, ele tem autoridade por aqui? Adoro esses policiais da cidade, querendo nos dar ordens.

Um dos homens que estava em pé atrás dele, um sujeito magro de olhos juntos, riu alto, mostrando-nos seus dentes estragados. O outro homem não riu. Ele usava um macacão de inverno com camuflagem em desenhos marrons e brancos, folhas mortas em estilo *trompe l'œil*. Seus olhos espiavam sob o debrum de seu chapéu de pele de coelho. Era pequeno, menor que eu, e jovem, sem qualquer marca de barba em suas bochechas rosadas. Suas feições eram finas, os ossos do rosto definidos de maneira precisa, os lábios cheios, agora torcidos em um sorriso malicioso enquanto me encarava.

— Está vendo alguma coisa estranha? — ele perguntou, e percebi que não era um homem falando.

— Você é uma garota — Kolya deixou escapar, os olhos fixos sobre ela. Eu me senti idiota por nós dois.

— Não fiquem tão chocados — disse Korsakov. — De nós todos é ela quem atira melhor. Aqueles Fritzes ali que ficaram só com metade da cabeça? Foi ela.

Kolya assobiou, olhando dela para os alemães mortos e para a margem da floresta no limite dos campos da fazenda.

— Daquele lugar? Quanto tem, uns quatrocentos metros? Em alvos móveis?

A garota deu de ombros.

— Não é tão difícil assim quando eles estão correndo no meio da neve.

— Vika está tentando bater o recorde de Liudmila Pavlichenko — disse o homem prognata. — Ela quer ser a francoatiradora número um.

— Qual é a contagem de Mila até agora? — perguntou Kolya.

— O *Estrela Vermelha* diz duzentos — respondeu Vika revirando os olhos ligeiramente. — O Exército lhe dá uma morte confirmada cada vez que ela assoa o nariz.

— Esse fuzil é alemão, não é?

— É um K-98 — ela respondeu, batendo no cano com a palma da mão. — O melhor rifle do mundo.

Kolya me cutucou com o cotovelo e sussurrou:

— Acho que meu pau está ficando duro.

— O que foi? — perguntou Korsakov.

— Eu disse que o meu pau vai cair se ficarmos aqui fora mais tempo, se me perdoam a linguagem. — Ele fez uma reverência antiquada para Vika antes de voltar para Korsakov. — Você quer ver os meus papéis, vamos lá para dentro ver os papéis. Se quer atirar nos seus compatriotas aqui fora, na neve, tudo bem, atire em nós. Mas chega de ficar aqui em pé no frio.

O guerrilheiro claramente preferia a ideia de atirar em Kolya em vez de olhar seus papéis, mas matar um homem do Exército não era pouca coisa, especialmente com tantas testemunhas. Ele não queria ceder tão rápido também, e ser humilhado na frente de seus homens. Então os dois ficaram se encarando com raiva por mais dez segundos enquanto eu mordida o lábio para impedir meus dentes de bater.

Vika interrompeu o impasse.

— Esses dois estão se apaixonando — disse ela. — Olhem para eles. Não conseguem decidir se querem lutar um com o outro ou se querem rolar juntos sem roupa pela neve.

Os outros guerrilheiros riram, e Vika começou a andar na direção do casarão, ignorando o olhar furioso de Korsakov.

— Estou com fome — ela disse. — Parece que aquelas garotas lá dentro andaram comendo costeletas de porco durante todo o inverno.

Os homens a seguiram, carregando o resultado do saque, ansiosos para saírem do frio e entrarem na casa. Fiquei olhando Vika bater as botas na frente da porta, livrando as solas da neve, e me perguntei como seria o corpo dela embaixo daquele macacão camuflado para o inverno, embaixo das camadas de lã e feltro.

— Ela é sua? — Kolya perguntou a Korsakov, depois que Vika tinha entrado no casarão.

— Está brincando? Aquela é mais homem do que mulher.

— Ótimo — disse Kolya, esmurrando-me o braço. — Porque acho que meu amigo aqui está apaixonado.

Korsakov olhou para mim e começou a rir. Sempre detestei quando as pessoas riam de mim, mas daquela vez recebi muito bem a diversão dele. Soube que ele não ia nos matar.

— Boa sorte para você, rapaz. Lembra só de uma coisa, ela pode te

dar um tiro no meio dos olhos de uma distância de meio quilômetro.

Korsakov dera a seus homens uma hora para se aquecerem e se alimentarem, e agora estavam espalhados pelo salão, as meias penduradas na tela protetora da lareira, os casacos estendidos pelo chão. Vika estava deitada de costas em um sofá de crina embaixo da cabeça de íbex, os tornozelos cruzados, os dedos brincando com o chapéu de pele de coelho que estava sobre seu peito. Seu cabelo vermelho-escuro era curto como o de um menino, tão sujo que se juntava em pontas grudadas e redemoinhos. Ela olhava fixamente para os olhos de vidro do íbex, fascinada pelo animal assassinado — perguntando-se sobre a caçada, imaginei, sobre o tiro do caçador, se fora um tiro direto ou se o animal ferido correu por quilômetros, sem entender que a morte já havia se encravado em seu músculo e em seu osso, uma bala ágil cuja velocidade não podia ser superada.

Eu estava sentado no parapeito de uma janela e a olhava, tentando garantir que ela não soubesse que eu estava olhando para ela. Havia tirado o macacão para secá-lo. Usava uma camisa de lenhador de lã grossa que havia pertencido a um homem que era duas vezes maior do que ela e dois pares de ceroulas. Diferente da maioria das ruivas, não tinha uma única sarda. Ela mordida o lábio superior com a fileira de baixo de seus dentinhos tortos. Eu não conseguia parar de fitá-la. Não era o ideal de mulher atraente — subnutrida como estava, com a aparência de quem tinha passado a última semana dormindo na floresta —, mas eu queria vê-la nua. Queria desabotoar-lhe a camisa de lenhador, jogá-la para o lado e lamber sua barriga pálida, arrancar a ceroula e beijar suas coxas magras.

Esse devaneio realista era algo novo para mim. Será que as cartas pornográficas de Kolya estimularam a minha imaginação? Geralmente minhas fantasias eram castas, anacrônicas — eu via Vera Osipovna, totalmente vestida, apresentando para mim um recital de violoncelo na solidão de seu quarto, e depois eu iria elogiar-lhe a execução, impressionando-a com minha eloquência e domínio do vocabulário dos músicos. A fantasia terminaria com alguns beijos apaixonados, a perna estendida de Vera derrubando a estante de partituras, o rosto quente e excitado, enquanto eu dava um sorriso misterioso e a deixava ali em pé, a

gola em desalinho, um dos botões da blusa aberto.

Minhas fantasias geralmente terminavam antes de chegar ao sexo porque eu tinha medo de sexo. Não sabia como fazer. Eu nem sabia o suficiente para fingir que sabia como fazer. Eu entendia a anatomia básica, mas a geometria do ato me confundia, e sem um pai ou irmão mais velho, ou qualquer amigo íntimo com experiência, não havia ninguém por perto para perguntar.

Mas não havia nada casto em meu desejo por Vika. Eu queria pular sobre ela, com as minhas calças abaixadas. Ela poderia me mostrar onde se encaixavam as coisas e assim que tivéssemos nos arranjado, os dedos dela, com as unhas sujas e roídas, iriam arranhar meus ombros; ela jogaria a cabeça para trás, expondo o pescoço comprido e branco e o tremor da pulsação abaixo da mandíbula; as pálpebras pesadas se abririam, as pupilas contraindo-se na parte azul de seus olhos até que ficassem do tamanho do pinga sobre o *i*.

Todas as mulheres da casa — Nina e Galina, Lara e Olesia — eram, à primeira vista, mais bonitas do que Vika. O cabelo delas era comprido e escovado; não tinham lama seca grudada nas costas das mãos; até usavam um pouco de batom. Elas entravam e saíam correndo do salão, carregando tigelas de nozes com casca e rabanetes com sal. Havia um novo grupo de homens armados para agradar — compatriotas, sim, mas ainda assim perigosos e imprevisíveis. Um deles, sentado no chão de pernas cruzadas perto do fogo, agarrou o pulso gorducho de Galina quando ela se abaixou para encher-lhe o copo de vodca novamente.

— Você já deu uma olhada lá fora? O seu namorado é um daqueles que estão de cara no chão?

O amigo ao lado dele riu, e o guerrilheiro, incentivado, puxou Galina para o seu colo. Ela estava acostumada a ser maltratada: não chorou nem derramou uma gota de vodca.

— Eles trouxeram muitas coisas gostosas para vocês comerem? Devem ter trazido, eh, dá só uma olhada nessas bochechas! — Ele passou um polegar calejado sobre a pele macia e rosada. — E o que você fez para eles? Qualquer coisa que eles quisessem, não é? Dançaram nuas enquanto eles cantavam a canção de Horst Wessel, o hino dos nazistas? Chuparam eles enquanto enchiam a cara?

— Deixa ela em paz — disse Vika.

Ela continuava deitada de costas do mesmo jeito que estivera, ainda olhando para a cabeça de íbex enquanto seus pés, em grossas meias de lã, balançavam ao ritmo de uma canção inaudível. O tom da voz dela não variava — se estava brava, era impossível dizer. Assim que as palavras foram ditas, eu desejei tê-las dito em vez dela. Teria sido um gesto de coragem, possivelmente suicida, mas Galina fora boa comigo e eu devia defendê-la — não em razão de minha natureza nobre, mas porque isso teria impressionado Vika. Mas no momento em que deveria ter agido eu congelei, mais um ato de covardia para suportar ao longo dos anos. Kolya teria interferido sem hesitar, mas Kolya estava no quarto dos fundos com Korsakov, examinando o salvo-conduto do coronel.

O guerrilheiro que agarrava o pulso de Galina hesitou antes de responder a Vika. Eu sabia que ele estava com medo. Eu tenho medo há tanto tempo que consigo percebê-lo em outras pessoas antes que elas se deem conta de que ele está lá. Mas eu também sabia que ele ia retrucar, dizendo alguma coisa sarcástica para provar a seus camaradas que não tinha medo, muito embora todos soubessem que tinha.

— Qual é o problema? — ele perguntou finalmente. — Você está querendo pegar esta menina?

Era uma tentativa fraca e nenhum de seus amigos riu. Vika nem se deu o trabalho de responder. Ela sequer olhou na direção dele. O único sinal de que tinha ouvido o que ele disse foi um lento sorriso que se espalhou pelo rosto, e não estava claro se era em reação ao escárnio dele ou ao olhar de vidro do íbex. Depois de mais alguns segundos, o guerrilheiro grunhiu, soltou Galina e lhe deu um leve empurrão.

— Vai, serve os outros. Você foi escrava durante tanto tempo que é só para isso que serve agora.

Se os insultos do guerrilheiro a ofenderam, Galina não deixou transparecer. Ela serviu copos de vodca para os outros homens no salão e todos foram educados, agradecendo com um movimento da cabeça.

Depois de um minuto refletindo sobre a probabilidade de um sério constrangimento, eu me aproximei do sofá de crina e sentei em uma das pontas, perto dos pés de Vika em suas meias cinza de lã. A barba no queixo do íbex balançava acima da minha cabeça. Olhei para cima e depois para Vika. Ela estava me olhando diretamente, esperando ouvir qualquer coisa engraçada que eu estivesse planejando dizer.

— Seu pai era caçador? — perguntei. Essa fora a pergunta que eu formulara enquanto estivera do outro lado do salão. Assim que a fiz, me perguntei por que tinha pensado que aquela era uma boa maneira de começar uma conversa. Foi algum artigo que eu li sobre francoatiradores, alguma coisa sobre Sidorenko atirar em esquilos quando era menino.

— O quê?

— Seu pai... Pensei que talvez fosse assim que você tivesse aprendido a atirar.

Eu não conseguia dizer se era tédio ou aversão em seus olhos azuis. Mais de perto, sob a luz dos lampiões e da lareira, eu podia ver um salpico de pequenas espinhas vermelhas em sua testa.

— Não. Ele não era caçador.

— Acho que muitos francoatiradores começaram como caçadores... Bem, eu já li alguma coisa sobre isso.

Ela não estava mais olhando para mim, tinha voltado a estudar o íbex. Eu era menos interessante do que um animal empalhado. Os outros guerrilheiros me observavam, cutucando-se com os cotovelos e rindo, inclinando-se para o lado para cochichar e rir em silêncio.

— Onde você conseguiu aquele rifle alemão? — perguntei, um pouco desesperado, um jogador que continua apostando mesmo quando suas cartas continuam vindo cada vez piores.

— De um alemão.

— Eu tenho uma faca alemã. — Levantei a perna da calça, desembainhei a faca e virei-a na mão, permitindo que o aço refletisse a luz. A faca atraiu-lhe a atenção. Ela estendeu a mão e lhe passei a lâmina. Ela testou o fio contra seu antebraço.

— Afiada o bastante para fazer a barba — disse eu. — Não que você precise... Quero dizer...

— Onde a encontrou?

— Em um alemão.

Ela sorriu e fiquei muito orgulhoso das minhas palavras, como se tivesse dito alguma coisa muito esperta, reagindo à taciturnidade dela com a minha própria.

— E onde você encontrou o alemão?

— Paraquedista morto em Leningrado. — Eu esperava que aquilo fosse vago o bastante para deixar aberta a possibilidade de que eu tivesse

matado o paraquedista.

— Eles estão saltando sobre Leningrado? Já começou?

— Acho que foi só um comando. Apenas alguns passaram. As coisas não deram muito certo para os Fritzes. — Pensei que aquilo soava correto, casual, como se eu fosse o tipo de matador que falasse casualmente dos inimigos que eu tivesse despachado.

— Você mesmo o matou?

Abri a boca, totalmente preparado para mentir, mas a maneira que ela olhou para mim, os lábios torcidos naquele sorriso malicioso que ao mesmo tempo me irritava por sua condescendência e me fazia querer beijá-la...

— O frio o matou. Eu só vi ele caindo.

Ela assentiu e me devolveu a faca, estendendo os braços atrás da cabeça e dando um tremendo bocejo, sem se importar em cobrir a boca. Seus dentes eram como dentes de criança, muito pequenos e um pouco desalinhados. Ela parecia satisfeita, como se tivesse acabado de comer uma refeição com nove pratos diferentes servida com os melhores vinhos, embora tudo que eu tivesse visto ela morder fora um rabanete escuro.

— O frio é a arma mais antiga da Mãe Rússia — eu acrescentei, uma frase de algum general que eu ouvira no rádio. Imediatamente desejei que pudesse retirá-la. Talvez fosse verdade, mas agora aquilo era um clichê da propaganda há meses. Até mesmo dizer a expressão “Mãe Rússia” me fazia sentir como um daqueles estúpidos e sorridentes Jovens Pioneiros, marchando nos parques com suas camisas brancas e gravatas vermelhas, cantando “O pequeno e alegre tocador de tambor”.

— Eu também tenho uma faca — disse ela, tirando uma adaga de cabo de bétula de uma bainha enfiada no cinto e oferecendo-a para mim com o cabo na frente.

Eu virei a pequena lâmina na mão. Havia um padrão de linhas finas sobre o aço, como ondulações sobre a água agitada.

— Parece um pouco frágil.

— Não é. — Ela inclinou-se para a frente para passar a ponta do indicador sobre a lâmina desenhada. — Isso é aço Damasco.

Agora ela estava tão perto que eu podia examinar os sulcos curvos de sua orelha ou as dobras que interrompiam a extensão lisa de sua testa quando ela erguia as sobrancelhas. Algumas agulhas de pinheiro estavam alojadas nos tufo de seu cabelo e resisti ao impulso de tirá-las.

— Chama-se puuko — ela me ensinou. — Todos os garotos finlandeses ganham uma quando atingem uma certa idade.

Ela pegou a faca de volta e balançou-a para poder admirar o reflexo do fogo sobre o metal.

— O melhor francoatirador do mundo é um finlandês. Simo Häyhä. O Morte Branca. Quinhentas e cinco mortes confirmadas na guerra de inverno.

— Então você a tirou de algum finlandês que você abateu?

— Comprei-a por oitenta rublos em Terijoki. — Ela recolocou a faca na bainha do cinto e deu uma olhada pelo salão, procurando alguma coisa mais interessante com o que ocupar sua atenção.

— Talvez você possa ser a Morte Vermelha — eu disse, tentando continuar a conversa porque sabia que, se parasse, eu nunca recuperaria a coragem para começar novamente. — Você deu uns tiros muito bons lá fora. Acho que os Einsatzkommandos não estão acostumados com gente atirando neles.

Vika olhou para mim com seus olhos azuis frios. Havia algo em seu olhar que não era inteiramente humano, alguma coisa predatória, lupina.

Ela fez um círculo com os lábios antes de balançar a cabeça.

— Por que você acha que aqueles eram Einsatzkommandos?

— As garotas nos contaram que são eles que vêm aqui.

— Quantos anos você tem, quinze? Você não é soldado...

— Dezessete.

— ... mas está viajando com um soldado que não está com sua unidade.

— Bom, como ele disse, temos ordens especiais do coronel Grechko.

— Ordens especiais para fazer o quê? Organizar os guerrilheiros? Será que pareço tão estúpida assim para você?

— Não.

— Vocês vieram aqui visitar as garotas? É isso? Uma delas é sua namorada?

Fiquei estranhamente orgulhoso por ela pensar que uma das encantadoras garotas da casa poderia ser minha namorada, muito embora eu pudesse ouvir o tom de insulto na maneira como ela falou “uma delas”. Estava curiosa a meu respeito, já era um começo. E estava certa em estar curiosa. Por que um rapaz de Piter estaria ali, vinte quilômetros atrás das linhas inimigas, descansando em uma casa confortável mantida para oficiais

dos invasores?

Eu me lembrei do que Kolya tinha me dito sobre seduzir uma mulher com mistério.

— Nós temos as nossas ordens, tenho certeza de que vocês têm as suas, vamos deixar as coisas assim.

Vika ficou olhando para mim em silêncio por alguns segundos. Talvez ela estivesse seduzida, mas era difícil dizer.

— Sabe aqueles alemães lá fora com os miolos na neve? Eles são do exército regular. Era de se esperar que um homem, quero dizer, um *rapaz*, que estivesse trabalhando para a NKVD soubesse a diferença.

— Eu não tive chance de inspecionar as insígnias deles porque o seu pessoal estava apontando fuzis para nós.

— Mas nós estamos procurando os Einsatz. Aí é coisa grande. Estivemos caçando esse chupador de cadáver, Abendroth, pelas últimas seis semanas. Achemos que ele pudesse estar aqui esta noite.

Eu nunca tinha ouvido o xingamento “chupador de cadáver” antes. A expressão parecia brutalmente vulgar vinda dos lábios dela. Sorri por algum motivo, um sorriso que pode ter parecido estranho e espontâneo. Na minha mente, eu a estava imaginando sem calças; a imagem era nítida e detalhada, muito mais convincente do que geralmente eram os meus nus imaginados. Talvez as cartas pornográficas de Kolya tenham realmente ajudado.

— Abendroth está em uma casa em Novoye Koshkino — eu lhe contei. — Perto do lago.

A informação pareceu atraí-la mais do que qualquer coisa que eu lhe tivesse dito. Meu sorriso inadequado combinado com o meu conhecimento do paradeiro dos nazistas tornou-me momentaneamente intrigante.

— Quem te contou isso?

Um homem mais misterioso teria sabido como se desviar da pergunta, esquivando-se como um boxeador, batendo de leve e trançando os passos, sem nunca ser pego. Eu sabia de algo que ela queria saber. Pela primeira vez eu tinha uma ligeira vantagem sobre ela. As palavras *Novoye Koshkino* deram às minhas credenciais da NKVD um toque de verdade e me ofereciam uma vantagem que eu poderia explorar.

— Lara — eu disse, entregando tudo de uma vez em uma única palavra.

— Qual é a Lara?

Eu a aponteí. A medida que os olhos de Vika acompanharam minha indicação, eu senti que, de alguma forma, tinha traído Lara. Ela fora generosa — nos dera abrigo do frio, comida quente, arriscou-se a sair descalça em uma noite de inverno brutal para ajudar a nos defender dos desconfiados guerrilheiros — e eu entregara seu nome para aquela assassina de olhos azuis e sorriso malicioso. Vika deslizou os pés para fora do sofá, os dedos do pé nas meias de lã roçando na perna de minhas calças. Ela se levantou e aproximou-se de Lara, que estava de cócoras perto do fogo, acrescentando mais um pedaço de lenha às chamas. Sem as botas, eu vi como Vika era realmente pequena, mas ela se movia com aquela graça preguiçosa que se pode ver nos atletas quando estão relaxando. *Esta é uma guerra moderna*, pensei, *na qual força bruta não significa nada e uma garota esguia parte a cabeça de um alemão a quatrocentos metros*.

Lara pareceu nervosa quando viu que a francoatiradora a observava. Ela sacudia a poeira do corpo enquanto escutava Vika. Não consegui ouvir a conversa, mas vi Lara fazer que sim com a cabeça e, pela maneira como gesticulava, imaginei que estava ensinando o caminho para Vika.

Kolya voltou para a sala com Korsakov. Ambos tinham um copo de vodca na mão e estavam rindo de alguma piada, grandes companheiros agora, toda hostilidade anterior fora esquecida. Eu não esperara nada menos do que isso — Kolya era um grande vendedor, especialmente quando estava vendendo a si mesmo. Ele andou devagar até o sofá de crina e sentou-se com um suspiro, dando um tapa no meu joelho e tomando de um só gole o que lhe restava de vodca.

— Você comeu o bastante? — ele me perguntou. — Estamos prontos para sair.

— Vamos embora? Pensei que a gente ia dormir aqui esta noite.

O tiroteio tinha reativado o meu sistema, mas agora que já havia se passado algum tempo desde o voo das últimas balas, senti a fadiga voltando lentamente para os meus ossos. Tínhamos andado o dia inteiro através da neve e eu não dormia desde o apartamento de Sonya.

— Ora, você sabe muito bem que as coisas não são assim. O que você acha que vai acontecer quando aqueles Fritzes ali fora não voltarem mais de sua festinha desta noite? Quanto tempo vai se passar até que mandem um pelotão para descobrir onde foi que seus tenentes desapareceram?

Vika tinha conseguido com Lara aquilo de que precisava. Agora

falava em voz baixa com Korsakov, os dois em pé no canto do salão — o comandante dos guerrilheiros, de ombros largos e barba por fazer, e sua pequena assassina, iluminados pelo fogo bruxuleante.

Os outros guerrilheiros começaram a se aprontar, calçando suas meias secas e botas de feltro, engolindo mais um copo de vodca para a longa marcha que os aguardava. As garotas da casa tinham desaparecido nos quartos dos fundos, onde supus que iriam pegar tudo que pudessem levar consigo e decidir aonde ir em seguida.

— Poderíamos pegar os carros dos alemães — falei, inspirado pela ideia. — Poderíamos deixar as garotas em Piter... — Como a maioria das ideias que eu considerava inspiradas, o brilhantismo daquela desapareceu antes que eu chegasse ao final da segunda sentença.

— Dirigir um Kübel até a linha de Leningrado — disse Kolya. — Hm, é, é uma ideia. E quando nosso próprio pessoal nos bombardear para fora da estrada e algum idiota da região dos cossacos tirar os nossos corpos fumegantes dos destroços do carro, ele vai dizer, “Hum! Estes alemães se parecem com a gente!”. Não, leãozinho, ainda não vamos voltar a Piter. Temos negócios a tratar em Novoye Koshkino.

Vinte minutos mais tarde estávamos caminhando com dificuldade pela neve novamente, o calor do casarão começando a desaparecer da memória. Ladeados por pinheiros imponentes, andávamos em fila única com nove passos entre cada homem, segundo as ordens explícitas de Korsakov. Eu não entendia a relevância tática da formação, mas confiava no fato de que aqueles homens eram mestres das emboscadas e sabiam o que estavam fazendo. Kolya caminhava à minha frente e com minha cabeça baixa eu via apenas a barra de seu sobretudo e suas botas de couro preto. O restante das pessoas em nossa pequena caravana era de fantasmas, invisíveis e silenciosos, a não ser pelo estalar ocasional de um galho pisado ou o ruído agudo da tampa de um cantil sendo aberta para um gole de chá ainda quente.

Nunca acreditei realmente no clichê que dizia que soldados aprendiam a dormir enquanto marchavam, mas à medida que continuávamos rumando para leste, embalados pelo ritmo de nossas botas subindo e descendo na neve, eu oscilava entre ficar acordado e cochilar. Nem mesmo o frio me mantinha alerta. Novoye Koshkino estava a uns poucos quilômetros de distância do casarão pela estrada, mas estávamos longe de qualquer estrada, circundando os acampamentos alemães nos quais Kolya e eu teríamos tropeçado se estivéssemos desacompanhados. Korsakov dissera que a marcha levaria quatro horas; antes de acabar a primeira eu sentia que alguém havia derramado algum caldo espesso em um buraco em meu crânio. Tudo que eu fazia era de maneira lenta. Se quisesse coçar o nariz, eu tinha consciência do comando do cérebro e da obediência relutante da mão, a longa jornada empreendida pela mão a caminho do rosto, a procura pelo nariz (geralmente um alvo fácil), e o agradecido retorno da mão a sua aconchegante cavernazinha nas profundezas do casaco da Marinha que fora de meu pai.

Quanto mais cansado eu ficava, mais duvidoso todo o cenário parecia. Como aquilo podia ser real? Éramos um bando de ratos enfeitiçados, marchando sob a lua de giz no céu de quadro-negro. Um feiticeiro vivia em Novoye Koshkino, um homem que sabia as palavras ancestrais que poderiam transformar-nos novamente nos homens que um dia tínhamos sido. Mas haveria perigos no caminho, gatos pretos gigantes passeando pelo gelo,

dando botes sobre nós enquanto saíamos correndo à procura de abrigo, nossas caudas compridas retorcendo-se de medo.

Minha bota afundou em um monte de neve fofa e quase torci o tornozelo. Kolya parou e olhou para trás quando me ouviu cambalear, mas consegui me endireitar, dando-lhe um rápido aceno de cabeça e continuando a andar sem qualquer ajuda.

As garotas que encontramos no casarão tinham partido mais ou menos na mesma hora que nós. Elas não tinham casacos ou botas de inverno; os alemães haviam levado esses itens embora depois da fuga de Zoya. Sem as roupas adequadas, tiveram que recorrer a diversas camadas de roupas, colocando todas as camisas que tinham, todos os suéteres e ceroulas, até oscilarem com o peso, cambaleando pelo salão como se fossem camponesas obesas e bêbadas. Galina tivera a ideia de pegar os sobretudos dos nazistas, mas calaram-lhe a boca rapidamente — as chances delas já eram ruins, se fossem capturadas, mas serem capturadas usando o casaco de um oficial morto seria o fim.

Kolya e eu beijamos-lhes os rostos na porta. Elas decidiram não ir para Leningrado; algumas tinham família lá, mas os tios e primos poderiam já estar mortos ou terem fugido para o leste. Mais importante ainda, não havia comida em Leningrado para os moradores e certamente não haveria comida para quatro garotas das vilas sem cartões de racionamento. Leningrado não fazia sentido, então elas estavam rumando para o sul. Tinham levado todas as provisões que sobraram depois que os guerrilheiros pegaram o que quiseram. Korsakov permitiu que ficassem com duas Lugers dos alemães para se protegerem. Suas chances não eram boas, mas elas pareciam animadas ao saírem pela porta da frente do casarão. Foram prisioneiras durante meses, tinham sofrido suas próprias torturas noite após noite, e agora estavam livres. Beije as oito bochechas, acenei para me despedir e nunca mais as vi novamente, nem tive notícias delas.

Alguma coisa sacudiu meu ombro, meus olhos arregalaram-se e percebi que estivera andando em um transe semiconsciente. Kolya marchava ao meu lado agora, a mão enluvada segurando com firmeza meu casaco.

— Você ainda está conosco? — perguntou ele em voz baixa, olhando para mim com verdadeira preocupação.

— Estou aqui.

— Vou andar com você. Para mantê-lo acordado.

— Korsakov mandou a gente...

— Eu não recebo ordens daquele porco sem mãe. Você viu como ele tratou as garotas.

— Foi você quem estava virando coleguinha dele.

— Precisamos dele agora. E da amiguinha dele... Eu vi você olhando para ela lá atrás perto da lareira. Você queria apontar o cano para a francoatiradora, hein? Né? Ah!

Balancei a cabeça, cansado demais até mesmo para gemer da piada infeliz.

— Você já esteve com uma ruiva? Ah, espera, o que estou dizendo, você nunca esteve com ninguém. A boa notícia é que elas são uns demônios embaixo dos lençóis. Duas das três melhores fodas da minha vida foram com ruivas. Duas de quatro, na verdade. Mas o outro lado da moeda é que elas odeiam os homens. Há muita raiva ali, meu amigo. Cuidado.

— Todas as ruivas odeiam os homens?

— Faz muito sentido, quando a gente para para pensar no assunto. Qualquer ruiva que você encontrar, muito provavelmente descende de algum viking que andava por aí cortando os braços das pessoas antes de estuprar-lhes a avó. Ela tem o sangue dos saqueadores nas veias.

— Essa é uma boa teoria. Você devia contar a ela.

A cada passada, eu tentava pisar nas pegadas de bota do guerrilheiro que caminhava dezoito passos à nossa frente. Andar sobre neve pisada demandava menos energia do que pisar na neve fofa, mas o homem na frente tinha pernas compridas, e eu estava com dificuldade para acompanhá-lo.

— E, só para ver se eu entendi — comecei, ofegando um pouco e abaixando para passar sob um galho carregado de agulhas de pinheiro —, estamos marchando para Novoye Koshkino para encontrar a casa onde o Einsatzgruppe está aquartelado porque talvez eles tenham uns ovos?

— Isso é o que estamos fazendo para o coronel. Mas para nós, e para a Rússia, estamos marchando para Novoye Koshkino para matar os Einsatz porque eles precisam ser mortos.

Abaixei a cabeça para que a maior parte de meu rosto ficasse protegida do vento pela gola levantada do sobretudo de meu pai. De que adiantava discutir mais? Kolya considerava-se um boêmio, um livre-pensador, mas à sua moda ele era um verdadeiro crente tanto quanto qualquer Jovem Pioneiro. A pior parte disso tudo é que eu não achava que ele estivesse

errado. Os Einsatzkommandos precisavam ser destruídos antes que eles nos destruíssem. Eu só não queria ser o responsável pela destruição deles. Será que eu deveria entrar no covil deles apenas com uma faca para me proteger? Cinco dias atrás um relato daquela expedição teria parecido a grande aventura pela qual eu estava esperando desde que a guerra começara. Mas agora, no meio dela, eu desejava ter partido em setembro, com minha mãe e minha irmã.

— Você se lembra do final do livro primeiro de *O sabujo no pátio*? Quando Radchenko vê seu antigo professor cambaleando pela rua, murmurando coisas para os pombos?

— A pior cena na história da literatura.

— Ah, perdoe-me, você nunca leu o livro.

Havia algo estranhamente confortador na perseverança de Kolya, sua disposição para fazer as mesmas piadas — se é que se podia chamá-las assim — repetidas vezes. Ele era como um avô senil e alegre que se sentava à mesa do jantar com sopa de beterraba respingada no colarinho, contando mais uma vez a história de seu encontro com o imperador, embora todos em sua família pudessem recitá-la de cor.

— Sabe, é uma das mais belas passagens da literatura, o professor dele fora um escritor famoso no passado, mas agora estava completamente esquecido. Radchenko sente vergonha pelo velho. Ele o observa através da janela de seu quarto. Radchenko nunca sai de seu apartamento; lembre-se, ele não sai há sete anos. Ele vê o professor sair de vista, tentando chutar os pombos e xingando-os. — Kolya pigarreou e mudou a voz para seu tom declamatório. — *O talento deve ser uma amante fanática. Ela é linda; quando você está com ela, as pessoas olham, elas reparam. Mas ela bate à sua porta em horas estranhas e desaparece por longos períodos de tempo, e não tem paciência para as outras partes de sua existência: sua esposa, seus filhos, seus amigos. Ela é a noite mais emocionante de sua vida, mas um dia ela vai abandoná-lo para sempre. Certa noite, depois de ter desaparecido durante anos, você a verá de braço dado com um homem mais jovem, e ela fingirá não reconhecê-lo.*

A aparente imunidade de Kolya à exaustão me irritava e surpreendia. Eu só conseguia me mover ao avistar uma árvore distante e prometendo a mim mesmo que não iria desistir até atingi-la — e quando chegávamos a essa árvore, eu encontrava outra e jurava que aquela era a última. Mas Kolya

parecia ser capaz de passear pelas florestas, declamando em voz baixa e teatral, durante horas. Esperei um momento para me certificar de que tivesse terminado antes de balançar a cabeça afirmativamente.

— Muito bom.

— Não é mesmo? — disse ele rapidamente, satisfeito com meu elogio. A maneira como reagiu me fez estudar seu rosto iluminado pela lua.

— Você memorizou a maior parte do livro?

— Ah, isso não sei. Algumas passagens aqui e ali.

A neve ficava mais funda à medida que atravessamos um cume, tornando cada passo uma tarefa desagradável, e eu bufava e ofegava como um velho que tivesse apenas um pulmão enquanto cambaleava até a próxima árvore.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

— Você já perguntou — ele disse, com seu sorriso irritantemente satisfeito.

— O que você escreve quando escreve em seu diário?

— Depende do dia. Às vezes apenas anotações sobre o que vi. Às vezes ouço alguém dizer alguma coisa, uma ou duas frases, e gosto do som que aquilo tem.

Assenti e experimentei manter um olho fechado durante dez segundos, depois o outro, alternando para dar-lhes algum descanso e para protegê-los do vento.

— Por que a pergunta?

— Eu acho que você está escrevendo *O sabujo no pátio*.

— Você acha... Você quer dizer uma crítica sobre *O sabujo no pátio*?

Bom, estou mesmo. Eu já te contei isso. Algum dia vou fazer palestras sobre o livro. Talvez sete homens na Rússia saibam mais sobre Ushakovo do que eu.

— Eu não acho que exista um Ushakovo. — Ergui um pouco meu chapéu para poder olhar melhor para ele. — Você fica me dizendo que o livro é um clássico e eu nunca ouvi falar nele. E você ficou muito feliz quando eu lhe disse que gostei daquela parte, você ficou orgulhoso disso. Se eu citasse Puchkin para você, e você dissesse que o texto era bom, isso não me deixaria orgulhoso, deixaria? O texto não é meu.

A expressão de Kolya não mudou. Seu rosto não admitia nada, não negava nada.

— Mas você realmente gostou?
— Não é mal. Você acabou de inventar isso?
— Nas últimas horas. Você sabe o que me inspirou? Aquele poema de seu pai, “Um velho poeta, antes famoso, visto em um café”.
— Isso foi outra pista. Você o roubou descaradamente.
Ele riu, soprando uma enorme rajada de vapor no ar gelado.
— Isso é a literatura. Nós não chamamos de roubo, chamamos de homenagem. E quanto à primeira linha do livro? Você gosta dela também?
— Não me lembro da primeira linha do livro.
— *No matadouro onde nos beijamos pela primeira vez, o ar ainda exalava o fedor do sangue dos carneiros.*
— Um pouco melodramático, não é?
— O que há de errado com drama? Todos esses escritores contemporâneos são uns peixinhos tímidos...
— Melodrama — eu disse.
— ... mas se o assunto exige intensidade, ele deve receber intensidade.

— Então esse tempo todo... Por que simplesmente não me contou que estava escrevendo um romance?

Kolya olhou para a lua, que agora afundava em direção à linha formada pelos topos dos pinheiros. Em breve ela teria desaparecido e iríamos caminhar em meio a uma verdadeira escuridão, tropeçando sobre raízes e escorregando em lugares cobertos por gelo escuro.

— A verdade é que, lembra-se da primeira noite, quando eu o conheci? Lá nas Cruzes? Pensei que iam nos matar na manhã seguinte. Então que importância teria o que eu lhe contasse? Falei a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Você me disse que eles não iam atirar na gente!

— Bom, você parecia um pouco assustado. Mas vamos, pense bem: um desertor e um saqueador? Que chances teríamos?

A próxima árvore que eu tinha escolhido como estação de caminhada parecia impossivelmente distante, a silhueta de um pinheiro que se destacava de seus irmãos, uma sentinela solitária, mais velho do que todos os outros. Enquanto eu ofegava, Kolya bebericava chá de seu cantil, um naturalista dando um passeio noturno. As rações do Exército excediam em muito as rações dos civis — esse era o meu argumento para explicar sua energia

superior, desconsiderando o fato de que tínhamos comido refeições idênticas nos últimos dias.

— Você disse que deixou sua unidade para que pudesse defender sua tese sobre *O sabujo no pátio* de Ushakovo — disse eu, fazendo uma pausa entre cada sentença para recuperar o fôlego. — E agora você está admitindo que não existe Ushakovo e que não existe *O sabujo no pátio*.

— Mas haverá. Se eu viver o bastante.

— Por que você deixou a sua unidade?

— É complicado.

— Vocês dois estão querendo trepar no mato?

Kolya e eu nos viramos. Vika tinha se colocado atrás de nós sem um ruído, e estava tão perto que se eu estendesse a mão poderia lhe tocar o rosto. Ela nos fuzilou com os olhos cheios de desprezo, obviamente com raiva por estar na companhia de soldados tão ruins.

— Vocês receberam ordens para marchar em fila única mantendo um intervalo de nove passos. A voz dela era muito grave para um a garota tão pequena, rouca, como se ela estivesse gripada na semana anterior e sua laringe ainda não tivesse se recuperado. Ela tinha experiência em murmurar, capaz de enunciar cada palavra quase em silêncio de forma que podíamos entender tudo, mas alguém a cinco metros de distância não ia ouvir nada.

— Vocês estão passeando como duas bichas, conversando sobre livros. Percebem que temos acampamentos alemães a dois quilômetros daqui? Se querem terminar dentro de uma vala com todos os comunistas e judeus, isso é problema de vocês, mas eu estou planejando visitar Berlim no ano que vem.

— Ele é judeu — disse Kolya, cutucando-me com o polegar, ignorando o olhar de raiva que lancei em sua direção.

— É mesmo? Bom, você é o primeiro judeu burro que já conheci. Ou vocês dão a volta e retornam para Piter ou então calem a boca e obedeçam às nossas regras. Há um motivo para não termos perdido um só homem em dois meses. Agora continuem, mexam-se.

Com uma das mãos nas costas de cada um de nós, ela nos empurrou com força para a frente e retomamos nossos lugares na fila indiana, nove passos entre nós, silenciados pela vergonha.

Pensei em Ushakovo, o autor inexistente, e em sua obra-prima inexistente, *O sabujo no pátio*. Por algum motivo eu não estava com raiva de

Kolya. Era uma mentira estranha mas inofensiva, e quanto mais eu andava mais entendia seus motivos. Kolya parecia destemido, mas todo mundo tem algum medo dentro de si; o medo faz parte de nossa herança. Afinal, não descendemos dos pequenos e tímidos musaranhos que se encolhiam nas sombras enquanto as grandes feras passavam por eles? Canibais e nazistas não deixavam Kolya nervoso, mas a ameaça de constrangimento, sim — a possibilidade de que um estranho pudesse rir das linhas que ele tivesse escrito.

Meu pai tinha muitos amigos, a maioria deles escritores, e escolhiam nosso apartamento como seu clube, por causa da comida que minha mãe fazia e a relutância de meu pai em mandar alguém ir embora. Minha mãe reclamava, dizendo que estava gerenciando o Hotel Literati. O lugar fedia a fumaça de cigarro e as bitucas estavam em toda parte, nos vasos de plantas e nos copos de chá pela metade. Certa noite um dramaturgo experimentalista enfiou dezenas de tocos de cigarro em pedaços de cera de vela derretida na mesa da cozinha, representando as forças romanas e cartaginesas, para que pudesse demonstrar a manobra de duplo envolvimento de Aníbal na batalha de Canas. Minha mãe reclamava do barulho, dos copos quebrados, dos tapetes manchados com vinho ucraniano barato, mas eu sabia que ela gostava de receber os bandos de poetas e romancistas, adorava quando devoravam seus cozidos e elogiavam seus bolos. Quando jovem, ela era uma mulher bonita, e embora não fosse de flertar, gostava quando homens de boa aparência flertavam com ela. Ela se sentava ao lado de meu pai no sofá e escutava os debates, os discursos bombásticos e as críticas empolgadas, sem dizer nada, mas ornando tudo, guardando tudo para as conversas que teria com o meu pai depois que o último bêbado finalmente cambaleasse porta afora. Não era escritora, mas uma ótima leitora, apaixonada e eclética em seus gostos, e meu pai tinha muita convicção nos julgamentos dela. Quando um dos homens ilustres vinham ao apartamento, um Mandelstam ou um Chukovksi, ela não os tratava com quaisquer favores especiais, mas eu sabia que ela os observava atentamente, avaliando como eles se comportavam em relação ao meu pai. Em sua cabeça, a comunidade literária era hierarquizada com a mesma precisão que o Exército; as patentes podiam não ter títulos ou insígnias, mas eram patentes mesmo assim, e ela queria saber onde meu pai se encaixava.

Às vezes, quando um número suficiente de garrafas tinha sido

entornado, um poeta ficava em pé, o corpo oscilando ligeiramente, como se um vento forte estivesse soprando, e recitava um novo poema que havia escrito. Na condição de um garoto de oito anos espiando a sala do corredor, sabendo que seria descoberto e esperando que fosse meu pai a fazê-lo (era quase impossível para ele se zangar, enquanto minha mãe era rápida com as palmadas fortes no traseiro), os poemas não significavam nada para mim. A maioria dos poetas queria ser Maiakovski, e embora não conseguissem se igualar ao talento dele, conseguiam imitar-lhe a opacidade, gritando versos que não faziam sentido para mim, com oito anos, e provavelmente não faziam sentido para todas as outras pessoas na sala. Mas, mesmo se os poemas não me impressionassem, isso não acontecia com as performances — aqueles homenzarrões com suas sobranceiras felpudas, sempre segurando cigarros entre os dedos, as longas hastes de cinzas quebrando-se e caindo no chão sempre que gesticulavam de maneira mais agitada. Em raras ocasiões, uma mulher se levantava e encarava os olhares de todos — certa vez, até mesmo a própria Akhmatova, segundo minha mãe, embora eu não me lembre de tê-la visto.

Às vezes os poetas liam de anotações rabiscadas, às vezes falavam de memória. Depois que haviam terminado, conscientes de todos os rostos que os observavam, avançavam sobre o copo mais próximo de vinho ou vodca — não só pelo apoio que a bebida dava, mas para lhes dar alguma coisa para fazer, uma ação simples para ocupar as mãos e os olhos enquanto aguardavam a reação das pessoas. Aquele era um público de colegas profissionais, e a reação de costume era uma aprovação moderada, assinalada por movimentos afirmativos de cabeça, sorrisos, tapinhas nas costas. Uma ou duas vezes eu vi aqueles invejosos homens de letras explodirem em euforia, tão encantados com o poder do texto que esqueciam seus ciúmes enquanto gritavam “Bravo! Bravo!”, e avançavam sobre o confuso e feliz poeta, beijando-lhe o rosto com lábios molhados, desarrumando-lhe os cabelos, repetindo seus versos favoritos e balançando a cabeça em admiração.

Mais comum, no entanto, era a reação de silêncio desdenhoso, sem que ninguém estivesse disposto a olhar nos olhos do poeta, a fingir interesse pelo assunto, ou cumprimentar de maneira indiferente o uso de uma metáfora vistosa. Quando uma leitura não dava certo, o poeta percebia isso rapidamente. Ele engoliria rapidamente a bebida que estivesse tomando, o rubor de vergonha espalhando-se pelo rosto, enquanto secava a boca com a

manga, e se afastava para um canto mais isolado do apartamento, demonstrando grande interesse pelas estantes de livros do meu pai — Balzac e Stendhal, Yeats e Baudelaire. O homem derrotado deixaria a festa em breve, mas sair muito rapidamente pareceria falta de espírito esportivo, uma forma mal-humorada de covardia, e então ele esperava uns vinte minutos dolorosos enquanto todos a seu redor deliberadamente evitavam mencionar seu poema, como se tivesse havido um peido horroroso sobre o qual ninguém era rude o bastante para reclamar. Por fim, ele agradeceria a minha mãe pela comida e hospitalidade, sorrindo mas sem olhá-la nos olhos, e sairia do apartamento, consciente de que um minuto depois de sua saída todos iriam fazer piadas sobre a atrocidade que ele revelara, que horror, monte de pretensão e velhacaria.

Kolya protegeu-se inventando Ushakovo. O escritor de mentira servia como um disfarce para que Kolya pudesse testar seu texto de abertura, a filosofia de seu protagonista, até mesmo o título do livro, avaliando a minha reação sem medo de menosprezo. Como fraude, não era das mais requintadas, mas ele a desenvolvera de uma forma agradável, e decidi que Kolya provavelmente poderia escrever um romance decente algum dia, se sobrevivesse à guerra e jogasse fora aquela primeira sentença bombástica.

A conversa com Kolya e o aparecimento de Vika haviam me despertado e olhei a floresta ao meu redor, esperando que os homens à frente e atrás de mim tivessem olhos melhores para a escuridão do que os meus. A lua havia caído atrás da linha das árvores; faltavam horas para o sol se erguer; a noite estava realmente escura agora. Por duas vezes quase trombei contra as árvores. Havia milhões de estrelas no céu, mas eram apenas para decoração, e me perguntei por que aqueles sóis distantes apareciam como cabeças de alfinete luminosas. Se os astrônomos estavam certos e o universo está entupido de estrelas, muitas das quais muito maiores do que o nosso sol, e se a luz viajava para sempre sem diminuir sua velocidade ou apagar, por que o céu não brilhava durante todos os minutos do dia? A resposta devia ser óbvia, mas eu não conseguia pensar qual fosse. Durante trinta minutos não me preocupei com os Einsatzkommandos e seu líder, Abendroth; esqueci as câibras nos músculos das minhas pernas; eu não percebia mais o frio. Será que as estrelas eram como lanternas, incapazes de projetar sua luz além de uma certa distância? Do telhado do Kirov eu conseguia localizar o brilho da lanterna de um soldado a poucos quilômetros dali, embora o fecho de luz não

pudesse iluminar o meu rosto daquela distância. Por sua vez, por que o facho de luz de uma lanterna perdia poder com a distância? Será que as partículas de luz se espalhavam como o chumbo em um tiro de espingarda? Será que a luz era feita de partículas?

Minhas indagações semilúcidas finalmente terminaram quando colidi com as costas de Kolya, batendo o nariz e soltando um grito de surpresa. Uma dezena de vozes me mandaram ficar quieto. Apertando os olhos para tentar enxergar melhor as formas humanas turvas à minha frente, percebi que todos tinham se reunido ao lado de uma enorme pedra redonda coberta de neve. Vika já estava no topo da pedra; eu não sei como ela conseguiu subir no escuro pela pedra lisa e congelada.

— Estão queimando os vilarejos — ela gritou para Korsakov.

No momento em que ela falou aquelas palavras senti no ar o cheiro de fumaça.

— Encontraram os corpos — disse Korsakov.

Os alemães tinham deixado muito claro para os civis do território ocupado sua filosofia de retribuição. Eles pregaram cartazes nas paredes; lançaram decretos em suas transmissões em russo pelo rádio; espalharam a notícia por meio de seus colaboradores: matem um de nossos soldados e mataremos trinta russos. Perseguir guerrilheiros era uma tarefa difícil, mas reunir um grande número de velhos, mulheres e crianças era fácil, mesmo agora com metade da nação em fuga.

Se Korsakov e seus homens ficaram incomodados ao saber que seu ataque no começo da noite havia provocado um massacre de inocentes, eu não pude perceber em seus rostos. O inimigo havia declarado guerra total quando invadiu nosso país. Eles tinham jurado, repetidamente e por escrito, que incendiariam nossas cidades e escravizariam o populacho. Não podíamos combatê-los com moderação. Não podíamos combater uma guerra total com meia guerra. Os guerrilheiros continuariam a abater os nazistas um a um; os nazistas continuariam a massacrar os não combatentes e os fascistas acabariam descobrindo que não poderiam vencer a guerra mesmo se matassem trinta civis para cada um de seus soldados mortos. A aritmética era brutal, mas dessa forma ela sempre tinha funcionado a favor da Rússia.

Vika desceu da pedra. Korsakov aproximou-se para discutir a questão com ela. Ao passar por nós ela murmurou para Kolya: “Chega de Novoye Koshkino.”

— Não vamos mais?

— E por que iríamos? A ideia era chegarmos lá antes do amanhecer e caçar os Einsatz. Sentiu o cheiro de fumaça? Os Einsatz estão nos caçando.

Os guerrilheiros mantinham um esconderijo seguro a alguns quilômetros do lago Ladoga, uma cabana de caçador há muito abandonada que ficava na lateral de uma colina repleta de pinheiros. Nós finalmente chegamos lá uma hora antes do amanhecer, o céu mudando pacientemente de preto para cinza, uma neve rala caindo à medida que o ar clareava. Todos pareciam pensar que a neve era um bom presságio, cobrindo nossas marcas e indicando um dia mais quente.

A caminho da cabana tínhamos caminhado por uma trilha em um cume que dava vista para outra vila incendiada. O fogo era silencioso, as casinhas desabando em meio às chamas sem reclamar, revoadas de fagulhas elevando-se na direção do céu. A distância parecia bonito, e pensei que era estranho o fato de a violência acentuada ser, com frequência, tão agradável ao olhar, como balas traçantes à noite. Assim que passamos pelo vilarejo ouvimos uma explosão de tiros, a não mais do que um quilômetro de distância, sete ou oito metralhadoras disparando como em um concerto. Todos nós sabíamos o que os tiros significavam e todos continuamos andando.

A cabana de caçador parecia ter sido construída com placas velhas de madeira e pregos enferrujados por um homem com pouca habilidade para carpintaria e sem paciência para o trabalho. A porta estava torta e pendurada pelas dobradiças. Não havia janelas, apenas um cano projetando-se para fora através do telhado para fazer sair a fumaça, e não havia assoalho, mas um chão de terra batida. Lá dentro o cheiro de merda humana era quase insuportável. As paredes eram retalhadas como se por garras, e me perguntei se os fantasmas de todas as martas e raposas cujas peles foram tiradas ali ainda assombravam o lugar, ansiosas para esfolar seus hóspedes vivos quando as velas se apagassem.

Com o frio que estava lá fora, o interior da cabana só oferecia alívio temporário contra o vento e nenhum calor adicional. Korsakov elegeu um infeliz para ir para fora e assumir o primeiro turno de guarda. O guerrilheiro com o uniforme finlandês de esqui retirou a mochila das costas e armou um pequeno “fogareiro burguês”, enchendo-o com pedaços de madeira que

tinham deixado na cabana antes. Quando o fogareiro foi aceso, todos nós nos aglomeramos o máximo que conseguimos, treze homens e uma mulher — ou doze homens, uma mulher e um menino, se era para ser honesto. Imaginei, pela centésima vez naquela noite, como ela seria sem o macacão imundo, a pele pálida e suja esticada sobre os desenhos azuis das veias. Será que ela tinha peitos ou era reta como um garoto? Seus quadris eram tão estreitos quanto os meus, eu estava razoavelmente certo sobre isso, mas mesmo com seu cabelo cortado rente e o pescoço manchado de lama havia alguma coisa inegavelmente feminina naquele lábio inferior saliente e orgulhoso. Será que os outros homens do grupo também a desejavam, ou todos a viam como Korsakov, como uma francoatiradora assexuada com um olho excepcional? Será que eles eram idiotas ou eu era?

O fedor de merda fazia meus olhos lacrimejarem, mas em breve a fumaça do fogão camuflou o pior do cheiro, e o fogo e o calor de nossos corpos tornaram a cabana razoavelmente confortável. Aquela altura eu poderia ter dormido em qualquer lugar, e com o casaco de meu pai estendido sob mim e usando meu cachecol dobrado como travesseiro, eu fiquei inconsciente segundos depois de ter apoiado a cabeça.

Um momento depois Kolya me cutucou.

— Ei — sussurrou ele. — Ei, você está acordado?

Mantive os olhos fechados com força, na esperança de que ele me deixasse em paz.

— Você está bravo comigo? — perguntou ele. Sua boca estava próxima do meu ouvido, o que lhe permitia sussurrar diretamente no meu cérebro sem ter que incomodar os outros. Eu queria esmurrá-lo para que calasse a boca, mas não queria que ele revidasse.

— Não — respondi. — Vá dormir.

— Desculpe se menti para você. Mesmo pensando que íamos morrer, isso não é justificativa. Foi errado da minha parte.

— Obrigado — eu lhe disse, virando para o outro lado, na esperança de que ele entendesse a indireta.

— Mas você gosta do título, não é? *O sabujo no pátio*. Você sabe o que significa?

— Por favor... por favor, me deixa dormir.

— Desculpe. Dormir, claro.

Trinta segundos se passaram em silêncio, mas eu não conseguia

relaxar, porque sabia que ele estava completamente acordado, olhando para o teto, esperando para me fazer outra pergunta.

— Você quer saber a verdade, não quer? Sobre o porquê de eu ter deixado o meu batalhão.

— Você pode me contar amanhã.

— Eu não andava com uma garota fazia quatro meses. Minhas bolas estavam inchadas como dois limões. Você acha que estou brincando? Não sou como você. Não tenho a sua disciplina. Eu comi minha primeira garota três dias depois da primeira vez em que gozei. Doze anos de idade, não tinha um só pelo no saco, mas enfiei o troço em Klava Stepanovich lá na sala da caldeira, *boing boing boing*.

Boing boing boing?

— Eu fico com esse desejo, estou te dizendo. Fico uma semana sem fazer e não consigo me concentrar, meu cérebro não funciona, eu ficava andando pelas trincheiras de pau duro.

O hálito quente de Kolya estava no meu ouvido e tentei me afastar um pouco mais, mas estávamos todos apertados juntos no chão de terra, como cigarros em um maço.

— Tínhamos uma festa planejada para a véspera do ano-novo, o batalhão todo. Tinha vodca, ia ter uma cantoria, eu ouvi um boato de que alguém tinha encontrado uns porcos escondidos em um celeiro em algum lugar e a gente ia assá-los. Um programa para a noite toda, certo? Então eu pensei, que ótimo, que eles celebrem com sua vodca e seus porcos, eu tenho outros assuntos a tratar. Estávamos a menos de uma hora de carro de Piter. Eu tinha um amigo que entregava mensagens no quartel-general. Ele ia ficar na cidade por umas três, quatro horas. Perfeito. Então peguei uma carona com ele, e ele me deixou na frente do prédio de uma amiga...

— Sonya?

— Não, uma garota chamada Yulia. Não era a garota mais bonita do mundo, nem bonitinha, é sério. Mas escuta, Lev, essa garota me deixava de pau duro até quando ela lixava as unhas. A boceta dela era mágica. Era mesmo. Ela morava no sexto andar e enquanto subia eu ia me preparando. Já tinha decidido a posição; era só jogá-la sobre as costas de um sofá, com o rabo para o ar, entrar nela bem fundo. A propósito, eu não sei se você tem muita coisa aí no andar de baixo, mas se não tiver, essa é uma boa posição para você. Faz você entrar até o fim. De qualquer forma, eu finalmente

cheguei ao apartamento dela, estou começando a soltar o meu cinto, bato a porta e uma velha abre. Um pouco maior do que um anão, aquela velha, parecia ter uns duzentos anos de idade. Eu digo a ela que sou amigo de Yulia, e ela diz, “Deus me perdoe, a Yulia morreu faz um mês”. Deus me perdoe! Porra! Então eu digo o quanto lamento para a velha, dou-lhe um pedaço de pão porque ela mal se aguenta em pé e saio dali correndo. O meu tempo está acabando. Tem uma outra garota que mora ali perto, uma das bailarinas sobre quem eu lhe contei. Um pouco gelada, mas as melhores pernas de Piter. Tenho que passar por cima de um portão para chegar ao prédio dela, quase me arranjo um pontão de ferro espetado na bunda, mas consigo chegar até lá, bato na porta do apartamento, “Sou eu, Nikolai Alexandrovich, deixa eu entrar!”. A porta se abre, o gordo do marido dela com cara de rato olhando para mim. Aquele porra nunca estava em casa, a não ser naquele dia. Homem do Partido, é claro, geralmente ficava no escritório imaginando novos regulamentos para o Exército, mas naquela noite ele decidiu ficar em casa e torturar a mulher no ano-novo. “Quem é você? O que é isso?”, disse ele para mim, indignado, como se alguém o tivesse insultado batendo em sua porta e exigindo a xereca molhada de sua mulher em uma bandeja. Eu quis chutar-lhe o rabo cheio de espinhas, mas aquilo teria sido o meu fim, então bati continência para ele, civil do caralho, disse-lhe que tinha batido na porta errada e desapareci. Agora estou fodido. A única outra garota que conheço deste lado da cidade é Roza, mas ela é uma profissional e estou sem dinheiro. Mas sou um bom freguês, talvez ela confie em mim, talvez fique com qualquer comida que eu der para ela, certo? Ficava a alguns quilômetros de distância. Estou correndo agora, suando, primeiro suor desde outubro. Não tenho muito tempo de sobra antes que meu amigo volte. Vou até lá, sem fôlego, subo quatro lances de escada até o apartamento de Roza; a porta está destrancada, eu entro, e há três soldados esperando na cozinha dela, passando uma garrafa de vodca entre si. Eu consigo ouvi-la gemendo no outro quarto e esses idiotas bêbados estão cantando canções camponesas e trocando tapinhas nas costas. “Não se preocupe”, diz o que está no fim da fila, “eu vou ser rápido”.

“Eu lhes ofereci dinheiro para furar a fila, mas não tinha dinheiro, e eles não eram tão idiotas a ponto de aceitarem de mim uma nota promissória. Eu lhes disse que tinha que voltar para o batalhão e um deles disse: ‘É véspera de ano-novo! Estão todos bêbados!’ Contanto que volte de manhã,

vai ficar tudo bem para você. O que eles disseram fez sentido para mim, e continuaram a passar a garrafa, então eu bebi com eles e em pouco tempo eu estava cantando as porras das canções de camponeses mais alto do que eles. E uma hora depois eu finalmente consegui trepar com a Roza. Ela é uma garota adorável... Eu não me importo com o que dizem sobre prostitutas, ela me deixou trepar pelo resto de pão que eu tinha no bolso, e não era muito. Mas disse que estava com a boceta dolorida, e então me chupou até eu gozar. Quinze minutos depois eu estou em ponto de bala de novo, ela sorri e diz, ‘Ah, eu adoro vocês jovens’, e me deixa entrar nela, bem devagar, bem suave. E depois de novo, meia hora mais tarde. Devo ter esguichado um litro de porra dentro dela, na frente e atrás.”

Tive a desconfortável sensação de que Kolya estava se excitando novamente enquanto contava a história.

— E aí você perdeu a carona.

— Ah, perdi por muitas horas. Mas não fiquei preocupado, eu podia encontrar outro carro que estivesse indo para o batalhão. Eu conhecia a maioria dos rapazes que eram mensageiros, não seria difícil. Você devia ter me visto saindo do prédio de Roza. Um ser humano diferente daquele que havia entrado. Tranquilo, um sorriso enorme no rosto, quase pulando enquanto andava. Eu saio pela porta da frente, estou praticamente saindo da calçada, e uma patrulha da NKVD, quatro daqueles desgraçados, me parou. O sujeito pede para ver meus papéis de licença. Eu não tenho nenhum papel de licença, é o que lhe digo. Estou entregando mensagens para o general Stelmakh, o homem está planejando uma batalha, ele precisa de fuzis, precisa de morteiros, não tem tempo para ficar assinando licenças encardidas. Acho que Stelmakh é da sua tribo. Você sabia disso?

— Essa história tem um fim? Você vai ficar falando até o fim da minha vida?

— Aquele policial exaltado me interrogando, ainda por cima tinha um bigode de Hitler. Era de se pensar que todo mundo na Rússia que tivesse um bigode de Hitler àquela altura já teria raspado, e aquele cuzão achava que ficava bem nele. Ele me pergunta por que eu estava entregando mensagens do general Stelmakh em um prédio de apartamentos no distrito Viborg. Decidi que um pouco de verdade não faria mal, decidi apelar para a humanidade daquele sujeito. Eu pisquei para ele, disse que tinha arrumado uma foda enquanto esperava minha carona de volta para o quartel-general. Era de se

esperar que ele desse um sorriso malicioso, me desse um tapinha nas costas e me dissesse para arranjar os papéis de licença na próxima vez que deixasse o meu batalhão. Eu estava no front há quatro meses, enquanto aquele anão de bigode estava prendendo soldados por levar um pouco de carne ou um saco de arroz para os pais em casa. Esse foi o meu erro. Apelar para a humanidade de um burocrata. Ele mandou seus homens me algemarem e então deu aquele sorrisinho de superioridade e me disse que o general Stelmakh estava em Tikhvin, a duzentos quilômetros de distância, e que acabara de vencer uma batalha importante.

— Você não devia ter mencionado o Stelmakh. Foi estupidez da sua parte.

— Claro que foi estupidez! O meu pau ainda estava molhado! — Vários guerrilheiros murmuraram “cala a boca” para Kolya, e ele abaixou a voz.

— Meu cérebro não estava funcionando direito. Eu não conseguia acreditar que aquele homem estava me acusando. Você entende como as coisas mudam rápido? Eu era um soldado com boa reputação à tarde, e lá estou eu, cinco horas depois, sendo acusado de deserção. Pensei que iam atirar em mim bem ali no meio da rua. Mas em vez disso me levaram para as Cruzes. E então eu conheci você, meu pequeno hebreu mal-humorado.

— Como Yulia morreu?

— O quê? Não sei. Acho que de fome.

Ficamos deitados em silêncio por vários minutos, ouvindo os homens ao nosso redor dormir, alguns quietos, outros rangendo dentes e roncando, outros ainda assobiando como o vento em uma chaminé. Tentei distinguir a respiração de Vika dos outros, curioso sobre quais sons ela fazia à noite, mas era impossível dizer.

Eu ficara aborrecido por Kolya ter me mantido acordado com sua conversa interminável, mas de repente, no silêncio, eu me senti solitário.

— Você está dormindo? — perguntei.

— Hm? — murmurou ele, grogue, o sono vindo-lhe fácil, sua história já contada, e mergulhando em seus sonhos.

— Por que fica escuro à noite?

— O quê?

— Se existem bilhões de estrelas, e a maioria delas é tão brilhante quanto o sol, e a luz viaja para sempre, como é que não fica claro o tempo

todo?

Eu realmente não estava esperando uma resposta. Imaginei que ele iria bufar e me dizer para ir dormir, ou ia me dar alguma resposta ensaiada, do tipo “fica escuro à noite porque o sol se pôs”. Em vez disso, ele se sentou e olhou para mim. Eu podia ver uma ruga em seu rosto sob a luz bruxuleante do fogareiro.

— Essa é uma pergunta excelente — disse ele. Pensou a respeito mais um pouco, olhando para a escuridão além do círculo de luz do fogareiro. Por fim, balançou a cabeça, bocejou e deitou-se novamente. Dez segundos depois ele estava dormindo, roncando, o som anasalado da inspiração seguido pelo assobio da expiração.

Eu ainda estava acordado quando o guarda que estava lá fora entrou, acordou seu substituto, colocou mais alguns cavacos de madeira que havia recolhido e deitou-se no círculo de corpos amontoados. Por mais uma hora eu escutei os nós da madeira estalando, pensando na luz das estrelas e em Vika, até que finalmente adormeci e sonhei com um céu de onde choviam garotas rechonchudas.

19

O guerrilheiro que estava de guarda acordou-nos antes do meio-dia, entrando apressado pela porta da cabana, tentando manter a voz baixa, apesar do pânico.

— Eles estão chegando — falou. Estávamos em pé antes de ele dizer a segunda frase, juntando nossas coisas, instantaneamente alertas com a notícia de perigo real. Tínhamos dormido sem tirar as botas e estávamos prontos para sair. — Parece uma companhia inteira. Com prisioneiros.

Korsakov colocou a alça do fuzil sobre o ombro.

— Infantaria?

— Não vi nenhum blindado.

Trinta segundos depois nós todos saímos pela porta desconjuntada para o brilho hostil do sol. A cabana sem janelas era escura como uma cripta e eu mal conseguia abrir os olhos com a luz do meio-dia. Seguimos Korsakov e a ordem que não foi dita era simples: fugir.

Não tivemos a menor chance. Mesmo antes de o último homem sair da cabana eu já conseguia ouvir vozes alemãs gritando. Tornei-me um animal, sem pensamentos em minha cabeça, nada a não ser o medo a me orientar. O ar estava mais quente e a neve ficara pesada e úmida, grudando em minhas botas, puxando-me para baixo.

Quando eu tinha nove anos, uma delegação de famosos comunistas franceses visitou Piter e o Partido mandou arrumar as ruas. Trabalhadores com cigarros pendurados na boca derramaram alcatrão fresco na rua Voinova e nivelaram-na com espátulas de cabos compridos, fazendo a minha rua parecer um bulevar de chocolate derretido. Eu tinha assistido àquilo a manhã toda junto com os gêmeos Antokolsky, bem na frente dos portões do Kirov. Não me lembro de nada que tenha disparado nossa decisão coletiva. Sem dizer uma palavra, sem mesmo olharmos um para o outro, tiramos os sapatos, que deixamos no pátio, e atravessamos a rua correndo. Podíamos ter queimado a sola dos pés, mas não nos importamos; deixamos nossas pegadas na rua macia e continuamos correndo quando chegamos ao outro lado, enquanto os trabalhadores xingavam e nos ameaçavam balançando as espátulas, sabendo que nunca poderíamos ser pegos.

Minha mãe precisou de uma hora naquela noite para limpar os meus pés, esfregando-os com sabão e pedra-pomes. Meu pai ficou em pé perto da janela, as mãos atrás do corpo, segurando um sorriso enquanto olhava para a Voinova. Embaixo dos postes de iluminação a rua estava brilhante e perfeita, a não ser por três pares de pequenas pegadas marcando a superfície como marcas de gaivotas sobre a areia molhada.

Correr em cima de alcatrão úmido não era a mesma coisa que correr sobre neve derretendo; não sei por que essas lembranças se emparelharam, mas foi o que aconteceu.

Tiros ecoaram entre as árvores. Um deles passou assobiando, tão alto e perto que passei a mão na cabeça para ver se tinha sido atingido. Vi o homem à minha frente cair no chão e pude perceber pela maneira que ele caiu que nunca mais ia se levantar. Eu não consegui me mexer mais rápido e não consegui ficar com mais medo; ver o homem cair não mudou nada em mim. Naquele momento eu não era mais Lev Abramovich Beniov. Eu não tinha uma mãe viva em Viazma ou um pai morto em alguma vala comum. Eu não era descendente de estudiosos da Torá de chapéu preto do lado paterno, ou de pequeno-burgueses moscovitas do lado de minha mãe. Se um alemão me pegasse pelo colarinho naquele momento, me chacoalhasse, e perguntasse o meu nome em russo perfeito, eu não conseguiria responder-lhe, não conseguiria ter moldado uma única frase para implorar misericórdia.

Vi Korsakov se virar para disparar contra nossos perseguidores. Antes que conseguisse disparar um só tiro, uma bala rachou-lhe o maxilar inferior, separando-o do crânio. Ele piscou, os olhos ainda alertas embora metade de seu rosto tivesse desaparecido. Passei correndo por ele, subindo uma ravina íngreme e descendo pelo outro lado, onde um córrego havia se formado em um rego estreito, a neve derretida gorgolejando enquanto serpenteava passando por rochas caídas e galhos tombados.

Seguindo algum instinto oculto, desviei de meu curso para seguir o córrego, correndo colina abaixo sobre pedras escorregadias, mais rápido agora que estava fora da neve. Meu corpo esperava pela inevitável bala, como um prego de dormente enfiado entre meus ombros, jogando-me de cara sobre a água fria. Apesar de tudo, eu estava estranhamente ágil, meus pés iniciando o passo seguinte sem consultar o cérebro, minhas botas fazendo a água fria espirrar para os lados, sem nunca tropeçar.

Não sei durante quanto tempo corri ou até onde fui, mas finalmente

tive que parar. Eu me abaixei atrás do tronco de um antigo lariço, seus galhos inclinados pesados com a neve que derretia, e me sentei na sombra tentando respirar. Minhas pernas não pararam de tremer mesmo depois que apertei minhas coxas com as mãos enluvadas para acalmá-las. Quando meus pulmões pararam de doer, espiei ao redor do tronco e olhei colina acima.

Três homens estavam vindo na minha direção, com fuzis nas mãos, correndo em um ritmo constante. Nenhum deles usava uniforme alemão. O homem mais próximo usava a roupa branca de um soldado esquador, e percebi que era o guerrilheiro que eu vira arrancando o anel do dedo de um morto com a boca. Os outros o chamavam de Markov. Gostei muito dele naquele momento, gostei de seu rosto grosseiro e avermelhado, os olhos profundos que tinham parecido homicidas na noite anterior.

Atrás dele veio Kolya e ri alto quando o vi. Eu o conhecera na noite de sexta-feira e nem mesmo gostava dele até a segunda, e agora, na tarde de terça-feira, vê-lo vivo me fez querer chorar de felicidade. Ele tinha perdido seu chapéu de astracã durante a fuga e seu cabelo loiro estava caído sobre a testa até que ele o colocou para trás. Ele se virou para dizer alguma coisa para o homem a seu lado, sorrindo enquanto falava, eu sabia que ele achava que estava dizendo uma ótima piada.

Acontece que o homem que estava a seu lado era Vika. Diferente de Kolya, ela havia mantido seu chapéu de pele, que estava puxado até as sobrancelhas, e mesmo a distância eu podia ver seus lupinos olhos azuis pouco abaixo da barra de pele de coelho. Seja lá o que Kolya tenha dito, ela não achou graça. Ela nem mesmo parecia estar ouvindo. Ela olhava para trás entre algumas passadas para ver se os perseguidores estavam por perto.

Minha corrida não deve ter durado muito tempo (vinte minutos? dez?), mas o interior da cabana de caçador parecia uma lembrança roubada de um estranho. O terror real — a verdadeira crença de que sua vida está prestes a terminar violentamente — apaga tudo do cérebro, a não ser a si mesmo. Assim, mesmo depois de ter visto Kolya, Vika e Markov, mesmo apesar de os três rostos deles parecerem os mais belos de toda a Rússia, eu não consegui gritar-lhes os nomes nem acenar. A sombra sob os braços pendurados da árvore era o meu abrigo. Nada ruim tinha me acontecido desde que eu tinha chegado lá. Os alemães não tinham me encontrado. Eu não tinha visto o maxilar de ninguém ser arrancado do rosto por um tiro, deixando nada além de olhos perplexos acima das sobras do chão de um açougue. Não

consegui chamar Kolya, apesar de em quatro dias ele ter se tornado meu melhor amigo.

Talvez eu tenha mudado ligeiramente de posição ou tenha tremido — devo ter feito algum barulhinho porque Vika girou o corpo na minha direção, a coronha do fuzil apoiada no ombro, o cano apontado para a minha cabeça. Mesmo assim não fui capaz de falar rapidamente para salvar minha vida. Eu poderia ter gritado o nome dela. Qualquer frase em russo poderia ter ajudado.

Mas, de alguma forma, embora eu estivesse sentado na sombra, oculto pelos galhos cobertos de neve, Vika reconheceu o meu rosto e tirou o dedo do gatilho.

— É o seu amiguinho — disse ela a Kolya. — Talvez esteja ferido.

Kolya correu até onde eu estava, afastando os galhos, agarrando as lapelas do meu casaco e chacoalhando meu corpo todo para a esquerda e para a direita, procurando buracos de balas.

— Você está ferido?

Balancei a cabeça em negativa.

— Vamos embora, então. — Ele me colocou em pé. — Eles não estão muito longe.

— É tarde demais — disse Vika. Ela e Markov tinham se juntado a nós na sombras enclausuradas, e ela apontou para o cimo da colina com o cano do fuzil.

Alemães com anoraques brancos tinham atingido o topo da colina, a menos de duzentos metros de distância, fuzis em prontidão, avançando cautelosamente enquanto vasculhavam o terreno à procura de locais de emboscada. Apenas poucos soldados a princípio, abrindo caminho através da neve, mas um número cada vez maior foi aparecendo, até a colina estar repleta de homens que queriam nos matar.

Markov tirou binóculos de um bolso em seu macacão. Observou o avanço dos batedores descendo a colina.

— Primeira Divisão Gebirgsjäger — ele sussurrou, oferecendo os binóculos para Vika. — Está vendo a insígnia da edelvais?

Ela assentiu, dispensando os binóculos com um gesto.

— Estamos ferrados.

Entre as linhas de soldados uniformizados marchava um rebanho de prisioneiros, todos de cabeça baixa. Homens do Exército Vermelho, os uniformes imundos, andavam com dificuldade junto com civis aparvalhados,

que usavam tudo o que conseguiram pegar quando os alemães atacaram seus vilarejos. Algumas pobres almas marchavam em mangas de camisa, sem casacos, luvas ou chapéus. Eles patinhavam na neve, sem nunca erguer os olhos ou dizer uma palavra, caminhando exatamente na nossa direção.

— Parece que uma companhia inteira está vindo para cá — disse Markov, recolocando o binóculo no bolso e aprontando o fuzil. — Faz sentido acontecer agora, quando estou com o bolso cheio de ouro.

Vika colocou a mão no braço de Markov.

— Você não está sendo muito apressado para se tornar mártir?

Ele olhou para ela, a mira de aço de seu fuzil já apontada para o nazista mais próximo.

— Atirar na infantaria — disse ela — não é nada. Estamos atrás dos Einsatz.

Ele fez cara feia para ela e afastou-lhe a mão como se ela fosse alguma louca na rua que estivesse lhe pedindo dinheiro.

— Não dá para ficar escolhendo. Tudo o que eu vejo são batedores.

— O Einsatzgruppe A viaja com o Primeiro Gebirgsjäger. Você sabe disso. Abendroth tem que estar por perto.

Kolya e eu nos entreolhamos. Na noite passada tínhamos ouvido o nome Abendroth pela primeira vez; as sílabas já estavam carregadas de terror. Eu não conseguia me livrar da imagem mental de Zoya contorcendo-se no chão ao lado de seus pés cortados. O homem em si eu não conseguia imaginar, as garotas não tinham feito uma descrição dele, mas eu imaginava suas mãos — manchadas de sangue, as unhas aparadas e imaculadas — enquanto ele apoiava a serra sobre o assoalho do casarão.

— Acabou — disse Markov. — Chega de fugir.

— Eu nunca disse nada sobre fugir. Eles têm mais de cem prisioneiros. Nós nos misturamos a eles...

— Você ficou doida, sua vaca idiota? Acha que se sair daqui com o fuzil para o alto, o Fritz vai deixar você se render?

— Não estamos nos rendendo. — Ela segurou um galho com uma das mãos enluvadas, ergueu-se e enfiou o fuzil no espaço entre o tronco e o galho. Agachando-se, ela tirou a neve das luvas e fez um gesto para que Markov também escondesse seu fuzil.

— Vamos nos misturar com os prisioneiros e esperar o momento certo. Eles já revistaram aquelas ovelhas, em busca de armas. Você tem uma

pistola em algum lugar, não tem? Vamos, anda logo. Dá um sumiço nesse fuzil.

— É possível que eles revistem novamente.

— Não vão revistar, não.

Os alemães mais próximos estavam a uns cem metros de distância, os capuzes apertados sobre os chapéus. Markov olhou para eles, os rostos rosados como alvos fáceis para um atirador habilidoso.

— Eles vão matar metade desses prisioneiros antes do anoitecer.

— Então vamos estar na outra metade.

Kolya sorriu e assentiu, gostando da ideia. Era o tipo de plano absurdo que ele mesmo poderia ter elaborado, e não me surpreendeu o fato de Kolya ter gostado dele.

— Vale a pena tentar — sussurrou ele. — Se nos misturarmos aos outros, ainda temos chance. E se nos descobrirem, tudo bem, então vamos ter o nosso tiroteio. É um bom plano.

— É um plano de merda — disse Markov. — Como vamos entrar lá sem que eles nos vejam?

— Você ainda tem umas granadas, não tem? — perguntou Vika.

Markov encarou-a. Ele parecia o tipo de homem que fora esmurrado no rosto muitas vezes, o nariz achatado como o de um boxeador, sem a metade dos dentes de baixo. Por fim, ele balançou a cabeça, prendeu o fuzil em um galho quebrado e olhou para a coluna que se aproximava.

— Você é realmente uma pentelha, sabia?

— Tira essas roupas brancas — ela replicou. — Você parece um soldado esquador. Eles vão te notar.

Markov rapidamente desabotoou o macacão, sentado na neve, e tirou-o por cima das botas. Embaixo do macacão ele usava um colete acolchoado de caçador, diversas camadas de suéteres de lã e calças de trabalhador manchadas de tinta. Ele tirou uma granada bastão de uma bolsa de lona, desembalhou um detonador do tamanho de um cigarro e inseriu-o na cabeça da granada.

— Temos que ajustar o tempo certo — disse ele.

Nós nos amontoamos em volta do tronco da árvore, agachados e quietos, segurando a respiração enquanto os primeiros soldados alemães passavam a menos de vinte metros de distância.

Ninguém tinha se incomodado em perguntar a minha opinião, o que

fazia sentido porque eu não tinha aberto a boca para dar qualquer sugestão. Não disse uma palavra desde que saí correndo da cabana, e agora era tarde demais.

Eu não gostava de nenhuma das opções. Um tiroteio final teria sido ótimo para um guerrilheiro endurecido como Markov, mas eu não estava pronto para uma missão suicida. Fingir-se de prisioneiro parecia um erro de cálculo bizarro — durante quanto tempo os prisioneiros sobreviviam naqueles dias? Se alguém me perguntasse, eu teria insistido ou em outra corrida, embora não tivesse certeza se ainda conseguiria muito mais, ou em tentar subir na árvore e esperar enquanto os alemães passavam embaixo da gente. Ficar escondido atrás dos galhos parecia uma ideia cada vez melhor à medida que todo o grupo inicial da companhia Gebirgsjäger passou por ali sem nos ver.

Quando as primeiras fileiras de prisioneiros russos passaram por nossa árvore caminhando com dificuldade, Vika fez um sinal para Markov. Ele respirou fundo, foi até o limite da sombra da árvore e lançou a granada o mais longe que conseguiu.

Do lugar onde estava, eu não conseguiria dizer se algum dos alemães reparou na granada voando acima de suas cabeças. Não ouvi gritos de alerta. A granada caiu com um *tump!* abafado na neve a trinta metros de distância. Durante muitos segundos convenci-me de que ela havia falhado, até que explodiu com tanta força que jogou sobre nós a neve que estava nos galhos da árvore.

Todos que estavam marchando com a companhia, tanto os soldados quanto os prisioneiros, agacharam-se em pânico momentâneo, olhando para a esquerda onde um enorme gêiser de neve tinha se elevado. Saímos da sombra da árvore e caminhamos sem sermos vistos na direção da multidão maltrapilha de russos, enquanto os oficiais alemães começavam a gritar ordens, olhando com binóculos para as florestas mais afastadas, procurando por francoatiradores nas árvores. Estávamos tão perto de nossos compatriotas cativos: quinze metros de distância, catorze, treze, pisando de mansinho, resistindo ao impulso de correr no último trecho. Os alemães pensaram ter visto movimento nos arbustos mais distantes; houve um clamor de gritos e instruções, dedos apontando, soldados caindo de barriga no chão, prontos a atirar daquela posição.

Quando perceberam que não havia inimigos à esquerda, nós já

tínhamos nos infiltrado pela direita. Uns poucos prisioneiros repararam que nos juntamos a eles. Não deram qualquer sinal de camaradagem ou boas-vindas. Não pareceram surpresos pelo fato de quatro recém-chegados terem se juntado às fileiras deles; os prisioneiros, tanto civis quanto soldados, estavam tão derrotados que provavelmente pensaram que era natural que russos surgissem das florestas e se rendessem ao inimigo em segredo.

Todos os prisioneiros eram do sexo masculino, desde meninos pequenos a quem faltavam dentes e que exibiam fios congelados de ranho pendurados em seus lábios superiores até velhos com as costas curvadas e cavanhaques brancos. Vika tinha puxado seu chapéu de pele de coelho ainda mais para baixo; em seu macacão disforme ela parecia tanto com um garoto adolescente que ninguém olhou para ela duas vezes.

Pelo menos dois dos homens do Exército Vermelho não usavam botas, apenas suas meias furadas de lã para manter-lhes os pés aquecidos. Os alemães consideravam um grande prêmio quando conseguiam um par de botas de couro soviéticas forradas, muito mais quentes e duráveis que seus próprios calçados. As meias de lã dos soldados deviam estar encharcadas de andar através da neve derretida. Quando a temperatura caísse e as meias congelassem, os dois teriam que andar com blocos de gelo nos pés. Eu me perguntei até onde eles iriam, quantos quilômetros, a dormência espalhando-se dos dedos para a panturrilha até atingir os joelhos. Os olhos deles eram tão melancólicos e angustiados quanto os dos cavalos que arrastavam os trenós pelas ruas nevadas de Piter antes de a comida acabar e os cavalos serem abatidos para se usar a carne.

Os alemães tagarelavam em sua própria língua. Nenhum deles parecia seriamente ferido pela fragmentação, embora um jovem soldado com um fino corte vermelho no rosto tivesse tirado a luva para poder tocar de leve no sangue com o polegar, mostrando a seus camaradas, satisfeito com seu primeiro ferimento de guerra.

— Eles acham que foi uma mina terrestre — sussurrou Kolya. Apertou os olhos enquanto ouvia as ordens dos oficiais. — Devem ser tirolese. Os sotaques são horríveis. É, estão dizendo que foi uma mina terrestre.

As ordens dos oficiais desceram até os soldados, que se voltaram para os submissos prisioneiros que os aguardavam e sinalizaram com seus fuzis para que a marcha continuasse.

— Espera! — gritou um dos russos, um civil de lábios grossos de uns quarenta anos usando um chapéu acolchoado, as orelheiras amarradas sob o queixo. — Esse homem é um guerrilheiro!

Ele apontou para Markov. Todos os outros na colina ficaram em silêncio.

— Ele apareceu na minha casa um mês atrás, roubou todas as minhas batatas, comeu toda a comida que eu tinha, disse que precisavam delas para a guerra! Entendeu? Ele é um guerrilheiro! Ele matou muitos alemães!

Markov encarou o civil, a cabeça erguida para um dos lados como um cão de briga.

— Cala essa boca — mantendo a voz baixa, o rosto vermelho vivo de tanta raiva.

— Você não vai mais me dizer o que fazer! Você não vai me dizer o que fazer!

Um tenente aproximou-se batendo as botas, seguido por três soldados, abrindo caminho a cotoveladas através da multidão de prisioneiros que se reunira ao redor de Markov e seu acusador.

— O que está havendo? — berrou ele. Sem dúvida, era o tradutor da companhia, falando russo com um sotaque ucraniano. Ele se parecia com um homem gordo que perdera recentemente toda sua gordura, as maçãs do rosto ressequidas, a pele pesada e flácida pendurada sobre os ossos do rosto.

O acusador ficou parado apontando com o dedo, uma criança crescida com suas orelheiras e lábios trêmulos, dirigindo-se ao tenente mas sem desviar os olhos de Markov.

— Ele é um assassino, esse homem! Ele matou o seu pessoal!

Kolya abriu a boca para falar em defesa de Markov, mas Vika deu-lhe uma cotovelada forte no estômago e ele ficou em silêncio.

Conseguí ver-lhe a mão mergulhando no bolso do casaco, preparando a Tokarev caso isso fosse necessário.

Markov balançou a cabeça, um sorriso estranho e feio dividindo seus lábios.

— Tua mãe é uma puta de merda.

— Você não parece tão corajoso agora! Você não parece tão durão! Claro, você é durão quando está roubando batatas das pessoas comuns, mas agora o que você é? Hein? O que você é?

Markov rosnou e tirou uma pequena pistola do bolso de seu colete de

caçador. Apesar de corpulento, ele sacou com a velocidade de um pistoleiro americano, erguendo o cano enquanto seu acusador cambaleava para trás e os prisioneiros reunidos saíram do caminho rapidamente.

Os alemães foram ainda mais rápidos. Antes que Markov pudesse puxar o gatilho, uma rajada de tiros das MP-40 dos soldados perfurou uma constelação de pequenos orifícios na frente de seu colete. Ele cambaleou, franzindo a testa como se tivesse esquecido algum nome importante, e caiu para trás na neve macia, pequenos tufo de penugem flutuando acima do acolchoado perfurado do colete.

O acusador olhou para o corpo caído de Markov. Ele devia saber a que sua denúncia levaria, mas agora que a coisa estava feita ele parecia aturdido com o resultado. O tenente avaliou-o brevemente, tentando decidir se recompensaria ou puniria o homem. No final ele levou a arma de Markov como souvenir e foi embora, deixando toda a confusão para trás. Seus jovens soldados seguiram-no, olhando de relance para o corpo de Markov, talvez se perguntando qual deles tinha disparado o tiro que de fato o matou.

Em breve a companhia estava marchando novamente. No entanto, uma mudança fora feita. Agora seis russos caminhavam na frente, dez metros à frente dos alemães mais próximos, servindo como caça-minas humanos. Cada passo era uma experiência angustiante para eles, esperando o estalar do fio rompido, o som da mola detonadora. Deve ter sido tentador sair correndo, mas eles não conseguiriam dar três passos antes que os soldados os abatessem.

Ninguém andava perto do acusador de Markov. Ele era um homem infectado, um portador da praga. Ele falava em voz baixa consigo mesmo, uma discussão longa e não ouvida, os olhos movendo-se rapidamente da esquerda para a direita enquanto esperava por alguma represália.

Eu estava a uma dúzia de homens atrás dele, caminhando com dificuldade através da neve derretida entre Vika e Kolya. Se algum dos prisioneiros falasse alto o bastante para os alemães ouvirem, um dos soldados diria de maneira ríspida, “*Halts Maul!*”. Ninguém precisava de um tradutor para entender aquilo, e o russo em questão iria se calar rapidamente, abaixando a cabeça e caminhando um pouco mais rápido. Ainda assim, era possível manter uma conversa se a voz permanecesse muito baixa e não se descuidasse dos guardas.

— Lamento por seu amigo — murmurei para Vika.

Ela continuou andando sem responder ou dar sinal de que tinha me ouvido. Pensei que poderia tê-la ofendido.

— Ele parecia ser um bom homem — acrescentei. As duas falas eram completamente banais, o tipo de condolência vazia que se poderia usar no velório de um parente distante de quem nunca se gostou realmente. Eu não podia culpá-la por me ignorar.

— Ele não era um bom homem — disse ela por fim. — Mas eu gostava dele mesmo assim.

— Aquele traidor deveria ser pendurado em uma árvore — sussurrou Kolya, abaixando a cabeça para que o som de sua voz não se espalhasse. Ele olhou furioso para a nuca do traidor. — Eu poderia quebrar-lhe o pescoço só com as mãos. Sei como fazer isso.

— Deixe pra lá — disse Vika. — Ele não é importante.

— Ele foi importante para Markov — eu disse.

Vika olhou para mim e sorriu. Não era o sorriso frio e carnívoro que eu tinha visto antes. Ela parecia surpresa com o meu comentário, como se tivesse acabado de ouvir um mongoloide assobiar *Für Elise* sem errar uma nota.

— É, ele foi importante para Markov. Você é estranho.

— Por quê?

— Ele é um diabinho danado — disse Kolya, esmurrando-me afetuosamente nos rins. — Mas joga xadrez muito bem.

— Por que eu sou estranho?

— Markov não é importante — ela disse. — Eu não sou importante. Você não é importante. Ganhar a guerra, isso é a única coisa importante.

— Não — falei —, eu discordo. Markov era importante. Eu também sou e você também é. É por isso que temos que ganhar.

Kolya ergueu as sobrancelhas, impressionado por eu estar enfrentando a pequena fanática.

— Eu sou especialmente importante — anunciou ele. — Estou escrevendo o grande romance do século XX.

— Vocês dois estão apaixonados — disse ela. — Sabem disso?

A horrível procissão de homens exaustos diminuía o passo à nossa frente, os pés ficaram imóveis, prisioneiros confusos tentando descobrir por que não estávamos mais nos movendo. Um dos soldados russos que estava sem botas tinha parado de andar. Outros homens de sua unidade capturada

pediam que ele se movesse, implorando e xingando. Ele balançou a cabeça, sem dizer uma única palavra, os pés fincados na neve. Um amigo tentou empurrá-lo para a frente, mas foi inútil, ele tinha escolhido aquele lugar para ficar. Quando os soldados se aproximaram correndo, balançando as submetralhadoras e gritando em sua própria língua, os homens do Exército Vermelho afastaram-se com relutância de seu camarada condenado. Ele sorriu para os alemães e ergueu uma das mãos em uma saudação nazista de zombaria. Eu desviei o olhar bem a tempo.

Uma hora antes do pôr do sol a companhia parou ao lado de um horrível prédio escolar de tijolos vermelhos, um dos Projetos do Povo construídos durante o segundo Plano Quinquenal, as janelas de vidro cristal estreitas como seteiras medievais. Letras de bronze com mais de sessenta centímetros acima da porta formavam a famosa frase de Lenin, DEIXEM-NOS EDUCAR UMA CRIANÇA DURANTE OITO ANOS E ELA SERÁ UM BOLCHEVIQUE PARA SEMPRE. Um dos invasores russófonos tinha rabiscado uma réplica em tinta branca que tinha escorrido antes que as palavras tivessem secado: DEIXEM-NOS EDUCAR UMA CRIANÇA DURANTE OITO SEGUNDOS E NÃO HAVERÁ MAIS BOLCHEVIQUES.

A Wehrmacht tinha confiscado a escola para usar como centro de comando. Seis Kübelwagens estavam estacionados perto da passagem de entrada e um soldado de cabeça descoberta, o cabelo loiro tão curto e claro quanto a penugem de um pintinho, reabastecia um dos veículos com combustível de uma lata de aço verde. Ele olhou sem muito interesse enquanto a companhia se aproximava com seu comboio de prisioneiros.

Os oficiais davam ordens, as fileiras se desfaziam, a maioria dos alemães entrou no prédio, já se livrando de suas pesadas mochilas, tagarelando uns com os outros, barulhentos e contentes, prontos para irem aos chuveiros (se ainda houvesse água) e para uma refeição quente. O restante dos Gebirgsjäger, um pelotão de quarenta soldados, irritados por ainda estarem de serviço, mal-humorados, agora com fome e cansaço após um longo dia marchando através da interminável floresta russa, levou-nos pela lateral do prédio.

Um oficial alemão esperava-nos lá, acomodado em uma cadeira dobrável, lendo um jornal enquanto fumava. Ergueu os olhos com um sorriso preguiçoso quando entramos em seu campo de visão, feliz por nos ver, como se fôssemos amigos que ele tivesse convidado para o jantar. Colocando o jornal de lado, ele finalmente se levantou, inspecionando nossos rostos, o estado de nossas roupas, a qualidade de nossas botas. Usava o uniforme cinza da Waffen-SS com os punhos verdes, o sobretudo cinza pendurado no encosto da cadeira dobrável. Vika, que andava ao meu lado, murmurou,

“Einsatzkommando”.

Quando nos dispuseram em filas irregulares, o Einsatzkommando jogou o cigarro na neve e fez um sinal para o tradutor de pele flácida dos Gebirgsjäger. Eles conversaram em um russo confiante, como se estivessem se exibindo para seus cativos bisbilhoteiros.

— Quantos?

— Noventa e quatro. Não, noventa e dois.

— Ah, é? E dois que não puderam se juntar a nós? Muito bom.

O Einsatzkommando voltou-se para nós, encarando homem por homem, olhando-nos nos olhos. Era um homem vistoso, o quepe preto puxado para trás da testa queimada pelo sol, um bigode delicado que lhe dava o ar de um cantor de jazz.

— Não tenham medo — falou. — Eu sei que vocês andaram lendo a propaganda. Os comunistas querem que vocês pensem que somos bárbaros, que estamos aqui para destruir vocês. Mas estou olhando para os rostos de vocês e vejo bons e honestos trabalhadores e fazendeiros. Por acaso existe um único bolchevique entre vocês?

Ninguém ergueu a mão. O alemão sorriu.

— Achei mesmo que não haveria. Vocês são mais espertos. Vocês entendem que o bolchevismo é simplesmente a mais radical expressão da eterna busca judaica pela dominação mundial.

Ele olhou para os rostos inexpressivos dos homens russos em formação diante dele e deu de ombros de maneira bem-humorada.

— Mas irão precisamos dessa conversa fiada. Vocês têm a intuição da verdade e isso é o que importa. Não há motivo para conflito entre nossos dois povos. Nós temos um inimigo comum.

Fez um sinal para um dos soldados, que pegou uma pilha de jornais de uma caixa de madeira que estava ao lado da cadeira dobrável e a dividiu entre cinco de seus colegas. Eles saíram pelas filas de prisioneiros entregando um jornal a cada um dos russos.

O meu exemplar era o *Verdade do Komsomol*; Vika e Kolya ganharam o *Estrela Vermelha*.

— Entendo que esse seja um conceito difícil de captar, depois de tantos anos de propaganda oficial. Mas acreditem nisto como verdade: a vitória alemã será a vitória do povo russo. Se vocês não entendem isso agora, vão entender em breve, e seus filhos crescerão sabendo disso.

O sol que estava se pondo transformava nossas sombras em gigantes. O oficial Einsatz apreciava o som de sua própria voz e a impressão que causava em nós. Seu russo era tecnicamente perfeito, embora não fizesse qualquer tentativa para esconder o sotaque. Eu me perguntei onde ele teria aprendido a língua, se teria nascido em uma das colônias Deutschvolkem Melitopol ou na Bessarábia. Ele olhou para uma elipse formada por três pequenas nuvens acima de nós no céu cinza-claro.

— Eu realmente amo este país. É uma bela terra. — Ele abaixou a cabeça e deu de ombros de novo, desta vez como um gesto de desculpas. — Toda essa conversa, vocês devem estar pensando, mas ainda estamos em guerra, não é? A verdade, meus amigos, é que precisamos de vocês. Cada um de vocês servirá à causa. Em suas mãos vocês estão segurando exemplares das mentiras impressas por seu nobre regime. Vocês sabem como esses jornais são honestos! Eles lhes disseram que esta guerra nunca aconteceria, e aqui estamos nós! Eles lhes contaram que os alemães seriam expulsos até agosto, mas me digam — e nesse ponto ele estremeceu de maneira teatral —, parece ser agosto para vocês? Mas isso não importa, não importa. Cada um de vocês irá ler um parágrafo em voz alta. Aqueles que considerarmos alfabetizados virão conosco para Viborg, onde posso prometer-lhes três refeições por dia enquanto traduzem documentos para o governo provisório. Trabalhando em um prédio aquecido! Aqueles que fracassarem, bem... O trabalho será um pouco mais pesado. Eu nunca estive nas fábricas de aço na Estônia, mas ouvi dizer que podem ser lugares perigosos. Ainda assim, nós lhes daremos um rango melhor do que qualquer grude que o Exército Vermelho estivesse entregando. E nem vou tentar adivinhar o que vocês, civis, andaram comendo nos últimos meses.

Alguns dos camponeses resmungaram e balançaram a cabeça, trocando olhares, dando de ombros. O Einsatzkommando fez um sinal para o tradutor dos Gebirgsjäger e em segundos os dois alemães começaram a testar os prisioneiros. Eles precisavam apenas ouvir algumas sentenças para julgar a capacidade de ler dos russos. Olhei para meu exemplar do *Verdade*. Acima do artigo principal havia uma exortação do próprio Stalin escrita em negrito, COMPATRIOTAS! CAMARADAS! GLÓRIA ETERNA AOS HERÓIS QUE DERAM SUAS VIDAS PELA LIBERDADE E A FELICIDADE DE NOSSA NAÇÃO!

Os velhos camponeses deram de ombros e entregaram seus exemplares de volta aos alemães sem olhar para o texto. Muitos dos homens

mais jovens que vinham das fazendas coletivas esforçavam-se para formar algumas palavras. Esses prisioneiros levaram o teste a sério, franzindo a testa enquanto tentavam decifrar as letras. Mas os alemães riam gentilmente dos erros, dando tapinhas nos ombros dos analfabetos, fazendo brincadeiras com eles.

— Você nunca ligou muito para os livros, não é? Estava ocupado demais correndo atrás das garotas, hein?

Em pouco tempo os prisioneiros estavam menos tensos e gritavam para seus amigos no outro extremo da fila. Eles riam junto com seus captores quando balbuciavam as palavras. Alguns inventaram seus próprios artigos, fingindo ler enquanto inventavam relatos de batalhas nos arredores de Moscou ou sobre o ataque a Pearl Harbor, fazendo uma imitação passável do estilo de relato que ouviam pelo rádio. Os alemães pareciam apreciar aquele artil; os dois lados sabiam que ninguém era enganado.

Os alemães pediam a cada um dos que não tinham passado no teste que ficassem à esquerda. Os primeiros homens a ficarem ali pareceram constrangidos com a humilhação pública, mas começaram a se animar à medida que as fileiras de analfabetos aumentavam.

— Aí, Sasha, você também? Pensei que você fosse o inteligente!

— Olha ele se torcendo todo na frente do oficial! Vem, vem para a fábrica de aço com a gente! O quê, achou que ia ficar com o emprego no escritório? Que gozador, olha pra ele, ainda tentando!

— Velho Edik, você acha que consegue andar até a Estônia? Hein? Vamos, ânimo, a gente te ajuda!

Os homens que sabiam ler queriam impressionar os alemães. Eles recitavam as linhas como atores que estivessem declamando monólogos. Muitos continuaram lendo mesmo depois que lhes disseram para parar, acrescentando pequenos floreios nas palavras maiores, demonstrando sua facilidade com o vocabulário. Eles ficavam à direita, orgulhosos e radiantes, cumprimentando seus colegas cultos com um movimento da cabeça, satisfeitos em relação ao andamento das coisas. Viborg não era tão longe, e trabalhar em um prédio aquecido com três refeições por dia era melhor do que ficar sentado em uma trincheira a noite toda esperando que os projéteis dos morteiros caíssem.

Kolya revirou os olhos, observando os alfabetizados congratulando-se uns aos outros.

— Olha para eles — murmurou entre os dentes. — Querem um prêmio por saber ler o jornal. E olha como esses alemães são condescendentes. Talvez eu lhes apresente o primeiro capítulo de *Eugene Onegin*. Acha que isso iria impressioná-los? Sessenta estrofes, rătă-tá-tá-tá. Eles acham que são a única cultura da Europa? Eles realmente querem comparar Goethe e Heine com Puchkin e Tolstoi? Eu lhes reconheço a música. Ela é mais limitada do que eles pensam, mas eu lhes reconheço a música. E a filosofia. Mas literatura? Não, acho que não.

Na fila, o Einsatzkommando de quepe preto estava a apenas dois homens de Kolya, que estava à minha esquerda. Senti uma mão enluvada apertando minha mão direita e me virei para ver o rosto pálido de Vika inclinado na direção do meu, seus olhos ferozes sem piscar mesmo diante dos oblíquos raios de sol. Ela havia tocado na minha mão para me alertar de alguma coisa, mas não disse tão rapidamente quanto poderia ter dito — ou, pelo menos, foi isso que eu disse a mim mesmo. Eu poderia fazê-la me amar. Por que não? E daí que sua postura geral em relação a mim era de aversão entediada?

— Você não sabe ler — ela me informou com aquele sussurro, baixo demais para qualquer outra pessoa ouvir. Continuou me olhando para ter certeza de que eu tinha entendido. Pela primeira vez na vida, eu não precisava de explicação.

O Einsatzkommando, tão paciente e bondoso quanto um professor, estava ouvindo o homem do Exército Vermelho ao lado de Kolya.

— Em breve a Europa vai desfraldar a grande bandeira da liberdade para as nações...

— Ótimo.

— ... e a paz entre as nações.

— Ótimo, ótimo. Para a direita.

Cutuquei o braço de Kolya com o cotovelo. Ele olhou de relance para mim, impaciente, pronto a mostrar para aquele fascista condescendente a verdadeira face das letras russas. Balancei a cabeça uma vez. Ele estreitou os olhos para mim enquanto o Einsatzkommando aproximava-se dele. Não havia chance de dizer qualquer coisa. Tudo o que eu podia fazer era olhá-lo nos olhos e esperar que entendesse.

— Ah, e aqui temos um bem-apegoado homem das estepes. Tem um pouco dos cossacos do Don em você?

Kolya manteve o corpo reto. Ele era maior do que seu interlocutor e por alguns segundos olhou para baixo para o alemão, sem abrir a boca.

— Não sei. Nasci e fui criado em Piter.

— Uma linda cidade. Parece uma vergonha chamá-la de Leningrado. Nome feio, não é? Quero dizer, além de toda a questão política. A mim me parece errado. São Petersburgo, esse é um nome que ressoa. Toda a história! Eu estive lá, sabe? Em Moscou também. Espero visitar as duas novamente em breve. Agora mostre-me o que sabe fazer.

Kolya ergueu o jornal e estudou as letras. Respirou fundo, abriu a boca para começar — e começou a rir, balançando a cabeça, devolvendo o jornal para o alemão.

— Eu não consigo nem fingir, desculpe.

— Não se desculpe! Ombros como os seus seriam um desperdício atrás de uma escrivania. Meu bom homem, você vai ficar bem.

Kolya assentiu, sorrindo para o oficial como se fosse um bonitão idiota. Ele devia se juntar ao grupo dos analfabetos, mas continuou ao meu lado, as mãos nos bolsos.

— Quero ver se o meu amigo aqui consegue fazer melhor — disse ele.

— Bom, ele não vai conseguir fazer pior — disse o Einsatzkommando, sorrindo. Ele ficou na minha frente e me examinou.

— Quantos anos você tem? Quinze?

Fiz que sim com a cabeça. Eu não sabia se era mais seguro ter quinze ou dezessete; menti por instinto.

— De onde são os seus avós?

— Moscou.

— Os quatro?

— Sim. Meus pais se conheceram lá.

— Você não me parece russo. Se eu tivesse que adivinhar, diria que você é judeu.

— A gente chama ele assim o tempo todo — disse Kolya, desmanchando o meu cabelo e sorrindo. — Nosso judeuzinho! Deixa ele louco. Mas olha para esse nariz! Se eu não conhecesse a família dele, diria que é um judeu.

— Há judeus com narizes pequenos — disse o alemão — e gentios com narizes grandes. Não podemos ser descuidados em nossas suposições.

Eu vi uma judia em Varsóvia alguns meses atrás, o cabelo dela era mais loiro que o seu.

Ele apontou para a cabeça de Kolya, sorriu e piscou.

— E não era tingido. Entende?

— Sim — disse Kolya, retribuindo o sorriso.

— Não fique tão preocupado — o alemão me disse. — Você ainda é jovem. Todos tivemos anos desagradáveis. Então me conte, você é melhor do que o seu amigo ali?

Eu olhei para o jornal nas minhas mãos.

— Eu sei que aqui está escrito *Stalin*. — Apontei a palavra. — E *camarada*?

— Isso, bem, já é um começo.

Ele me deu um sorriso amigável, deu um tapinha no meu rosto e pegou o jornal. Pensei que pudesse ter se sentido mal por dizer que eu parecia um judeu.

— Muito bom. Você vai fazer companhia ao seu amigo aqui na Estônia. Alguns meses de trabalho duro nunca fizeram mal a ninguém. Em pouco tempo, tudo vai acabar. E você — continuou ele, passando para Vika, a última na fila. — Mais uma criança. — O que você tem para mim?

Vika deu de ombros e balançou a cabeça, sem nunca erguer os olhos, oferecendo o jornal não lido de volta para o Einsatzkommando.

— Certo, mais uma vitória do sistema de educação bolchevique. Certo, vocês três vão para a esquerda.

Nos unimos ao grupo dos analfabetos sorridentes. Um deles tinha trabalhado em uma fábrica de aço antes e os outros tinham se reunido ao redor dele, ouvindo-lhe a descrição do calor insuportável e do perigo de se lidar com metal derretido. O traidor de Markov estava do lado de fora do círculo, esfregando as mãos nuas para mantê-las aquecidas, ignorado por todos.

— Aquele era Abendroth? — sussurrei para Vika. Ela balançou a cabeça.

— A patente de Abendroth é Sturmbannführer. Quatro estrelas de prata no colarinho. Esse aí só tinha três.

O tradutor da companhia estava contando cada grupo de prisioneiros, apontando para as cabeças e movendo os lábios. Ao terminar, anunciou ao Einsatzkommando:

— Cinquenta e sete leitores. Trinta e oito que não sabem ler.

— Muito bom.

O sol estava se pondo e o ar ficava mais frio. O Einsatzkommando caminhou até a cadeira dobrável, onde seu sobretudo o aguardava, enquanto os soldados organizavam os prisioneiros alfabetizados em duas filas e ordenavam que marchassem. Enquanto passavam, os russos acenaram alegremente para seus camaradas menos cultos. Marchavam com precisão agora, muito diferentes da procissão cambaleante do começo do dia. Botas erguiam e desciam no ritmo: esquerda, direita, esquerda, direita. Os prisioneiros queriam impressionar seus mestres alemães, queriam provar que mereciam essa chance de servir recortando notícias de jornal em Viborg.

O Einsatzkommando não estava mais olhando para eles. Abotoou o casaco, vestiu as luvas de couro e rumou na direção dos Kübels estacionados. Os prisioneiros que sabiam ler marcharam até o muro de tijolos na lateral do prédio da escola, onde pararam e se viraram para a frente. Mesmo nesse momento, não entendiam o que ia acontecer com eles. Como era possível? Eram bons alunos, tinham passado no teste e foram recompensados.

Olhei para Vika, mas ela estava com o olhar perdido na distância, recusando-se a assistir. Os soldados alemães levantaram suas submetralhadoras e dispararam contra a fila de russos. Mantiveram os dedos nos gatilhos até que os carregadores estivessem vazios e os russos jazessem espalhados e rasgados no chão, fumaça subindo de seus casacos chamuscados. Os alemães recarregaram, aproximaram-se da parede e dispararam tiros isolados na cabeça dos que ainda estavam respirando.

Na frente da escola vi o Einsatzkommando cumprimentando o jovem soldado que estivera enchendo os tanques de combustível. Seja lá o que o oficial disse, deve ter sido engraçado: o jovem soldado riu e balançou a cabeça concordando. O Einsatzkommando entrou em um dos Kübels e foi embora. O jovem soldado pegou as latas vazias de combustível e arrastou-as na direção do prédio da escola. Mal tinha começado a andar, fez uma pausa e olhou para o céu. Eu conseguia ouvir agora o ronco de motores de avião acima de nós. Os Junkers prateados voavam para o oeste, em formações de três aviões em cunha, para o primeiro bombardeio da noite. Passaram três, e mais três, e mais três, enchendo o céu como pássaros em migração. Todos nós, os prisioneiros sobreviventes e os soldados, ficamos em silêncio, olhando os aviões passarem.

21

Dormimos em um depósito de ferramentas atrás do prédio da escola, trinta e cinco de nós apertados em um espaço que acomodaria confortavelmente oito homens. Ninguém conseguia deitar com o corpo estendido. Eu me sentei encolhido em um canto com Kolya de um lado e Vika do outro. Aquela posição era ruim para as minhas costas, mas boa para a respiração — as frestas entre as pranchas de madeira que formavam a parede forneciam a única ventilação, e se eu me sentisse muito claustrofóbico, era só virar a cabeça e respirar ar puro e frio.

Não havia luz. Os soldados alemães tinham fechado a porta do depósito com pregos; podíamos ouvir os guardas do lado de fora conversando e acendendo cigarros, mas os prisioneiros ainda falavam em escapar. Eu não conseguia ver o rosto deles, e o efeito era como ouvir uma daquelas novelas de rádio das quais minha mãe costumava gostar.

— Estou te falando, a gente podia arrebentar isso que nem uma casca de noz. Se um sujeito for de ombro em cima dessa porta, ele atravessa a parede.

— Você acha? Você é carpinteiro? Eu sou. Quando eles nos enfiaram aqui, dei uma olhada nas paredes. São feitas de vidoeiro. É uma madeira bem forte.

— E o que acontece com o sujeito que atravessar a parede? Tem guardas com metralhadoras esperando lá fora.

— Quantos? Dois, três? A gente vai pra cima deles, eles pegam alguns de nós, mas a gente dá conta deles.

— Alguém consegue enxergar quantos tem lá fora?

Abaixei a cabeça e espiei através da fresta.

— Só vejo dois. Mas pode ser que tenha mais do outro lado.

— Contanto que eu não seja o primeiro.

— Vamos todos juntos.

— Ainda assim, tem que ter um primeiro homem a sair e um último.

— Eu digo que a gente deve esperar e fazer o que eles disserem. A guerra não vai durar para sempre.

— Quem está falando, é o Edik? Por que você não vai pro inferno,

seu cachorro velho? Você não viu o que aconteceu aqui hoje? Você ainda confia nesses filhos da puta?

— Se quisessem nos matar, já teriam nos matado. Eles estavam querendo só os rapazes inteligentes, aqueles do Partido.

— Ah... Você é um velho desgraçado, sabia? Espero que os seus filhos caguem na sua sopa.

Kolya inclinou-se sobre mim para poder sussurrar para Vika na escuridão, para não ser ouvido pelos camponeses brigões.

— Aquele Einsatzkommando... ele estava bem perto da gente. Você disse a Markov que não íamos atirar em soldados, íamos guardar as balas para os Einsatz. E daí?

Durante um bom tempo Vika não respondeu, e pensei que tinha ficado brava com a insinuação, mas quando falou, seu tom de voz foi cuidadoso.

— Talvez eu estivesse com medo. E você?

Kolya suspirou.

— Não pareceu o momento certo. Atirar em um homem e ser despedaçado?

— Não. Mas talvez tenhamos esperado demais. Aquela talvez tenha sido a nossa melhor chance.

Eu a conhecia havia apenas um dia, mas os comentários de Vika me surpreenderam. Ela não parecia o tipo de pessoa que admitia ter dúvidas, e, no entanto, lá estava ela usando a palavra *talvez* duas vezes seguidas.

— Eu quase atirei — disse Kolya, cutucando o meu ombro. — Quando ele estava perguntando sobre os seus avós. Pensei que ele pudesse fazer você abaixar as calças, para dar uma olhada nas suas partes. Eu estava com o dedo no gatilho. Mas conseguimos enganá-lo, não foi? Você gostou da história que eu inventei?

— Você foi ótimo — disse eu. — Muito rápido.

— Para ser honesto, acho que ele queria me comer. Ele estava com aquele olhar.

— Aquilo que eu disse antes sobre os judeus — sussurrou Vika, tocando o meu joelho na escuridão —, só para você saber: qualquer um que os nazistas odeiem é meu amigo.

— Ele é só meio judeu — disse Kolya. Falou aquilo como se fosse um elogio.

— A melhor metade — repliquei. Vika riu. Até aquele momento eu não sabia que ela era capaz de rir e foi um som estranho, mas não porque houvesse qualquer coisa estranha com a risada dela. Ela riu como uma pessoa normal.

— O que você fazia antes da guerra? — perguntei-lhe.

— Eu era estudante.

— Mm — disse Kolya. Eu esperava que ele pegasse no sono, mas parecia bem desperto, pronto para uma longa conversa. — Eu também. O que você estudava? Agricultura?

— Por que agricultura?

— Você não era de uma fazenda coletiva?

— E eu pareço ser de uma porra de uma fazenda coletiva? Sou de Arcangel.

— Ah, uma garota do norte. Isso explica tudo. — Ele me deu uma cotovelada no flanco. — Ela é realmente de ascendência viking. Então você vai à universidade lá em cima? Estudando tudo sobre madeiras e castores?

— Astronomia.

— Eu sou da literatura. Estadual de Leningrado.

Ele continuou tagarelando sobre Shchedrin e Turguenov e seus pontos fracos por mais alguns minutos antes de cair no sono de repente, as pernas compridas estendidas à sua frente, forçando-me a manter minhas próprias pernas dobradas contra o peito. Os camponeses também começaram a dormir, embora de vez em quando eu ainda ouvisse uma discussão sussurrada.

O calor dos corpos amontoados mantinha o depósito quente o bastante. Antes de eles nos enfiarem lá dentro eu tinha conseguido pegar uns punhados de neve para ir chupando na escuridão. Eu não comia nada desde a cabana de caçador, onde Kolya e eu dividimos um punhado de nozes que tínhamos trazido do casarão, mas um dia inteiro sem comida não era nenhuma novidade. Durante o cerco todos nós em Piter nos tornamos especialistas em fome, com técnicas diferentes para nos distrairmos de nossa carência. Em meu apartamento no Kirov eu tinha passado muitas noites famintas estudando os *Trezentos jogos de xadrez*, de Tarrasch. “Sempre ponha a torre atrás do peão”, ele instruía a seus aprendizes. “A não ser quando for incorreto fazer isso.”

Sem um livro de xadrez para estudar ou um rádio para ouvir, eu tive que encontrar uma outra maneira de ocupar o meu cérebro durante a longa

espera pelo sono. À medida que o depósito foi ficando em silêncio, fui me conscientizando cada vez mais do corpo de Vika apertado contra o meu. Quando ela mexeu a cabeça para respirar na fresta da parede, seu cabelo roçou o meu nariz. Ela cheirava a cachorro molhado. A minha criação tinha sido a de um enjoado — minha mãe nunca tolerou um prato sujo na pia, uma toalha fora do lugar no banheiro, ou uma cama desarrumada. Quando éramos pequenos e ela nos lavava na banheira, sua esfregação ríspida deixava a minha pele esfolada. Às vezes, se minha mãe estava preparando o jantar para uma festa, meu pai dava banho em mim, e era como se eu tivesse recebido a suspensão de um chicoteamento enquanto ele espirrava água morna em mim, distraído por qualquer história que estivesse me contando. Eu adorava “A história do canhoto vesgo e a pulga de aço”, e ele a contava para mim de cor repetidas vezes.

Fui criado para estar sempre limpo e me incomodava quando os outros não estavam, quando os gêmeos Antokolsky tinham sujeira embaixo das unhas ou um professor na escola tinha uma mancha de sopa no colarinho. Mas o cheiro de cachorro molhado de Vika não me incomodava. É claro que àquela altura estávamos todos muito sujos — eu mesmo devia estar fedendo como um peixe de seis semanas —, mas isso não tinha nada a ver com estar acostumado com cheiros ruins. O cheiro forte de seu corpo me fazia querer lambê-la até que ficasse limpinha.

— Você acha que eles realmente vão nos levar para a Estônia? — perguntei. Pensar em Vika tinha sido uma distração da minha fome; agora eu precisava de uma distração da minha distração. Eu não estava sentado em uma posição confortável para ter os pensamentos que estava tendo.

— Não sei.

— Eu nunca fui a Arcangel. Deve ser muito frio lá em cima.

No silêncio da ausência de uma resposta, considerei a possibilidade de que estava sendo um sujeito muito chato. Quem mais a não ser um chato ficaria falando aquelas baboseiras sem sentido? Se um porco muito inteligente, o prodígio do chiqueiro, passasse a vida toda aprendendo russo e ao finalmente se tornar proficiente as primeiras palavras que ouvisse fossem as minhas, ele se perguntaria por que tinha desperdiçado seus melhores anos quando poderia ter ficado rolando na lama e comendo lavagem com os outros animais estúpidos.

— Você estudava astronomia?

— Sim.

— Tudo bem, então isso é uma contradição. Existem bilhões de estrelas no universo, certo? Estamos cercados pelas estrelas. E todas elas emitem luz, e a luz move-se infinitamente. Então por que...

— Por que o céu não é claro à noite?

— É! Você já pensou nisso também?

— As pessoas pensam nisso há muito tempo.

— Ah! Pensei que talvez eu tivesse sido o primeiro.

— Não — ela disse e, pelo jeito que falou, eu sabia que estava sorrindo.

— Então por que fica escuro à noite?

— O universo está se expandindo.

— É mesmo?

— Mm.

— Não, eu quis dizer que sabia que o universo está se expandindo. — Eu menti. Como podia o universo se expandir? O universo não era tudo? Como é que tudo se estica ainda mais? Em que espaço ele se estica? — Eu só não entendo como isso explica a luz das estrelas.

— É complicado — ela disse. — Abre a boca.

— O quê?

— *Shh*. Abre a sua boca.

Obedeci e ela colocou um pedaço de pão de centeio entre os meus lábios. Diferente dos pães que quebravam os dentes dados como ração em Piter, aquele tinha gosto de pão de verdade, gosto de sementes de cominho, fermento e leite aquecido.

— Gostoso?

— Sim.

Pedaço a pedaço, ela me deu uma fatia inteira de pão.

— Chega. Tenho que guardar o resto para amanhã. O seu amigo vai ficar com fome.

— Obrigado.

Ela grunhiu uma resposta e mudou de posição, tentando ficar confortável.

— O nome dele é Kolya. Só para você saber. E o meu é Lev.

Parecia que ela respondia a apenas metade dos meus comentários, e aquele não fazia parte dessa metade. Eu esperava que ela dissesse, “O meu é

Vika”, para eu poder retrucar, “É, eu sei. Abreviação de Viktoriya, não é?” Por alguma razão pensei que aquela seria uma observação inteligente, embora toda Vika fosse Viktoriya.

Eu a escutei respirando, tentando avaliar se ela tinha adormecido ou não. Testei-a sussurrando uma última pergunta.

— Então se você era uma estudante de astronomia, eu realmente não entendo... Como você se tornou francoatiradora?

— Comecei atirando nas pessoas.

Aquilo soou como o fim da conversa para mim, então fechei a boca e deixei-a dormir.

Mais tarde da noite eu acordei quando um dos velhos camponeses do outro lado do depósito teve um acesso de tosse. Ouvindo-o tossir um catarro que provavelmente estava em seus pulmões desde o reinado de Alexandre III, percebi que Vika tinha deslizado para cima de mim durante o sono, o rosto apoiado em meu ombro. Eu conseguia sentir seu peito erguendo e descendo, o tic da inspiração, o tac da expiração. Pelo resto da noite fiquei o mais quieto possível, tentando não perturbá-la, tentando com todas as forças mantê-la perto de mim.

Os alemães nos acordaram retirando as placas de madeira que tinham pregado sobre a porta. A luz do sol entrou pelas frestas das pranchas, o brilho de pequenos holofotes sobre uma testa oleosa, uma bota de couro com a sola aberta, os botões de chifre de um velho casaco masculino.

Vika estava sentada ao meu lado, roendo as unhas. Ela as roía metodicamente, não como uma pessoa ansiosa com um tique nervoso, mas como um açougueiro afiando suas facas. Em algum momento da noite ela havia se afastado de mim e eu não tinha sentido ela sair. Ela ergueu o olhar ao perceber que eu a estava olhando e não havia um traço de afeição em seus olhos. Qualquer rasgo de afeto que eu tivesse sentido na escuridão tinha desaparecido à luz do dia.

A porta abriu, os alemães gritaram para que nos mexêssemos, e os camponeses se desenredaram uns dos outros. Eu vi o velho Edik apertar um dedo nodoso contra uma das narinas e assoar uma bola de ranho sobre o chão, quase acertando o rosto de outro homem.

— Ah — rosnou Kolya, enrolando o cachecol no pescoço —, você não queria ter crescido junto com seus camaradas fazendeiros em uma fazenda coletiva?

À medida que os prisioneiros começaram a fazer fila para sair, um homem do outro lado do depósito gritou. Os que estavam em volta dele viraram-se para ver o que o havia assustado e logo estavam sussurrando entre si, muito inquietos. De nosso canto tudo o que conseguíamos ver eram as costas dos camponeses. Kolya e eu ficamos em pé, curiosos com o alvoroço. Vika, desinteressada, foi para a porta.

Conseguimos chegar ao outro lado do depósito, rodeando os camponeses que murmuravam, e olhamos para o homem que ainda estava deitado. Era o acusador de Markov, a garganta cortada, o sangue há muito já se esvaíra de seu corpo e o rosto estava branco como giz. Ele deve ter sido assassinado durante o sono, ou nós o teríamos ouvido gritar, mas seus olhos se arregalaram quando a faca cortou sua pele; eles estavam inchados nas órbitas, olhando com horror para os nossos rostos virados para baixo.

Um dos camponeses arrancou as botas do morto; um segundo tirou-

lhe as luvas de pele de carneiro; um terceiro tirou o cinto de couro dos passantes de suas calças. Kolya ajoelhou-se e arrancou o chapéu acolchoado antes de qualquer um. Eu me virei e percebi que Vika estava ajustando seu próprio chapéu de pele de coelho, colocando bem baixo sobre a testa. Ela olhou para mim por um segundo e saiu do depósito de ferramentas. Um momento depois um soldado alemão entrou, furioso com a demora, pronto para disparar sua arma. Ele viu o cadáver, a garganta aberta, a mancha de sangue que havia começado nas costas do homem e se espalhara pelas tábuas do assoalho como um par de monstruosas asas negras. O assassinato irritou o soldado — aquilo exigia uma explicação para os oficiais. Ele fez uma pergunta em alemão, mais para si mesmo do que para qualquer um de nós, sem esperar uma resposta. Kolya pigarreou e respondeu. Eu não saberia avaliar o alemão de Kolya, mas o soldado pareceu surpreso de ouvir sua própria língua falada por um prisioneiro.

O alemão balançou a cabeça, deu uma resposta rude e fez um sinal com o polegar para que saíssemos do depósito. Quando estávamos do lado de fora, perguntei a Kolya o que ele havia dito.

— Eu lhe disse que os camponeses odeiam os judeus ainda mais do que o povo dele.

— E o que ele disse?

— “Há uma maneira adequada de se fazer as coisas.” Muito germânico. — Ele estava tentando colocar seu novo chapéu, que não era grande o bastante, mas conseguiu puxar as abas para baixo até um ponto em que pôde amarrar os cordéis.

— Você acha que é esperto deixar que eles saibam que você fala alemão? Depois do que fizeram ontem?

— Não, eu acho que é perigoso. Mas pelo menos não vão mais fazer perguntas.

Os prisioneiros tinham se organizado em uma fila indiana; arrastávamos os pés para a frente, apertando os olhos sob o sol claro da manhã, em direção a um soldado grandalhão e de ressaca, os olhos ainda remelentos de sono, que dava a cada um de nós um único biscoito redondo, duro e seco como um pedaço de carvão.

— Bom sinal — murmurou Kolya, batendo no biscoito com a unha.

Em pouco tempo estávamos marchando para o sul com a companhia de Gebirgsjäger, as cabeças abaixadas contra o vento. Hoje estávamos

andando na estrada, embora a pavimentação estivesse embaixo de camadas de neve amassada pelas esteiras dos tanques e carros blindados. A alguns quilômetros da escola nós passamos por uma placa que indicava a direção para Mga e eu a apontei para Kolya.

— Hum. Que dia é hoje?

Tive que pensar a respeito, contando para trás de cabeça até o sábado.

— Quarta-feira. Precisamos aparecer com os ovos amanhã.

— Quarta-feira... Faz treze dias que não cago. Treze dias... O que acontece com o que está lá dentro? Não é como se eu não tivesse comido nada. A sopa da Querida e umas salsichas, aquelas batatas com manteiga com as garotas, pão da ração... O que isso tudo faz parado na minha barriga, um caroço?

— Você quer cagar? — perguntou Edik, o velho camponês barbado, que tinha ouvido as queixas de Kolya e agora tentava aconselhá-lo. — Ferve um pouco de casca de espinheiro e bebe a água. Nunca falha.

— Maravilha. Está vendo algum espinheiro por aqui?

Edik olhou para os pinheiros ao lado da estrada e balançou a cabeça.

— Eu assobio se a gente passar por algum.

— Muito obrigado. Talvez você possa me encontrar a água fervendo também.

Edik já tinha se virado para a frente e retomado seu lugar na fila, ciente de que um dos soldados tinha olhado na nossa direção.

— Stalin vai visitar uma das fazendas coletivas nos arredores de Moscou — começou Kolya com sua voz de contador de piadas. — Ele quer saber como eles estão se arranjando com o último Plano Quinquenal. “Diga-me, camarada”, e pergunta a um dos fazendeiros. “Como estão as batatas este ano?” “Muito bem, Camarada Stalin. Se nós as empilhássemos, elas atingiriam Deus.” “Mas Deus não existe, Camarada Fazendeiro.” “E nem as batatas, Camarada Stalin.”

— Essa é velha.

— As piadas só ficam velhas quando são boas. Se não, quem é que as continuaria contando?

— Pessoas como você, que não são engraçadas?

— Não posso fazer nada se você nunca ri. Eu faço as garotas rirem, isso é o que importa.

— Você acha que foi ela? — perguntei. Ele olhou para mim de

relance, confuso por um momento, até que viu que eu estava olhando para Vika, que marchava afastada de nós, perto da frente da procissão.

— É claro que foi ela.

— É só que eu... Ela ficou encostada em mim a noite toda. Quando eu peguei no sono, a cabeça dela estava no meu ombro...

— Isso é o mais perto de sexo que você já chegou. Está vendo? Você me escutou e aprendeu.

— ... e de algum jeito ela conseguiu sair de perto de mim, e tenho o sono muito leve, rastejou no meio de trinta camponeses em uma escuridão total, cortou a garganta do sujeito e voltou? Sem acordar ninguém?

Kolya assentiu, ainda olhando para Vika, que andava sozinha, olhando para as margens da estrada e a posição das tropas alemãs.

— Ela é uma assassina talentosa.

— Especialmente para uma astrônoma.

— Ah! Não acredite em tudo o que ouve.

— Você acha que ela está mentindo?

— Tenho certeza de que ela frequentou a universidade por algum tempo. É lá que eles recrutam. Ora, leãozinho, você acha que ela aprendeu a atirar desse jeito na aula de astronomia? Ela é NKVD. Eles têm agentes em cada célula da guerrilha.

— Você não sabe isso.

Ele parou por alguns segundos para bater uma bota na outra, tirando a neve presa na sola, segurando no meu braço para se equilibrar.

— Eu não sei de nada. Talvez o seu nome não seja Lev. Talvez você seja o maior amante na história da Rússia. Mas eu analiso os fatos e dou um palpite fundamentado. Os guerrilheiros são combatentes locais. É por isso que são tão eficientes. Eles conhecem o terreno melhor do que os alemães jamais o conhecerão. Eles têm amigos na região, família, pessoas que podem lhes dar comida, um lugar seguro para dormir. Agora me diga, a que distância estamos de Arcangel?

— Não sei.

— Eu também não sei. Setecentos, oitocentos quilômetros? A fronteira alemã provavelmente fica mais perto. Você acha que os guerrilheiros locais simplesmente decidiram confiar em alguma garota que apareceu do nada? Não, ela foi mandada até eles.

Ela caminhava com dificuldade através da neve à frente, as mãos

enfiadas nos bolsos do macacão. De trás ela parecia um garoto de doze anos usando um uniforme roubado de um mecânico.

— Será que ela tem tetas? — perguntou-se Kolya.

A vulgaridade dele me aborreceu, apesar de eu ter me perguntado a mesma coisa. Era impossível avaliar o corpo dela embaixo do macacão de tamanho desproporcional, mas até onde eu conseguia ver, ela não tinha curvas, reta como uma folha de grama.

Ele reparou na expressão no meu rosto e sorriu.

— Eu ofendi você? Peço desculpas. Você realmente gosta dessa aí, não é?

— Não sei.

— Não vou falar mais sobre ela desse jeito. Você me perdoa?

— Você pode falar sobre ela do jeito que quiser.

— Não, não. Agora eu entendo. Mas escute, esse não é um peixe fácil de fisgar.

— Você vai me dar mais conselhos tirados daquele seu livro de mentira?

— Escuta o que eu falo. Pode fazer piadinha, tudo bem, mas eu sei mais sobre essas coisas do que você. Meu palpite é que ela estava um pouquinho apaixonada por aquele Korsakov. E ele era mais durão que você, então não dá para impressioná-la sendo durão.

— Ela não estava apaixonada por ele.

— Só um pouquinho.

— Eu nunca pensei que iria impressioná-la sendo durão. Você acha que sou tão burro?

— Então a pergunta é: com *o quê* você vai impressioná-la?

Kolya ficou em silêncio durante um bom tempo, os olhos apertados, a testa franzida por linhas de preocupação enquanto ele avaliava minhas possibilidades. Antes que conseguisse pensar em uma, ouvimos gritos atrás de nós e nos viramos para ver os soldados acenando e mandando-nos sair da estrada. Um comboio de veículos blindados Mercedes de meia-lagarta com carrocerias cobertas por lona começou a passar ruidosamente por nós, transportando provisões, equipamentos e materiais para as linhas de frente. Ficamos olhando durante cinco minutos e mesmo assim não tinha fim o lento comboio. Os alemães não estavam nem um pouco preocupados em impressionar os prisioneiros, mas eu fiquei impressionado. O racionamento

de combustível em Piter significava que eu raramente via mais do que quatro ou cinco veículos em movimento por dia. Eu já tinha contado quarenta daqueles caminhões híbridos, com seus pneus de borracha na frente e lagartas na parte de trás, as estrelas de três pontas na grade da frente e cruzes negras de bordas brancas pintadas nas traseiras.

Atrás dos meia-lagartas vinham carros blindados de oito rodas, morteiros pesados montados sobre esteiras e caminhões leves carregando tropas sentadas em bancos paralelos, os rostos cansados e não barbeados, fuzis presos aos ombros por correias, amontoados em seus uniformes brancos.

Ouvimos xingamentos da parte da frente do comboio, motoristas tirando metade do corpo para fora de suas janelas para descobrir qual era o problema. Uma das peças de artilharia autopropulsada estava com um problema na esteira, e enquanto seus operadores apressavam-se para consertá-la, o morteiro bloqueou tudo que estava atrás. Os homens da infantaria usaram a oportunidade para saltar de seus caminhões e urinar na margem da estrada. Em pouco tempo havia uma fila de muitas centenas de soldados, motoristas de blindados e pessoal de artilharia batendo as botas no chão e gritando para seus amigos, inclinando-se para trás para ver quem conseguia lançar o jato mais longe. Um vapor começou a se elevar da neve amarela.

— Olha só esses papa-merdas mijando em nossa terra — murmurou Kolya. — Eles não vão rir tão alto quando eu me agachar para cagar bem no meio de Berlim. — Aquele pensamento o animou. — Vai ver é por isso que não consigo ir ao banheiro. Meu intestino está esperando a vitória.

— Intestino patriótico.

— Cada parte de mim é patriótica. Meu pau assobia o “Hino Soviético” quando goza.

— Sempre que eu ouço vocês dois conversando, o assunto é só paus e rabos — disse Vika. Ela havia se aproximado de nós daquele jeito silencioso, e me deu um susto quando falou. — Por que vocês não ficam pelados e resolvem isso?

— Não sou eu quem ele quer ver pelado — disse Kolya com um sorriso malicioso.

Senti um rubor de raiva e constrangimento, mas Vika ignorou o comentário, continuando de olho nos guardas vigilantes e nos outros

prisioneiros enquanto passava para nós duas metades de fatias de seu bom pão de centeio.

— Está vendo os carros dos oficiais no fim do comboio? — perguntou ela, olhando naquela direção, mas sem levantar a mão para apontar.

— Este é o melhor pão que comi desde o verão — disse Kolya, com sua fatia já devorada.

— Estão vendo o Kommandeurwagen com as flâmulas com suástica no parachoque? Aquele é o carro de Abendroth.

— Como você sabe? — perguntei-lhe.

— Porque nós o estamos seguindo há três meses. Quase atirei nele nos arredores de Budogoshch. Aquele é o carro dele.

— Qual é o plano? — perguntou Kolya, cutucando uma semente de cominho presa entre os dentes.

— Quando o comboio começar a se mover de novo, vou esperar até que ele esteja bem perto e vou atirar. Não deve ser difícil.

Olhei para os dois lados da estrada. Estávamos em pé no meio do que parecia ser um batalhão completo, cercados por centenas de alemães com fuzis a pé e em veículos blindados. A declaração de Vika significava que iríamos morrer dentro de poucos minutos, quer ela atingisse ou não o alvo.

— Eu atiro — disse Kolya. — Você e Lev ficam ali com aqueles cretinos da fazenda coletiva. Não faz sentido todos nós morrermos.

Vika torceu os lábios em um meio sorriso e balançou a cabeça.

— Eu atiro melhor.

— Você nunca me viu atirar.

— É verdade. E eu atiro melhor.

— Não importa — eu lhes disse. — Vocês dois atiram, que diferença faz? Vocês acham que eles vão deixar qualquer um de nós vivo depois disso?

— O argumento dele é bom — disse Kolya. Ele deu uma olhada nos prisioneiros analfabetos que estavam ao nosso redor, arrastando os pés e batendo palmas para manter as mãos aquecidas, a maioria deles fazendeiros que nunca antes tinham viajado mais do que alguns quilômetros longe de suas fazendas coletivas. Alguns soldados rasos do Exército Vermelho estavam misturados no grupo. Um ou dois deles, disse eu tenho certeza, sabiam ler tão bem quanto eu.

— Quantos prisioneiros eles disseram? Trinta e oito?

— Trinta e sete agora — disse Vika. Ela me pegou olhando para ela e me encarou de volta com aqueles olhos azuis impiedosos. — Quanto tempo você acha que vai durar antes que um desses camponeses perceba que estão faltando alguns centímetros aí embaixo — e ela apontou para o meio das minhas pernas — e delate você em troca de mais um pouco de sopa?

— Trinta e sete... Parece gente demais para sacrificar por um só alemão — disse Kolya.

— Trinta e sete prisioneiros que estão indo para as fábricas de aço? Esses homens não são mais bens russos — disse ela com seu tom de voz baixo e inflexivo. — Eles são mão de obra alemã. E Abendroth vale o sacrifício.

Kolya assentiu, olhando para o Kommandeurwagen que estava distante.

— Nós somos peões e ele é uma torre, é isso o que você está dizendo.

— Nós somos menos do que peões. Peões têm valor.

— Se conseguirmos derrubar uma torre, nós também temos valor.

Dizendo isso, Kolya piscou e olhou para mim. Ele deu um sorriso repentino e determinado, todo o seu rosto de cossaco se iluminando com a grandeza de uma nova ideia.

— Talvez haja uma outra forma. Esperem aqui um minuto.

— O que você vai fazer? — perguntou Vika, mas era tarde demais; ele já tinha começado a andar na direção do aglomerado mais próximo de soldados. Os alemães estreitaram os olhos quando perceberam que ele estava se aproximando e moveram os dedos para perto dos gatilhos, mas Kolya levantou as mãos e começou a tagarelar com eles em alemão, tão alegre e tranquilo como se todos tivessem se reunido para assistir a um desfile. Depois de trinta segundos eles estavam rindo das piadas que ele estava fazendo, seja lá quais fossem.

Um dos soldados até mesmo deixou-o dar uma longa tragada em seu cigarro.

— Ele tem charme — disse Vika. Ela parecia um entomologista falando sobre a carapaça de um besouro.

— Eles provavelmente acham que ele é o irmão ariano que haviam perdido há muito tempo.

— Vocês dois são um casal estranho.

— Nós não somos um casal.

— Não falei nesse sentido. Não se preocupe, Liova. Eu sei que você gosta de garotas.

Meu pai me chamava de Liova, e ouvi-la chamar-me por aquele apelido — de maneira tão inesperada, mas tão natural, como se ela me chamasse daquele jeito há anos — quase me fez querer chorar.

— Ele deixou você zangado antes, não foi? Quando disse aquilo sobre querer me ver nua.

— Ele diz muitas idiotices.

— Então você não quer me ver nua?

Agora Vika ostentava aquele sorriso de zombaria, parada com os pés afastados, as mãos enfiadas nos bolsos do macacão.

— Não sei. — É, foi uma resposta idiota e covarde, mas eu não consegui lidar com os altos e baixos do dia. Num minuto achava que teria só mais alguns minutos de vida; no minuto seguinte uma francoatiradora de Arcangel estava flertando comigo. Ela estava flertando comigo? Os dias tinham se tornado uma confusão de catástrofes: o que parecia impossível à tarde era um fato consumado à noite. Cadáveres de alemães caíam do céu; canibais vendiam salsichas de carne humana moída no Mercado. Prédios de apartamentos desabavam no chão. Cachorros tornavam-se bombas. Soldados congelados tornavam-se marcos indicativos de direção. Um guerrilheiro com metade do rosto cambaleava na neve, encarando com tristeza seus assassinos. Eu não tinha comida na barriga, nem gordura nos ossos, e nenhuma energia para refletir sobre aquele desfile de atrocidades. Eu apenas continuava andando, esperando encontrar uma outra metade de pão para mim e uma dúzia de ovos para a filha do coronel.

— Ele me contou que seu pai foi um poeta famoso.

— Ele não era tão famoso.

— É isso o que você quer ser? Poeta?

— Não, eu não tenho o menor talento para isso.

— E para que você tem talento?

— Não sei. Nem todo mundo tem talento.

— É verdade. Apesar do que sempre nos disseram.

Pela aparência das coisas, Kolya estava fazendo uma grande palestra para os soldados reunidos em um semicírculo ao redor dele, fazendo gestos esmerados com a mão para assinalar o que estava dizendo. Ele apontou para mim, e senti minha garganta apertar quando os soldados alemães se viraram e

olharam na minha direção, curiosos e entretidos.

— Que porra ele está falando para eles?

Vika deu de ombros.

— Ele vai levar um tiro se não tiver cuidado.

Os soldados pareciam incrédulos, mas Kolya continuou bajulando-os e por fim um deles, balançando a cabeça como se não acreditasse que estava ouvindo aquele russo lunático falar, ajustou a correia de sua MP-40 e saiu apressado na direção do final do comboio. Kolya fez um movimento com a cabeça para os homens que restaram reunidos à sua volta, fez alguma última piada que os fez rir novamente, e voltou para nós andando devagar.

— Os nazistas adoram você — disse Vika. — Estava citando o *Mein Kampf*?

— Tentei ler uma vez. Muito maçante.

— O que disse a eles?

— Disse-lhes que tinha uma aposta para Herr Abendroth. A de que o meu amigo aqui, um garoto de quinze anos vindo da área menos sofisticada de Leningrado, conseguia jogar sem a rainha e ainda assim derrotar o Sturmbannführer em um jogo de xadrez.

— Eu tenho dezessete.

— Ah! Bem, sendo quinze anos o insulto é maior.

— Isso é uma piada? — disse Vika, a cabeça tombada para um lado, observando Kolya e esperando que ele sorrisse e explicasse que não tinha feito uma coisa tão idiota.

— Não é piada.

— Você acha que ele não vai se perguntar como você sabia que ele estava aqui? Como sabia a patente dele, sabia que ele jogava xadrez?

— Acho que ele vai se perguntar todas essas coisas. E isso vai deixá-lo curioso, e isso vai fazê-lo vir até nós.

— Como é a aposta? — perguntei.

— Se ele vencer, pode nos matar no ato.

— Ele pode nos matar quando quiser, seu cabeçudo.

— Foi isso que os soldados disseram. É claro que pode. Mas eu lhes disse que o Sturmbannführer é um homem de honra, um homem de princípios. Eu lhes disse que confio na palavra dele e confio em seu espírito esportivo. Eles adoram todas essas merdas sobre valentia e honra.

— O que recebemos se eu ganhar?

— Primeiro, ele liberta nós três. — Ele viu a expressão em nossos rostos e nos cortou antes que pudéssemos falar. — Eu sei, eu sei, vocês acham que sou um idiota, mas vocês é que são lerdos. Não podemos jogar agora, com o comboio em movimento. Se tivermos sorte, o jogo vai acontecer hoje à noite, em algum local fechado, longe de tudo isso. Kolya fez um gesto com a mão, indicando os soldados alemães em pé em círculos irregulares, conversando e fumando, os meia-lagartas carregados de provisões, a artilharia pesada.

— Ele nunca vai nos libertar.

— É óbvio que nunca vai nos libertar. Mas então estaremos em uma posição muito melhor para atirar nele. E se os deuses estiverem sorrindo, talvez até mesmo tenhamos uma chance de fugir.

— “Se os deuses estiverem sorrindo” — disse Vika, zombando da afetação de Kolya. — Você já prestou atenção nesta guerra?

Os mecânicos tinham consertado o morteiro autopropulsado. O motorista e sua tripulação entraram pela escotilha. Instantes depois o motor voltou à vida, tossindo, e a enorme besta de metal gemeu ao voltar a se movimentar, quebrando o gelo que havia se formado em torno de suas lagartas. Os homens da infantaria não pareciam estar com pressa para voltar a seus caminhões, mas após as últimas despedidas ditas com vozes roucas, com os oficiais gritando e o comboio começando a serpentear para a frente, eles deram longas tragadas nos cigarros, jogaram-nos fora e subiram de volta às carrocerias cobertas por lona.

O soldado que saíra para levar a mensagem para Abendroth correu de volta para sua unidade. Quando viu que o observávamos, fez que sim com a cabeça e sorriu. O rosto dele era rosado e imberbe, as bochechas arredondadas, e era fácil imaginá-lo como um bebê careca e chorão. Ele gritou para nós, uma única palavra em alemão, antes de alcançar seu caminhão, estendendo a mão e deixando que um de seus compatriotas o puxasse para cima.

— Esta noite — disse Kolya.

Nossos guardas já tinham latido para nós, sabendo que não entendíamos e sem se importar com isso. A mensagem era bastante simples. Os prisioneiros voltaram a formar filas, Vika afastou-se de nós, e esperamos o comprido comboio passar. Quando o Kommandeurwagen passou por nós, tentei ver Abendroth, mas o vidro da janela estava coberto de gelo.

Lembrei-me de algo que estava me incomodando e virei-me para Kolya.

— Qual é a segunda coisa que você pediu?

— Hum?

— Você disse que se eu vencesse, primeiro ele nos libertaria. Então qual é a segunda coisa que você pediu?

Ele olhou para mim, as sobrancelhas unidas, sem acreditar que eu não tivesse adivinhado.

— Não é óbvio? Pedi uma dúzia de ovos.

23

Naquela noite nos sentamos com outros prisioneiros em um estábulo de ovelhas nos arredores da cidade de Krasnogvardeysk. O ar cheirava a lã molhada e esterco. Os alemães tinham nos dado alguns galhos para servir de lenha, e a maioria dos homens estava reunida ao redor de uma tímida fogueira no centro do estábulo. Estavam cansados demais para falar em fuga. Reclamaram com pouco vigor sobre o fato de os alemães não terem nos alimentado desde o biscoito da manhã, murmuraram prognósticos sobre o tempo no dia seguinte, e logo estavam todos dormindo no chão frio, os corpos bem próximos uns dos outros para se aquecerem. Vika, Kolya e eu estávamos sentados encostados na parede de tábuas, tremendo, discutindo se o jogo ia ou não acontecer.

— Se mandarem nos buscar — disse Vika —, se nos levarem até ele, tenho certeza de que vão nos revistar para ver se temos armas.

— Eles já revistaram os prisioneiros. O que vão pensar, que encontramos armas em um estábulo de ovelhas?

— O homem sabe que é um alvo. Ele é muito cuidadoso. Eles vão encontrar as armas.

Kolya respondeu com um peido deplorável, grave e solene como uma única nota de uma trompa. Vika fechou os olhos por alguns segundos, respirando pela boca. Eu fiquei olhando seus cílios ruivos sob a luz do fogo.

— Mesmo assim — disse ela por fim —, eles vão encontrar as armas.

— Então o que devemos fazer, estrangular o sujeito?

Ela colocou a mão dentro do macacão, tirou a faca finlandesa da bainha em seu cinto e começou a escavar uma pequena cova no chão de terra congelada. Quando já estava bem funda, ela enterrou a automática que carregava consigo e estendeu a mão, pedindo a arma de Kolya.

— Vou ficar com ela.

Vika esperou com a mão estendida e ele finalmente entregou-lhe a Tokarev. Quando as duas pistolas estavam cobertas de terra, ela desabotoou o macacão e desafivelou o cinto. Kolya me deu um cutucão de leve. O macacão tinha saído dos ombros de Vika; por baixo ela usava uma camisa de lenhador feita de lã grossa e duas ceroulas, mas por um momento eu vi os movimentos

de sua clavícula sob a pele salpicada de sujeira. Eu nunca havia reparado conscientemente na clavícula de outro ser humano antes; a dela parecia as asas de uma gaivota em voo. Ela arrancou o cinto de lona, ergueu a camisa de lenhador e as duas camisetas até pouco abaixo dos seios, segurou tudo com o queixo e colocou o cinto diretamente sobre a pele nua. A bainha da faca agora estava encostada em seu esterno, e quando ela abaixou as camisetas e a camisa de lenhador e abotoou novamente o macacão, era impossível perceber a presença da arma.

Ela segurou a minha mão e a colocou em seu peito.

— Está sentindo alguma coisa?

Fiz que não com a cabeça e Kolya riu.

— Resposta errada.

Vika sorriu para mim. Minha mão ainda estava pousada sobre seu peito coberto pelas camadas de roupas. Eu estava com medo de movê-la e com medo de mantê-la ali.

— Não dê ouvidos a ele, Liova. Ele não nasceu, foi cagado pela mãe dele.

— Vocês dois querem um pouco de privacidade? Eu posso ir me aninhar com o velho Edik ali. Ele parece bem solitário.

— E a minha faca? — perguntei-lhe.

— Esqueci da sua faca.

— Passe-a para mim — disse Kolya. — Eu sei como usá-la.

— Não — disse Vika. — É você quem eles vão revistar com mais cuidado. Você é o único que parece ser um soldado. — Ela se inclinou para a frente e eu tirei a mão, certo de que, de alguma forma, tinha perdido uma oportunidade, mesmo se não soubesse qual era ou a que me levaria. Ela soltou a bainha do meu tornozelo e levantou-a na mão por um momento, avaliando-lhe o tamanho e o formato. Por fim, ela colocou-a no fundo da minha bota, embaixo da meia. Em seguida examinou a bota de novo. Nada ficara visível. Ela deu uma palmadinha no couro e pareceu satisfeita.

— Dá para andar normalmente?

Fiquei em pé e dei alguns passos. Eu conseguia sentir a ponta da bainha cutucando o meu pé, mas parecia segura, presa firmemente no lugar pela meia e pela bota.

— Olha ele — disse Kolya. — O assassino silencioso.

Sentei-me ao lado de Vika novamente. Ela tocou o ponto macio logo

abaixo de minha orelha e percorreu com o dedo toda a minha garganta, parando embaixo da outra orelha.

— Você corta desse jeito — ela me disse —, ninguém nunca mais consegue fechar.

Os oficiais superiores do Einsatzgruppe A tinham tomado o quartel-general do Partido em Krasnogvardeysk, uma espécie de coelho imundo composto de pequenas salas com assoalhos de linóleo descascado que ficava em cima do prédio escuro da delegacia de polícia. O prédio fedia a fumaça e diesel, mas os alemães já haviam restaurado a eletricidade e reacenderam as fornalhas; o segundo andar era quente e confortável, apesar da eventual mancha de sangue seco pincelada nas paredes. Umas poucas horas depois de termos enterrado as armas, dois soldados do batalhão Gebirgsjäger nos acompanharam até a sala de conferências, onde antes de a cidade cair os membros do comitê de planejamento se reuniam para discutir as ordens que vinham de cima e os comandos que iam para baixo. Janelas quádruplas davam de frente para a rua principal da cidade escura. Cartazes de Lenin e Zdanov continuavam nas paredes, intocados, como se as expressões austeras dos dois incomodassem tão pouco os alemães que não valia a pena riscá-los ou rasgá-los.

Abendroth estava sentado na ponta de uma mesa comprida, bebendo alguma coisa de cor clara em um copo de cristal. Ele balançou a cabeça quando entramos na sala, mas não fez menção de se levantar. Seu quepe cinzento — ornado com uma fita preta e com a caveira prateada sob a águia alemã — estava sobre a mesa. Um tabuleiro de xadrez, as peças já em suas posições, aguardava entre o quepe e uma garrafa sem rótulo e quase vazia de alguma bebida alcoólica.

Eu esperara um esteta elegante, um tipo professoral, mas Abendroth era um homenzarrão, com o corpo de um arremessador de martelo, o colarinho afundando nas veias de seu pescoço volumoso. O copo pesado parecia delicado como uma xícara de boneca em sua mão. Ele não parecia ter mais de trinta anos, mas o cabelo cortado rente nos dois lados da cabeça era branco, e branca também era a barba por fazer em seu queixo. As runas semelhantes a relâmpagos da SS brilhavam do lado direito de seu colarinho; quatro estrelas de prata indicavam sua patente do lado esquerdo, e uma Cruz

de Cavaleiro preta e prateada pendia no meio.

Ele estava no mínimo um pouco bêbado, embora seus movimentos permanecessem perfeitamente coordenados. Eu aprendera bem cedo em minha vida como perceber um bêbado, até mesmo os mais habilidosos que conseguem aguentar bem a bebida. Meu pai não era de beber muito, diferente de todos os seus amigos, poetas e dramaturgos que nunca foram para a cama sóbrios durante sua vida adulta. Alguns chegavam a ser piegas em suas demonstrações de afeição, beijando minhas bochechas e desarrumando o meu cabelo enquanto me diziam que homenzinho de sorte eu era por ter um pai como ele. Outros eram frios e distantes como luas em órbita, esperando que eu retornasse ao quarto que dividia com a minha irmã, deixando os adultos em paz para que pudessem retomar seus debates sobre o Politburo ou a última provocação de Mandelstam. Alguns começavam a enrolar a língua depois de um único copo de vodca e alguns só se tornavam articulados depois de secar a primeira garrafa.

Os olhos de Abendroth brilhavam um pouquinho demais. Ele sorria de vez em quando por nenhum motivo aparente, divertindo-se com a piada que contava a si mesmo, seja lá qual fosse. Ele nos observou e não disse uma única palavra até ter terminado seu copo de bebida, enxugado as mãos e encolhido os ombros.

— Aguardente de ameixa — ele nos disse em um russo bastante exato, embora não fizesse qualquer esforço para aperfeiçoar o sotaque, como acontecera com seu colega oficial do Einsatz na escola.

— Um velho que conheço faz artesanalmente, é a melhor bebida do mundo, e agora levo uma caixa comigo para qualquer lugar que eu vá. Um de vocês fala alemão?

— Eu falo — disse Kolya.

— Onde aprendeu?

— Minha avó era de Viena. — Se aquilo era verdade ou não, eu não tinha a menor ideia, mas ele disse com tal convicção que Abendroth pareceu aceitar.

— *Waren Sie schon einmal in Wien?*

— *Nein.*

— Que pena. Uma linda cidade. E ninguém a bombardeou ainda, mas isso não vai durar. Acho que os ingleses chegarão lá antes do final do ano. Alguém lhe contou que eu jogo xadrez?

— Um de seus colegas no prédio da escola. Um. Obersturmführer, creio eu. Ele fala russo quase tão bem quanto o senhor.

— Kuefer? Com um bigodinho?

— Esse mesmo. Ele foi muito... — Kolya hesitou como se não tivesse certeza sobre como prosseguir sem dizer alguma coisa ofensiva — ... amigável.

Abendroth encarou Kolya por muitos segundos antes de bufar, entre divertido e incomodado. Ele cobriu a boca com a mão e arrotou antes de se servir de mais um copo da bebida.

— Tenho certeza disso. Sim, o Kuefer é muito amigável. E como a conversa de vocês se voltou para mim?

— Eu lhe contei que o meu amigo aqui é um dos melhores jogadores de xadrez de Leningrado e ele disse...

— Esse seu amigo judeu aqui?

— Ah, essa foi a piada que ele fez também, mas não, Lev não é judeu. Ele foi amaldiçoado com o nariz igual mas não tem o dinheiro deles.

— Estou surpreso por Kuefer não ter inspecionado o pinto do garoto para verificar sua raça.

Ainda olhando para mim, Abendroth comentou algo em alemão para os soldados, que olharam curiosos na minha direção.

— Você entendeu o que eu acabei de dizer? — ele perguntou a Kolya.

— Sim.

— Traduza para os seus amigos.

— “É minha obrigação reconhecer um judeu quando vejo um.”

— Muito bom. E diferentemente de nosso amigo Kuefer, eu sei reconhecer uma garota também. Tire o chapéu, minha querida.

Durante um bom tempo Vika não se mexeu. Eu não ousei olhar para ela, mas sabia que estava decidindo se ia ou não pegar a faca. Teria sido um gesto sem sentido, os soldados a teriam abatido antes que ela desse um passo, mas gestos sem sentido pareciam ser tudo o que nos tinha restado. Eu podia sentir que Kolya estava tenso ao meu lado — se Vika tentasse pegar a faca, ele saltaria sobre o soldado mais próximo, e então tudo teria terminado rapidamente.

A iminência da morte não me assustava tanto quanto deveria. Eu sentia medo havia muito tempo; estava exausto demais, faminto demais, para sentir qualquer coisa com a intensidade adequada. Mas se meu medo havia

diminuído, não era porque minha coragem havia aumentado. Meu corpo estava tão fraco, tão esgotado, que minhas pernas tremiam pelo esforço de ficar em pé. Eu não conseguia me preocupar muito com nada, incluindo o destino de Lev Beniov.

Vika finalmente retirou o chapéu de pele de coelho e segurou-o nas mãos. Abendroth engoliu o conteúdo de metade de seu copo em um só gole, estendeu os lábios e balançou a cabeça afirmativamente.

— Você vai ser bonita quando seu cabelo crescer. Mas agora tudo está em aberto, não é? Diga-me uma coisa — disse ele voltando-se para Kolya. — Você fala alemão muito bem, mas não sabe ler russo?

— Tentar ler sempre me dá dor de cabeça.

— É claro. E você — disse ele para mim — é um dos melhores jogadores de xadrez de Leningrado, mas também não sabe ler? É uma combinação estranha, não é? A maioria dos jogadores de xadrez que conheço é bastante culta.

Eu abri a boca, esperando que mentiras fluíssem livremente como acontecia com Kolya, mas Abendroth ergueu a palma de uma das mãos e balançou a cabeça.

— Nem precisa se incomodar em responder. Vocês passaram no teste de Kuefer, ótimo, eu respeito isso. Vocês são sobreviventes. Mas eu não sou idiota. Um de vocês é um judeu se passando por gentio; o outro é uma garota se passando por rapaz; todos vocês são alfabetizados se passando por analfabetos. E apesar das atenções de nossos vigilantes soldados e do estimado Obersturmführer Kuefer, todos esses ardis deram certo. E mesmo assim pediram para vir até aqui para um jogo de xadrez? Você pediram que eu notasse vocês. Isso é muito estranho. Vocês não são tolos, isso é evidente, senão já estariam mortos. Vocês realmente não esperam que eu os liberte se você ganhar o jogo, esperam? E a dúzia de ovos... A dúzia de ovos é a parte mais estranha da equação.

— Percebo que o senhor não tem o poder para nos libertar — disse Kolya —, mas pensei que, se meu amigo vencer, talvez o senhor fizesse uma recomendação para seus superiores...

— É claro que eu tenho o poder de libertá-los. Não é uma questão de... ah! — Abendroth apontou para Kolya e balançou a cabeça em afirmativa, quase sorrindo. — Muito bom. Você é esperto. Jogando com a vaidade alemã. Sim, não é de admirar que Kuefer gostasse tanto de você.

Explique os ovos.

— Eu não como um ovo desde agosto. Estávamos sempre conversando sobre a comida que cada um mais queria comer, e eu não conseguia parar de pensar em ovos fritos. O dia inteiro, marchando na neve, era só nisso que eu conseguia pensar.

Abendroth batia de leve no tampo da mesa com a ponta dos dedos.

— Então vamos analisar a situação. Vocês três são mentirosos comprovados. Inventaram uma história duvidosa que lhes conseguiu uma audiência particular... — Abendroth olhou de relance para os soldados e deu de ombros — ... uma audiência quase particular com um oficial graduado do desprezado Einsatzgruppe A. É óbvio que vocês têm informações que desejam negociar.

Houve um momento de silêncio, antes de Kolya dizer:

— Não entendo.

— Eu acho que entende. Talvez vocês saibam qual dos prisioneiros é bolchevique, ou então ouviram os planos da movimentação de tropas do Exército Vermelho. Vocês não podem entregar essas informações na frente dos outros russos, então arranjaram esta reunião. Acontece com muita frequência, sabe? Os seus compatriotas parecem ansiosos para trair o Camarada Stalin.

— Não somos traidores — disse Kolya. — Acontece que o garoto é muito bom em xadrez. Eu fiquei sabendo que o senhor joga. Percebi uma oportunidade nisso.

— Essa é a resposta pela qual eu estava esperando — disse Abendroth com um sorriso.

Engoliu de uma vez o resto do conteúdo do copo e serviu-se de uma dose final, segurando-o contra a luz para examinar a bebida.

— Meu Deus, isto é muito bom. Sete anos dentro de um barril de carvalho...

Tomou mais um pequeno gole, devagar agora, sem querer apressar o último copo. Após o momento de saborear a bebida, falou algumas palavras em alemão e em voz baixa. Um dos soldados apontou sua MP-40 para nós enquanto o outro se aproximou e começou a me revistar.

A faca parecera estar bem escondida no estábulo, mas enquanto o soldado me revistava em pé ali, eu não conseguia pensar em mais nada a não ser na ponta da bainha de couro que me cutucava o pé. Ele vasculhou os

bolsos do velho casaco de meu pai, passou as mãos embaixo de minhas axilas, embaixo de meu cinto, pelas minhas pernas. Enfiou os dedos em minhas botas e meu medo retornou, com um golpe de puro terror, zombando de mim pela dormência que eu havia sentido cinco minutos antes. Tentei respirar normalmente, para manter uma expressão calma em meu rosto. Ele cutucou meus tornozelos, sem encontrar nada, e passou para Kolya.

Eu me pergunto por quanto ele errou, quantos milímetros separavam as pontas de seus dedos da bainha. Era um garoto, um ou dois anos mais velho do que eu, o rosto cheio de constelações de pequenas manchas marrons. Os colegas de classe devem tê-lo amolado por isso, não havia dúvida. Ele as olhara no espelho, zangado e envergonhado, perguntando a si próprio se conseguiria raspá-las com a navalha de seu pai. Se tivesse tido mais quinze minutos de sono na noite passada, se tivesse tomado outra colherada de sopa, poderia ter tido a energia necessária para fazer seu trabalho direito e encontrar a faca. Mas isso não aconteceu, e sua negligência mudou tudo para nós.

Quando terminou de revistar Kolya, passou para Vika. Seu colega soldado fez uma piada e deu risada sozinho de sua própria perspicácia. Talvez ele quisesse incitar o rapaz a dar uma palmada no traseiro de Vika ou a beliscar-lhe um mamilo, mas ela encarou-o com seus olhos frios e sem piscar, e ele pareceu desanimado, revistando-a menos detalhadamente do que fizera comigo e Kolya. Percebi que o garoto deveria ser virgem; ficava tão nervoso perto do corpo de uma mulher quanto eu.

Depois que bateu as mãos timidamente pelas pernas dela, ele se levantou, fez um gesto com a cabeça para Abendroth e afastou-se. O Sturmbannführer observou o garoto por um momento, um leve sorriso franzindo-lhe os lábios.

— Acho que ele tem medo de você — falou para Vika. Abendroth esperou alguns segundos para ver se ela ia responder e, como isso não aconteceu, voltou sua atenção para Kolya. — Você é um soldado, não posso libertá-lo, senão você volta para o Exército Vermelho, e se você matar um alemão, os pais dele vão me culpar. — Ele olhou para mim. — E você é um judeu; soltar você iria contra a minha consciência. Mas se você ganhar, eu deixo a garota ir para casa. Essa é a melhor oferta que posso fazer.

— Tenho sua palavra de que a deixará ir embora? — perguntei.

Abendroth esfregou a barba prateada do queixo com os nós dos

dedos. Uma aliança de casamento dourada em seu dedo refletiu a luz que vinha da lâmpada no teto.

— Você gosta da garota. Interessante. E você, ruivinha, gosta do judeu? Não importa, não importa, não precisamos ouvir vulgaridades. Muito bem... Você não está em posição de fazer exigências, mas sim, eu lhe dou a minha palavra. Ando querendo um bom jogo desde Leipzig. Este país tem os melhores jogadores de xadrez do mundo e eu ainda não vi ninguém competente.

— Talvez o senhor tenha atirado neles antes de poder descobrir — disse Kolya. Eu preendi a respiração, certo de que aquilo era abusivo, mas Abendroth assentiu.

— É possível. A obrigação vem antes da diversão. Vamos — ele me disse —, sente-se. Se você for tão bom quanto seu amigo diz, eu talvez mantenha você por perto para jogar.

— Espera um pouco — disse Kolya. — Se ele ganhar, o senhor a solta e nos dá os ovos.

A paciência de Abendroth com aquele vai e vem estava começando a desaparecer. As narinas estavam dilatadas quando ele se inclinou para a frente, embora o tom de sua voz fosse o mesmo.

— O que ofereci é mais do que generoso. Você quer continuar com essa idiotice?

— Eu acredito em meu amigo. Se ele perder, enfie algumas balas nas nossas cabeças. Mas se ele ganhar, gostaríamos de ter uns ovos fritos para a ceia.

Abendroth falou novamente em alemão e o soldado mais velho colocou o cano de sua arma na base do crânio de Kolya.

— Você gosta de negociar? — perguntou Abendroth. — Ótimo, vamos negociar. Parece que você acha que tem uma vantagem. Você não tem vantagem nenhuma. Eu digo duas palavras e você se torna um cadáver. Está certo? Duas palavras. Você entende a rapidez com que isso acontece? Você é um cadáver, eles arrastam seu corpo para fora, eu jogo xadrez com o seu amigo. Mais tarde, talvez eu leve essa ruivinha para o meu quarto, dê um banho nela para ver como ela fica sem toda essa sujeira. Ou talvez não, talvez nada de banho, talvez esta noite eu queira foder um animal. Quando em Roma, fazemos como os romanos, certo? Agora pense, rapaz, pense com muito cuidado antes de abrir a boca. Para o seu próprio bem, para o bem de

sua mãe, se é que a vadia ainda está viva.

Qualquer outro homem teria decidido deixar por isso mesmo e calaria a boca para sempre. Kolya não hesitou por mais de um segundo.

— É claro, o senhor pode me matar quando quiser. Isso é inegável. Mas o senhor acha que o meu amigo aqui fará um jogo decente depois de ver meus miolos espalhados na mesa? O senhor quer jogar com o melhor de Leningrado ou com um garoto com mijo escorrendo pela perna? Se ele não consegue ganhar a nossa liberdade, tudo bem, eu entendo, estamos em guerra. Mas pelo menos dê-lhe a chance de ganhar a ceia com a qual temos sonhado.

Abendroth encarou Kolya, as pontas dos dedos batucando lentamente sobre a mesa, o único som dentro daquela sala. Por fim, ele se voltou para o soldado com o rosto cheio de manchas e emitiu uma ordem curta. Depois que o jovem alemão bateu continência e saiu da sala, o Sturmbannführer fez um gesto indicando que eu me sentasse no canto da mesa que estava a seu lado. Ele acenou com a cabeça para Kolya e Vika e apontou para as cadeiras na extremidade mais afastada da mesa.

— Sentem-se — ele mandou. — Vocês andaram o dia inteiro, certo? Sentem, sentem. Vamos disputar na moeda? — ele me perguntou. Sem esperar minha resposta ele tirou uma do bolso e me mostrou a águia segurando a suástica de um lado e a inscrição de cinquenta Reichspfennig do outro. Ele jogou a moeda para o alto com o polegar, pegou-a, colocou-a com um estalo sobre as costas da outra mão e olhou para mim.

— Ave ou números.

— Números.

— Você não gosta da nossa ave? — perguntou ele com um ligeiro sorriso. Retirou a mão e me mostrou a águia nazista. — Eu fico com as brancas. E não se preocupe, você pode manter a sua rainha.

Ele fez o peão da rainha deslizar duas casas para a frente e assentiu quando espelhei o movimento.

— Um dia vou escolher uma abertura diferente.

Ele avançou duas casas com o peão do bispo da rainha, oferecendo o sacrifício. O Gambito da Rainha. Pelo menos a metade dos jogos de que participei começava com essas jogadas. Jogadores de fim de semana e grandes mestres igualmente começavam com essa combinação; ainda era cedo demais para dizer se o alemão sabia ou não o que estava fazendo. Recusei o gambito e movi o meu peão do rei uma casa.

No decorrer dos anos eu joguei milhares de partidas contra centenas de oponentes. Joguei em cima de um cobertor nos Jardins do Verão, em torneios no Palácio dos Pioneiros, no pátio do Kirov com meu pai. No tempo em que joguei para o clube Spartak, eu guardava os registros de todas as minhas partidas, mas joguei-os fora quando parei de competir. Eu nunca ia estudar minhas partidas antigas, não depois de perceber que eu era apenas um jogador mediano. Mas se você me desse um pedaço de papel e caneta, mesmo hoje, eu poderia escrever a notação algébrica de toda a minha partida com Abendroth.

Tirei a minha rainha da fileira de trás na sexta jogada, o que pareceu surpreendê-lo. Ele franziu a testa, coçando a parte de cima do lábio superior com a unha do polegar. Escolhi aquele movimento porque pensei que era bom, mas também porque achei que poderia parecer uma jogada ruim — nós dois ainda não tínhamos qualquer noção sobre a habilidade do outro, e se ele acreditasse que eu era um jogador ruim, eu poderia levá-lo a cometer um erro crítico.

Ele murmurou alguma coisa em alemão e moveu seu cavalo do rei, uma reação razoável, mas não a que eu temia. Se tivesse tomado o meu peão, ele teria mantido a iniciativa, forçando-me a reagir à sua agressão. Em vez disso ele jogou defensivamente, e tirei vantagem movendo o meu bispo para dentro de seu território.

Abendroth recostou-se na cadeira, estudando o tabuleiro. Depois de um minuto de contemplação, ele sorriu e olhou para mim.

— A última vez que eu estive em um bom jogo foi há muito tempo.

Eu não disse nada, sempre olhando o tabuleiro, visualizando potenciais sequências de movimentos.

— Você não precisa se preocupar — continuou ele. — Ganhando ou perdendo, você estará seguro. Um bom jogo toda noite vai me manter são.

Ele se sentou com o corpo para a frente de novo e moveu sua rainha. Enquanto eu refletia, o soldado jovem retornou trazendo uma caixa de madeira coberta, cheia de palha. Abendroth lhe fez uma pergunta e o soldado assentiu, colocando a caixa sobre a mesa.

— Você me deixou com vontade — disse Abendroth para Kolya. — Se eu vencer, vou comer uma omelete com doze ovos.

Kolya, sentado na extremidade mais afastada da mesa, sorriu ao ver a caixa de ovos. Os dois soldados agora estavam em pé atrás dele e de Vika,

sem nunca tirar as mãos das submetralhadoras. Kolya tinha tentado acompanhar o jogo de longe, mas Vika olhava fixamente para a mesa. O rosto dela nunca demonstrava muita coisa, mas eu sabia que ela estava irritada e percebi, tarde demais, que eu perdera uma oportunidade. Quando o soldado saiu para buscar os ovos, nós tínhamos ficado brevemente em maior número do que os alemães; eles tinham armas de fogo e nós apenas facas, mas poderia ter sido a nossa melhor oportunidade.

Depois de mais oito movimentos no jogo, o Sturmbannführer e eu começamos a trocar peças. Eu tomei um peão; ele tomou um cavalo. Eu tomei um bispo; ele tomou um peão. No final daquela refrega, nossas forças ainda estavam equivalentes, mas o tabuleiro havia se aberto e eu julguei que minha posição estivesse mais forte.

— Violinistas e jogadores de xadrez, hein?

Eu tivera medo de olhar para ele antes, mas agora eu dei uma olhada rápida enquanto ele analisava nossas formações. Sentado tão perto, eu podia ver as meias-luas escuras e inchadas abaixo de seus olhos castanhos. O desenho de sua mandíbula era forte e em ângulo reto, como se fosse uma letra *L* em perfil. Ele percebeu que eu o estava observando e ergueu o enorme crânio para me encarar. Eu baixei os olhos rapidamente.

— A sua raça — disse ele. — Apesar de tudo, vocês têm violinistas e jogadores de xadrez maravilhosos.

Eu recuei minha rainha e durante as doze jogadas seguintes ficamos reunindo nossas forças, evitando um confronto direto. Nós dois em roque, protegendo nossos reis enquanto nos preparávamos para a próxima batalha, concentrando-nos em direção ao centro, tentando reivindicar o melhor terreno. No vigésimo primeiro movimento eu quase caí em uma pequena e elegante armadilha que ele havia preparado para mim. Eu estava pronto para tomar um peão exposto quando percebi o que o alemão tinha planejado. Recuei o bispo e movi minha rainha para lhe dar um melhor ângulo de ataque.

— Que pena — disse Abendroth. — Teria sido uma bela manobra.

Levantei a cabeça e vi que Kolya e Vika estavam olhando para mim. O plano nunca fora elaborado, mas agora parecia óbvio. Eu retorci o pé na bota e senti a bainha do piloto morto cutucando meu tornozelo. Com que rapidez eu conseguiria tirar a lâmina? Não parecia possível que eu conseguisse soltar a faca e cortar a garganta de Abendroth antes que os

soldados atirassem em mim. Mesmo sem seus soldados para protegê-lo, Abendroth parecia forte demais para que eu conseguisse matá-lo. Quando eu era pequeno, vi um homem forte em um circo, com mãos semelhantes às do Sturmbannführer — ele torceu uma pesada chave inglesa de aço até dar um nó, e por ser meu aniversário, eu acabei ficando com ela. Durante anos eu guardei a chave retorcida, mostrando-a para os meus amigos no Kirov, gabando-me sobre como o fortão tinha desarrumado o meu cabelo e piscado para a minha mãe. Um dia eu a procurei e não consegui encontrar; desconfiei que Oleg Antokolsky a roubara, mas nunca tive uma prova disso.

A ideia de sacar uma faca contra um homem tão grande me enchia de pânico, então eu parei de pensar nisso por um minuto e me concentrei no jogo. Alguns movimentos depois eu vi uma oportunidade de trocar cavalos. Minha posição parecia um pouco difícil, então eu forcei a troca. Abendroth suspirou ao tomar a minha peça.

— Eu não devia ter deixado isso acontecer.

— Boa jogada — gritou Kolya na outra extremidade da mesa.

Eu me virei naquela direção, vi que ele e Vika ainda estavam olhando para mim, e rapidamente voltei minha atenção para o tabuleiro. Como é que eu havia me tornado o assassino escolhido? Àquela altura, será que Kolya não me conhecia? Abendroth devia morrer, eu sabia disso — eu o quis morto desde que ouvi a história de Zoya. Sem dúvida ele tinha massacrado milhares de homens, mulheres e crianças enquanto seguia a Wehrmacht pela Europa. Berlim deu-lhe medalhas brilhantes por executar judeus, comunistas e guerrilheiros dos países ocupados. Ele era meu inimigo. Mas encarando-o agora do outro lado do tabuleiro de xadrez, observando-o mexer na aliança de casamento, preocupado enquanto refletia sobre o próximo movimento, eu não acreditei que fosse capaz de assassiná-lo.

A bainha cutucava o meu tornozelo. O Sturmbannführer estava sentado de frente para mim, o colarinho de sua jaqueta pressionando uma veia azul do lado do pescoço largo. Kolya e Vika estavam sentados na extremidade da mesa, esperando que eu agisse. Tendo em vista o peso dessas distrações, consegui fazer um jogo bem razoável. Por mais sem sentido que o resultado pudesse ser, o jogo importava para mim.

Eu sentei com os cotovelos sobre a mesa, a cabeça apoiada nas palmas das mãos de forma que a mão bloqueasse minha visão de Kolya e Vika. Na vigésima oitava eu movi meu peão do bispo para a quinta fileira,

um avanço agressivo. Abendroth poderia tomar a peça com seus peões do cavalo ou do bispo. Há uma velha regra do xadrez que diz que os jogadores devem “capturar na direção do centro”. Abendroth seguiu a estratégia clássica, usando seu peão do cavalo, estabelecendo o domínio no centro do tabuleiro. Mas assim como Tarrasch disse, “Sempre coloque a torre atrás dos peões, a não ser quando seja incorreto proceder dessa maneira”, capturar na direção do centro é o movimento correto a não ser quando é errado. Quando a sequência terminou, tínhamos trocado dois peões cada, nossa contagem de peças ainda estava empatada, e como um homem que engoliu veneno mas continua a comer, sem perceber que sua morte agora é certa, Abendroth não fazia a menor ideia de que tinha cometido um erro fatal.

Longe de derrubar seu rei, o alemão pensou que estava com a posição favorável. A medida que nos aproximávamos do final do jogo, seu peão da torre estava sozinho no canto do tabuleiro, correndo em direção à oitava fileira, onde poderia se transformar em uma rainha e superar as minhas defesas. Abendroth estava tão decidido a arrumar uma segunda rainha que facilmente aceitou as diversas trocas que propus. Como é que ele poderia perder com duas rainhas atacando? Com a atenção voltada para seu peão da torre, ele não percebeu até que fosse tarde demais que eu mesmo passara meu próprio peão pelo centro do tabuleiro. No final, meu peão da rainha ganhou sua promoção uma jogada antes de seu peão da torre. É difícil derrotar duas rainhas, a menos que o seu oponente consiga sua segunda rainha antes.

Abendroth ainda não tinha percebido que era o fim do jogo, mas era o fim. Olhei para Vika, estupidamente orgulhoso de minha iminente vitória, e vi que a mão dela havia entrado no macacão. Ela não ia esperar mais pela minha ação, ia tirar sua própria faca; e Kolya tinha as mãos sobre a beirada da mesa, pronto para ficar em pé rapidamente e atacar quando ela o fizesse. Meus olhos encontraram os de Vika e percebi com repentina clareza que, se eu ficasse sentado ali, o corpo despedaçado dela em breve estaria agonizando no piso de linóleo.

Enquanto Abendroth analisava o tabuleiro e aquela rara reunião de rainhas, eu fingi coçar minha panturrilha, mergulhando os dedos lentamente dentro da bota. Aquilo não foi um surto de coragem, mas o contrário — meu temor da possível morte de Vika superou todos os meus outros medos. Abendroth fitou seu rei com olhos semicerrados e vi sua expressão mudar quando entendeu a verdade sobre sua situação. Esperei que a derrota o

deixasse furioso. Em vez disso um sorriso iluminou-lhe o rosto, e por um momento pude ver como ele deve ter sido quando garoto.

— Isso foi lindo — disse ele, erguendo a cabeça para olhar para mim. — Na próxima vez não vou beber tanto.

Alguma coisa que ele percebeu em meu rosto deixou-o preocupado. Ele olhou ao redor da mesa e viu minha mão enfiada dentro da bota. Eu me atrapalhei com o cabo e finalmente tirei a faca da bainha. Antes que eu pudesse atacá-lo, Abendroth lançou-se para a frente, derrubando-me de minha cadeira sobre o chão, prendendo com sua mão esquerda a mão com que eu segurava a faca e tentando sacar a arma que tinha no coldre com a direita.

Se eu tivesse conseguido soltar minha faca mais rápido, se tivesse tido sorte de cortar-lhe a jugular, se esse milagre tivesse acontecido, Vika, Kolya e eu teríamos morrido. Os soldados teriam levantado suas MP-40 e acabado com a nossa existência a tiros. A agilidade de Abendroth — ou a minha falta de jeito, dependendo de como se olhasse para a questão — foi o que nos salvou. Quando os soldados se lançaram para a frente para ajudar o Sturmbannführer, que não precisava de ajuda, eles negligenciaram seus outros prisioneiros. Apenas por um momento, mas foi o suficiente.

Abendroth sacou sua automática. Ouvindo o clamor no canto extremo da sala, ele olhou naquela direção. Seja lá o que viu deixou-o mais preocupado do que este febril e emaciado judeu debatendo-se embaixo dele. Ele fez pontaria — Vika ou Kolya, eu não consegui ver. Eu gritei e segurei o cano da arma com a mão esquerda, batendo na boca da arma no exato instante em que ele puxou o gatilho. O coice da arma e o estampido quase me deixaram surdo. Abendroth rosnou e tentou arrancar a arma dos meus dedos, que seguravam forte. Lutar com ele fazia tão pouco sentido quanto lutar com um urso, mas eu me agarrei ao cano daquela automática como um homem que está se afogando agarra uma tábua que flutua. Aqueles segundos foram um tumulto de barulho e violência, gritos em alemão e canos de armas fumegantes, o retumbar de saltos de botas sobre o linóleo.

Frustrado por meu aperto teimoso, Abendroth me deu um murro forte na lateral da cabeça com a mão esquerda. Crescendo no Kirov, eu já estivera envolvido em algumas brigas e lutas, mas eram aquelas brigas bobocas e sem sangue que se espera de garotos que pertencem a clubes de xadrez. Ninguém jamais tinha me batido no rosto. A imagem da sala ficou borrada, alguns

vagalumes dançavam no meu campo de visão, enquanto Abendroth arrancava sua automática da minha mão e apontava-a para os meus olhos.

Eu ergui o corpo e enfiei a ponta da faca bem fundo no peito dele, na altura do bolso, embaixo das medalhas, a lâmina deslizando até chegar no cabo.

Abendroth estremeceu e piscou, olhando para baixo, para o cabo negro da faca. Se tivesse lhe ocorrido, ele ainda poderia ter atirado na minha cabeça, mas vingar a própria morte não lhe pareceu importante. A expressão no rosto dele era de desapontamento, os lábios curvando-se para baixo, e finalmente ele pareceu confuso, piscando muito, sua respiração em um ritmo desigual. Ele quis ficar em pé, mas as pernas cederam e ele caiu para a frente e de lado, soltando-se da faca na minha mão, sua arma caindo de seus dedos frouxos. Ele arregalou os olhos — um homem sonolento forçando-se a ficar acordado —, colocou as palmas das mãos sobre o linóleo e se arrastou, tentando afastar-se daquele sórdido quadro vivo, ignorando a agitação a seu redor. Não foi muito longe.

Eu me virei e vi Kolya lutando no chão com um dos soldados, os dois homens tentando conseguir o controle da submetralhadora alemã. Aquela altura eu considerava Kolya um campeão de luta, mas ninguém havia dito isso para o soldado e este parecia estar com a vantagem. Não me lembro de ficar em pé ou de correr até os dois para ajudar Kolya, mas antes que o soldado pudesse nivelar sua MP-40 e esvaziar o carregador no peito de Kolya, eu estava sobre as costas do homem, enterrando e retirando a faca muitas vezes.

Vika finalmente me puxou das costas do homem morto. O macacão que ela usava estava encharcado de sangue, e antes que a lógica pudesse se manifestar eu supus que ela tivesse levado um tiro na barriga. Acho que não disse nada coerente, mas ela balançou a cabeça, fez sinal de silêncio para mim e disse:

— Não estou ferida. Aqui, me deixe ver a sua mão.

Eu não entendi o pedido. Levantei a mão direita, ainda segurando a faca ensanguentada, mas ela a abaixou delicadamente, pegou meu outro pulso e segurou minha mão esquerda entre as palmas de suas mãos. Pela primeira vez eu percebi que estava me faltando metade do dedo indicador. Vika ajoelhou-se ao lado de um dos soldados mortos — o garoto com o rosto manchado, que olhava cegamente para o teto, a garganta rasgada — e cortou

uma tira de lã das calças dele. Ela voltou até onde eu estava e amarrou-a em torno de meu dedo, um torniquete para estancar o sangramento.

Kolya tinha recolhido as MP-40. Ele jogou uma delas para Vika, ficou com a outra e agarrou a caixa de ovos que estava em cima da mesa. Podíamos ouvir vozes em alemão gritando de outros lugares do prédio, perguntando-se se o tiro que ouviam durante o sono era sonho ou realidade. Kolya abriu uma das janelas e se posicionou na borda.

— Vamos logo — disse ele, acenando para que o seguíssemos. Ele saltou e eu corri atrás dele. A queda do segundo andar não era muito grande e a neve embaixo da janela tinha um metro de profundidade. Perdi o equilíbrio ao cair e fui dar de cara no chão. Kolya me levantou e tirou a neve do meu rosto. Ouvimos tiros vindos da sala de conferências. Um momento depois Vika pulou da janela, com fumaça erguendo-se do cano de sua submetralhadora.

Saímos correndo do prédio incendiado da delegacia. Postes de iluminação apagados curvavam-se sobre nós como pontos de interrogação. A gritaria no velho quartel-general do Partido intensificou-se e eu achava que as balas iam começar a rasgar o ar, mas não veio nenhuma. Os guardas parados na porta da frente devem ter entrado quando ouviram o tiroteio; quando perceberam o erro, nós já havíamos nos perdido na escuridão.

Em pouco tempo atingimos o limite da cidadezinha. Saímos da estrada e corremos através dos campos congelados das fazendas, passando por silhuetas de tratores abandonados. Lá em Krasnogvardeysk podíamos ouvir o barulho de motores de carro acelerando e pneus com corrente rodando sobre a neve. Na escura distância à nossa frente podíamos ver a margem escura da grande floresta esperando para nos receber, para nos ocultar dos olhos de nossos inimigos.

Nunca fui um grande patriota. Meu pai não permitiria isso em vida, e sua morte garantiu que seu desejo fosse realizado. Piter recebia muito mais afeição e lealdade da minha parte do que a nação como um todo. Mas naquela noite, correndo através dos campos não lavrados de trigo invernal, com os invasores fascistas bem atrás de nós e as escuras florestas russas à nossa frente, eu senti uma onda de puro amor pelo meu país.

Corremos para a floresta, esmagando as hastes de trigo, sob uma lua que ascendia no céu e as estrelas cada vez mais longe, sozinhos sob um céu ímpio.

Uma hora mais tarde nós ainda olhávamos sobre os ombros, tentando ouvir ruído de motores, mas quanto mais fundo entrávamos na floresta, mais provável nossa fuga começava a parecer. Nós chupávamos os pingentes de gelo dos galhos de pinheiro, mas a noite estava tão fria que não aguentávamos ficar com o gelo na boca durante muito tempo. O toco do meu dedo começou a latejar junto com minha pulsação.

Kolya tinha desabotoado o casaco do exército e enfiado a caixa embaixo do suéter para evitar que os ovos congelassem. Nos últimos quilômetros ele bateu repetidas vezes no meu ombro, rindo desvairadamente sob o chapéu roubado com os barbantes amarrados embaixo do queixo.

— Você foi muito bom lá atrás — ele me disse em quatro ocasiões diferentes.

Agora eu era um matador de homens, e a faca alemã enfiada em minha bota era uma arma de verdade, e não mais o souvenir de um garoto. Talvez seja melhor para minha imagem dizer que senti uma certa tristeza, uma solidariedade com os homens mortos, apesar da necessidade de violência. O rosto manchado do garoto ficou comigo durante muito tempo, até que finalmente esqueci como ele realmente se parecia e só conseguia me lembrar da cena geral. O Sturmbannführer rastejando para lugar nenhum ainda é uma imagem clara em minha mente. Eu poderia expressar todos os tipos de carolices para convencer você de que sou um homem sensível, e acredito que sou um homem sensível. Mesmo assim, naquela noite eu não senti nada além de satisfação com meus atos. Eu havia *agido*, contra todas as expectativas, contra minha própria história de covardia. No fim das contas, matar Abendroth não tinha nada a ver com vingar Zoya ou eliminar um importante oficial Einsatz. Eu conseguira manter Kolya e Vika vivos. Eu conseguira me manter vivo. O vapor produzido por nossa respiração quente erguendo-se acima de nossas cabeças, nossos grunhidos quando nossas botas afundavam na neve, cada uma das sensações que experimentávamos durante nossa longa marcha — que era uma experiência em si —, tudo aquilo estava acontecendo porque finalmente, encurralado, tinha mostrado um pouco de coragem. O momento de maior orgulho de minha vida ocorreu quando

fizemos uma pausa para recuperar o fôlego e Vika, examinando o meu dedo para se certificar de que o sangramento havia parado, sussurrou no meu ouvido, “Você me salvou”.

Em um determinado momento, Vika e Kolya discutiram sobre qual direção seguir. Vika encerrou a discussão balançando a cabeça com impaciência, e saiu andando sem olhar para ver se a estávamos seguindo. Depois do fiasco de Mga, eu tinha perdido a confiança na capacidade de Kolya de se orientar, e fui atrás dela. Kolya ficou onde estava durante oito segundos inteiros antes de sair correndo atrás de nós.

Em algum ponto no caminho, contei a ela a verdadeira história dos motivos que levaram Kolya e eu a sairmos sorrateiramente de Piter, atravessando as linhas inimigas até encontrarmos o casarão sob os lariços. Eu mantinha minha voz baixa para que Kolya não escutasse, embora não imaginasse a quem estava traindo. Contei a ela sobre a filha do coronel, patinando no Neva; os canibais e as horríveis peças penduradas em correntes presas no teto; o garoto agonizante, Vadim, e seu galo, Querida; o cachorro antitanque sangrando na neve e o soldado russo morto indicando o caminho para Moscou. Quando terminei a história, Vika balançou a cabeça, mas não disse nada, e fiquei preocupado se havia contado muita coisa para ela.

Observando-a marchar através da floresta, silenciosa e incansável, a submetralhadora presa ao ombro, lembrei-me do que Kolya me dissera na manhã anterior. A guerra tinha mudado todo mundo, mas ainda assim era difícil acreditar que ela fora uma estudante de astronomia sete meses antes.

— Posso perguntar uma coisa?

Ela continuou andando, sem se importar em responder. Ela não tinha tempo para perguntas sem importância do tipo “Posso perguntar uma coisa?”.

— O Kolya disse que você é da NKVD.

— Você está perguntando?

— Acho que sim.

— O que você acha?

— Não sei — respondi, mas no momento em que falei as palavras percebi que sabia. — Acho que ele está certo.

Ela observou atentamente a escuridão, procurando algum tipo de ponto de referência que nos indicasse para onde estávamos indo.

— Isso te incomoda?

— Sim.

— Por quê?

— Por causa do meu pai. — Percebi que ela não sabia o que acontecera com o meu pai, então acrescentei, sem alterar a voz: — Eles o levaram.

Durante quase um minuto caminhamos em silêncio, subindo uma colina levemente íngreme. Comecei a ofegar, a fraqueza retornando às minhas pernas enquanto nos afastávamos ainda mais da vitória em Krasnogvardeysk.

— Seu pai era um escritor, certo? Então existe uma boa possibilidade de que outros escritores o tenham delatado. A polícia estava apenas fazendo seu trabalho.

— É. E os Einsatz também. É claro, eles escolheram aquele trabalho.

— Se vale de alguma coisa, eles também levaram o meu pai.

— É mesmo? Ele era escritor?

— Não. Ele era da NKVD.

Alcançar o cume da enorme colina nos tomou quase uma hora e roubou toda a força das minhas pernas, mas quando finalmente chegamos ao topo da elevação sem árvores, eu vi por que Vika tinha escolhido vir por ali. A meia-lua brilhava sobre hectares de floresta e terras de cultivo, vistos de relance sob uma camada de gelo e neve.

— Olha — disse ela, apontando para o norte. — Estão vendo?

Muito além do vale abaixo de nós, além das colinas que bloqueavam a distante e obscura linha do horizonte, um pilar delgado de luz erguia-se até o céu, brilhante o suficiente para iluminar uma nuvem bastante alta. O poderoso feixe começou a se mover, um sabre de luz brilhante cinzelando a noite, e percebi que estava olhando para um holofote antiaéreo.

— Ali é Piter — ela nos disse. — Se vocês se perderem a caminho de casa, aquela é a sua estrela-guia.

Virei-me para olhar para ela.

— Você não vem conosco?

— Tem um grupo de guerrilheiros nos arredores de Chudovo. Eu conheço o comandante. Vou tentar entrar em contato com eles.

— Tenho certeza de que o coronel pode nos dar um cartão de racionamento extra se você vier conosco. Direi a ele que você nos ajudou e ele vai...

Ela sorriu e cuspiu no chão.

— Que se foda o cartão de racionamento. Piter não é a minha cidade. Precisam de mim aqui.

— Vê se não morre — disse Kolya. — Acho que o garoto está apaixonado.

— Fiquem longe das estradas na volta. E cuidado ao entrar na cidade. Temos minas em toda parte.

Kolya estendeu a mão enluvada. Vika virou os olhos diante da formalidade, mas apertou-a.

— Espero que nos encontremos de novo — ele lhe disse. — Em Berlim.

Ela sorriu e se virou para mim. Eu sabia que nunca mais a veria novamente. Quando viu a expressão em meu rosto, alguma coisa entrou naqueles lupinos olhos azuis. Ela tocou meu rosto com a mão enluvada.

— Não fique triste. Você salvou a minha vida esta noite.

Eu dei de ombros. Tive medo de abrir a boca e dizer alguma coisa piegas e idiota, ou pior, alguma coisa que me fizesse chorar. Cinco anos haviam se passado desde a última vez em que chorei, mas eu nunca tinha vivido uma noite como aquela, e estava convencido de que a francoatiradora de Arcangel era a única garota que eu iria amar na vida.

A mão com luva ainda estava em meu rosto.

— Diga-me o seu sobrenome.

— Beniov.

— Eu encontro você, Liova Beniov. Tudo de que preciso é o nome. — Ela se inclinou para a frente e me beijou os lábios. Sua boca era fria, os lábios ásperos pelo vento do inverno, e se os místicos estão certos e estamos fadados a repetir nossas esquálidas vidas *ad infinitum*, pelo menos eu sempre retornaria para aquele beijo.

Um momento depois ela se afastou de nós, a cabeça baixa, o chapéu de pele de coelho baixo sobre a testa, o queixo enfiado no cachecol, seu corpo franzino no macacão enorme parecendo minúsculo diante dos velhos pinheiros a seu redor. Eu sabia que ela não ia olhar para mim, mas fiquei olhando até que desaparecesse.

— Vamos — disse Kolya, passando o braço ao redor dos meus ombros. — Temos que ir a um casamento.

A neve derreteria durante o dia e congelara novamente à noite, contribuindo para uma caminhada traiçoeira, uma pele de gelo estalando a cada passo que dávamos. Meu dedo doía tanto que era difícil pensar em qualquer outra coisa. Continuamos andando porque tínhamos de prosseguir, porque já tínhamos ido longe demais para parar agora, mas não sei de onde vinha a energia para cada passo que eu dava. Existe um ponto que está além da fome, além da fadiga, onde o tempo não parece mais se mover e as dores do corpo não parecem mais ser totalmente suas.

Nada daquilo se aplicava a Kolya. Ele tinha comido tão pouco quanto eu, embora tivesse dormido melhor na noite anterior, no depósito de ferramentas junto com os analfabetos, tão confortável quanto se estivesse em um colchão de plumas no Europa Hotel. Enquanto eu caminhava com dificuldade em direção ao norte, Kolya olhava a paisagem campestre iluminada pela lua como um artista dando um passeio. Parecíamos ter toda a Rússia para nós. Durante horas não vimos qualquer sinal de humanidade além dos campos abandonados.

De tempos em tempos ele enfiava a mão no casaco para ver se o suéter continuava enfiado por dentro das calças e a caixa de ovos estava segura.

— Eu já te contei a história do sabujo no pátio?

— O seu romance?

— É, mas de onde vem o título.

— Provavelmente.

— Não, acho que não contei. O herói, Radchenko, mora em um velho prédio na ilha Vasilevsky. Na verdade é uma casa, construída para um dos generais de Alexandre, mas agora está quase em ruínas, oito famílias diferentes morando ali e nenhuma gosta das outras. Certa noite, no meio do inverno, um velho cão entra no pátio, deita ao lado do portão e transforma aquele ponto em seu lar. Uma fera enorme e velha, o focinho já cinzento, uma das orelhas faltando um pedaço perdido em alguma briga há muitos anos. Radchenko acorda tarde na manhã seguinte, olha pela janela e vê o cachorrão deitado lá com a cabeça entre as patas. Ele sente pena do pobre

desgraçado; está frio e não há nada para comer. Então ele encontra um pedaço de salsicha seca e abre a janela, no exato momento em que os sinos da igreja começam a badalar o meio-dia.

— Em que ano é isso?

— O quê? Não sei. 1883. Radchenko assobia e o cachorro levanta a cabeça e olha para ele. Ele atira a salsicha para baixo, o cachorro a engole de uma bocada, Radchenko sorri, fecha a janela e volta para a cama. Agora lembre-se, naquele momento ele não saía do apartamento havia cinco anos. No dia seguinte, Radchenko ainda está dormindo quando os sinos da igreja tocam ao meio-dia. Quando os sinos se aquietam, ele ouve um latido do lado de fora. E depois mais um. Por fim, ele se arrasta para fora da cama, abre a janela, olha para o pátio lá embaixo, e vê o sabujo olhando para ele, a língua pendurada na boca, esperando ser alimentado. Então Radchenko encontra alguma coisa para jogar ao animal, e dali em diante, toda vez que os sinos da igreja tocam ao meio-dia o cachorrão espera embaixo da janela por seu almoço.

— Igual ao cão de Pavlov.

— Sim — disse Kolya, um pouco irritado. — Igual ao cão de Pavlov, mas com poesia. Dois anos se passam. O sabujo no pátio conhece todo mundo no prédio, ele os deixa passar sem problemas, mas se um estranho se aproxima dos portões, o bicho velho é um terror, rosnando e mostrando os dentes. Os moradores o adoram, ele se tornou o guardião dali, eles nem trancam mais suas portas. Às vezes Radchenko gasta toda uma tarde, sentado em uma cadeira ao lado da janela, observando o cachorro que olha o fluxo de pessoas que passam pelos portões. Ele nunca se esquece do ritual do meio-dia, sempre se certifica de ter um bom estoque de carne para atirar para baixo. Certa manhã, Radchenko estava na cama tendo um sonho maravilhoso com uma mulher que ele admirava quando pequeno, uma amiga íntima de sua mãe. Os sinos da igreja tocam e Radchenko acorda com um sorriso, espreguiça-se, vai até a janela, abre-a e olha para o pátio. O sabujo está deitado de lado perto do portão, muito quieto, e imediatamente Radchenko percebe que o animal está morto. Lembre-se, Radchenko nunca tocou o animal, nunca coçou atrás de sua orelha ou a barriga, nem nada disso, mas mesmo assim ele passara a amá-lo, considerava-o um amigo leal. Por quase uma hora Radchenko olha para o cachorro morto e finalmente percebe que ninguém vai enterrá-lo. Ele não tem dono, de quem é a obrigação?

Radchenko não saiu do apartamento em sete anos; a ideia de colocar os pés lá fora o deixa nauseado, mas pior ainda é a ideia de deixar o sabujo apodrecendo ao sol. Você entende como isso é dramático? Ele sai do apartamento, desce as escadas, sai pela porta da frente do prédio, entra na luz do sol, pela primeira vez em sete anos!, pega o cachorro e o leva para fora do pátio.

— Onde ele o enterra?

— Não sei. Talvez em um dos jardins da universidade.

— Eles não deixariam ele fazer isso.

— Eu ainda não pensei nessa parte. Você não está percebendo o ponto central da história...

— E ele precisa de uma pá.

— É, ele precisa de uma pá. Você tem todo o romantismo de uma biscate de estação de trem, sabia? Talvez eu nem escreva a cena do enterro, que tal isso? Deixaria para sua imaginação.

— Provavelmente uma boa ideia. Pode ser que fique um pouco sentimentalóide. Cachorros mortos, eu não sei.

— Mas você gosta?

— Acho que sim.

— Você acha? É uma bela história.

— É boa, eu gosto.

— E o título? *O sabujo no pátio*? Agora você entende por que esse é um grande título? Todas aquelas mulheres vão à casa de Radchenko, tentando constantemente fazê-lo sair com elas, e ele nunca sai. É quase um jogo para elas: todas querem ser a primeira a atirá-lo para fora dos portões, mas nenhuma delas consegue. Apenas o cachorro, um velho cachorro idiota sem dono.

— *O cachorro no pátio* não seria tão bom.

— Não.

— Qual é a diferença entre um cachorro e um sabujo?

— Sabujos caçam.

Kolya agarrou o meu braço, os olhos arregalados, forçando-me a parar de andar. A princípio pensei que ele tivesse ouvido alguma coisa, o rosnado de um motor de Panzer ou vozes de soldados ao longe, mas o que havia chamado a atenção dele era algo interno. Ele segurou o meu braço com força, os lábios ligeiramente entreabertos, uma expressão no rosto de intensa

concentração, como se precisasse lembrar o nome de uma garota, mas lhe ocorresse apenas a primeira letra.

— O quê? — perguntei. Ele levantou a mão e esperei. Parar mesmo que durante dez segundos me fez querer deitar na neve e fechar os olhos, apenas por alguns minutos, apenas o suficiente para tirar o peso de meus pés e fazer meus dedos voltarem à vida.

— Está vindo — disse ele. — Posso sentir.

— O que está vindo?

— Minha bosta! Ah, vamos, sua desgraçada, vamos!

Ele correu para trás de uma árvore e esperei por ele, balançando no vento. Eu queria sentar, mas alguma voz irritante no meu crânio me dizia que sentar era perigoso, que se eu sentasse eu nunca me levantaria novamente.

Quando Kolya voltou eu estava dormindo em pé, uma montagem de imagens oníricas incoerentes atravessando a minha mente. Ele agarrou o meu braço, me assustando, e deu seu sorriso de cossaco.

— Meu amigo, não sou mais um ateu. Vamos, quero lhe mostrar.

— Está brincando? Eu não quero ver.

— Você tem que ver isso. Deve ser um recorde.

Ele me puxou com força pelo braço, tentando me fazer segui-lo, mas eu enterrei minhas botas na neve e inclinei o peso do meu corpo para trás.

— Não, não, vamos embora, não temos tempo.

— Você está com medo de ver minha bosta quebradora de recordes?

— Se não chegarmos ao coronel até o amanhecer...

— Isto é extraordinário! Algo sobre o qual você vai contar aos seus filhos.

Kolya puxava com sua força maior que a minha e eu podia me sentir começando a cair para a frente quando suas mãos enluvadas escorregaram da manga do meu casaco e ele caiu na neve coberta por uma camada fina de gelo. A primeira reação dele foi rir, mas parou quando se lembrou dos ovos.

— Porra — disse ele, olhando para mim. Pela primeira vez em nossa jornada eu vi algo próximo do verdadeiro medo em seus olhos.

— Não me diga que você os quebrou. Não me diga isso.

— *Eu* os quebrei? Por que só eu? Por que você simplesmente não foi comigo olhar a bosta?

— Eu não queria olhar a sua bosta! — Gritei com ele, não mais me importando com os inimigos que poderiam estar se movendo através

daquelas mesmas florestas. — Diz que eles não estão quebrados!

Sentado no chão, ele desabotoou o casaco, tirou a caixa para fora e examinou-a para ver se havia algum dano, correndo a mão pelas ripas de madeira. Ele respirou fundo, tirou a luva da mão direita e cuidadosamente tateou o interior da caixa cheia de palha.

— E então?

— Eles estão bem.

Depois que a caixa estava aquecida e segura debaixo do suéter de Kolya, retomamos nossa marcha para o norte. Ele não voltou a falar na bosta histórica novamente, mas eu sabia que estava irritado por eu não ter ido com ele para ser testemunha de seu feito. Agora, quando contasse a história a seus amigos, ele não iria ter nenhum meio de comprová-la.

A todo instante eu procurava a luz do poderoso holofote perambulando pelo céu. Às vezes nós a perdíamos de vista durante um ou dois quilômetros, nossa visão bloqueada pelas árvores ou por colinas, mas sempre a encontrávamos novamente. Quanto mais nos aproximávamos de Piter, mais víamos os holofotes, mas o primeiro foi o mais potente, tão forte que parecia clarear a lua quando a luz passava sobre aquelas antigas e distantes crateras.

— Aposto que o coronel vai ficar surpreso ao nos ver — disse Kolya.
— Ele deve achar que a esta altura já estamos mortos. Ele vai ficar tão satisfeito com os ovos que vou lhe pedir um convite para o casamento de sua filha. Por que não? A mulher dele vai nos adorar. E talvez eu consiga dançar com a noiva, posso lhe mostrar alguns passos, dizer a ela que não sou avesso a mulheres casadas.

— Eu nem sei onde vou dormir esta noite.

— Vamos para a casa da Sonya. Nem pense nisso. Tenho certeza de que o coronel vai nos dar alguma comida pelo nosso trabalho, nós podemos dividir com ela, podemos tentar acender um fogo. E amanhã vou ter que procurar o meu batalhão. Hah, os rapazes vão ficar surpresos por me ver.

— Ela nem me conhece, não posso ficar lá.

— É claro que pode. Somos amigos agora, Lev, não é mesmo? Sonya é minha amiga, você é meu amigo; não se preocupe, ela tem bastante espaço. Embora ficar hospedado com ela agora não seja tão excitante depois que você conheceu Vika, hein?

— Vika me assusta.

— Ela me assusta também. Mas você gosta bastante dela, admita.

Sorri pensando nos olhos de Vika, seu lábio inferior carnudo, a curva precisa de sua clavícula.

— Vika provavelmente acha que sou muito novo para ela.

— Talvez. Mas você salvou a vida dela lá atrás. Aquela bala ia direto para a cabeça dela.

— Eu também salvei a sua vida.

— Não, eu estava com aquele Fritz sob controle.

— Estava nada, ele tinha aquela arma...

— O dia em que algum bávaro bunda-mole me derrotar em uma briga...

A discussão continuou, mudando de uma análise do jogo de xadrez e os meus supostos erros para os prováveis convidados no casamento da filha do coronel e passando pelo destino das quatro garotas que tínhamos conhecido no casarão. A conversa me manteve desperto, tirando minha mente de meus pés dormentes e minhas pernas duras como estacas sob o meu corpo. O céu foi ficando mais claro, em tons quase imperceptíveis, e topamos com uma estrada pavimentada na qual a neve fora socada e onde era mais fácil andar. Antes que o sol tivesse se levantado a leste, vimos o anel externo formado pelas fortificações de Piter: as trincheiras como talhos escuros na neve, os obstáculos de concreto em forma de dentes enormes; os restos amontoados e enferrujados da ferrovia brotando do chão frio; quilômetro após quilômetro de arame farpado enrolado em torno de postes de madeira.

— Eu vou lhe contar uma coisa — disse Kolya. — Eu vou querer um pedaço dessa porra de bolo de casamento. Depois do que passamos, é razoável.

Um momento depois ele disse “O que eles estão fazendo?”, e depois disso eu ouvi o tiro. Kolya agarrou o meu casaco e me atirou no chão. Balas zuniam acima de nossas cabeças.

— Estão atirando em nós — disse ele, respondendo sua própria pergunta. — Ei! Ei! Nós somos russos! Nós somos russos, não atirem! — Mais balas cortaram o ar acima de nossas cabeças. — Somos russos, seus putos, escutem o que estou dizendo! Estão me ouvindo? Estão me ouvindo? Temos papéis assinados pelo coronel Grechko! Coronel Grechko! Estão ouvindo?

Os fuzis silenciaram, mas nós continuamos deitados de barriga para o

chão, os braços sobre as cabeças. Atrás das fortificações conseguimos ouvir um oficial gritando para seus homens. Kolya levantou a cabeça e espiou na direção das trincheiras, a muitas centenas de metros ao norte.

— Será que eles nunca ouviram falar em tiros de advertência?

— Talvez aqueles fossem os tiros de advertência.

— Não, aqueles vinham na direção das nossas cabeças. A questão é que eles não sabem atirar. Aposto que são um bando de preguiçosos tirados das fábricas. Provavelmente receberam seus fuzis uma semana atrás. — Ele pôs as mãos ao redor da boca e gritou. — Ei! Conseguem me ouvir? Querem guardar as balas para os alemães?

— Coloquem as mãos para cima e andem devagar na nossa direção!
— gritaram em resposta.

— Vocês não vão atirar em nós quando levantarmos?

— Não se gostamos da sua aparência.

— A sua mãe gosta da minha aparência — murmurou Kolya. — Está pronto, leãozinho?

Assim que nos levantamos, Kolya fez uma careta e cambaleou, quase caindo. Segurei-lhe o braço para que ele se firmasse. Franzindo a testa, ele limpou a neve da frente do casaco antes de torcer o corpo para examinar atrás. Nós dois vimos o buraco de bala que havia perfurado a lã grossa na altura do quadril.

— Joguem as armas longe! — gritou o oficial da trincheira distante. Kolya jogou longe sua MP-40.

— Vocês me acertaram! — ele gritou de volta. Ele desabotoou o casaco e examinou o buraco nos fundilhos das calças. — Dá para acreditar nisso? Esses putos me acertaram no rabo.

— Andem para cá com as mãos para o alto!

— Você me deu um tiro no rabo, seu idiota do caralho! Eu não consigo andar!

Eu estava com a mão no braço de Kolya, ajudando-o a ficar em pé; ele não conseguia colocar peso sobre a perna direita.

— Você devia sentar — eu lhe disse.

— Eu não consigo sentar. De que jeito vou sentar, eu tenho uma bala no rabo! Você acredita nisso?

— Você consegue se ajoelhar? Acho que você não devia ficar em pé.

— Sabe quanta merda eu vou ter que ouvir do meu batalhão?

Levando um tiro na bunda disparado por uns amadores de merda que acabaram de sair da linha de montagem?

Eu o ajudei quando ele se abaixou até o chão. Ele estremeceu quando o joelho direito bateu na neve, fazendo a perna tremer. Os oficiais na trincheira devem ter realizado uma reunião de improviso. Uma nova voz gritou para nós agora, uma voz mais velha com mais autoridade.

— Fiquem onde estão! Nós vamos até vocês!

Kolya resmungou.

— Fiquem onde estão, é o que ele nos diz. É, acho que vou fazer isso mesmo, agora que estou com a porra de uma das suas balas na minha bunda.

— Talvez ela tenha atravessado. É melhor, não é, se ela atravessou?

— Você quer abaixar as minhas calças para olhar? — perguntou ele, com um sorriso que revelava sua dor.

— Quer que eu faça alguma coisa? O que eu faço?

— Pressão, é o que dizem. Não se preocupe, eu faço. — Ele soltou o barbante do chapéu, tirou-o e pressionou sobre o buraco de bala. Teve que fechar os olhos por um momento, inspirando profundamente. Quando os abriu novamente, pareceu se lembrar de alguma coisa; enfiou a mão livre dentro do suéter e tirou a caixa de ovos forrada com palha.

— Coloque-a embaixo do seu casaco. Não queremos que congelem. E, por favor, não os deixe cair.

Alguns minutos depois vimos um GAZ vindo na nossa direção, um modelo blindado com grossos pneus para neve e uma metralhadora pesada montada na parte de trás. O artilheiro mantinha o cano de boca larga apontado para nossas cabeças enquanto o carro parava ao nosso lado.

Um sargento e um tenente desceram e caminharam até nós, as mãos nas armas nos coldres. O sargento parou ao lado da MP-40 jogada sobre a neve. Ele analisou a submetralhadora por um momento antes de olhar para Kolya.

— Nossos francoatiradores viram a arma alemã. Fizeram a coisa certa.

— Francoatiradores, é assim que você os chama? Eles foram treinados para atirar na bunda das pessoas?

— Por que você tem uma arma alemã?

— Ele está sangrando, precisa de ajuda — eu lhes disse. — Não pode fazer essas perguntas mais tarde?

O tenente olhou para mim, o rosto comum e entediado destituído de qualquer emoção a não ser hostilidade moderada. Tinha a cabeça raspada e não usava chapéu, como se não percebesse o vento frio que passava por nós.

— Você é civil? Está me dando ordens? Eu poderia executá-lo aqui mesmo por violar o toque de recolher e sair dos limites da cidade sem uma autorização.

— Por favor, camarada oficial. Se ficarmos mais tempo por aqui, ele vai sangrar até morrer.

Kolya enfiou a mão no bolso, tirou a carta do coronel e entregou-a aos oficiais. O tenente leu-a, arrogante a princípio, mas ficando constrangido ao ver de quem era a assinatura no final da página.

— Vocês deviam ter dito alguma coisa — murmurou ele. Ele acenou para o motorista e o artilheiro para que viessem ajudar.

— Eu deveria... Eu estava gritando o nome do coronel enquanto vocês atiravam em nós!

— Meus homens fizeram a coisa certa. Vocês estavam avançando com armamento do inimigo, nós não tínhamos um alerta de avanço...

— Kolya — falei, minha mão sobre seu ombro. Ele levantou os olhos para mim, a boca já aberta, pronta para fazer uma retaliação verbal do tenente. Pela primeira vez na vida entendeu que era hora de calar a boca. Sorriu, girando os olhos um pouco, mas então viu a expressão preocupada em meu rosto. Seguiu o meu olhar até o lugar onde o sangue estava pingando sobre a neve, a perna das calças encharcada. A neve manchada parecia as raspadinhas de cereja que meu pai costumava me comprar nas férias de verão.

— Não se preocupe — disse Kolya, olhando para o sangue. — Não é grande coisa, não se preocupe.

O motorista agarrou-o debaixo das axilas, o artilheiro segurou-o sob os joelhos, e o carregaram até o banco traseiro do GAZ. Eu me agachei no espaço entre o banco do motorista e o banco traseiro enquanto Kolya ficava deitado de barriga, o casaco colocado sobre o corpo para aquecê-lo. Fomos na direção das trincheiras, Kolya fechando os olhos toda vez que o carro dava um solavanco na estrada. Eu havia tirado o chapéu encharcado de sangue dele e pressionava contra o ferimento de bala, tentando manter pressão suficiente para diminuir o sangramento sem machucá-lo.

Ele sorriu, os olhos fechados.

— Preferia que fosse Vika quem estivesse com a mão na minha bunda.

— Dói muito?

— Você já levou um tiro no rabo?

— Não.

— Bom, a resposta é sim, dói. Eu estou bem feliz por eles não terem atingido do outro lado. Por favor, tenente — disse Kolya em voz alta —, poderia agradecer a seus francoatiradores por não terem arrancado o meu saco a tiros?

O tenente, sentado no banco do passageiro, continuou olhando para a estrada à frente e não respondeu, sua cabeça calva salpicada por pequenas cicatrizes brancas.

— As mulheres de Leningrado também agradecem a eles.

— Vamos levá-lo ao hospital nas Fábricas Kirov — disse o tenente. — É lá que estão os melhores médicos.

— Ótimo, tenho certeza de que a NKVD vai lhe dar uma medalha. E depois que vocês me deixarem, por favor, levem o meu amiguinho aqui até a ilha Kamenny. Ele tem uma encomenda importante para o coronel.

O tenente ficou em um silêncio mal-humorado, zangado por ter que receber ordens de um soldado raso, mas sem muita vontade de arrumar um inimigo poderoso. Paramos em uma barricada de sacos de areia e perdemos quase dois minutos enquanto os soldados abaixavam uma plataforma de madeira sobre a trincheira para que pudéssemos atravessar. O motorista vociferou para que se apressassem, mas mesmo assim os soldados continuaram em seu ritmo, entediados e indiferentes, discutindo sobre a maneira adequada de posicionar a ponte. Por fim, conseguimos ir para o outro lado. O motorista pisou fundo e passamos rapidamente por plataformas de metralhadoras rodeadas de sacos de areia.

— Quanto falta para o hospital? — perguntei ao motorista.

— Dez minutos. Oito, se tivermos sorte.

— Tente ter sorte — disse Kolya.

Seus olhos estavam fechados com força agora, o rosto pressionado contra o assento, o cabelo loiro pendendo sobre a testa. No último minuto ele tinha ficado bastante pálido e não conseguia parar de tremer. Coloquei minha outra mão em sua nuca e a pele estava gelada.

— Não se preocupe — ele me disse. — Já vi amigos sangrarem pior

do que isto e voltaram uma semana depois, totalmente remendados.

— Não estou preocupado.

— Existe tanto sangue no corpo humano. Quantos litros são, cinco?

— Não sei.

— Parece que é isso, mas aposto que ainda nem perdi um litro. Talvez um.

— Talvez você não devesse ficar falando.

— Por que não? O que há de errado em falar? Escute, vá ao casamento. Dance com a filha do coronel e depois vá ao hospital para me contar como foi. Quero detalhes. Que roupas ela estava usando, como era o perfume, tudo isso. Sabia que venho batendo uma para ela há cinco dias, todos os dias? Bom, uma vez foi para Vika. Minhas desculpas. Mas aquilo que ela fez no estábulo de ovelhas, apertando o cinto ao redor do peito? Você viu aquilo. Pode me culpar por isso?

— Quando é que você teve tempo para fazer isso?

— Na marcha interminável até aqui. No exército a gente aprende a socar uma mesmo em movimento. Com a mão no bolso, não é muito difícil.

— Você bateu uma punheta para Vika enquanto estávamos andando na noite passada?

— Eu não ia contar. Você andou como um sonâmbulo durante metade da noite, eu estava entediado, tinha que fazer alguma coisa. Agora você ficou zangado. Não fique zangado comigo.

— É claro que não estou zangado.

O motorista pisou com força no freio, e Kolya teria caído do banco se eu não estivesse segurando. Ergui o corpo e olhei pelo parabrisa. Tínhamos chegado aos limites da vasta área ocupada pelo Complexo Kirov, uma cidade em si mesma, onde dezenas de milhares trabalhavam noite e dia. Tiros de morteiros e bombas da Luftwaffe tinham derrubado algumas das oficinas de máquinas com paredes de tijolos; janelas vazias por todo o complexo tinham sido cobertas com encerados de plástico; crateras cheias de gelo marcavam os pátios como varíola. Mas mesmo agora, com milhares de trabalhadores evacuados e milhares mais mortos ou esperando para morrer nas linhas de frente, mesmo agora as chaminés ainda soltavam fumaça, as passagens estreitas entre as paredes dos diversos prédios das fábricas alvoroçadas com mulheres empurrando carrinhos com carvão, o ar ressoava com o clamor da atividade dos tornos mecânicos, das oficinas de laminação e das prensas

hidráulicas que moldavam o aço.

Uma fila de tanques T-34 recém-completados havia rodado para fora de uma montadora grande como um hangar de avião. Oito dos tanques, o aço ainda sem pintura, passaram lentamente sobre a neve suja, bloqueando a estrada.

— Por que paramos? — perguntou Kolya. A voz dele soou muito mais fraca do que um minuto antes e fiquei com medo ao ouvi-lo daquele jeito.

— Uns tanques estão passando.

— T-34?

— É.

— Ótimos tanques.

Finalmente os tanques acabaram de passar, e disparamos para a frente. O motorista tinha o pé pesado no acelerador, a mão firme no volante e conhecia o complexo muito bem — cortava pelas ruelas atrás das fábricas de turbinas, entrava em atalhos não asfaltados ao lado das moradias dos operários, casebres com teto de metal e pequenas chaminés — mas mesmo para um especialista levava tempo para chegar ao outro lado da tortuosa cidade fabril.

— Ali — disse o tenente por fim, apontando para um armazém de paredes de tijolo que fora convertido no hospital local. Ele se virou para trás em seu banco e olhou para Kolya. Sem conseguir ver o rosto de Kolya, ele olhou para mim, uma expressão interrogadora no rosto. Eu dei de ombros para dizer *Não sei*.

— Diabos! — gritou o motorista, batendo a mão no volante e pisando no freio de novo. Uma pequena locomotiva passava pelos trilhos que dividiam o complexo em duas partes, rebocando vagões cheios de sucata para a fundição.

— Lev?

— O quê?

— Estamos perto?

— Acho que estamos bem perto.

Os lábios de Kolya tinham ficado roxos, a respiração rápida e curta.

— Tem água? — ele perguntou.

— Alguém tem água? — Minha voz estremeceu quando fiz a pergunta. Como se fosse uma criança assustada.

O artilheiro passou um cantil. Tirei a tampa, coloquei a cabeça de Kolya de lado e tentei derramar água em sua boca, mas acabei derramando no banco. Ele conseguiu levantar a cabeça um pouco e um pouco entrou em sua garganta, mas ele engasgou e cuspiu tudo. Quando tentei lhe dar mais, ele recusou com um leve movimento da cabeça, e eu devolvi o cantil para o artilheiro.

Percebendo que a cabeça de Kolya devia estar fria, arranquei o meu chapéu e coloquei nele, envergonhado por não ter pensado em fazer aquilo antes. Embora ele não parasse de tremer, o rosto estava úmido de suor, a pele estava pálida e salpicada de manchas vermelhas do tamanho de moedas.

Eu podia ver as portas do hospital, a menos de cem metros de distância, através dos intervalos entre os vagões que passavam. Nosso motorista sentou-se com o corpo para a frente, os braços em torno do volante, balançando a cabeça com impaciência enquanto esperava. O tenente continuava olhando para trás, para Kolya, cada vez mais preocupado.

— Lev? Você gosta do título?

— Que título?

— *O sabujo no pátio.*

— É um bom título.

— Eu poderia chamá-lo de *Radchenko*.

— *O sabujo no pátio* é melhor.

— Eu também acho.

Ele abriu os olhos, aqueles olhos azul-claros de cossaco, e sorriu para mim. Nós dois sabíamos que ele ia morrer. Ele tremia, deitado no banco embaixo do casaco, os dentes muito brancos apertando os lábios roxos. Eu sempre acreditei que aquele sorriso foi um presente para mim. Kolya não tinha fé no Divino ou na vida após a morte; ele não achava que ia para um lugar melhor ou para qualquer lugar. Não haveria anjos esperando para recebê-lo. Ele sorriu porque sabia o pavor que eu tinha de morrer. É nisso que eu acredito. Ele sabia que eu estava apavorado e queria tornar as coisas um pouco mais fáceis para mim.

— Dá para acreditar nisso? Levar um tiro no rabo disparado pelo meu próprio povo?

Eu quis dizer alguma coisa, fazer alguma piada idiota para distraí-lo. Eu deveria ter dito alguma coisa, queria ter dito, muito embora eu ainda não consiga pensar nas palavras certas. Se eu dissesse que o amava, será que ele

teria piscado e dito “Então é por isso que você está com a mão na minha bunda?”

Nem mesmo Kolya conseguiria manter aquele sorriso por muito tempo. Ele fechou os olhos novamente. Quando falou, a boca estava muito seca, os lábios grudando ao tentar formar as palavras.

— Não foi assim que eu imaginei — ele me disse.

Oficiais de uniforme e civis de cara sisuda apressavam-se entrando e saindo da mansão na ilha Kamenny, acotovelando-se para passar pela porta da frente sob o pórtico de colunas brancas. Atrás da velha casa, o Neva sinuoso, congelado e salpicado de neve, uma serpente branca deslizando através da cidade enfraquecida.

O tenente careca me acompanhou até um dos ninhos de metralhadoras na frente da mansão, onde um bando de soldados estava sentado atrás dos sacos de areia empilhados, bebericando chá fraco em canecas de lata. O sargento encarregado leu a carta do coronel, deu uma olhada em mim e disse:

— Você trouxe algo para ele?

Fiz que sim com a cabeça e ele acenou para que eu o seguisse. O tenente se virou e foi embora, sem olhar para trás, ansioso para fugir do que havia se transformado em uma manhã infeliz para ele.

Acabamos encontrando Grechko na adega da mansão. Todas as grandes garrafas de velhos vinhos tinham sido tomadas há muito tempo, mas as paredes ainda tinham os recortes em forma de favos marrom-avermelhados para colocar as garrafas. O coronel estava em pé ao lado de um de seus oficiais subordinados, que riscava itens em uma lista. Jovens soldados abriam engradados de madeira com pés de cabra. Eles enfiavam os braços no papel picado que protegia os conteúdos, tirando de lá latas, potes, sacos de aniagem e anunciando o que continham em voz alta.

— Dois quilos de presunto defumado.

— Quinhentos gramas de caviar preto.

— Um quilo de carne com tutano.

— Alho e cebolas... peso não indicado.

— Um quilo de açúcar branco.

— Um quilo de arenque salgado.

— Língua cozida, peso não indicado.

Por um minuto fiquei parado ali, olhando a pilha de alimentos crescer, todos os ingredientes para um banquete fabuloso. Cenouras e batatas, galinhas depenadas e potes de coalhada, farinha de trigo, mel, geleia de morango, jarras de suco de cereja fermentado, cogumelos em conserva,

tabletes de manteiga embrulhados em papel encerado, uma barra de chocolate suíço de duzentos gramas.

O sargento que me acompanhava cochichou uma palavra para o oficial que estava ao lado de Grechko. O coronel ouviu e virou-se na minha direção. Por alguns segundos ele franziu a testa, incapaz de me identificar, rugas profundas sulcando-lhe a testa.

— Ah — disse ele, seu belo e estranho sorriso surgindo. — O saqueador! Onde está o seu amigo, o desertor?

Eu não sei como meu rosto reagiu àquela pergunta, mas o coronel viu e entendeu.

— Que pena — comentou. — Eu gostava daquele rapaz.

Ele esperou que eu fizesse alguma coisa, e por muito tempo eu não consegui me lembrar o porquê de estar ali. Quando o motivo me ocorreu, desabotoei o casaco, tirei a caixa de ripas forrada de palha que estava sob meu suéter e a entreguei.

— Uma dúzia de ovos — eu lhe disse.

— Que maravilha, que maravilha. — Ele entregou a caixa ao subalterno sem olhar para ela e apontou para as iguarias empilhadas sobre o chão de pedra.

— Mandei vir de avião algumas provisões na noite passada. Bem a tempo. Sabe quantos favores que me eram devidos eu tive que cobrar para este casamento?

O oficial subordinado entregou a caixa de ovos para um dos jovens soldados e fez uma marca em sua lista.

— Mais uma dúzia de ovos.

Vi o soldado se afastar com os ovos.

— Vocês já têm ovos?

O subordinado verificou a lista.

— Agora são quatro dúzias.

— Quanto mais, melhor — disse o coronel. — Agora podemos fazer tortas de peixe. Dê ao garoto um cartão de racionamento de Grau Um. Ah, dê-lhe dois, ele pode ficar com o que era para o seu amigo.

O subordinado ergueu as sobrancelhas, impressionado com aquela generosidade.

Tirou dois cartões de uma carteira de couro e assinou-os. Tirou uma almofada de carimbos do bolso e carimbou os cartões antes de entregá-los a

mim.

— Você vai ser um garoto popular — disse ele.

Olhei para os cartões em minha mão. Cada um deles me dava direito às rações de um oficial. Olhei a adega ao meu redor. Kolya teria sabido quais vinícolas eram as preferidas dos Dogorukov, o branco eles escolhiam para esturjão; o tinto ia melhor com carne de veado. Se ele não soubesse, teria inventado. Observei os soldados subirem as escadas carregando sacas de arroz e longas fieiras de linguiças.

Quando me volvei para encarar o coronel, ele estava me encarando. Mais uma vez ele entendeu a expressão no meu rosto.

— Sabe aquelas palavras que você quer dizer agora? Não as diga. — Ele sorriu e deu uma palmada de leve no meu rosto, em um gesto próximo ao afeto verdadeiro. — E isso, meu amigo, é o segredo para se ter uma vida longa.

Na noite de 27 de janeiro de 1944, mais de trezentos canhões dispararam foguetes brancos, azuis e vermelhos durante uma hora sem parar, as caudas brilhantes iluminando toda Leningrado, as cores russas refletidas na abóbada dourada da catedral de Santo Isaac e as duas mil janelas do Palácio de Inverno. O cerco tinha acabado.

Eu estava no telhado do prédio de Sonya, bebendo vinho ucraniano ruim com ela e uma dúzia de outros amigos, brindando aos nomes de Govorov e Meretskov, os generais que haviam rompido as linhas alemãs. Naquele momento eu já estava no Exército havia mais de um ano. Meus superiores tinham me avaliado e decidido que eu não tinha a aparência de um soldado de infantaria e me destacaram para serviço no *Estrela Vermelha*, o jornal do Exército. Meu trabalho naquele primeiro ano foi o de auxiliar uma equipe de jornalistas experientes que viajavam pela linha de frente, reunindo anedotas e frases ditas pelos soldados das diversas unidades que visitamos. Eu carregava um fuzil mas nunca o usei. A metade do meu dedo que faltava só me incomodava na hora de datilografar. Acabei sendo promovido e comecei a mandar meus próprios relatos aos escritórios do *Estrela Vermelha*, onde um editor que nunca vim a conhecer convertia o meu material em prosa vigorosa e patriótica. Meu pai teria odiado aqueles textos.

Na noite em que o cerco acabou, lá em cima no telhado de Sonya, depois de termos bebido vinho demais e gritado até que nossas gargantas doessem, eu a beijei na boca. Foi algo mais do que amigável e menos que erótico. Quando nos afastamos, sorrindo para encobrir nosso constrangimento, sei que ambos pensamos em Kolya. Imagino que ele teria se deliciado por me ver beijando uma garota bonita, teria me aconselhado em relação à minha técnica e insistiria em um toque mais firme — mas, ainda assim, pensamos nele e nunca mais nos beijamos daquela forma.

Alguns dias depois de ter voltado a Piter com os ovos do coronel descobri que o Kirov só desabou horas depois do bombardeio. A maioria dos moradores tinha sobrevivido, inclusive Vera Osipovna e os gêmeos Antokolsky. Acabei encontrando todos eles, mas o inverno havia mudado todos nós e havia pouco a dizer. Eu cheguei a esperar que Vera se sentisse

levemente culpada por fugir sem olhar para trás depois que eu a salvara nos portões do pátio, mas ela não mencionou o ocorrido e não toquei no assunto. Ela já havia conseguido uma vaga na desfalcada orquestra da cidade e a manteve pelos trinta anos seguintes. Os gêmeos lutaram com distinção no 8º Exército da Guarda do general Chuikov, conseguindo chegar até Berlim. Existe uma famosa fotografia de um deles assinando o nome no muro do Reichstag, mas eu não saberia dizer se foi Oleg ou Grisha. De todos os garotos do quinto andar do Kirov, acho que sou o menos talentoso.

No verão de 1945, eu morava em um grande apartamento perto da Estação Moscou com dois outros jovens jornalistas. Os evacuados já tinham voltado a Piter, incluindo minha mãe e minha irmã, mas a cidade continuava muito menos movimentada do que fora antes da guerra. As pessoas diziam que a água do Neva ainda tinha gosto de cadáveres. Meninos voltaram a correr para casa vindos da escola, balançando suas sacolas de livros. Os restaurantes e lojas da avenida Nevski tinham reaberto, muito embora quase ninguém tivesse dinheiro para gastar. Nos feriados federais, todos nós passeávamos de um lado para o outro pela rua, olhando através das novas vitrines os doces de marzipã, relógios de pulso e luvas de couro. Por uma questão de hábito, aqueles entre nós que sobreviveram ao cerco ficavam na calçada sul, embora há quase dois anos nenhum projétil tivesse caído ali.

Em uma noite fresca de agosto, o vento norte soprando da Finlândia com o perfume das agulhas dos pinheiros, eu estava sentado sozinho à mesa da cozinha de meu apartamento lendo uma história de Jack London. Meus colegas tinham ido ver uma nova peça no teatro Puchkin; eu fora convidado, mas não havia um dramaturgo russo de quem eu gostasse tanto quanto gostava de Jack London. Quando terminei a história, decidi lê-la novamente desde o começo, dessa vez tentando imaginar como ele a escrevera. *Buck não leu os jornais, ou teria sabido que os problemas estavam para começar...*

Não levantei os olhos do livro quando bateram na porta pela primeira vez. O menino que morava alguns apartamentos à frente divertia-se na maioria das noites andando de um lado para o outro do corredor, batendo com força em cada porta. De qualquer forma, todo mundo que eu conhecia entrava sem problemas — a fechadura estava quebrada e tínhamos poucos visitantes. A terceira batida na porta quebrou o encantamento de London. Um pouco aborrecido, deixei o livro sobre a mesa da cozinha e fui repreender o menino.

Uma jovem estava em pé no corredor, uma mala a seus pés, uma caixa de papelão nas mãos. Ela usava um vestido amarelo de algodão com um padrão de flores brancas. A libélula de prata em seu colar pendia-lhe sobre a concavidade da clavícula e uma espessa cabeleira vermelha caía-lhe como se fosse uma cascata sobre os ombros queimados de sol. Ela vai lhe dizer que não tinha escolhido aquele vestido por algum motivo especial, ou o colar. Vai dizer que não tinha lavado o cabelo nem o rosto, nem que passara batom. Não acredite. Ninguém fica tão bonito por acaso.

Ela sorriu para mim, aquele torcer de lábios exasperador que parecia ser mais um sorriso irônico do que afável, seus olhos azuis tentando perceber se eu a reconhecia. Se eu fosse um pouco melhor no jogo, eu poderia ter dito “Olá, está procurando alguém?”.

— Você não está mais tão magro quanto antes — disse ela. — Mas ainda está muito magro.

— Você tem cabelo — repliquei, e imediatamente desejei não ter dito aquilo.

Durante três anos e meio eu sonhei com ela — na verdade, ela havia marchado vestida em seu macacão enorme através de metade dos sonhos de que me lembro —, e quando ela finalmente chegou, tudo o que consegui pensar em dizer foi *Você tem cabelo?*

— Eu te trouxe um presente — disse ela. — Olha o que eles inventaram agora.

Ela abriu a tampa da caixa de papelão. Dentro dela doze ovos aninhavam-se em seus seguros compartimentos. Ovos brancos, ovos marrons e um que era cheio de pintas como a mão de um velho. Ela fechou a tampa e abriu-a novamente, divertindo-se com a simplicidade funcional daquilo.

— Muito melhor do que embalá-los com palha — ela acrescentou.

— Nós podemos fazer uma omelete — sugeri.

— Nós? — Ela riu, entregando-me a caixa, pegando a mala, esperando que eu abrisse mais a porta e a deixasse entrar. — Você tem que saber uma coisa sobre mim, Liova. Eu não sei cozinhar.

Agradecimentos

A obra-prima de Harrison Salisbury, *The 900 Days*, continua sendo o melhor livro em inglês sobre o cerco de Leningrado. Ele foi meu companheiro constante enquanto eu escrevia *Cidade de Ladrões* e eu o recomendo a qualquer um que deseje saber mais sobre Piter e seus habitantes durante a Grande Guerra Patriótica. Tenho igual dívida para com a obra de singular talento de Curzio Malaparte, *Kaputt*, que apresenta uma perspectiva inteiramente diferente sobre o conflito. Suas descrições das táticas antiguerrilha dos alemães, junto com muitas coisas mais, mostrou-se essencial na composição desta narrativa. Eu gostaria de agradecer a esses dois cavalheiros, já falecidos, por seus livros. Se consegui apresentar os detalhes de maneira correta, eles merecem boa parte do crédito por isso.